U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Instrumento, processo, estratégia:

Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro

Ana Filipa Moreira Dias

M

2018

U.PORTO

Ana Filipa Moreira Dias. Instrumento, processo, estratégia: Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro

Instrumento, processo, estratégia: Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro

Ana Filipa Moreira Dias

FACULDADE DE ARQUITECTURA

M.FAUP **2018**

Instrumento, processo, estratégia:

Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro

Ana Filipa Moreira Dias

Orientação científica: Professora Doutora Carla Alexandra Garrido de Oliveira
Co-orientação científica: Professora Doutora Teresa Manuel Almeida Calix Augusto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
2017/2018

O presente documento encontra-se escrito em português e segue Acordo Ortográfico de 1990.
As citações em português serão transcritas conforme o Acordo Ortográfico adoptado na respectiva edição.
Todos os desenhos que, por uma questão de formatação, não apresentem a fonte foram realizados pela autora.

Agradecimentos

Aos meus pais pelo amor e apoio incondicional.
Ao meu irmão pela paciência.

Às Professora Carla Garrido e Teresa Calix pela disponibilidade e confiança, por sempre me motivarem a continuar a aprender e a crescer, não só a nível académico mas também pessoal.

À Daniela pela amizade desde que a arquitectura era apenas um sonho.
À Catarina e à Sara pelo companheirismo ao longo desta jornada.
Aos Franciscos, ao Guilherme e à Bárbara por Praga.

As palavras nunca serão suficiente para descrever a minha gratidão.

Resumo

O presente trabalho surge pela vontade de participar na revisão dos métodos con-
-temporâneos de ver, pensar e intervir nas 'paisagens arquitectónicas'. Através da criação de um 'Intrumento', 'Processo' e 'Estratégia', espera-se contribuir para a construção de realidades urbanas actuais, tendo o Douro e Caldas do Moledo como laboratório metodológico destas pre-
-missas.

Caldas do Moledo, conhecida como Pórtico de entrada do coração do Douro graças à sua posição estratégica na margem direita do Rio, sempre foi de grande importância no âmbito do intercâmbio cultural desta região. Apesar do marcado predomínio da monocultura da vinha, Caldas do Moledo apresenta pluralidades e diversidades ao longo da sua extensão, constituindo um conjunto urbano em muito devedor da acção de uma das personalidades mais marcantes do Douro, a 'Ferreirinha'. Novas centralidades e sistemas emergem na região e lugares como o caso de estudo, outrora protagonizando na paisagem, hoje memória de outras épocas, encon-
-tram-se suspensos no tempo. A construção de uma estratégia de revalorização para Caldas do Moledo procura compreender e articular as possibilidades de recuperação de um lugar pleno de carácter, história e valores patrimoniais que, ainda que comprometido pelo abandono e pela acção do tempo, detém potencialidades enquadráveis nas dinâmicas contemporâneas, tanto local como regionalmente. Será apresentada uma visão, não só territorial e arquitectónica, mas também social, económica e cultural, que não se revê nas relações e imagens superficiais do Douro turístico, procurando, antes, valorizar distintas qualidades e atmosferas, ou o *Genius Loci*, deste como de diferentes lugares.

Perante os processos de transformação presentes na região do Douro e através de um método de trabalho baseado na análise física e formal das diversas dinâmicas, procurar-se-á evidenciar os princípios fundamentais de actuação que decorrem da percepção dos valores e das identidades deste território. Intervir num organismo como Caldas do Moledo obriga a uma reflexão sobre as várias identidades, sistemas e dinâmicas presentes neste território, sejam elas históricas, arquitectónicas, urbanísticas, económicas, culturais ou sociais.

Torna-se essencial compreender para criteriosamente preservar e transformar o pa-
-trimónio material e imaterial da Região do Douro, aqui focado em Caldas do Moledo, tanto quanto é imperativo reconstruir um discurso que una tradição e progresso, verdadeiramente representante de uma 'Paisagem Cultural Evolutiva e Viva'.

Abstract

The present work thrives from the desire to participate in the revision of contemporary methods of seeing, thinking and intervening in 'architectural landscapes'. Through the proposal of an 'Instrument', 'Process' and 'Strategy' it is hoped to contribute to the construction of current urban realities, having Douro and Caldas do Moledo as a methodological laboratory of these premises.

Caldas do Moledo, known as the entrance gate to the heart of the Douro thanks to its strategic position on the right bank of the river, has always been of great importance in the cultural exchange of this region. In spite of the marked predominance of the vineyard's monoculture, the case study presents pluralities and diversities along its extent, constituting an urban set greatly due to the action of one of the most outstanding personalities of the Douro, 'Ferreirinha'. New centralities and systems emerge in the region, and places like Caldas do Moledo, once a feature in the landscape, now a memory of other times, are suspended in time. The construction of a strategy for Caldas do Moledo seeks to understand and articulate the possibilities of recovering a place full of character, history and heritage values that, although constrainded by the abandonment and the passage of time, holds potentialities within the contemporary dynamics, both locally and regionally. It will be presented a vision, not only territorial and architectural, but also social, economic and cultural, which does not identify with the relations and superficial images of the Douro's tourism, seeking, instead, to value different qualities and atmospheres, or the *Genius Loci*, of this and other places.

Considering the transformation processes that the Douro region faces and through a work method based on the physical and formal analysis of the different dynamics, an attempt will be made to highlight the fundamental principles of action that arise from the perception of the values and identities of this territory. Intervening in a place like Caldas do Moledo requires a reflection on the various identities, systems and dynamics present in this territory, be they historical, architectural, urban, economic, cultural or social.

It is essential to undersand to carefully preserve and transform the material and immaterial heritage of the Douro Region, focused here in Caldas do Moledo, as much as it is imperative to reconstruct a discourse that joins tradition and progress, truly representative of a 'Cultural, Evolving and Living Landscape '.

Sumário

00. INTRODUÇÃO **5**
Objecto 7
Objectivo 10
Método e Estrutura 11

I. CALDAS DO MOLEDO: AS SECÇÕES DO VALE

01. A construção da Identidade do Douro **17**
01.1 O Rio e os Vales – o olhar longitudinal sobre o território 23
01.2 A Humanização do Lugar 35
01.3 O predomínio da Monocultura 53

02. O lugar termal de Caldas do Moledo **77**
02.1 Transversalidade locais-urbanas: enquadramento paisagístico e histórico 81
02.2 Arquitecturas do Termalismo 99
02.3 Caleidoscópio de visões presentes para o *Pórtico* esquecido 127

II. (RE)CONTRUIR O PATRIMÓNIO DAS PAISAGENS ARQUITECTÓNICAS DO DOURO

03. O *Pórtico* da Região do Douro **141**
03.1 Novas dinâmicas – estratégia prospectiva 145
03.2 Caldas do Moledo: visões longitudinais, transversais e oblíquas 165
03.3 O Núcleo Termal-Museológico de Caldas do Moledo 175

CONSIDERAÇÕES FINAIS **183**

Referências 187

Índice de Figuras 193

Anexos 201

Conheço o Douro desde que me lembro e é com grande carinho que falo sobre ele.

Conheço-o ainda antes de saber o que ele era. Para mim eram as visitas à família, as tardes passadas no rio, os almoços debaixo da ramada, as sestas dentro de casa 'à fresca' du--rante as horas mais quentes, as ida à Socorra - o único mercado em Alvações do Tanha, aldeia onde os meus avós cresceram -, as vindimas que, naquela idade, não passavam de mais uma brincadeira de miúdos, as paragens constantes nas fontes e mercados ao longo da estrada para atenuar os enjoos de carro que se faziam sentir entre as curvas e contracurvas, mas que sempre valeram a pena porque eu sabia para onde estava a ir.

Das inúmeras viagens que fiz, fica sempre um momento: depois de passar Mesão Frio, a grandeza do vale do Douro... Era aí que sabia que estava a chegar. Foi no percurso por essa estrada que conheci Caldas do Moledo. Nunca soube, até fazer esta dissertação, que lugar era aquele onde nós parávamos debaixo dos Plátanos a contemplar o rio. Recordo-me de olhar para os edifícios abandonados e pensar no que teria acontecido para estarem assim. Não sabia o que eram mas compreendia que eram importantes e transportavam a minha imaginação para outros tempos.

Não me considero duriense, nasci e cresci no Porto, mas sempre que penso naquele lugar é impossível não sentir um turbilhão de sensações. Esta dissertação, de certa forma, é a minha forma de prestar homenagem a uma Região que tanto me diz.

00.

O pórtico da Régua, para quem vai do Porto ao Alto Douro, são as Caldas do Moledo. *Mas, que miserável pórtico! Se não fosse* ***a natureza, cheia de bênçãos em tão restrito lugar,*** *nem pórtico seria. Qual pórtico! Seria uma cancela de quintalório-desconjuntada nas couçoeiras.*

O Moledo, como povoação é uma rua. *Mas, tão decrépita… Aquelas casas, tão tristes, não vêem cal nem tinta. Parecem desabitadas ou cheias de fantasmas. Parece que choram, pelas suas fendas, o tempo áureo perdido.*

João de Araújo Correia

00. Introdução

O território do Douro, e a vontade de fazer um projecto para o lugar de Caldas do Mole-
-do tornou-se ponto de partida e objecto de estudo da presente dissertação; contudo, rapidamen-
-te revelou uma dificuldade em compreender e interpretar as suas formas, relações e estruturas. No entanto, foi este desafio que incentivou o desenvolvimento da investigação e a construção de um 'Instrumento', 'Processo' e 'Estratégia' capazes de contribuir para a revisão dos métodos contemporâneos de ver, pensar e intervir nas 'paisagens arquitectónicas'.

O estudo de teorias e de conceitos de alguns dos autores que se debruçaram sobre as formas de leitura e compreensão do território ao longo do último século permitiu propor um método 'analógico', isto é, através de relações de analogia. Apresentando exemplos, comparan-
-do-os e transportando-os para a contemporaneidade, desenvolvemos processos de apropriação e adequação ao conjunto de problemas identificados na actualidade. Na verdade, esta aborda-
-gem procura evidenciar relações de continuidade no progresso e procura pelo conhecimento, propondo analisar e estabelecer relações entre diversas correntes de interpretação, potenciando a capacidade de juízo e acção sensível de cada tempo e observador.

Neste processo surgiu assim a oportunidade de reflectir e ensaiar ferramentas e proces-
-sos metodológicos que, aparentemente se podem afastar do projecto e práticas arquitectónicas convencionais, antes centrando-se na compreensão das relações e nexos presentes no território, conjugam deste modo passado e presente, potenciando e produzindo certas continuidades terri-
-toriais e temporais. Pretende-se sobretudo participar e colaborar na construção do conhecimen-
-to das realidades urbanas actuais, que integram fragmentos e memórias do passado, mas que se concretizam sempre a cada tempo presente.

•

0.1 OBJECTO

A região do Douro sempre impressionou pelos seus rios que rasgam as montanhas e dão lugar aos vales, os Invernos frios e os Verões abrasadores, o verde da vegetação na Prima-
-vera e os vermelhos e laranjas no Outono, as vinhas e os terraços, as aldeias que pontilham a paisagem vinhateira unidas pela herança do xisto, mas também pelos homens e mulheres que lutaram pela construção desta região.

Fig. 1: Relação de Caldas do Moledo com o vale do Douro, Setembro de 2018.

Fig. 2: Caldas do Moledo vista da margem esquerda, Setembro de 2018.

Fonte: Fig. 1 e 2: da autora

A presente investigação surge da necessidade de uma revisão acerca das formas de ver e pensar as paisagens arquitectónicas do Douro, encontrando dentro da arquitectura e do ur--banismo, e nas 'continuidades' entre história, teoria(s) e projecto, um método de trabalho basea--do na observação do território e na análise de dinâmicas sociais, culturais e económicas. Será importante referir que o Douro se constitui nesta dissertação como 'laboratório metodológico', impulsionando a procura do instrumento e método de observação desenvolvidos e que, inclusive, considera-se que poderá ser apropriado a outros lugares, regiões e territórios.

Desta forma, a dissertação toma Caldas do Moledo como objecto de estudo para exem--plificar as premissas-objectivos da investigação. Conhecida como pórtico de entrada do coração do Douro[1], este lugar localiza-se a 5km da cidade do Peso da Régua e integra a zona classifi--cada pela UNESCO como Património da Humanidade –o Alto Douro Vinhateiro. Graças à sua posição estratégica de domínio da margem direita do Rio sempre foi, ao longo do tempo, de grande importância no âmbito das relações económicas, sociais e culturais.

Inserida numa região repleta de pluralidades, variações e diversidades ao longo da sua mancha territorial, onde a monocultura da vinha impera, é símbolo e herança de uma das personalidades mais marcantes do Douro, a 'Ferreirinha'. Este é um lugar de grande potencial turístico, cultural e histórico que apresenta condições excepcionais de possível desenvolvimento e requalificação –três vias de comunicação se interligam e confluem: fluvial, terrestre e linha-fér--rea. Contudo, não é apenas a sua posição estratégica em relação às localidades vizinhas que destaca Caldas do Moledo face à sua envolvente, apresentando uma outra qualidade singular nesta aldeia do rio Douro: as águas termais.

Ligadas ao interesse termal, ao longo dos anos, pequenas edificações foram surgindo nos terrenos nas proximidades das águas termais. Com o reconhecimento e comprovação da qualidade das águas do lugar de Caldas do Moledo, tal como a facilidade de acesso por meios de transporte e a capacidade visionária de D. Antónia Ferreira, o interesse por e a frequência desta zona aumenta sucessivamente atingindo o expoente máximo nos últimos anos do século XIX e a primeira década do século XX.

Sinal da complexidade e contradições da intervenção humana no território, será rele--vante compreender, ao longo da dissertação, que grande parte das potencialidades mencionа--das anteriormente são as grandes causadoras do progressivo abandono das Caldas do Moledo, degradando-a e desvalorizando-a.

[1]João de Araújo Correia (1899-1985), escritor e poeta, refere-se a Caldas do Moledo como o "Pórtico da Régua", a cidade-coração da região do Douro. Desta forma, a dissertação foca-se no caso de Caldas do Moledo como pórtico poente de entrada por terra ao Peso da Régua, no entanto será importante mencionar que existem outros 'pórticos' no Douro. Destacam-se certos pontos signifi--cantes que permitiam criar uma rede articulada e estruturadora, associada às diferentes vias de comunicação; por exemplo, Porto de Rei, como pórtico fluvial de entrada à Região Demarcada do Douro; ou ainda Barca de Alva como o primeiro e último momento de contacto com o Douro Português.

0.2 OBJECTIVO(S)

O século XIX assistiu à afirmação de uma dicotomia entre a cidade, vista como um lugar dinâmico mas insalubre, e o campo. Ao longo do último século, vários são os autores que procuram compreender e dar resposta a esta concepção bipartida do território. Assim, as visões seleccionadas nesta dissertação, apesar de corresponderem a métodos e abordagens diferen--tes, contribuíram para a evolução das formas de observar e compreender o território. Permitin--do, actualmente, construir um discurso 'oblíquo', constituem uma oportunidade para (re)visitar o pensamento desses mesmos autores e, ao mesmo tempo, propor um método de investigação que possa contribuir para a construção de um olhar informado que se consubstancia numa es--tratégia multidimensional.

Actualmente o Douro tem vindo a crescer na procura turística e as preocupações em revalorizar espaços históricos e de maior valor ambiental têm vindo a ganhar relevância, o que acarreta a necessidade de uma (re)visita à sua capacidade de adaptação e, consequentemen--te, à sua requalificação. Identificar os problemas e os valores intrínsecos da região em estudo possibilitará a definição de uma estratégia que inspire a requalificação de outras arquitecturas e lugares esquecidos que hoje são apenas o reflexo do que outrora foi o Douro. Não se trata de uma pespectiva saudosista, no sentido de 'recuperar um passado perdido', mas sim a procura de uma continuidade presente e futura, no que todos estes tempos e formas tiverem de compatível. Pretende-se, como já referido, uma reflexão sobre formas de pensar, ver e intervir nas paisagens arquitectónicas que vá além das suas características físicas.

A intervenção num organismo tão complexo como o Douro, obriga a um pensamento exaustivo sobre as várias dinâmicas presentes neste território, sejam elas históricas, económi--cas, culturais e sociais. Uma paisagem, uma estrutura urbana, um lugar, para resistir à passa--gem do tempo terá, inevitavelmente, que sofrer transformações, só assim será possível o Douro continuar manter o estatuto de paisagem cultural evolutiva e viva.

A estratégia de intervenção passará pela interacção entre o que existe, de facto e em potência, com e em conformidade com as necessidades actuais do lugar. O valor patrimonial de Caldas do Moledo encontra-se, não em edifícios isolados de carácter mais representativo e de afirmação social, mas na relação entre todos os elementos que permitiram, no passado, criar uma das primeiras estâncias termais do país. Desta forma, o foco da proposta não terá apenas como premissa a requalificação do edificado pertencente ao complexo termal, mas também a regeneração urbana do aglomerado e infraestruturas que compreendem o lugar de Caldas do Moledo, considerando que um objectivo potenciará o outro.

Por via da elaboração de uma proposta de requalificação de Caldas do Moledo, procurar-se-á explorar as possibilidades de recuperação de um lugar cheio de carácter e história, comprometido pelo abandono e pela acção do tempo. Esta proposta de requalificação apoiar-se-á em dois aspectos importantes: o estudo histórico e contextual como ponto de partida para a intervenção; e a requalificação de Caldas de Moledo de acordo com o plano programático apresentado, juntamente com a elaboração de uma nova proposta de infraestruturação rodoviária consequente e justificada pela análise do lugar e das dinâmicas latentes na região.

Numa época em que o turismo, seja de paisagem seja do bem-estar, se apresenta como um dos principais factores e desenvolvimento local e regional, é imperativo definir estratégias de intervenção 'sustentáveis' a médio e a longo prazo, tanto para quem passa como para quem aqui habita em permanência, que irão promover a preservação de lugares históricos, como Caldas do Moledo, através da sua transformação e adaptação à actualidade, e que voltem a promover o protagonismo e o dinamismo necessários para reactivar um lugar esquecido.

0.3 MÉTODO E ESTRUTURA

A presente investigação divide-se em duas partes que devem ser entendidas como os dois corpos principais do trabalho: a primeira parte, *Caldas do Moledo: as secções do vale ,* dedica-se a todas as dinâmicas aqui presentes em Caldas do Moledo, constituindo-se simultaneamente como distanciamento e aproximação a este lugar, tanto quanto procurando compreender os territórios e as paisagens do Douro; a segunda, *(Re)Construir o património das paisagens arquitectónicas do Douro,* corresponde à proposta de acção no lugar, veiculando e aferindo a consequência da análise desenvolvida.

Apesar do trabalho ser de natureza teórico-prática, não se pretende uma divisão entre as partes da dissertação, entre História e Projecto, entre o Saber-Ver e o Fazer, mas antes uma relação construtiva entre ambas as áreas disciplinares, tornando-se complementares e transmitindo, com clareza, o desenvolvimento da dissertação. Mais ainda, se não quase sempre, foi o projecto que permitiu e incentivou a contínua colocação de problemas e questões, não só sobre nexos estabelecidos no Douro, mas também reflectindo sobre como a disciplina da arquitectura e do urbanismo pode contribuir para a construção de uma visão sistémica que envolve relações espaciais, sociais e culturais.

A primeira parte principia com o capítulo *A construção da Identidade do Douro,* constituído como reconhecimento e caracterização do caso de estudo, com base numa análise tipológica da paisagem, bem como da multiplicidade de acontecimentos que potenciaram

a transformação deste território. Com base no método de leitura longitudinal de Patrick Ged-des[1], propõe-se uma primeira visão do objecto através da observação e análise do território, introduzindo os aspectos reais de uma região em constante desenvolvimento. Desta forma, esta-belece-se uma base de conhecimento do contexto onde se insere Caldas de Moledo bem como as suas condicionantes topográficas e arquitectónicas.

O segundo capítulo *O lugar termal de Caldas do Moledo* foca-se na aproximação ao objecto, avançando com a segunda perspectiva, a transversal, baseada na perspectiva de Peter Hall[2], e já enquadrando a escala local-urbana. Estabelece-se, ainda, a contextualização tempo-ral e espacial do caso de estudo, procurando uma melhor compreensão do termalismo e da sua influência na transformação do lugar. Por fim, o sub-capítulo *Caleidoscópio de visões presentes para o Pórtico esquecido*, propõe-se como ponto de ordem interpretativo, considerando a mul-tiplicidade de camadas presentes no objecto de estudo, seja através da operacionalização das visões oblíquas de André Corboz[3] e Stefano Boeri[4], seja ainda pela articulação crítica e hie-rarquizada de valores patrimoniais, pré-enunciada por Aloïs Riegl[5], na concretização de acções operativas de intervenção urbana e arquitectónica.

Assim, propõe-se a integração de três perspectivas –longitudinal, transversal e obli-qua– como exemplificação de um método de análise que permita compreender as dinâmicas e os nexos que determinam as características de cada lugar. Retomando, simultaneamente, os procedimentos metodológicos de análise territorial de Patrick Geddes e Peter Hall, mas também as imagens palimpsésticas e oblíquas de André Corboz e Stefano Boeri –bem como a relação entre tempos e testemunhos materiais, nos processos de rememoração, pertença e identidade, que toma-se de Aloïs Riegl–, a dissertação comporta uma abordagem em três escalas: a regio-nal ou longitudinal, no sentido mais abrangente de todo o vale do rio Douro; a local ou transver-sal, focada neste caso em Caldas do Moledo, permitindo melhor compreender os lugares na sua morfologia orográfica, produtiva, urbana e arquitectónica, integrando em profundidade ambas as vertentes do vale; e, por último, a oblíqua ou caleidoscópica, onde as quatro dimensões se desdobram em perspectivas para a valorização deste lugar.

O terceiro capítulo, *O Pórtico da Região do Douro*, constituindo-se como segunda par-te pela sua natureza propositiva, assume o projecto urbano como um processo cognitivo que contribui para as formas de olhar e pensar o território, e que se materializa no caso de estudo. A estratégia proposta decorre da análise interpretativa desenvolvida na primeira parte e que,

[1] Geddes, P. (1949 [1915]). The Valley Section. In Cities in Evolution. Londres: Williams and Norgate (164-167).
[2] Hall, P. (1996 [1988]). Geddes and the Anarchist Tradition. In Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century. Massachusetts: Blackwell Publishers (137-148).
[3] Corboz, A. (2004 [1983]). El territorio como palimpsesto. In Lo urbano en 20 autores contemporáneos. Barcelona: UPC (25-34).
[4] Boeri, S. (1998-1999). Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city. Daidalos, 69-70.
[5] Riegl, A. (1987 [1903]). El culto moderno a los monumentos. Madrid: Visor Distribuciones.

combinando relações urbanas, arquitectónicas, sociais e culturais, se concretiza em 'resposta' desenhada aos problemas enunciados. Através de uma proposta faseada e multidimensional, desde a escala territorial que apresenta uma *Estratégia prospectiva*, até à escala local-urbana do *Núcleo Termal-Museológico de Caldas do Moledo*, pretende-se sobretudo contribuir para a valorização arquitectónica e urbanística do território e espaços colectivos contemporâneos, enquanto lugares de construção social e estruturadores da vida urbana.

O desenho, através da produção de cartografias, plantas, cortes e esquemas, tornou-se o principal instrumento de trabalho, sempre acompanhado, apoiado e suportado por referências cartográficas, iconográficas e bibliográficas –por vezes aproximando-se mesmo de uma revisão historiográfica– consideradas pertinentes para o caso de estudo.

01.

Montes que não deixam de crescer, videiras que ninguém pode contar, o Rio que não pára de correr... Pedaço de viril beleza.

João de Araújo Correia

01. A construção da Identidade do Douro

A região do Douro, enquanto paisagem cultural[1], compreende os conceitos de identidade e património estabelecidas entre o homem e o território. Este processo de relações materiais e imateriais pressupõem um desenvolvimento que ocorre num certo lugar e tempo, e é susceptível a mudanças, seja pela permanência, mutabilidade ou, em último caso, desaparecimento. Património pressupõe um bem, ou conjunto de bens com um reconhecido interesse cultural, histórico, ambiental, social, arquitectónico, entre outros, de uma determinada região, país ou até mesma da humanidade. Evoca, simbolicamente, a memória e a identidade do território e advém do valor reconhecido por um acto colectivo e do sentimento de pertença. Como elemento indissociável da comunidade é fundamental o seu conhecimento, protecção e valorização.

> *The **identity of a place** is determined by **location**, general **spatial configuration** and **characterizing articulation**.*[2]

Certos lugares adquirem a sua identidade pela sua localização peculiar, outros pelo engenho das intervenções criadas pelo homem. A configuração e articulação da localização não têm necessariamente de apresentar o mesmo contributo para a identidade do lugar, elas são independentes e apresentam um valor próprio inerente. Quando todos os componentes –localização, configuração espacial e articulação característica– demonstram qualidades básicas significativas, então aí pode-se classificar um lugar ou um território como 'forte'[3]. Os elementos morfológicos definidos pela geografia –topografia do terreno, clima, geologia, vegetação, cursos de água, entre outros– são a estrutura básica de qualquer território e influenciam directamente todas as construções e intervenções.

O Douro não é excepção, a morfologia mantém a sua importância primária no conjunto, no entanto novos elementos foram introduzidos ao longo do tempo, resultado das diferentes intenções do homem na região. A construção de infra-estruturas, a criação de aldeias, a implantação da vinha e outras culturas agrícolas, acabaram por se enraizar no território através da acentuação ou apropriação das características locais. É esta união de elementos aliados a uma morfologia pré-existente que acabam por construir o território e consequentemente, a identidade de uma região. Contudo, é importante perceber que este processo e dinâmicas da construção da paisagem são contínuas, em constante mudança e não estáticas.

[1] "*The term "cultural landscape" embraces a diversity of manifestations of the interaction between humankind and its natural environment.*" em whc.unesco.org.
[2] Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. New York: Rizzoli. p.179
[3] Idem. *idibem*.p. 179

Fig. 3: Homem e mulher a sulfatar uma vinha no Alto Douro.

Fonte: Emílio Biel e Companhia. 1880-1925, Arquivo Municipal do Porto.

A mudança faz parte do percurso natural da evolução da sociedade e do território, criando novos diálogos, funções e sentidos. Desta forma, surge a questão: como é que um lugar consegue adaptar-se às novas dinâmicas da vida actual, e ao mesmo tempo, preservar a sua identidade? O progresso tecnológico e as mudanças da sociedade são inevitáveis e a sua adaptação às realidades presentes deve advir de um estudo aprofundado da integração das dinâmicas já estabelecidas e enraizadas. Correntemente, verifica-se uma aceitação absoluta das transformações. No entanto, a "identidade humana pressupõe a identidade do lugar"[1], e desta forma a "estabilidade do lugar"[2] é uma necessidade básica do Ser-Humano. Redesenhar um lugar é restabelecer a identidade do homem; remover a tradição de um lugar é apagar parte da identidade do homem.

Não obstante, a estabilidade do lugar, e consequentemente a sua identidade, não é directamente proporcional à qualidade de constância. É possível acolher as mudanças da socie--dade e preservar as identidades dos territórios. As alterações introduzidas não mudam neces--sariamente o valor identitário intrínseco de um lugar. A forma como estas são integradas é que vão definir a estabilidade ou instabilidade, continuidade ou descontinuidade, da identidade do território, e derradeiramente, da identidade do indivíduo e da comunidade.

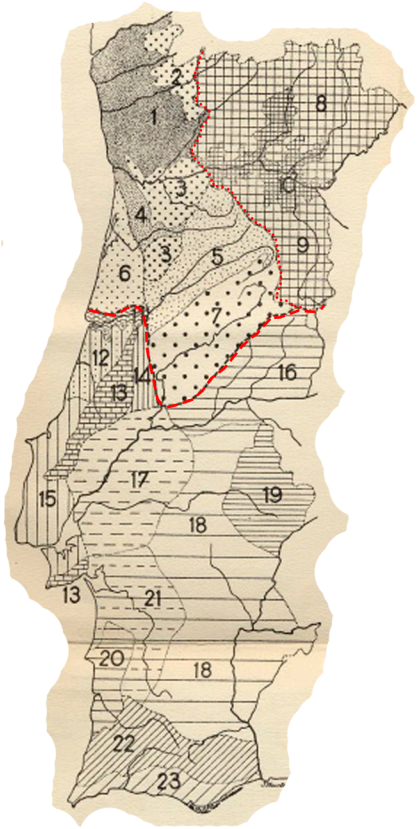
> ***To respect the genius loci*** [espírito do lugar] *does not mean to copy old models. It* ***means to determine the identity of the place and to interpret it in ever new ways.*** *Only then we may talk about a living tradition which makes change meaningful by relating it to a set of locally founded parametres.* [3]

É esta sensibilidade, identificada por Christian Norberg-Schulz, do reconhecimento da identidade do território que deve prevalecer. As intenções económicas, sociais, politicas e cultu--rais devem ser direccionadas para a preservação do "espírito do lugar"[4]. O Alto Douro Vinhatei--ro como paisagem cultural, evolutiva e viva[5] acarreta a obrigação de continuar a construir terri--tório e identidade, uma realidade actuante, que integra novas dinâmicas, mas também preserva as tradições espaciais e sociais da região do Douro. Considera-se, ainda, que a mesma lógica de pensamento se aplica a todas os lugares envolventes da região do Douro, como território contínuo, e não apenas ao Alto Douro Vinhateiro.

Cabe à arquitetura e ao urbanismo que desempenham, com a harmonia entre o antigo e o novo, entre o passado e o presente, o respeito pela modernidade e pelo património, aliado às qualidades do território, o papel principal da preservação, através da transformação ponderada, da identidade da Região e, intrinsecamente, do Homem.

[1] Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. New York: Rizzoli. p.180
[2] Tradução da autora de *Stabilitas Loc*i. Idem.*ibidem.* p.180
[3] Idem.*ibidem.* p.182
[4] Tradução da autora de *Genius Loci.* Idem.*ibidem.* p.182
[5] Classificação da UNESCO atribuída ao Alto Douro Vinhateiro como Património da Humanidade.

Fig. 4: Divisão geográfica tripartida de Orlando Ribeiro.

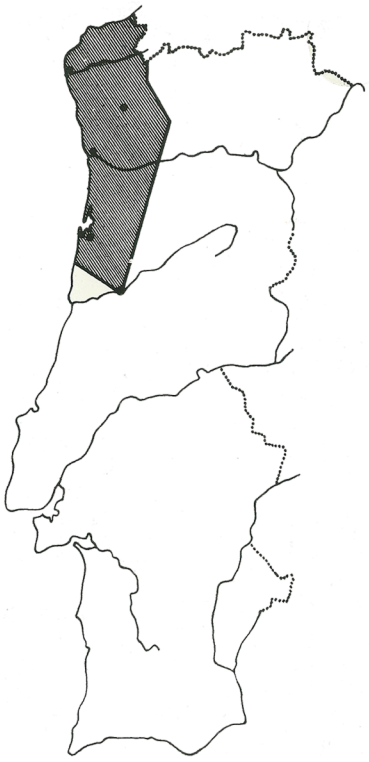


Limite entre o Norte e o Sul

Limite entre as áreas atlântica e transmontana

Fig. 5: Zona 2 - Trás-os-Montes e Alto Douro, AAP.

Fig. 6: Zona 1, AAP.



Fonte: Fig. 4: Ribeiro 1991, p.247; Fig. 5: AAP 1988 [1961], p.123; Fig. 6: AAP 1988 [1961], p.11

01.1 O RIO E OS VALES – O OLHAR LONGITUDINAL SOBRE O TERRITÓRIO

> *A **paisagem é um sistema dinâmico**, onde os diferentes **factores naturais e culturais interagem e evoluem em conjunto**, determinando e sendo determinados pela estrutura global, **o que resulta numa configuração particular**, nomeadamente de **relevo**, **coberto vegetal**, **uso do solo e povoamento**, que lhe confere uma certa **unidade** e à qual corresponde um determinado **carácter**.*[1]

Sem pretender aprofundar um tema que, de uma forma geral, tem sido analisado por autores como Orlando Ribeiro, Mário Moutinho, José Mattoso e no Inquérito realizado em 1961 à *Arquitectura Popular Portuguesa,* ainda assim torna-se indispensável uma primeira aproximação ao Douro[2]. Uma visão geral sobre o mosaico e jogo de planos que vão surgindo à medida que percorremos as suas paisagens. Esta análise permitirá reconhecer as dinâmicas e especificidades presentes não só em Caldas do Moledo, mas também da área alargada do Douro, que atravessa o território português desde o Porto até à fronteira ibérica; num país costeiro, o rio Douro rasgou as montanhas e deu lugar aos vales, e desta forma, aproximou o Atlântico do Mediterrâneo. Graças à complexidade de paisagens e às economias inerentes à realidade portuguesa, existe um grande número de divisões e subdivisões; nomeadamente entre regiões e sub-regiões. Todas estas fracções do território adquirem valor em si mesmas como representantes das pluralidades presentes no país. No ordenamento e construção do território é necessário um esforço no sentido de procurar compreender e adaptar as novas intervenções às especificidades já presentes, naturais e construídas no tempo.

As influências Atlânticas e Mediterrâneas

A divisão geral mais intuitiva relativa as paisagens do território de Portugal, será o Norte em oposição ao Sul. Contudo, considera-se esta divisão elementar e não representante dos complexos elementos que compõem as paisagens nacionais.

> *Havendo de repartir Portugal, as divisões principais serão dadas pelo contraste entre as **influências mediterrâneas e atlânticas** e, nestas, pela sua atenuação com o afastamento litoral. **Norte Atlântico, Norte Transmontano e Sul** são as divisões fundamentais da terra portuguesa.*[3]

Considera-se a divisão tripartida –Norte Atlântico, Norte Transmontano e Sul– do território apresentada por Orlando Ribeiro [Fig. 4] ou de Jorge Arroteia –Noroeste, Norte e Centro interiores e Sul– as mais interessante e representativas das paisagens portuguesas. Desta forma, a divisão entre Norte Atlântico e Norte Transmontano, será a primeira grande divisão geográfica

[1] Cancela d'Abreu, A.; Pinto Correia, T.; Oliveira, R. (2004) *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal*. Vol. I. Lisboa: DGOT. p.32
[2] Por Douro entenda-se todas a paisagens intrinsecamente ligadas ao rio Douro e não ao que intuitivamente considera-se a Região do Douro, correspondente apenas a uma parte da extensão total do rio. A região do Douro, ou RDD, será futuramente apresentada e advém da cultura da vinha e não da geografia do local – apesar que esta última apresenta-se sempre como um elemento de causa-efeito em todas as possíveis fracções do território.
[3] Ribeiro, O. (1991). *Portugal: o mediterrâneo e o atlântico*. 6ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa. p.172

Fig. 7: Mapa do relevo em Portugal continental.

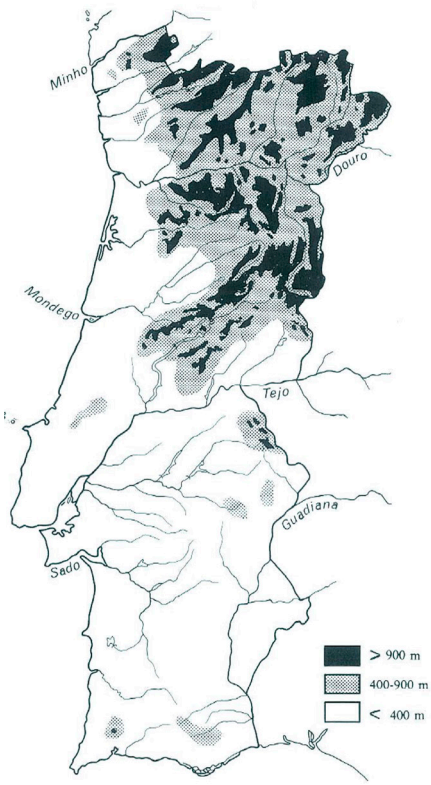


Fig. 8: Esboço Litológico em Portugal continental.

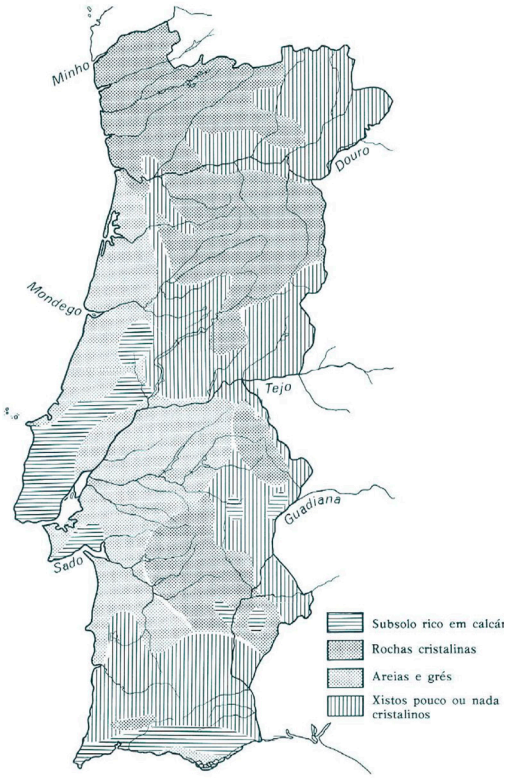


Fig. 9: Mapa da isotérmica em Portugal continental.

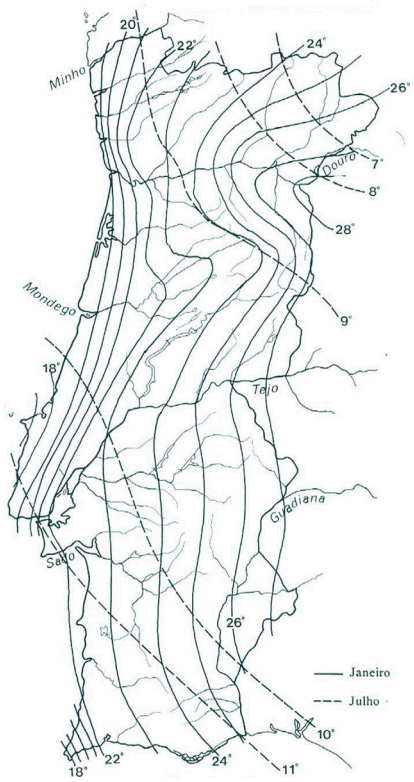
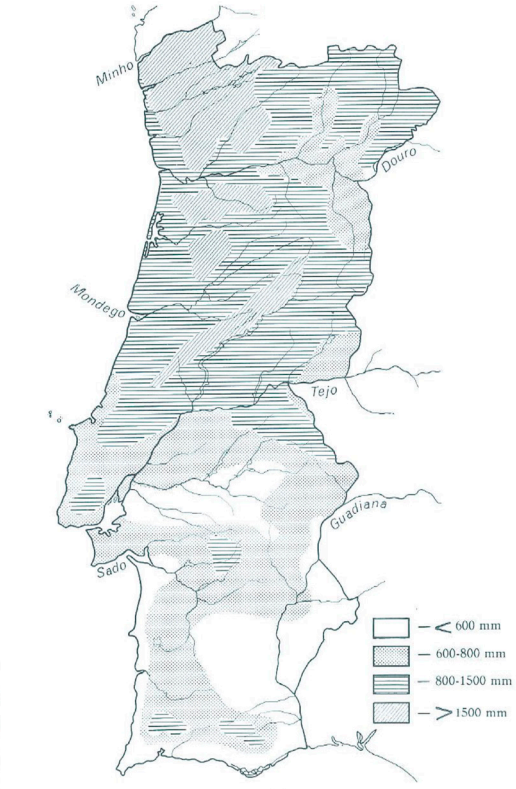


Fig. 10: Mapa da pluviosidade em Portugal continental.



Fonte: Fig. 7: Moutinho 1979, p.17; Fig. 8: Moutinho 1979, p.15; Fig. 9: Moutinho 1979 p.21; Fig.10: Moutinho 1979, p.19

do Douro, que por si só comprova as pluralidades e variações presentes apenas no Norte quando confrontado com o Sul. Esta dualidade do território do rio Douro, ainda com certas variações, também se verifica no Inquérito à *Arquitectura Popular em Portugal* através da divisão em duas zonas: o 'Minho', "abrangendo terras que vão do litoral ao acidentado interior, e do Minho ao Mondego"[1] [Fig.6]; e os 'Trás-os-Montes' [Fig.5], "de Norte para Sul, por uma linha quebrada, com origem na área despovoada do Gerês, e (...); de Oeste para Leste por uma linha recta que de Sinfães se alonga até Figueira de Castelo Rodrigo"[2].

> *A diferentes **tipos de rocha**, correspondem naturalmente **formas de relevo e modelados** diversos, bem como tipos de **ocupação humana** e consequentemente tipos de **arquitectura distintos.***[3]

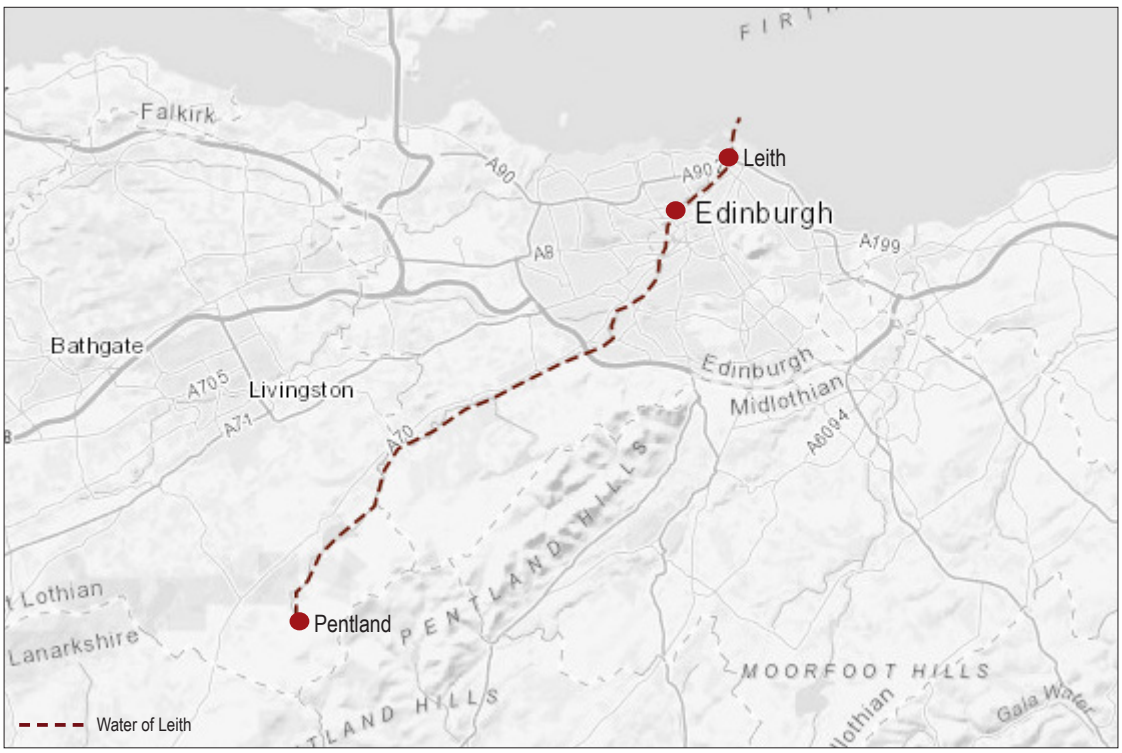
A grande diferença que ocorre entre o Norte Litoral e o Norte Interior quanto à geologia, são as formações graníticas no Litoral, Atlântico, em oposição aos xistos do Norte Transmontano e Interior. O granito graças à sua dureza dá origem a relevos com alguma importância no território como, por exemplo, a Serra do Marão. Já o xisto apresenta menos permeabilidade que o granito e, por isso os solos resultantes são bastantes mais pobres.

Consequência da grande complexidade geológica em Portugal, verifica-se também uma variação significativa da altitude e, intrinsecamente da precipitação presente nestas regiões. Fo--cando apenas no Norte, é clara a subida de cota do Norte Transmontano face ao Norte Atlântico, e em particular, no Douro Transmontano, nomeadamente das margens para o interior. O Norte Litoral devido à sua posição e relevo apresenta maiores influências atlânticas e, por sua vez, a maior precipitação do país e as temperaturas mais amenas, sem Verões muito quentes e Inver--nos muito frios. Para lá da Serra do Marão, e protegido do Atlântico, no Norte Transmontano os valores de precipitação e pluviosidade tornam-se menores. É notável a influência do Mediter--râneo, as temperaturas são mais bruscas, muito elevadas no verão e moderadas no inverno, principalmente no vale do Douro.

A qualidade dos solos, juntamente com o relevo e o clima tornam-se factores essenciais na construção da paisagem. No Norte Atlântico é possível observar a presença do pinheiro bravo, do carvalho e do sobreiro, juntamente com o cultivo dos cereais, como por exemplo o milho. Ve--rificando-se, ainda, uma ocupação populacional maior junto à costa e um povoamento disperso, disposto ao longo de estradas e caminhos. Já no Norte Transmontano a acessibilidade é redu--zida e as condições ambientais mais agrestes causam uma fixação concentrada da população. As povoações fixam-se em lugares de origem marcadamente castrense ou em pontos com fortes qualidades para trocas comerciais[4]. Com um clima fortemente marcado pelo mediterrâneo e um solo xistoso, as culturas também se modificam: a vinha ganha destaque e domina a paisagem, juntamente, ainda que não tão evidente, com a oliveiras e amendoeira.

[1] Associação dos Arquitectos Portugueses (1988) *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. 1. 3ª ed. (1ª ed. 1961) Lisboa. p.11
[2] Idem. *ibidem*. p.123
[3] Arroteia, J. "Introdução" em *A arquitectura popular portuguesa* (1979) de Mário Moutinho; Editorial Estampa. p.13
[4] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.223

Fig. 11a: Análise da localização das paisagens utilizadas na Secção do Vale de Patrick Geddes segundo Catharine Thompson. Para tal, utilizou-se o *Water of Leith*, principal rio de Edimburgo como referência. É possível observar um movimento longitudinal, não transversal, face ao *Firth of the Forth,* estuário do rio Forth que desagua no Mar do Norte.



Fonte: Fig. 11a: Desenho elaborado pela autora

A Secção do Douro

> ***The valley section is the basis of survey.*** *In such ways we may work out very many specific and definite civilization values. We can discover that the kind of place and the kind of work done in it deeply determine the ways and the institutions of its people.*[1]

Patrick Geddes (1854-1932), biólogo e filósofo escocês, considerado o fundador do planeamento regional, publicou pela primeira vez, em 1909, logo aprofundada em *Cities in Evolu-tion*, em 1915,"*The Valley Section*"[2], a sua contribuição mais conhecida para explicitar a relação cidade-campo ou cidade-região [Fig. 11]. Segundo Geddes, o conflito entre cidade e campo não existe: o último encontra-se presente na cidade, enquanto esta, por sua vez, influencia e dissemi-na os seus valores no território envolvente. Esta visão unitária, apresentada na primeira década do século XX, foi fundamental para desencadear a discussão sobre as várias formas de analisar e intervir no território, contribuindo para o alargamento e a complexificação das matérias asso-ciadas à compreensão do fenómeno urbano e territorial, e a criação de diversas perspectivas e instrumentos de investigação nos tempos subsequentes.

> ***By descending from source to sea we follow the development of civilisation from its simple origins to its complex resultants****; nor can any element of this be omitted. (...) In short, then,* ***it takes the whole region to make the city. As the river carries down contributions from its whole course, so each complex community, as we descend, is modified by its predecessors****. The converse is no doubt true also, but commonly in less degree.*[3]

Existem algumas divergências quanto à visão apresentada por Patrick Geddes; através da autonomia e proposta das *cross-sections* por Peter Hall[4] há quem considere a *Secção do Vale* transversal. No entanto, através de outros autores que se dedicaram ao estudo de Geddes e da qual se partilha a opinião "*The valley section is a longitudinal section that follows a river from its source in the mountains to its broad entrance to the sea"*[5] e encontra-se temporalmente enqua-drada na sociedade industrial. Trata-se de um modelo complexo que combina características físicas –geologia, geo-morfologia e as suas associações biológicas– evidenciando as ocupações e actividades primárias exercidas sobre o território e os assentamentos humanos que se origina-ram a partir deles.

> ***Geddes illustrated the section using the locally available landscapes of Edinburgh and its hinterland.*** *In the early images, the* ***Pentland Hills*** *are the mountains, the* ***Lothian region*** *provides the pastoral hills and agricultural plains, with their scattered settlements and villages,* ***Edinburgh*** *is the city and* ***Leith*** *the fishing village closest to the sea.*[6]

[1] Transcrição da conferência de Patrick Geddes na New School of Social Research em Nova Iorque, 1923. Geddes, P. (1949 [1915]). The Valley Section. In *Cities in Evolution*. Londres: Williams and Norgate. p.18
[2] Geddes, P. (1949 [1915]). The Valley Section. In *Cities in Evolution*. Londres: Williams and Norgate (164-167).
[3] Geddes, P. (1905). *Civics as applied sociology. Sociological Papers*. Versão Online. p.106
[4] Hall, P. (1996 [1988]). Geddes and the Anarchist Tradition. In Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century. Massachusetts: Blackwell Publishers (137-148). As Cross-sections de Peter Hall serão abordadas posteriormente, ver *Portas do Lugar - o desdobrar da Secção do Douro* (pp.81-89)
[5] Welter, V. M. (2002) *Biopolis. Patrick Geddes and the City of Life.* Cambridge: MIT (pp. 60-66)
[6] Thompson, C. W. (2006) *Geddes, Zoos and the Valley Section*. Landscape Journal Vol.25 (1&2). Edimburgo.

Fig. 11: *The Valley Section* de Patrick Geddes, 1915.

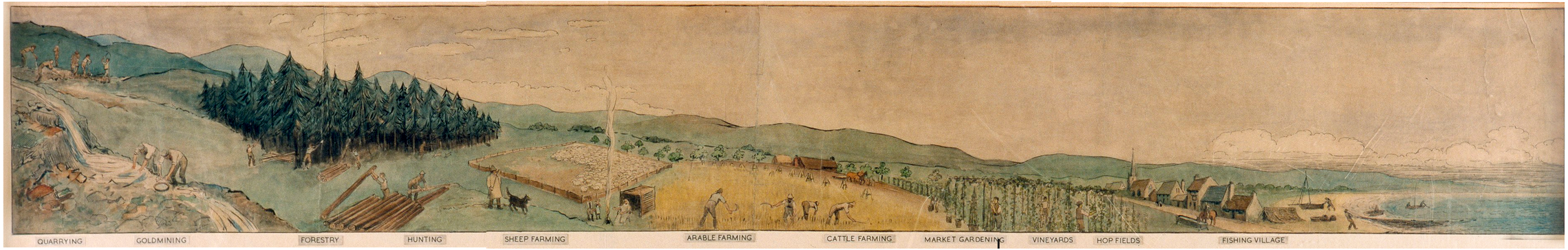
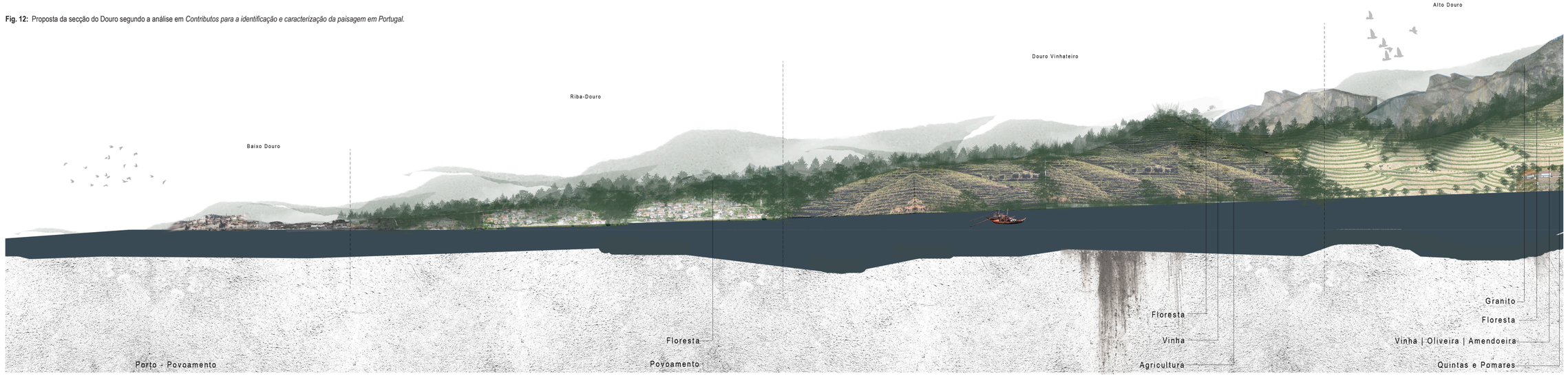


Fig. 12: Proposta da secção do Douro segundo a análise em *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal.*



Fonte: Fig. 11: Catálogo online da Biblioteca da Universidade de Edimburgo; Fig. 12: Elaborado pela autora

A análise da localização destes lugares e o seu movimento em direcção ao mar vem reafirmar a visão longitudinal da Secção do Vale defendida nesta investigação.

A secção resultou numa representação generalizada e diagramática de vários vales e dos seus ocupantes primevos –mineiro, lenhador, caçador, o pastor, o agricultor pobre, o agricultor rico e o pescador– condicionadas por este tipo de território. Esta representação do território, com base no pressuposto de uma observação-intervenção, torna claro que, por exemplo, o clima e a vegetação são determinantes na estruturação e construção humana dos lugares e das paisagens, tanto quanto esta condiciona e impõe uma reorganização de todo o sistema 'natural'.

É importante frisar que a *Secção do Vale* não é somente uma ilustração das dimensões ambientais e sociais das paisagens do vale, mas sim uma tentativa de compreender o padrão de apropriação do território que se traduz na cidade contemporânea incidindo sobre as raízes de ocupação humana na paisagem.

Esta secção veio apresentar a ideia de cidade-região, vista como uma unidade que vai além dos limites da cidade administrativamente definidos, e introduziu a escala da região e do território como novo âmbito de reflexão pertinente e essencial na construção do conceito e definição disciplinar, então emergente, de planeamento urbano. Reconhecendo a dimensão dinâmica da construção do território transformado e vivido pelo Homem, a necessidade de utilizar outros instrumentos de representação e compreensão da multiplicidade de realidades que transcendem o campo da arquitectura e urbanismo torna-se evidente[1].

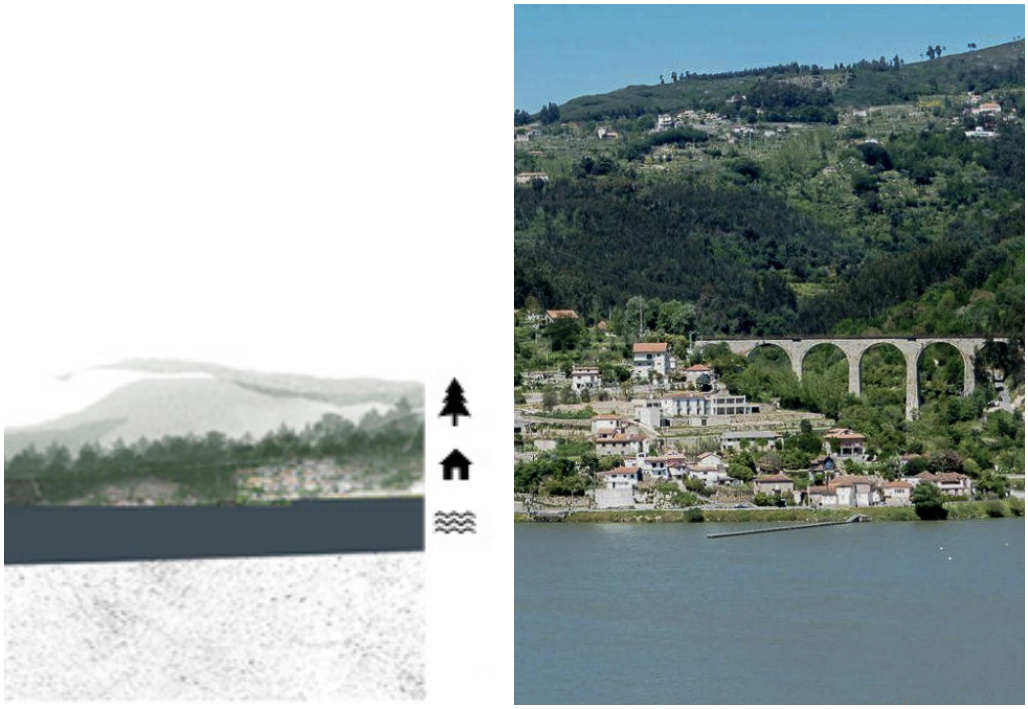
Desta forma, a secção longitudinal tornou-se referência essencial para compreender a mudança de discurso que o rio Douro vai apresentando à medida que vamos avançando sobre o mesmo. Apesar de Geddes analisar o percurso do rio da nascente para a foz, hoje parece lógico inverter o sentido e, contracorrente, reconhecer as transformações que suportam os lugares urbanos, da foz à nascente e às montanhas. Esta decisão parte do reconhecimento de que foi necessário todo o Douro para construir o Porto, núcleo polarizador, distribuidor de infraestruturas e redes de comunicação que interliga as restantes regiões. As paisagens mudam, as povoações e os assentamentos alteram-se e as infra-estruturas tornam-se mais ou menos presentes.

Para uma melhor compreensão das multiplicidades territoriais presentes no Douro e das dinâmicas criadas, a 'Secção do Douro' [Fig. 12], desenhou-se a partir da análise da sequência das várias paisagens do seu vale, segundo a sub-divisão efectuada em *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal*[2].

[1] O estudo da *Secção do Vale* será retomado no sub-capítulo 02.1(pp. 81-91) na perspectiva de Peter Hall, quase noventa anos depois de Patrick Geddes. Estes autores são fundamentais para a criação de um método de investigação e estratégia de intervenção capaz de responder à pluralidade, variação e diversidade dos territórios e paisagens que serão enunciadas ao longo da dissertação.
[2] Cancela d'Abreu, A.; Pinto Correia, T.; Oliveira, R. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em*

Fig. 12a: *Baixo Douro* e cidade do Porto "*(...) a paisagem é então marcada* tanto pela presença do vale, como da malha urbana que ocupa as encostas, *de forma muito particular e diversificada na margem norte e sul, na zona mais montante ou junto à foz."* (Cancela d'Abreu et al. 2004, p.228)

Fig. 12b: *Riba-Douro* e Entre-os-Rios



Fonte: Fig. 12a e 12b: Desenhos elaborados pela autora; Fotografia 1: pontosdevista.pt; Fotografia 2: Elaborado pela autora

Inicia-se o percurso no *Baixo Douro*[Fig. 12a], correspondente ao troço mais ocidental do rio Douro e mais densamente construído, com as suas paisagens pautadas pela interessante sobreposição sobre o vale das manchas urbanas do Porto e Vila Nova de Gaia. Marcada pela proximidade com o oceano, pelas pontes, pela frente ribeirinha, pelo coroar da Serra do Pilar e do Paço Episcopal, cria-se uma paisagem com um carácter individual unida pelas duas faces do núcleo urbano da Área Metropolitana do Porto.

Distancia-se bastante das paisagens presentes no objecto de estudo, Caldas do Mole-do, e por isso, sem ignorar as suas qualidades como paisagem do Douro, a sua análise não será tão consequente.

À presença do edificado e densa ocupação urbana, chegando a Entre-os-Rios e ao Tâmega, segue-se a densidade da paisagem arbórea, chega-se ao *Riba-Douro* [Fig.12b]. Conhe-cido como o Douro Verde, graças às fortes influências atlânticas e proximidade com o oceano. O vale e o rio ganham destaque na paisagem com as suas encostas íngremes, apesar da ainda significativa densidade populacional. A prática de agricultura é intensificada e diversificada –mi-lho, pastagens, vinhas, pomares, entre outros. A rede viária é densa, ligando parcelas agrícolas e habitações, mas dissolve-se nos socalcos, não assumindo um destaque na observação do seu conjunto. A actividade humana é intensa, a ocupação acontece na parte inferior das encostas, dando lugar aos pinhais e pastagens nas zonas superiores.

Em Barqueiros, com Barrô na margem esquerda, entra-se no *Douro Vinhateiro* [Fig. 12c], a região mais representativa das paisagens do Douro, marcada pela presença da cultura do vinho e da vinha. Apesar do evidente predomínio da vinha, é possível localizar, nas margens dos rios, outro tipo de culturas, tais como a oliveira, a amendoeira e ainda alguma horticultura. São, no entanto, quase imperceptíveis na paisagem face à forte presença da cultura vitivinícola. O alto dos vales dá lugar aos matos e a alguns povoamentos florestais, já que as altitudes a partir dos 700m não são propícias para a produção de vinho. Os socalcos de xisto, extraídos da própria encosta, imperam e redesenham a paisagem, outrora dominada pelo mato; uma observação atenta às suas particularidades revela uma diversidade e complexidade de soluções estreitamen-te ligadas à geografia local que se adaptam às diferenças morfológicas.

O rio, por vezes violento ou sinal de doença, afastou as populações das suas margens para cotas mais elevadas do vale. Assim, as populações durienses aglomeram-se em assenta-mentos de maior ou menor dimensão, procurando colectivamente vencer as dificuldades impos-tas pela natureza. A arquitectura vernacular pontua o território, desde gestos mais silenciosos como o muro e o socalco, às quintas e solares, proprietárias das vinhas, a igrejas e capelas modestas, ou até mesmo às pequenas habitações dos seus trabalhadores. É a arquitectura da monocultura.

Fig. 12c: *Douro Vinhateiro*, classificado como Património da Humanidade em 2001. "*Por isso, aqui, o nome do Douro transbordou da água para as margens. O douro deixa então de ser apenas Rio. Torna-se também uma região.*" (Daveau, Mattosos 2013, p.190)

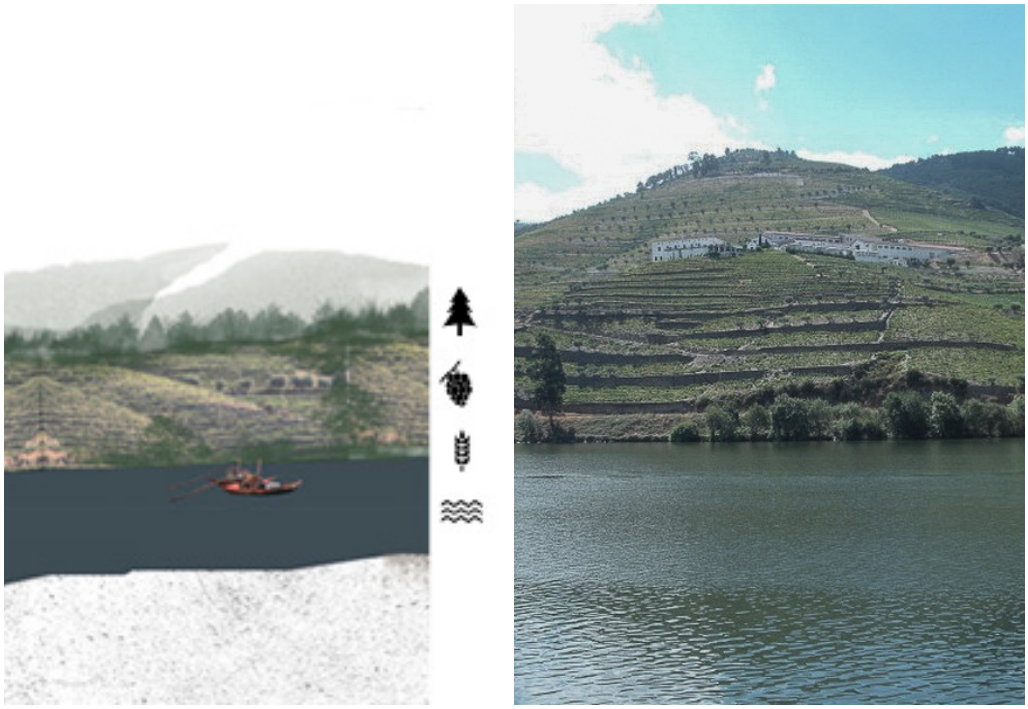
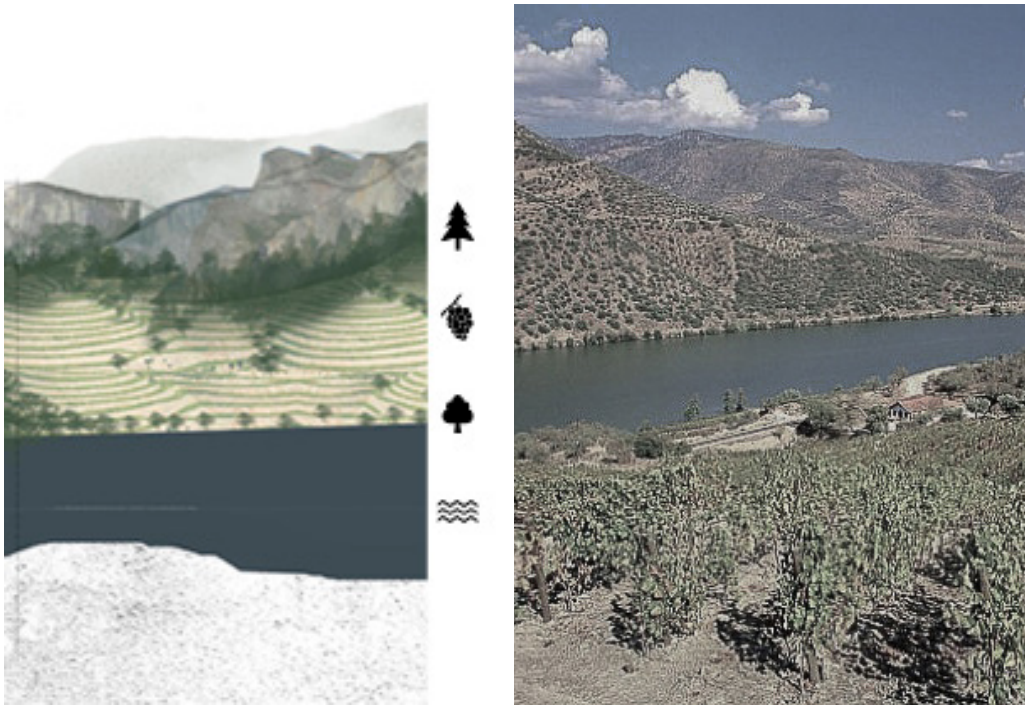


Fig. 12d: *Alto Douro*. "*Em Barca de Alva, o douro corre no fundo de uma apertada garganta, entre encostas com pendores de centenas de metros de altitude, no meio de penhascos atormentados*". (Daveau, Mattosos 2013, p.190)



Fonte: Fig. 12c e 12d: Desenhos elaborados pela autora; Fotografia 1: patrimoniocultural.gov.pt; Fotografia 2: decanter.com

Contudo, verifica-se que intervenções mais recentes têm, por vezes, desvirtuado esta qualidade unificadora que dá carácter e identidade ao território, e precisamente por isto, classificada pela UNESCO como Património da Humanidade. Ao longo da investigação será dado maior destaque às qualidades desta paisagem pois aqui se localiza Caldas do Moledo.

Por fim, o *Alto Douro* [Fig. 12d]. As escarpas graníticas ganham o seu máximo destaque, acentuando ainda mais a grandeza do vale face ao rio. A alteração geológica do território provoca também uma mudança de culturas: a vinha perde a sua notoriedade face à oliveira e à amendoeira. Os socalcos estão agora organizados por níveis; junto às margens do rio com hortas e laranjais, na parte inferior das encostas as vinhas, e por fim os olivais e amendoais. Tal como no Douro Vinhateiro o povoamento é concentrado ao longo do vale.

Apesar da perda de importância da vinha e, por consequência, da monocultura, o *Alto Douro* é também muito rico em termos histórico-culturais, integrando no seu território, o Parque Arqueológico do Vale do Coa[1].

[1] Sítios pré-históricos de Arte rupestre do vale do rio Côa e de Siega Verde, classificado Património Mundial pela Unesco em 1998.

Fig. 13: Vista panorâmica da zona demarcada da Região do Alto Douro e o rio Douro antes da construção das barragens.

Fonte: Emílio Biel e Companhia. 1880-1925, Arquivo Municipal do Porto

01.2 A HUMANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

> *In the cultural landscape man "builds" the earth, and makes its potential structure manifest as a meaningful totality. A **cultural landscape is based on "cultivation"**, and contains defined **places**, **paths** and **domains** which concretize man's understanding of the natural environment.*[1]

Por paisagem cultural entende-se as interacções entre o homem e o meio ambiente circundante. Contudo, como é que essa relação é estabelecida? De que forma o homem define estes lugares, caminhos e domínios? Efectuada uma aproximação às características geográficas e morfológicas do Douro, é agora fundamental compreender as acções intencionais provocadas sobre a paisagem natural do Douro e os vários elementos de intervenção humana no território vinhateiro.

De forma geral, as intervenções humanas são determinadas pelas condições naturais morfológicas e geográficas do território –topografia do terreno, clima, geologia, vegetação, cur--sos de água, entre outros. Espaços como a planície, o vale e a foz são os mais característicos da fixação humana, muita vezes potencializados pela presença de água –rio ou mar. Do ponto de vista espacial, o homem procura e necessita de interioridade e, naturalmente, tende a fixar-se onde a natureza oferece um enclave protegido. Nota-se uma vontade natural de recriar o que já existe nas características do território; por exemplo, onde surge um movimento linear extensivo e de cota estável, procura-se adaptar o terreno a um caminho.

> ***Visualization**, **complementation** and **symbolization** are aspects of the general **process of settling**; and **dwelling**, in the existential sense of the world, **depends of this func--tions**.*[2]

Segundo Norberg-Schulz é possível identificar três relações básicas entre o homem e a natureza como premissa da humanização do território. A primeira, a 'visualização', consiste na resposta mais básica e imediata às sugestões naturais que a paisagem oferece, acentuando as características morfológicas das mesmas. De seguida, o homem adiciona o que falta ao lugar, dá-se a 'complementação'. Estruturas adicionais são criadas de forma a resolver problemas ine--rentes à lógica da actividade ou assentamento do local. Por fim, a 'simbolização'. Este último processo confere significado e valor à construção através da compreensão da natureza e do homem. Contudo, é importante frisar que a escolha do local, feita a partir da 'visualização', é o elemento mais importante para a construção de um lugar, e porventura, de um território. Este factor assume um destaque fundamental na interacção que estabelece com os restantes interve--nientes. Quando um lugar não é tão 'forte' do ponto de vista das suas qualidades naturais, este tem de ser melhorado pela 'complementação' e 'simbolização'.

[1] Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture.* 1ª edição. New York: Rizzoli. p.52
[2] Idem. *idibem*. pp. 17-18

Fig. 14: Hotel Six Senses Douro Valley, Samodães, Lamego.

Fig. 15: AE24, Peso da Régua.

Fig. 16: Barragem da Valeira, São João da Pesqueira.

Fonte: Fig. 14 e 15: Elaborado pela autora; Fig. 16: Barreto 1993, p.66

> *Esta **escolha criteriosa celebrava o carácter extraordinário do sítio**, e consagrava a **natureza como desígnio do homem**, entendido na sua mais profunda antinomia: **a as--piração suprema à sua completude** (a natureza como conceito demiúrgico) e a **neces--sidade constante da sua transformação** (a natureza como lugar de habitabilidade).*[1]

Este conjunto unificado de relações representa a dimensão existencial do homem no espaço concretizado através da acção construtiva. São os diferentes elementos que participam na transformação da paisagem não humanizada que podem vir a proporcionar a criação da iden--tidade de um lugar. Se todos os lugares criados pelo homem estão relacionados com o ambiente que o envolve, então é lógico afirmar que as condições naturais, a morfologia e os lugares edifi--cados estão profundamente ligados, seja pela criação de "lugares de significação extraordinária (lugares de culto e devoção) e/ou lugares de apetência gregária (como géneses de aglomerados urbanos)"[2], e dão início aos processos de fixação e assentamento do homem, e, de certa forma, à urbanidade.

As soluções vernáculas exprimem a relação de resposta mais imediata de adaptação a determinado meio e são a base de uma arquitectura considerada identitária de uma região[3]. Na sua variedade de soluções é possível encontrar a resposta mais eficiente às condições morfoló--gicas e geográficas do território através do recurso a técnicas e materiais disponíveis na região.

> *Today however, **these simple structural relationships are hardly understood and res--pected.** As **the general identity of our places depends on such structures**, they form an important part of the phenomenology of architecture.*[4]

Actualmente observa-se na região do Douro algumas alterações das relações e dinâmi--cas da construção do território, e consequentemente da identidade dos lugares. Será essencial neste sub-capítulo compreender de que forma a paisagem do Douro foi, aos poucos humanizada, mas também analisar as dissonâncias que, recentemente, se têm vindo a 'construir' na região do Douro.

Desta forma, considera-se que a humanização do 'território', da 'região' e da 'cidade' é um processo contínuo e evolutivo, provocado pelas alterações naturais/espontâneas e/ou pela intervenção do homem e necessita do (re)desenho dos nexos espaciais que permitam resistir à construção de lugares sem identidade. *Des spaces autres*[5], lugares heterotópicos que põem em causa a memória colectiva de territórios como o Douro e vão contra os seus valores patrimoniais; lugares onde a individualidade, o 'eu', é valorizado face ao colectivo, ao 'nós', e contribuem para a *perda do lugar*[6].

[1] Pinto da Silva, M. (2009) *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea*. Porto: FAUP. pp. 342-343
[2] Idem. *ibidem.* p.343
[3] Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. New York: Rizzoli. p.172
[4] Idem. *idibem*. p.175
[5] *Des espaces autres, Hétérotopie* (1967) Texto do filósafo Michel Focault. Lugares heterotópicos no Douro. Domingues, Á.(2007) *O Porto e rio Douro: a construção de uma nova relação* in *Actas do I Encontro de Museus do Douro*, 24 e 25 de Setembro de 2007
[6] *The loss of place.* Tradução livre da autora. Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. New York: Rizzoli.

Fig. 17: Rio Douro e principais afluentes no território português.

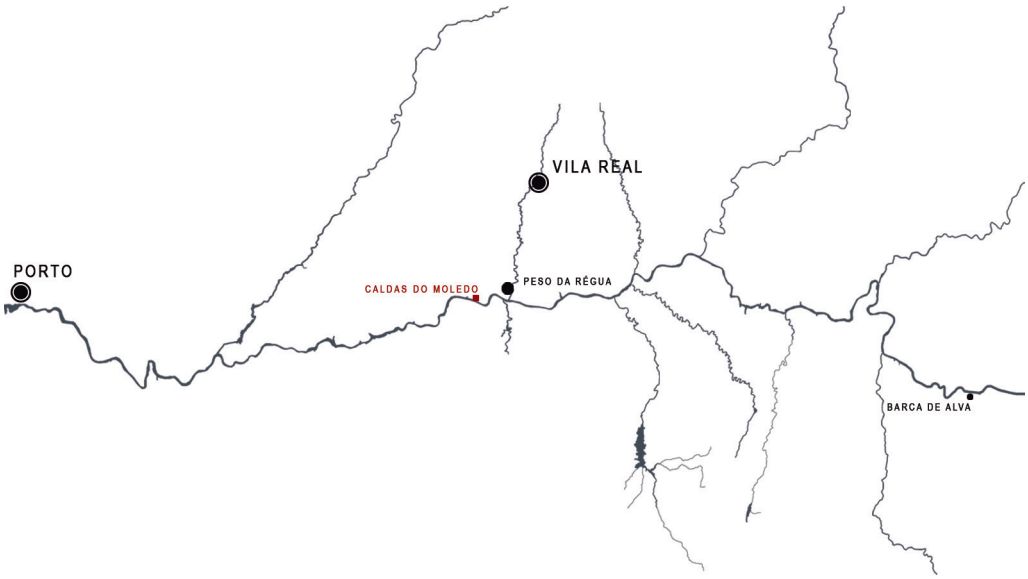
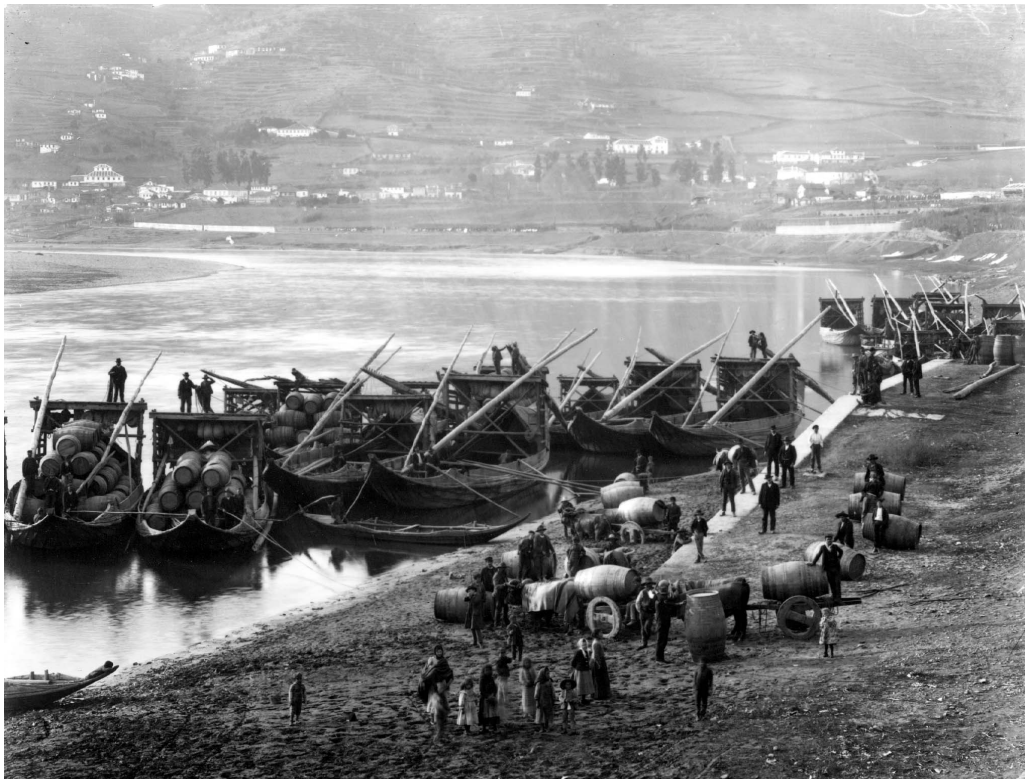


Fig. 18: Cais de carregamento da Companhia, na Régua. Aspecto geral do embarque de pipas de vinho nos barcos rabelo, com destino ao Porto.



Fonte: Fig. 17: Elaborado pela autora; Fig. 18: Emílio Biel e Companhia. 1880-1925, Arquivo Municipal do Porto

O Rio, os caminhos antigos, as Estradas Reais e a Linha-Férrea

> *E que ninguém duvide de que* ***o rio*** *fez o vinho.* ***Cavou o vale, organizou a bacia hi-drográfica e é responsável por uma parte do clima. Mas sobretudo, constituiu a via fluvial necessária a pôr em contacto a região com o mar e o Mundo.***[1]

O território do vale do Douro, apesar das suas condições naturais agrestes e de difícil navegação, sempre cativou e despertou o interesse sucessivo de vários povos. Os vários per-cursos ao longo dos afluentes fizeram chegar as pessoas e mercadorias aos pontos mais altos da região. A acessibilidade do Douro, assegurada pelos transportes fluviais e por algumas vias transversais, vem de tempos remotos. Verifica-se, desde muito cedo um território em contacto com a civilização, inicialmente pelo rio, como meio principal de transporte e, mais tarde, através do crescimento e modernização dos novos meios de comunicação, com a estrada e a linha-fér-rea, que acabaram por ultrapassar em eficácia a navegação fluvial.

No século I, a romanização teve um papel fundamental na definição das linhas de ocu-pação territorial que acabaram por, na sua maioria, permanecer como guias de organização e assentamento dos povos e épocas seguintes, reutilizando os espaços de ocupação castreja já estabelecidos, muitas vezes como pontos de defesa militar ou atalaias de vigilância. Ao mesmo tempo, introduziram nos vales a cultura da vinha, da oliveira e dos cereais e aproveitaram as várias fontes de água temais[2]. Dedicaram-se também à mineração e à construção de uma rede de infra-estruturas complexa, com estradas e/ou atravessamentos, que acabaram por marcar fortemente as vias de comunicação do território nacional.

Os vestígios da presença romana no lugar de Caldas do Moledo[3] e nas localidades próximas fornecem dados acerca da rede de estradas existentes nesta zona. Trata-se do eixo norte-sul com início em Chaves, prosseguindo o seu rumo por Vila Marim, continuando o percur-so até às travessias do Douro no Peso da Régua e Cidadelhe com destino a Lamego. A presença de miliários tanto em Vila Marim como em Cidadelhe acaba por indicar a antiguidade deste per-curso.[4]

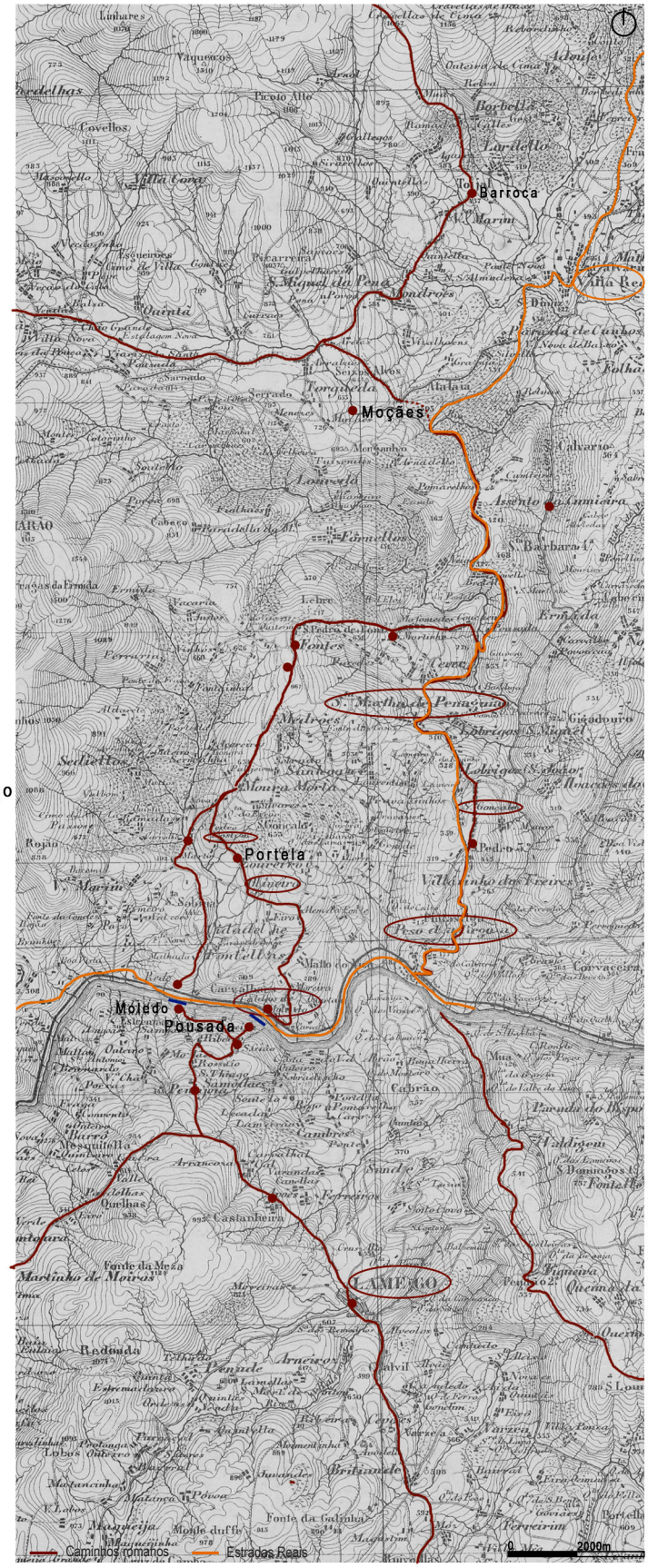
Caldas do Moledo teve um papel fundamental como ponto de passagem entre as duas mar-gens. Existem dois momentos de atravessamento do rio Douro, sendo estes separados pelo rio Ser-manha [Fig. 19]. A partir de Cidadelhe era possível descer até à Quinta do Barco ou, em alternativa, iniciava-se o percurso em Nostim, seguindo por Portela e Oliveira até Caldas do Moledo.

[1] Barreto, A.(1993) *Douro*. Lisboa: INAPA. p.31
[2] Bianchi-de-Aguiar, F.; Dias, J. M.; Andresen, T.; Curado, M, J.; Marques, P. F.; Pereira, G. M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p.80
[3] *"Aquando das escavações para a construção das citadas piscinas foram ali encontradas dez moedas das quais quatro eram identificáveis, sendo uma do Imperador Neiva, cunhada em 96; outra de Maximiano I (235 a 238); a terceira de Filipe Sénior (244 a 249) e, a quarta era de Maria Octávia Severa, mulher de Filipe Senior, e fôra cunhada em 245."* in Machado, Rui. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p. 15
[4] www.viasromanas.pt

Fig. 19: Vias romanas e Estradas Reais sobre a carta corográfica de 1895.

Ponto de atravessamento 1

Ponto de atravessamento 2



Fonte: Elaborado pela autora

Através de uma barca de passagem, que mais tarde ficou conhecida por Barca de Deus, instituída juntamente com uma albergaria por D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, no sé--culo XII[1], a travessia do rio era feita até ao porto fluvial de Penajóia, e daqui subia até Pousada, São Gião, Penajóia e Avões de Lá, interceptando neste ponto a estrada romana proveniente de Porto de Rei e com destino a Lamego.

> *Esta última travessia poderia ser feita nas Caldas de Moledo, onde* ***há vestígios roma--nos associados a um vicus e provável mutatio de apoio a esta passagem do rio*** *que durante a Alta Idade Média disponha de* ***barca e albergaria que deverá corresponder ao «portu de aliovirio» citado num documento do ano 922*** *(Lima, 2008; Batata et al., 2008)* [2]

Apesar das várias incertezas e falta de confirmação da realidade destes percursos, importa perceber a antiguidade do lugar de Caldas do Moledo não só pela sua notoriedade geo--lógica das águas termais mas também pela sua importância como ponto de ligação entre a Beira Alta e os Trás-os-Montes e Alto Douro.

> *(…)* ***os Romanos interessavam-se mais pelos minérios e as termas transmontanas do que pelos produtos agrícolas do Douro.***[3]

Apenas nos finais da Idade Média se pode começar a falar da cultura da vinha, hoje tão fortemente presente na região do Douro. As ordens monásticas tiveram uma papel fundamental na fundação de diversas quintas e no desenvolvimento do território como núcleo distribuidor do vinho duriense às principais rotas mercantis europeias[4].

> *Foi também o* ***enorme valor comercial do seu vinho que se tornou o vale do Douro uma área privilegiada da política nacional de transportes e comunicações,*** *depois de ter sido sempre bem servido pela navegação fluvial:* ***justificou, no tempo do marquês de Pombal, a abertura da "estrada da Companhia" que ligou Amarante à Régua por Mesão Frio****; depois, entre os anos 1780 e 1809, as grandes obras do alargamento do curso do rio no cachão da Valeira, para permitir a navegação até ao Pocinho;* ***mais tarde, durante as décadas da política promotora das obras públicas, por 1860 e 1870, o lançamento de várias estradas e pontes;***[5]

Das várias estradas construídas a partir do século XVIII importa salientar duas delas: a estrada da Companhia, actual EN101 e EN108 a partir de Mesão Frio, que já passava por Caldas do Moledo; e a estrada entre o Peso da Régua e Vila Real, actual EN2. Esta última veio criar novas relações no território não presentes na época romana, fazendo com que Vila Real viesse a ganhar algum destaque na região face ao Peso da Régua. Foi o começo da rede de infra-estru--turas e de relações territoriais que, de certa forma, ainda hoje se mantêm.

[1] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.9
[2] www.viasromanas.pt
[3] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. pp.206-207
[4] Bianchi-de-Aguiar, F.; Dias, J. M.; Andresen, T.; Curado, M, J.; Marques, P. F.; Pereira, G. M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p.30
[5] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.204

Fig. 20: Rede da Linha-Férrea. Ver desenho pp.142

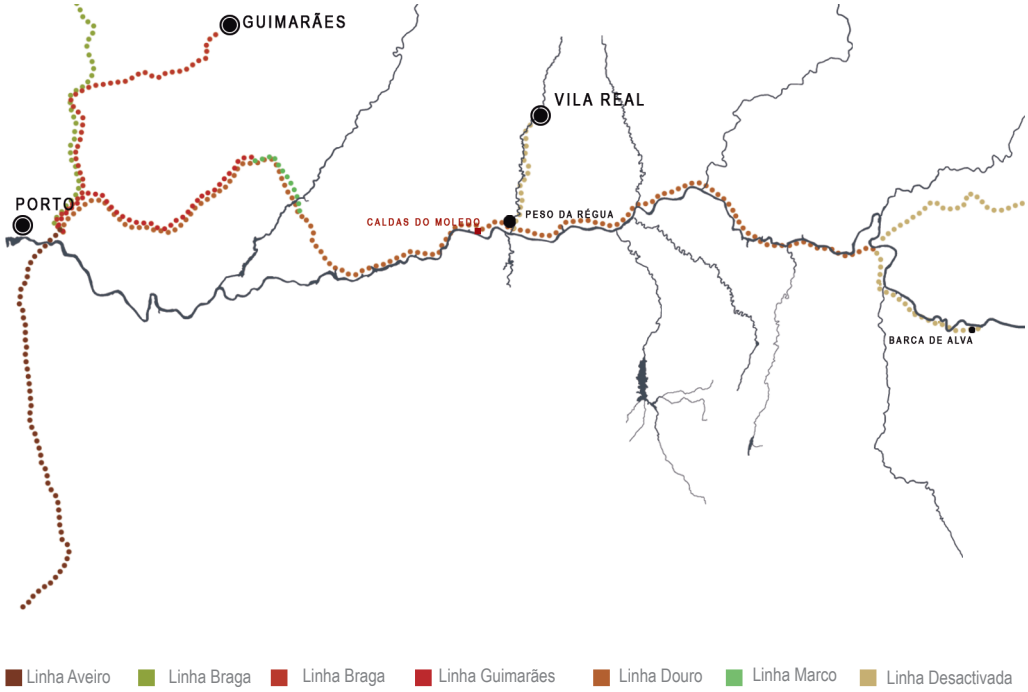
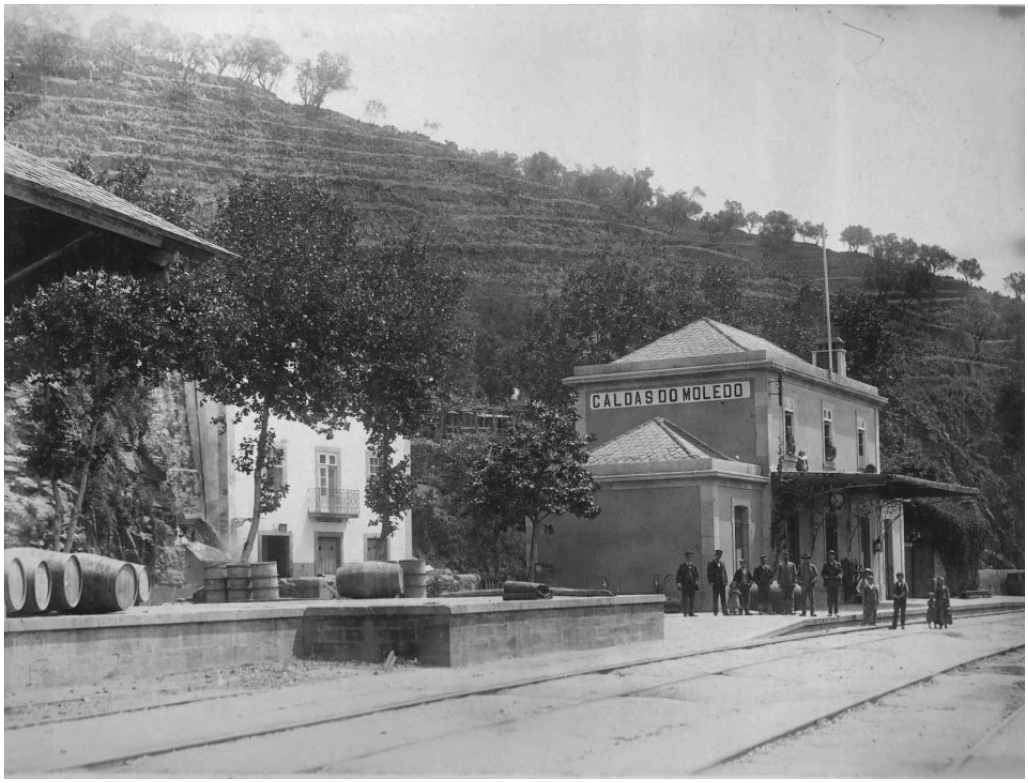


Fig. 21: Estação do caminho- de-ferro de Caldas do Moledo inserida na linha do Douro durante a época balnear.



Fonte: Fig. 20: Elaborado pela autora; Fig. 21:Escrito do Douro - escritosdodouro.blogspot.pt

> *(...)* ***a seguir a dificílima construção da linha do caminho-de-ferro até Barca de Alva, terminada em 1887****; mais tarde ainda, nos anos de 1925 a 1927, a abertura da inverosímil e nunca terminada linha de caminho-de-ferro entre a Régua e Lamego, como parte de um projecto que levaria os carris até Castro Daire; (...)* [1]

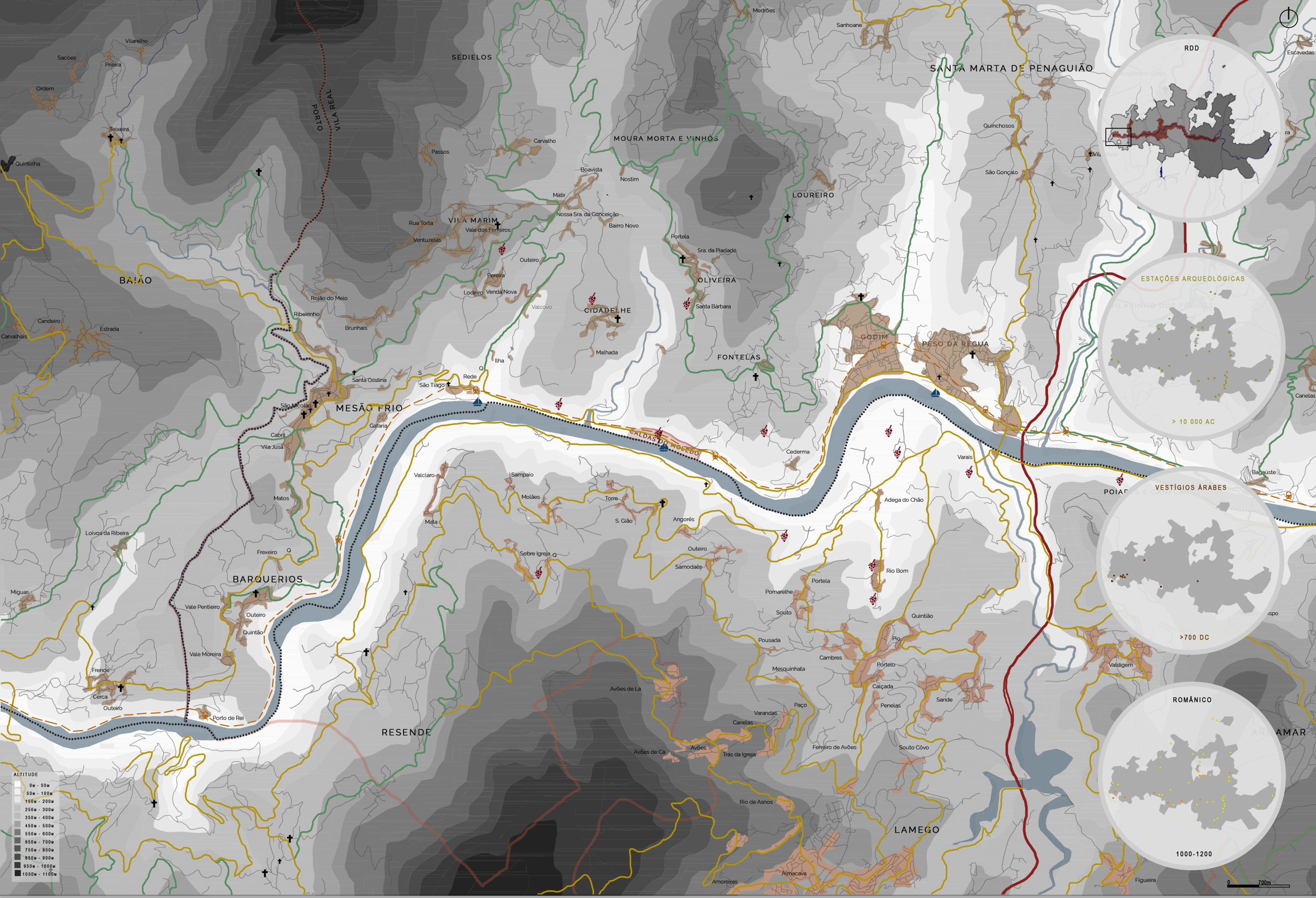
A linha do Douro, e toda a infra-estrutura férrea subjacente, foi uma obra de grande importância para a região pois permitiu criar uma alternativa ao rio Douro, numa época onde as infra-estruturas viárias e o carro não eram acessíveis a todos. Veio permitir o transporte regular de pessoas e mercadorias, especialmente o vinho, ligando o Alto Douro Transmontano ao Litoral. Apesar do encerramento do troço que ligava o Douro português ao espanhol, o actual percurso acompanha o rio Douro ao longo da sua extensão até ao Pocinho, com um total de 160km, e permite desfrutar algumas das melhores paisagens durienses –é possível observar a diferença das paisagens do território conforme se avança para o Interior. As encostas repletas de vinhedos e socalcos reflectem-se nas águas e as quintas nas suas margens, constituem uma paisagem única enquanto o comboio continua o seu percurso pelas curvas do vale do rio.

No entanto, e apesar da linha do Douro ser o percurso férreo principal, será de notar ou--tras linhas que acompanham os afluentes do rio Douro e permitiam ligar as restantes localidades à linha principal, nomeadamente as linhas do Corgo, do Tua e do Sabor[2]; contudo, actualmente, apenas a linha do Douro permanece activa.

Caldas do Moledo destaca-se, mais uma vez, pela sua inserção, com a estação do mesmo nome, na linha do Douro. Desta forma, verifica-se a importância deste lugar na rede de infra-estruturas duriense pela sua condição e potencialidades modais, interligando três vias de comunicação –fluvial, viária e ferroviária.

Associado ao crescimento das infra-estruturas observa-se, ao mesmo tempo, uma in--tensificação do povoamento na região do Douro. As formas de fixação dos aglomerados e as construções singulares como as Quintas e as Igrejas compõem-se como elementos caracterís--ticos do desenho das paisagens arquitectónicas do Douro e, por isso mesmo, serão estudados nos pontos seguintes.

[1] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.204
[2] Barreto, António (1993) *Douro*. Lisboa: INAPA. p.32



LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO | CALDAS DO MOLEDO

Igreja · Capela · Principais Quintas ADV · Estação de Comboio · Cais · Auto-Estradas · Estradas Nacionais · Estradas Municipais · Vias Secundárias · Fronteira Distritos · RDD

A fixação no Douro

A identidade do Douro está fortemente ligada ao património vernáculo da região. Atra-vés do estudo das formas de habitar observa-se uma diversidade de soluções na apropriação do território face às adversidades do mesmo[1]. Os povoados apresentam diversos elementos patrimoniais presentes não apenas no edificado e no espaço público, mas também das relações e vivências quotidianas da população duriense. Será possível afirmar que a preservação do pa-trimónio vernáculo é um elemento essencial na continuidade da memória colectiva duriense.

Desta forma, ainda que noutros pontos do Minho e Trás-os-Montes seja possível rea-lizar uma certa sistematização das formas habitar,"com o Douro, entra-se num outro plano de análise do fenómeno arquitectónico"[2].

> *O **tipo dispersivo que caracteriza a vizinha zona baixa do Douro** e, por outro, **as con-centrações**, ora de **feição vincadamente castreja**, ora **aglutinadas pelo processo de trocas comerciais**.*[3]

As populações durienses aglomeram-se em aldeias de grandes ou de pequenas dimen-sões, procurando colectivamente vencer as dificuldade impostas pela natureza. Os povoados são, por norma, compostos por um conjunto de pequenas habitações e com uma tendência para o desenvolvimento circular a meia encosta[4], respondendo às sugestões naturais que a paisagem oferece[5]. Contudo observa-se uma série de outras construções que contribuem para a complexidade do agregado humano duriense, desde as que "pertencem à unidade fundamental de exploração agrícola –a quinta" ao "povilhar rarefeito de casinhas e casotas que (...), procuram a vizinhança de estradas e caminhos principais"[6].

> *A par destas formas características do povoamento, **outras formas intermediárias apa-recem, principalmente ligadas à disposição linear, ao longo das vias de comunica-ção.***[7]

A disposição linear de Caldas do Moledo a uma cota mais baixa e junto à margem do rio justifica-se não só pela sua importância, já dos tempos Romanos, como ponto de atravessa-mento inter-regional –barca de passagem– e pela presença de três canais de comunicação –rio, estrada e linha-férrea–, mas também como povoação termal.[8]

---

[1] Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.A2|09
[2] Associação dos Arquitectos Portugueses (1988) *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. 1. 3ª ed. (1ª ed. 1961) Lisboa. p.187
[3] Idem. *ibidem*. p.188
[4] Moutinho, M. (1979). *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa. p.42
[5] Ler o texto introdutório deste capítulo referente às três relações básicas entre o homem e a natureza como premissa da humani-zação do território. (pp.35-37)
[6] Associação dos Arquitectos Portugueses (1988) *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. 1. 3ª ed. (1ª ed. 1961) Lisboa. p.188
[7] Moutinho, M. (1979). *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa. p.26
[8] Classificação realizada pelo PIOT ADV dos povoados durienses (Anexo VI). Caldas do Moledo, ainda não sendo Sede de Freguesia, poderá enquandar-se nos seguintes pontos "*1.6 Sedes de freguesia ribeirinhas relacionadas com caminhos inter-regionais onde existiam barcas de passagem ou atravessamentos estratégico; 2.5 Lugares ribeirinhos, relacionados com a navegação ao longo do curso do Douro, com acentuada vocação de entreposto comercial. Por vezes este carácter foi reforçado pela justaposição de uma nó ferroviário; 2.9 Povoações com instância termal.* Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.A2|10

Fig. 23: Pequeno aglomerado no Douro.

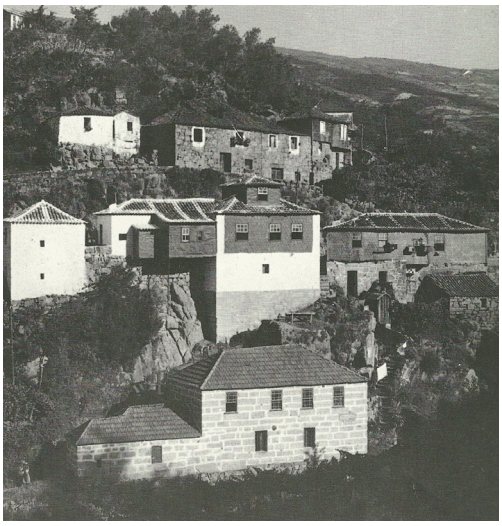


Fig. 24: São Mamede de Riba, Tua.

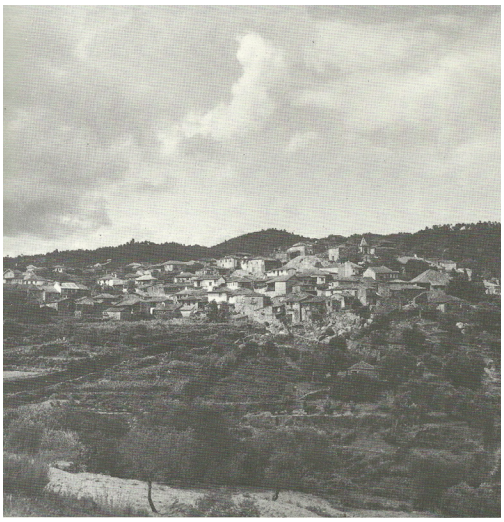
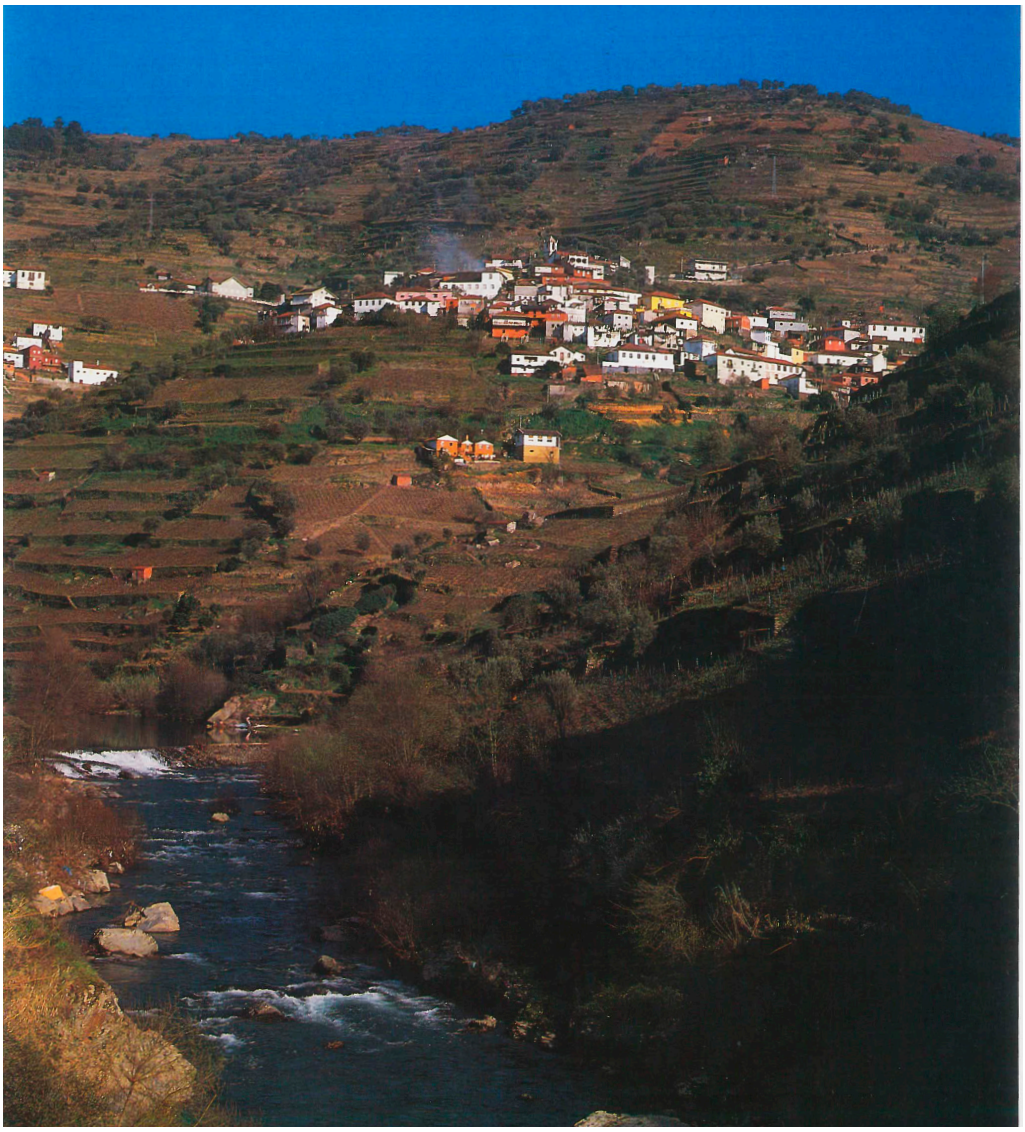


Fig. 25: Aglomerado no Douro.



Fonte: Fig. 23: AAP 1988, p.190; Fig. 24: AAP 1988, p.191 ; Fig.25: Barreto 1993, p.27

> ***Dessa meia confusão geral que advém**, em grande parte, **da complexidade do agre-gado humano**, retalhado em gradativas funções e castas, **seria pretencioso tentar a discriminção tipológica de casas disto e daquilo**, e mais das vendas e armazéns, **cujo maior interesse**, de facto, **reside naquilo que ajuda a caracterizar o conjunto -o exterior**.*[1]

Observa-se uma heterogeneidade dos materiais e elementos utilizados: desde varandas envidraçadas que se abrem para a paisagem a pequenos vãos que pouca luz deixam entram; a mistura do cal, da telha e da cor com lousas e chapas de zinco e uma série de outros materiais[2]. Esta multiplicidade de jogar com a forma e o volume, a cor e o material, apesar da sua diversidade são parte da identidade da arquitectura duriense.

Não obstante a forte presença na região do Douro de uma tradição construtiva vernácula, as casas do Douro contêm formas e traçados tão diferenciados que não fará sentido aqui estudar aprofundadamente. Assim, embora o objectivo deste trabalho não se centre no estudo da arquitectura vernácula do Douro, tal como a casa, é essencial perceber a herança construtiva da região, pois esta é uma característica essencial na organização e na identidade do território aglomerado duriense.

O pontilhado da região duriense

Como foi mencionado anteriormente, contrastando com o típico povoado aglomerado duriense surge na região do Norte, e em particular no Douro, uma grande variedade de construções não directamente ligadas à habitação, mas sim orientadas para outras actividades, nomeadamente associadas à produção agrária e vitivinícola e ao culto do sagrado.

> ***No Alto Douro não existem igrejas ou santuários de grandes dimensões,** no entanto **a paisagem é pontuada por** uma miríade de **pequenas capelas nos pontos mais altos ou juntas às casas de quintas.*** [3]

É interessante observar como a religião no Douro, inicialmente ligado, às crenças e lendas antigas, inspirado por elementos do imaginário de outros povos, e mais tarde propagada pelos monges cistercienses, influenciou o desenho e a construção da paisagem duriense[4]. O rio antigamente visto como violento, fonte de doença e presságio de morte, afastou as populações das suas margens para cotas mais elevadas do vale e foi, naturalmente, um elemento que influenciou a procura dos durienses pela protecção do sobrenatural.

Desta forma, várias capelas e santuários foram construídos no alto dos montes, quanto

[1] Associação dos Arquitectos Portugueses (1988) *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. 1. 3ª ed. (1ª ed. 1961) Lisboa. p.192
[2] Idem. *ibidem*. p.192
[3] Bianchi-de-Aguiar, F.; Dias, J. M.; Andresen, T.; Curado, M, J.; Marques, P. F.; Pereira, G. M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p.60
[4] Idem. *ibidem*. p.60

Fig. 26: São Salvador do Mundo e Cachão da Valeira.

Fig. 27: Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia.

Fonte: Fig. 26: Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municpal do Porto; Fig. 27: Guedes 1885-1932. Arquivo Municipal do Porto

mais alto mais perto dos deuses e da sua protecção divina –são exemplos lugares como S. Leo--nardo de Galafura, São Salvador do Mundo[1] [Fig. 26] ou São João de Arribas que se tornaram lugares de peregrinação e romagem.

> *No alto sobre o Cachão da Valeira,* ***uma via crucis, sete capelas, uma ermida de grande romagem dedicada a São Salvador do Mundo****.*[2]

Excluindo as igrejas abaciais e edifícios monásticos românicos e góticos construídos pelos monges cistercienses[3], as soluções arquitectónicas de igrejas de menor dimensões e mais modestas encontradas acabam por afastar-se do românico, apresentando, no entanto, grande engenho e originalidade no seu desenho[4]. Pode-se falar de soluções como o campanário, dife--rente da torre sineira, que entoa o seu cântico pelos vales; ou o telheiro e alpendre, que prolonga a nave reduzida das capelas e o lugar sagrado para o exterior.

Associado a esta lógica do sobrenatural surge a ideia do miradouro como lugar sagrado exterior, não só de contemplação da paisagem mas também de contacto com o divino, onde a terra também se torna céu[5]. Pode-se afirmar que o miradouro surge na paisagem duriense de duas formas: ligado às cotas altas e, na sua maioria a lugares de romaria e culto, como descrito anteriormente; ou associado a uma rede de pequenos pontos de paragem, por norma junto a percursos viários, a cotas altas ou baixas, e que permitem contemplação panorâmica do Douro.

Desta forma, considera-se que o miradouro não só pelas suas relações com o território e a paisagem mas também pela sua articulação com o sistema viário poderá inserir-se no 'genó-tipo' de praça geográfica apresentado por Madalena Pinto[6]. O interesse desta classificação não passa pela sua representação semântica mas sim pela capacidade da praça ser apresentada como um "elemento qualificador e referencial de uma identidade urbana colectiva"[7] e "lugar de desempenho colectivo e de condição pública"[8].

> *A* ***praça geográfica*** *será, então, toda a praça* ***cuja origem depende essencialmente das condicionantes geográficas e paisagísticas do lugar****, e que se conforma numa* ***clara identificação ou submissão à topologia do terreno.*** [9]

[1] É possível estabelecer um paralelo entre o lugar São Salvador do Mundo e a Serra do Pilar [Fig.27], inicialmente também dedicada ao Salvador, sendo que ambos pretendem afirmar-se na paisagem em diferentes pontos do Douro, marcando o território da Ordem a que pertenciam. Ver Oliveira, Marta (1998) *O Mosteiro do Salvador: Um Projecto do Século XVI* in Revista Monumentos nº 9. Lisboa:-Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. pp. 15-23
[2] Idem. *ibidem.* p.23
[3] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.216
[4] Idem. *ibidem*. p. 217
[5] Bianchi-de-Aguiar, F.; Dias, J. M.; Andresen, T.; Curado, M, J.; Marques, P. F.; Pereira, G. M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p.74
[6] Pode-se considerar três 'genótipos' de praça - geográfica, estrututal e relacional. Ver Pinto, M. (2009) *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea*.Porto:FAUP. pp. 338-356
[7] Idem. *ibidem*. p.340
[8] Idem. *ibidem*. p.340
[9] Idem. *ibidem*. p.344

Fig. 28: Localização das Quintas em Caldas do Moledo e envolvente.

Fonte: Fig. 28: Elaborado pela autora sobre mapa googlemaps.com

Apesar da prevalência da rua e da estrada na construção do território, é notório a ten-
-tativa de desenhar espaços de paragem na rede viária. O miradouro pela sua condição de sítio público e colectivo é um dos exemplos dessa vontade e, este elemento, juntamente com 'praça relacional' serão fundamentais para o esboço-proposta de requalificação no lugar de Caldas do Moledo.

Para terminar o tema das construções pontuais que surgem na paisagem do Douro será feita uma breve referência às quintas durienses, construções da monocultura do vinho e da vinha e que irão sem analisados no sub-capítulo seguinte, *O Predomínio da Monocultura*.

A religião, mais uma vez, influenciou a construção da paisagem vinhateira através das propriedades e quintas pertencentes ao grandes mosteiros da ordem de Cister, nomeadamente Tarouca, Salzedas, S. Pedro das Águias e Santa Maria de Aguiar. Estes foram os grandes im-
-pulsionadores de uma cultura vitivinícola, iniciada em Lamego mas alastrada à restante região duriense[1].

> ***As quintas no Alto Douro** são uma referência importante na paisagem**, constituindo um contínuo de vinhas que majesticamente sobem as encostas**. São facilmente re-
> -ferenciadas pelas suas **casas rodeadas de edifícios vários, sobretudo associados à actividade vitivinícola.*** [2]

Estas unidades acompanham o rio Douro e os seus afluentes acabando por criar na paisagem um pontilhar que se destaca das manchas de vinhedo[3]. Por norma, dedicam-se à pro-
-dução de vinho e apresentam várias dependências de habitação e apoio à actividade vitivinícola, tais como adegas, armazéns, cardenhas, entre outras[4]. As quintas do Douro, inicialmente, não atingiram grandes dimensões e mudaram frequentemente de proprietários[5]. Esta característica contribuiu para a melhoria constante da actividade vitivinícola da região e permitiu que não hou-
-vesse uma estagnação dos métodos de produção[6].

Caldas do Moledo, apesar de apresentar uma tradição ligada às práticas termais, revela alguma importância no sector vitivinícola, através da proximidade com quintas como a do Gran-
-jão ou a das Quartas, e ainda a das Caldas localizada já dentro do lugar das Caldas do Moledo [Fig.28].

[1] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.215
[2] Bianchi-de-Aguiar, F.; Dias, J. M.; Andresen, T.; Curado, M, J.; Marques, P. F.; Pereira, G. M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p.58
[3] Ribeiro, O. (1991). *Portugal: o mediterrâneo e o atlântico*. 6ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa. p.184
[4] Este tema será abordado no sub-capítulo seguinte *O predomínio da Monocultura*, em particular no estudo das *Construções da Vinha*. (pp.53-75)
[5] Actualmente, a grande maioria das quintas foram compradas por entidades públicas e orgãos de administração local; ou, por herança, permaneceram nas famílias nobres ou burguesas, que fizeram uso do seu nome, estatuto e imagem de marca, certificado da sua antiguidade e qualidade na produção de vinho duriense.
[6] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.208

Fig. 29: Ilustração publicada no jornal "O Comércio do Porto", por Cruz Caldas, 1971. "*-Então, não fizeste o tratamento de águas? - Não, aguardei o Festival das Vindimas...*"

Fonte: "O Comércio do Porto", 1972-1972, Arquivo Municipal do Porto

01.3 O PREDOMÍNIO DA MONOCULTURA

> *Douro é vinho. Vinho e vinha. Pode ser rio, pode ser terra. Região ou vila. Mas é, so--bretudo, vinho.* ***A monocultura é assim, impregna tudo, os montes, as casas e os homens.***[1]

Apesar das dificuldades naturais, da irregularidade do caudal, das íngremes margens do vales, do clima austero, o vale do Douro tornou-se num cruzamento e intercâmbio de povos e culturas diversas que contribuíram para a construção de uma identidade colectiva. O Douro não foi, e não é só dos durienses de hoje: foi também dos romanos que introduziram a cultura da vinha e da oliveira; foi de Cister que fomentou a produção dos vinhos generosos e de mesa; foi dos ingleses, como Joseph James Forrester, que impulsionaram as trocas comerciais e levaram os vinhos do Douro para além de Portugal; foi também do galego que construiu os socalcos vinhateiros e a paisagem do território[2]. Contudo, é também do português e do duriense, de per--sonalidades como Dona Antónia Adelaide Ferreira e dos muitos homens e mulheres anónimos, que com o seu esforço, empenho e sacrifício construíram a história do Douro.

> *Como é evidente, a* ***terra formou os homens e os homens moldaram a terra****. O que, porém,* ***os uniu****, nesta influência recíproca,* ***foi o vinho.***[3]

Esta ideia já foi, de certa forma, explorada nesta dissertaçao a partir de Noberg-Schulz –*Human identity pressuposes the identity of the place*[4]*.* O homem precisa para sobreviver em comunidade de identificar no seu território algo que o valide e o distinga. O vinho e a cultura da vinha do Douro são parte substancial dessa validação.

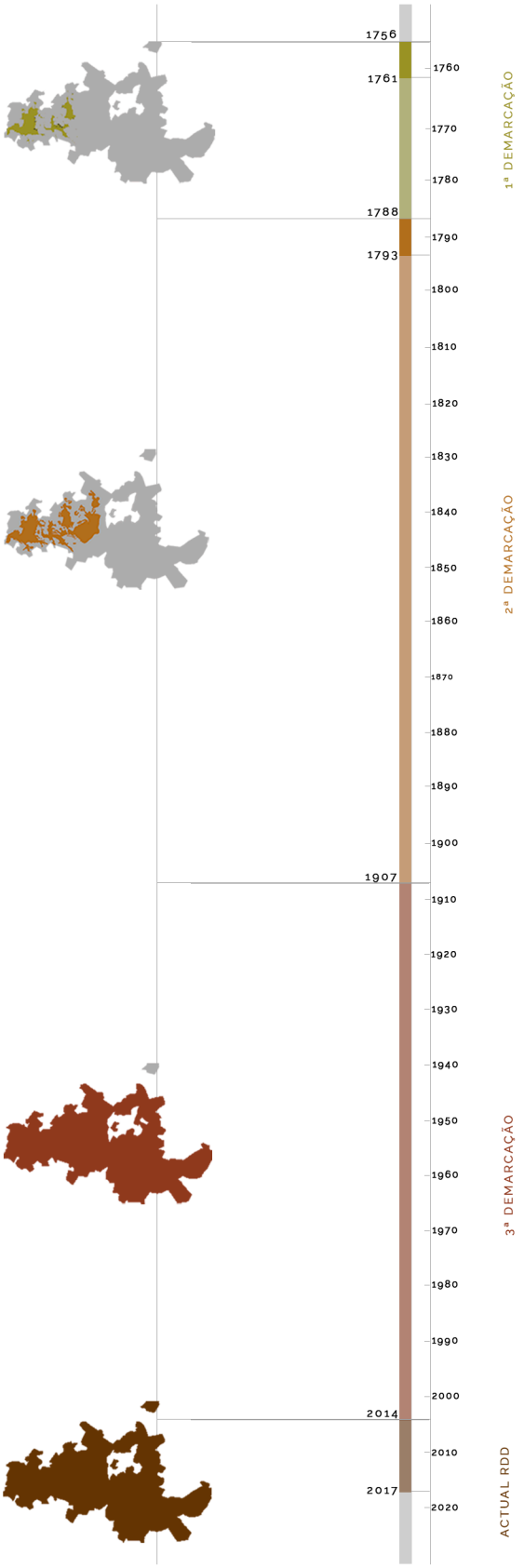
A monocultura transcende a terra e o rio. Ela está presente na paisagem, nos socalcos, na economia, na cultura, no sentimento dos durienses. É memória, presente e horizonte. É a cura de vários problemas mas também a causa de muitos outros. O vinho torna-se o rendimento das famílias, demasiado dependente do preço da pipa; esta vulnerabilidade afecta particularmente os pequenos viticultores da região que não possuem outras fontes de rendimento, contribuindo para situações de pobreza extrema ou ainda de exclusão social ligadas essencialmente ao envelheci--mento da população e consumo excessivo de álcool, e inevitavamente ao contínuo êxodo rural.[5]

Contudo a presença do vinho e da vinha no Douro é inegável. Cabe no futuro, que já se tem vindo a desenhar, dinamizar e explorar a componente de "terroir"[6] que a região potencializa, transformando a herança da monocultura fechada e focada quase exclusivamente no vinho numa oportunidade de dinamização económica, social e cultural.

---

[1] Barreto, A.(1993) *Douro*. Lisboa: INAPA. p.9
[2] Idem, *ibidem*. p.66
[3] Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores. p.196
[4] Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. New York: Rizzoli. p.180
[5] Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final.* Quaternaire Portugal. p.38
[6] *Território claramente identificado e homogéneo, dotado de uma forte identidade baseada num conjunto de recursos naturais, cul--turais, históricos e organizacionais, geralmente suportados por um certificado de garantia de origem*" Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 2 - Estudos de Base. Porto: CIBIO UP/UTAD.p.B3|69

Fig.30: Cronologia das Demarcações da Região do Douro. De ressaltar as várias denominações que estas sub-regiões foram ad--quirindo. Inicialmente, a designação de Baixo Corgo e Cima corgo era inexistente. Até à data de 1936 apenas existia o Alto Douro e o Douro Superior. Após a reforma administrativa de 1936, as delimitações da RDD passam a ser três e não duas, o Baixo Corgo e Cima Corgo -antigo Alto Douro- e o Douro Superior.



Fonte: Fig. 30: Elaborada pela autora.

As Demarcações da Região do Douro

> ***A aventura vinícola do Douro terá começado em Seicentos**. O fim do século XVII e as primeiras décadas do século XVIII assistem a **aumentos consideráveis de plantações de vinhas** em todo o País, como resultado do **crescimento das exportações** e das **no--vas perspectivas comerciais** que estas abriam.*[1]

Há quem considere que o Tratado de Methuen, entre Portugal e Inglaterra, em 1703, tenha sido um momento fundamental para o crescimento das exportações do Douro. Contudo, e tal como António Barreto defende, o tratado não foi o ponto de partida para o início das trocas durienses, vindo apenas consagrar uma situação já existente[2]. Se é verdade que o tratado foi importante para o desenvolvimento comercial de Portugal, não foi contudo particularmente para o Douro, que acabou suplantado pela produção a custos baixos dos vinhos do Sul.

Os últimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII foram fulcrais para o desenvolvimento das exportações de vinho produzido no Douro. No entanto, e sem uma organi--zação que realizasse um controlo de qualidade e preços dos produtos realmente produzidos no Douro, o declínio instalou-se –"No Douro, era a crise. Para as finanças públicas e para a balança comercial, um desastre"[3]. O preço e a qualidade do vinho era baixa. Outras regiões, como a Estremadura e o Ribatejo, aproveitaram o prestígio dos vinhos do Douro e a falta de medidas de controlo, e inseriram-se no mercado, acabando por descredibilizar a fama dos vinhos portugue--ses, em particular do Douro e, consequentemente, baixar as exportações nacionais.

Desta forma, para contornar o ambiente de crise que se fazia sentir, foi criada, em 1754, a Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro e, já em 1756, surge a primeira demarcação da região do Douro, conhecida tradicionalmente por Demarcação Pombalina, pelo papel impulsionador e visionário de Marquês de Pombal, no que viria a ser a primeira região demarcada em todo o Mundo. Os objectivos da Companhia eram claros, assegurar a qualidade do vinho produzido no Douro com um preço proporcional ao seu valor.

> *Além disso, **as demarcações do século XVIII,** independentemente das variações dos respectivos limites, **assumiram uma continuidade temporal** até aos nossos dias e man-tiveram sempre uma **forte carga simbólica**, sendo interiorizada pelas populações locais como um **elemento-chave da sua identidade.*** [4]

A legislação vitivinícola ficou marcada por um sistema de classificação e qualificação de vinhos segundo um relatório de controlo de qualidade da produção das propriedades. Este repertório permitiu combater as adulterações e fraudes que os vinhos do Douro vinham a sofrer, pondo em causa a qualidade de um produto respeitado. Foi o primeiro passo, o mais importante, para o início da protecção do produto mais identitário do Douro, e por sua vez, da oficialização do vinho como imagem da monocultura que, de certa forma, já se fazia sentir.

[1] Barreto, A.(1993) *Douro.* Lisboa: INAPA. p.15
[2] Idem. *ibidem*. p.64
[3] Idem. *ibidem*. p.16
[4] Bianchi-de-Aguiar, F. (2002) *O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural evolutiva e viva. Douro* - estudos e documentos; vol. VII (13) p.143-152

Fig. 31: Mortórios na Região Demarcado do Douro.

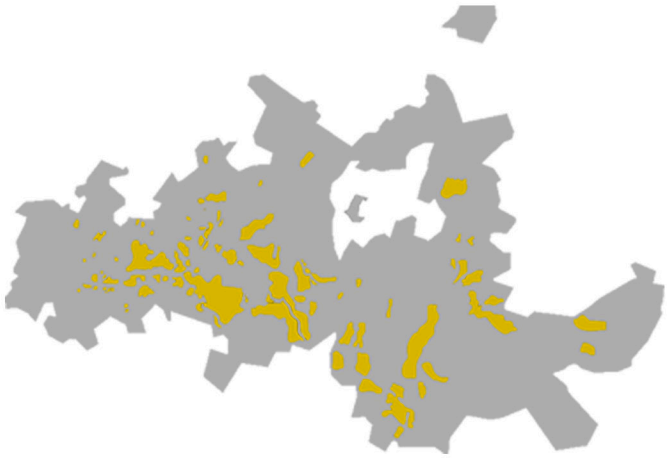
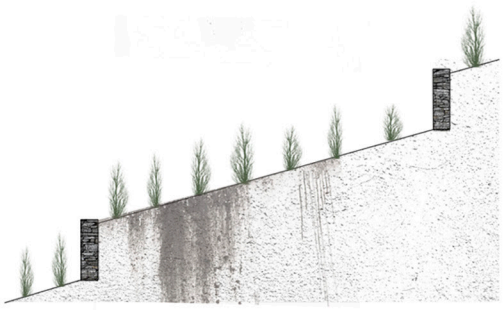


Fig. 32: Socalcos pré-filoxéricos. Vinhas plantadas em terraços estreitos ou geios, com muros de xisto, designados de calços, horizontais e estreitos, tradicionalmente plantados com uma ou duas fiadas de videiras, acompanhando sensivelmente as curvas de nível. A altura dos muros é de 1 a 2m, sendo por vezes ligados entre si, por escadas em pedra, embutidas ou encastradas.

Fig. 33: Socalcos pós-filoxéricos. Vinhas em terraços inclinados, plantados com mais de cinco fiadas de videiras, separadas por muros segundo um traçado de linhas quebradas. A maior parte dos socalcos pósfiloxéricos foram construídos entre finais do século XIX e os anos trinta do século XX.



Fonte: Fig. 31: Museu do Douro; Fig. 32 e 33: Cortes elaborados pela autora; fotografias Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A1|07

A primeira região demarcada do Douro corresponde a uma pequena parte da actual Região Demarcada do Douro (RDD). Esta demarcação demorou cinco anos até estar concluída e engloba, essencialmente, grande parte do actual Baixo Corgo. De notar que o caso de estudo desta dissertação, Caldas do Moledo, é uma excepção das margens do Douro que já fazia parte da primeira demarcação da região, comprovando a sua importância na história da cultura vinha-teira e do Douro.

De seguida, em 1788 começou a estruturação da segunda região demarcada, sendo esta finalizada em 1793. É perceptível a expansão desta fase na actual sub-região do Cima Corgo, prolongando-se quase até à fronteira da última sub-região existente, o Douro Superior. Observa-se um prolongamento da demarcação pelos afluentes do Douro, como por exemplo o Corgo, o Tua, o Távora, entre outros. Os vales estreitos rasgados por estes rios apresentam as mesmas particularidades geológicas e climatéricas do Douro, contudo eram mais apetecíveis para o assentamento da população –as terras mais altas dos afluentes do Douro conseguiam fugir do calor abrasador que se fazia sentir nas terras mais baixas dos vales.

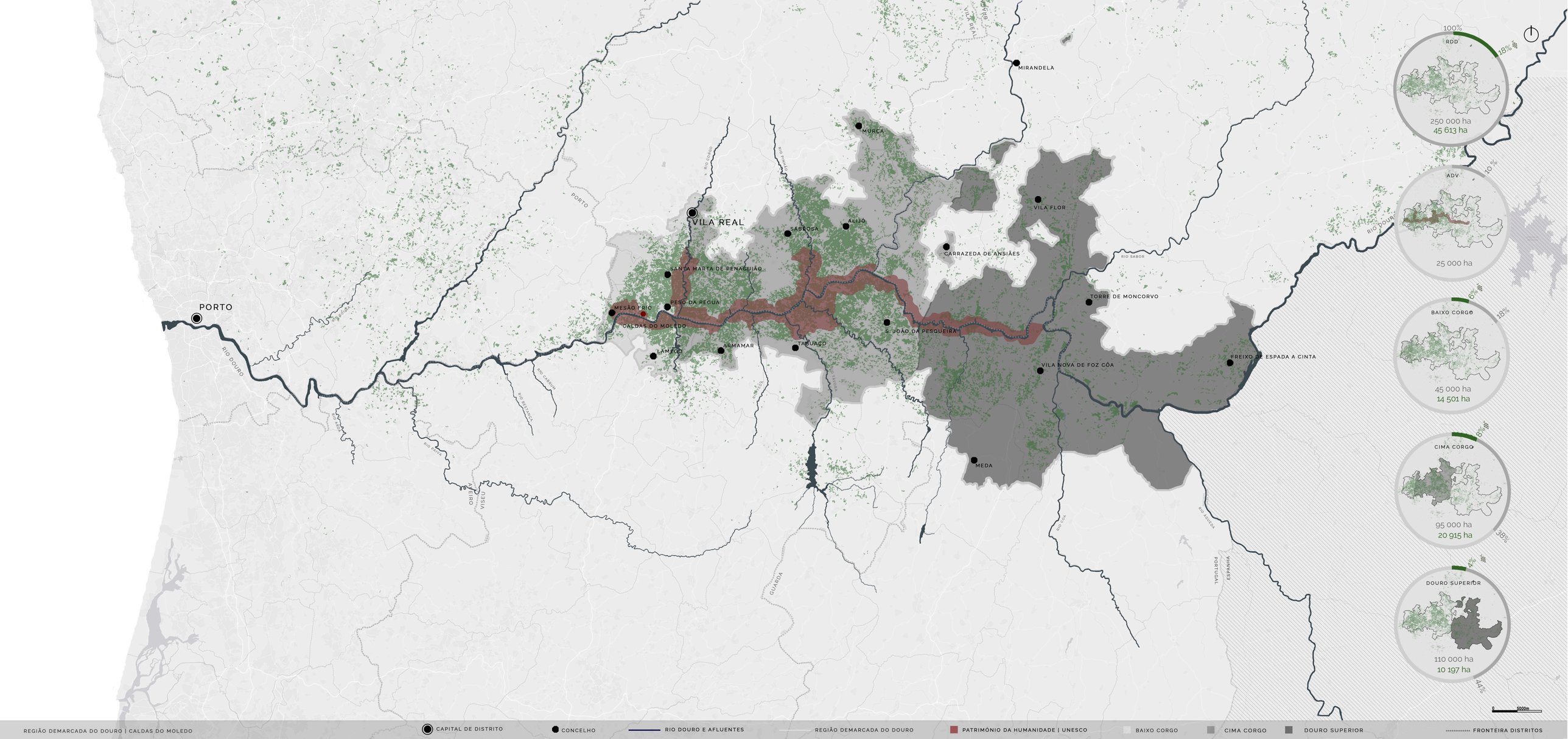
No virar do século, em 1907, é realizada a terceira demarcação da região do Douro. Esta delimitação será o grande salto da região demarcada, com os seu limites bastante seme-lhantes aos actuais, aumentando até à fronteira com Espanha e incluiu, já dentro do seu perímetro, a zona de Carrazeda de Ansiães.

> *Eram tempos (dos **fins do século XVIII a princípios do século XX, a "idade de ouro"** do vinho do Porto) em que o vinho do Porto representava entre 20% a 50% de todas as receitas do comércio externo português e chegou a atingir os 80 e os 90% do total de vinhos exportados.*[1]

O prosperar da região do Douro ficou, em parte, travado pela praga que se abateu em 1868, a Filoxera [Fig. 31]. Foi um marco importante para a tradição construtiva vinhateira durien-se e criou marcas e feridas profundas na paisagem e na economia do Douro. Os muros vinha-teiros, maioritariamente de xisto, elementos de desenho e construção do território ficaram para sempre alterados. Com a devastação provocada pela filoxera, muitos dos vinhedos baseados no modelo tradicional de socalco –o pré-filoxera– foram abandonados [Fig. 32]. Novas exigências determinaram as características das novas plantações e graças ao engenho e invenção do povo duriense, a calamidade foi ultrapassada com a construção de um novo tipo de socalco, o pós-fi-loxera [Fig. 33]. Contudo, e tal como o Douro e os Durienses já provaram, nada no Douro é fácil, muitas áreas nunca recuperam da chaga da Filoxera e os mortórios são a memória física de um passado pesaroso.

Nesse período de declínio da história vinhateira, será impossível não mencionar uma das personalidades mais marcantes da região do Douro e de Caldas do Moledo, Dona Antónia

[1] Barreto, A. (1993) *Douro*. Lisboa: INAPA. p.25



PORTO
VILA REAL
MIRANDELA
MURÇA
VILA FLOR
SABROSA
ALIJÓ
CARRAZEDA DE ANSIÃES
SANTA MARTA DE PENAGUIÃO
PESO DA RÉGUA
MESÃO FRIO
CALDAS DO MOLEDO
LAMEGO
ARMAMAR
TABUAÇO
S. JOÃO DA PESQUEIRA
TORRE DE MONCORVO
VILA NOVA DE FOZ CÔA
FREIXO DE ESPADA A CINTA
MEDA
RIO DOURO
RIO SABOR
RIO CORGO
RIO PINHÃO
RIO TÁMEGA
RIO CABRUM
RIO BESTANÇA
RIO PAIVA
RIO ÁGUEDA
RIO COA
PORTO
VILA REAL
AVEIRO
VISEU
GUARDA
PORTUGAL
ESPANHA
100%
RDD
18%
250 000 ha
45 613 ha
10%
ADV
25 000 ha
6%
BAIXO CORGO
18%
45 000 ha
14 501 ha
8%
CIMA CORGO
95 000 ha
20 915 ha
38%
4%
DOURO SUPERIOR
110 000 ha
10 197 ha
44%
0
5000m
REGIÃO DEMARCADA DO DOURO | CALDAS DO MOLEDO
CAPITAL DE DISTRITO
CONCELHO
RIO DOURO E AFLUENTES
REGIÃO DEMARCADA DO DOURO
PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE | UNESCO
BAIXO CORGO
CIMA CORGO
DOURO SUPERIOR
FRONTEIRA DISTRITOS

Adelaide Ferreira. Em 1868, ainda antes da filoxera, devido à sobreprodução de vinho que se fez sentir nessa época, a 'Ferreirinha', decidiu comprar o vinho em excesso e armazená-lo. O que na altura foi constituído para resolver um período de crise temporário, acabou por aumentar os lucros da Casa Ferreira e resgatar grande parte dos comerciantes afectados pela filoxera com a destruição das suas vinhas. Foi graças a esta tomada de decisão por Dona Antónia que o impacto da filoxera, apesar dos muitos estragos causados, conseguiu ser atenuado.

> *Em poucos anos, a* ***fortuna e a dimensão da casa agrícola e comercial tinha de novo aumentado*** *várias vezes! Com todos os meios obtidos, as quintas e a empresa foram consolidadas e aumentadas. E foi* ***fácil proceder a colossais replantações tornadas necessárias pela filoxera, dado que ninguém escapou.*** [1]

Posto isto, é inegável o papel e o olhar visionário da 'Ferreirinha'. O que podia ter sido um momento irrecuperável do Douro, acabou mais uma vez, por mostrar o engenho e vontade das gentes da região.

Por fim, em 2014, dá-se a última reforma até aos dias de hoje. Semelhante à demarca-ção anterior mas com um novo acrescento, uma zona perto de Mirandela, pela sua qualidade de produção de vinho, ganhou o seu lugar na presente Região Demarcada do Douro.

As três sub-regiões –o Baixo Corgo, o Cima Corgo e o Douro Superior– pelas suas qua-lidades distintas mas ao mesmo tempo unitárias mereceram um protagonismo próprio. Elas representam entidades dentro de uma organização maior que permitiram um melhor entendimento da região para futuras intervenções mas, especialmente, para a protecção do seu carácter como paisagem independente mas também participante.

É evidente a diminuição da importância do Vinho do Porto e do Douro na balança do mercado nacional, provocada pela diversificação da exportação nacional, no campo das ma-deiras, cortiça, papel, resinas, entre outros. Contudo, no final do século XX, o vinho do Porto continuava a ser o principal produto alimentar exportado por Portugal, apresentando cerca de 25% da receita total[2]. Mas, mais importante ainda, continua a ser a imagem identitária da região do Douro e um factor essencial no equilíbrio, se não do país, pelo menos do território que vive da monocultura.

> *Dos rabelos às casas, das terras aos homens,* ***tudo no Douro gira à volta do vinho****. Mesmo se apenas cerca de 30 000 ha estão plantados com vinha, o que representa pouco mais de 10% da área total da região. Mesmo se o produto agrícola de todos os outros cultivos é superior ao produto vinícola duriense (não contando o produto vinícola de Gaia e da exportação). Mas* ***o vinho, pelo esforço, pelo rendimento, pelo emprego criado directa ou indirectamente, está no centro da economia, da sociedade e da cultura****.* [3]

[1] Barreto, A. (1993) *Douro*. Lisboa: INAPA. p.44
[2] Idem. *ibidem*. p.63
[3] Idem. *ibidem*. p.55

Fig. 35: Estrutura geológica do solo, RDD.

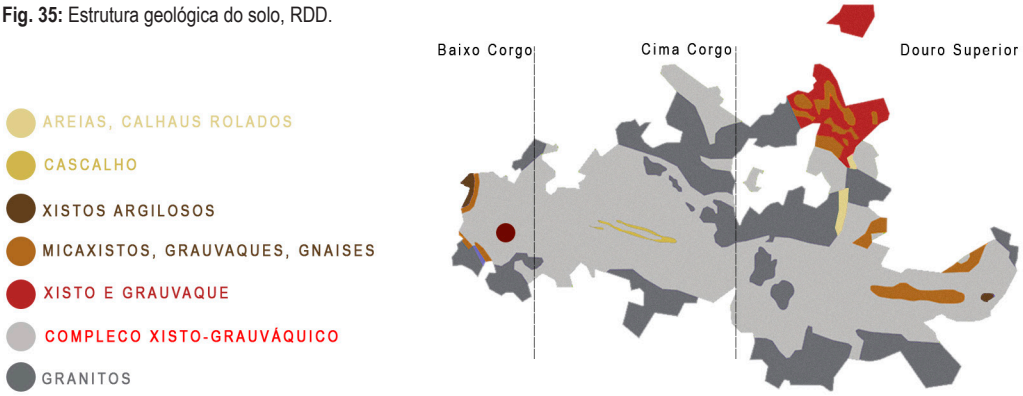


Fig. 36: Temperatura média diária Cº, RDD.

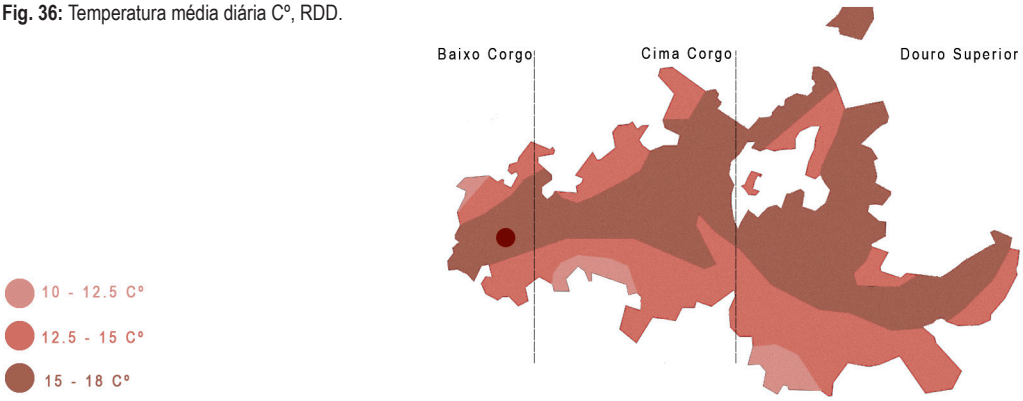


Fig. 37: Pluviosidade média anual mm, RDD.

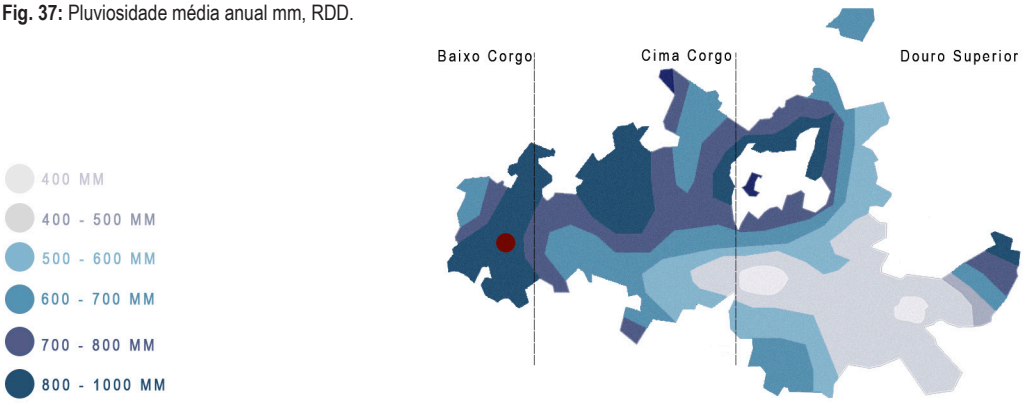
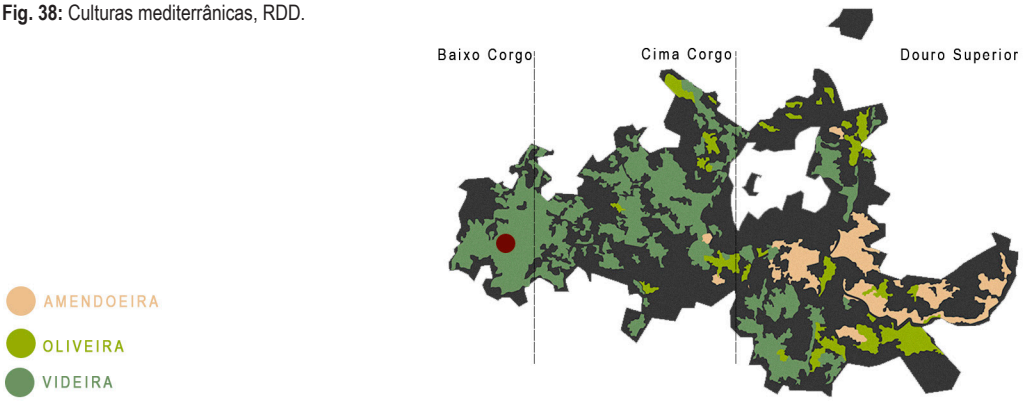


Fig. 38: Culturas mediterrânicas, RDD.



Fonte: Fig. 35, 36, 37 e 38: Modificado pela autora sobre desenhos do Museu do Douro

A actual Região Demarcada do Douro apresenta um perímetro territorial de 250 000ha, no entanto, apenas cerca de 45 000ha são correspondentes a produções vinícolas[1]. Existe uma grande diversidade agrícola junto às aldeias e quintas, que muitas vezes é o sustento dos tra-balhadores em anos onde a produção do vinho é mais baixa ou os lucros não são tão altos. A criação de gado é escassa, apenas algumas ovelhas e vacas, até mesmo os bois de trabalho que ajudaram na construção dos socalcos e plantações das vinhas foram substituídos pelas máqui-nas[2]. Contudo, esta diversidade agrícola apenas serve para comprovar o que, aparentemente, as estatísticas não mostram, a predominância da vinha, se não em hectares ou estatísticas, na determinação de uma forma de viver dos Durienses.

Apesar da forte monocultura que atribuí um carácter e uma identidade à região do Dou-ro, é possível clarificar a singularidade de cada sub-região e intrinsecamente de Caldas do Moledo. São várias as características que levaram à sub-divisão da região demarcada. A vinha e os seus atributos serão os elementos primários para as várias sub-regiões. Como até agora observado, a geografia, a morfologia e o clima são elementos fundamentais na construção da paisagem, e neste caso, na plantação de vinha.

> *Ao **granito dos vizinhos, o Douro opõe o xisto**. Ao **clima temperado e atlântico do Ocidente**, **o Douro contrapõe** a sua personalidade **mediterrânica sem Mediterrâneo**. À Terra Fria de Trás-os-Montes, o Douro opõe a Terra Quente. Perante a **policultura minhota, transmontana e beirã**, o **Douro exibe a sua monocultura vinícola** de que se orgulha, mas que o escraviza.* [3]

O Baixo Corgo apesar de ser a sub-região mais pequena, com somente 45 000ha, é a área de vinha com maior importância da Região Demarcada do Douro e correspondente à 1ª Demarcação, onde apresenta cerca de 6% da área total da RDD. Localiza-se no extremo oeste da RDD e encontra-se sob influência directa da Serra do Marão, é a sub-região de clima mais ameno e chuvoso. Consequentemente, é a mais fértil, dedicando-se quase na sua totalidade à produção de vinha. Este sector estende-se desde Barqueiros na margem direita e Barrô na margem esquerda até à confluência dos rios Corgo e Varosa com o Douro. Abrange Barqueiros, Mesão Frio, Peso da Régua, Vila Real e Santa Marta de Penaguião, na margem direita; Resende e Lamego na margem esquerda; e ainda o foco desta dissertação, Caldas do Moledo.

Já mais longe das influências atlânticas surge o Cima Corgo. Estende-se para mon-tante até ao antigo Cachão da Valeira, actual barragem da Valeira. Incluí vilas e concelhos como Sabrosa, Alijó, Murça, Pinhão e Carrazeda de Ansiães, na margem direita; Armamar, Tabuaço e São João da Pesqueira, na esquerda. É também casa de alguns dos mais importantes afluen-tes do rio Douro: Távora e Torto, na margem esquerda; Pinhão e Tua, na direita. O clima aqui

[1] Em Instituto dos Vinhos do Douro e Porto - www.ivdp.pt
[2] Barreto, A. (1993) *Douro*. Lisboa: INAPA. p.55
[3] Idem. *ibibem*. p.51

Fig. 39: Mortórios.

Fig. 40: À direita mortórios. Na outra margem, socalcos e patamares de outras épocas. Vale do Douro.

Fonte: Fig. 39: Barreto 1993, p.53; Fig. 40: Barreto 1993, p.43

torna-se mediterrâneo com uma incidência de chuvas menor mas onde a vinha continua a ser a cultura predominante. Será a sub-região mais exemplificativa do que se considera ser o Douro já que todas as suas características aqui são acentuadas: os socalcos, o clima, a monocultu-ra. Apresenta essencialmente o dobro do tamanho da sub-região anterior, com 95 000ha mas apenas com uma percentagem de 8% de produção, ligeiramente superior face ao Baixo Cor-go.

Para finalizar, o Douro Superior que prossegue até à fronteira com Espanha. Integra povoações como Vila Flor, Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta, na margem direita; Mirandela, a norte, e Figueira de Castelo Rodrigo, a sul. Destacam-se, ainda, alguns afluentes, tais como o Sabor, a ribeira de Teja, o Côa e o Águeda. Além de ser a maior das três sub-regiões, é também a mais quente e seca, distante das influência atlânticas. Em compen-sação, o seu relevo é bem menos acidentado. Com pouca chuva, as vinhas produzem menos do que as anteriores regiões e dão lugar a outras culturas mediterrânicas tal como as amendoeiras e as oliveiras. Com uma área territorial de 110 000ha, prolonga-se até à fronteira com Espanha. No entanto com um volume de vinha muito inferior, comparativamente com as vizinhas sub-re-giões, de apenas 4% da área total da RDD. Os gráficos e percentagens realizados servem para compreender o peso da vinha e da sua cultura na sub-região do Baixo-Corgo, onde se localiza Caldas do Moledo.

Como é por demais evidente, e apesar desta pluralidade de elementos na região, há uma que notavelmente prevalece: a vinha. Esta não se altera nem desaparece nunca, até mesmo quando morre –mortórios[1]– ela continua viva na paisagem do Douro [Fig. 39 e 40]. Está presen-te na economia, na cultura, nos hábitos e tradições, nos durienses,... É uma paisagem cultural em constante mudança que prosperou pelo domínio da monocultura mas que, talvez, actualmente se sinta aprisionado por ela.

Caldas do Moledo conseguiu, desde sempre, escapar da escravidão da vinha, ganhou nome e fama pelas suas águas e não pelas suas terras. Num território com uma predominância monocultural, destaca-se pela sua singularidade e independência que Dona Antónia, ligada à tradição do vinho, conseguiu impulsionar. Será o seu carácter excepcional alvo de um estudo mais aprofundado no capítulo 02[2].

[1] *"Socalcos abandonados após a filoxera, encontrando-se ocupados por matos mediterrânicos ou recolonizados por oliveiras, por vezes consociadas com amendoeiras"* in Andersen, T.; Rebelo J.; coordenação (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva* Viva. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.A1|06
[2] Ver *O lugar termal de Caldas do Moledo* (pp.77-137)

Fig. 41: Casa da Quinta do Granjão, Mesão Frio. Elemento marcante na chegada a Caldas do Moledo. Século XVIII.

Fonte: mesãofrio.pt

As construções da vinha

A paisagem da RDD é feita de estruturas e construções que advêm de uma tradição construtiva popular e que, através da alteração das características locais, introduziram transfor--mações na paisagem duriense. O desenho do território vinhateiro contém uma intenção funcio--nal que pretende dar resposta aos problemas anunciados na paisagem e nas práticas da vinha –declives acentuados, produção e armazenamento do vinho, entre outros– onde os valores estéticos muitas vezes não são tidos em conta, mas acabam por surgir posteriormente como forma de património vernáculo.

> *A questão da demarcação, por exemplo, evoluiu com o tempo.* ***No início, não é a totalidade da região que é demarcada, com contornos bem estabelecidos****, nem todo o vinho que se produz no interior destes pode ostentar a sua origem.* ***Trata-se bem mais de um conjunto de quintas e localidades seleccionadas, cujos vinhos terão certos preços e determinadas categorias.*** *(...)* ***A região que dai resulta mais parece um mosaico: são as quintas que definem uma área.*** [1]

Este estudo das arquitecturas da vinha não passa por uma recolha de dados intensiva nem procura a sistematização de resultados. Não pretende, ainda, debater temas como a distin--ção entre arquitectura rural, arquitectura vernácula, ou ainda, popular ou erudita. Interessa sim, perceber como as construções da monocultura, em particular a quinta como unidade de explo--ração vitícola é, por excelência, um elemento estruturante na paisagem da região, identificando elementos e situações recorrentes e evidenciando o seu protagonismo na construção e na de--marcação do território. São organismos essenciais, em certos momentos quase silenciosas, que actuam num conjunto organizado, onde a sua compreensão é fundamental para intervenções arquitectónicas e urbanísticas na região.

> *"(…)* ***a paisagem é um todo e é evolutiva. É um mosaico diversificado de culturas, matos, linhas de água, aglomerados e assentos agrícolas distribuídos por quintas e casais.*** *Hoje, a evolução das formas de construção da paisagem prosseguiu em coe--xistência com as formas tradicionais, contribuindo para a perpetuação de uma atividade económica próspera e sustentável.*[2]

Na paisagem vinhateira, existe uma grande variedade de quintas de diversas épocas históricas e moldadas pelas condicionantes do território –morfologia, geologia, clima, etc. No Baixo Corgo, com uma rede maior de infra-estruturas, o cultivo da vinha iniciou-se mais cedo, e por isso corresponde a uma área mais populosa e com maior número de quintas, embora maio--ritariamente de menor dimensão. Já o Cima Corgo caracteriza-se pelas propriedades contínuas e de grande dimensão, com edifícios de maior volumetria e mais isolados. Por último, no Douro Superior o cultivo da vinha e do vinho é mais tardio, em unidades de maior dimensão localizadas em cotas baixas, geralmente junto ao rio e caminhos-de-ferro.

[1] Barreto, A. (1993) *Douro*. Lisboa: INAPA.p.18
[2] Bianchi-de-Aguiar, F., Dias, J.M., Andresen, T., Curado, M.J., Marques, P.F., Pereira, G.M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p.15

Fig.42: Quinta de Vale Jusã, Mesão Frio.

Fig.43: Quinta da Rede, Mesão Frio.

Fonte: Fig. 42: Barreto 1993, p.61; Fig. 43: Barreto 1993, p.75

> [A quinta é] ***Uma unidade de exploração agrícola**, neste caso específico, vocacionada para a vitivinicultura,* **onde se integram casa de habitação e estruturas de apoio à actividade agrícola e, em especial vitivinicultura*. É assim uma forma de organização do território**, cuja estrutura traduz uma estratégia implementada pelo homem ao longo dos séculos, em harmonia com o meio ambiente.* [1]

A organização da quinta define-se não só pela sua relação com o território e a paisagem, mas também pela necessidade de resposta a aspectos práticos da cultura da vinha, procurando uma implantação eficaz para a distribuição hierárquica e funcional dos seus espaços. Para além da sua importância como elemento de organização e delimitação do território, a quinta também está associada ao fenómeno social de estatuto das família durienses.

Segundo Natália Fauverelle a quinta é composta por um conjunto de construções com objectivos distintos, organizados e estruturados em três momentos: a arquitectura de habitação, a arquitectura de produção, e ainda a arquitectura de paisagem[2] .

> *(...)sendo **a casa uma arquitectura de habitar, o lagar e a adega uma arquitectura de produzir e o jardim e as vinhas uma arquitectura da paisagem.***[3]

A casa do proprietário, por norma, ocupa o local mais elevado da quinta; destaca-se na paisagem e pretende não só dominar visualmente toda a propriedade mas, ao mesmo tempo, marcar presença no território[4]. É importante mencionar que apesar da casa ser classificada como arquitectura de habitação, esta também pode incorporar outros usos, nomeadamente a produção. A casa da quinta numa região como o Douro, não é somente um lugar de descanso e repouso, é comum encontrar algumas dependências ligadas ao trabalho vitivinícola[5].

Os lugares de culto são um dos elementos que possuem um certo destaque nas quintas. Encontram-se inseridas na arquitectura de habitação, pois na grande maioria estão associadas às casas, seja através do destaque ou integração da construção face ao volume da construção do proprietário. A capela podia ainda assumir um carácter semi-público, pois era frequentada não só pelos trabalhadores mas também pelas populações vizinhas[6].

Ainda inserido nas arquitecturas de habitação, é possível considerar a casa do caseiro e os cardenhos, ambos destinados para o abrigo dos trabalhadores da propriedade. Junto da casa-mãe, a casa do caseiro, por norma com um ou dois pisos apresenta um traçado reduzido apenas ao essencial[7].

[1] Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.A2|10
[2] Fauvrelle, N. (1999) *Quintas do Douro. As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Dissertação de Mestrado em História de Arte. Porto:- Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p.25
[3] Idem. ibidem. p.25
[4] Idem. *ibidem*. p.32
[5] Idem. *ibidem*. p.14
[6] Idem. *ibidem*. p.43
[7] Idem. *ibidem*. p.44

Fig. 44: Casa Graham : lagar da Quinta dos Malvedos.

Fig. 45: Quinta do Roncão. Pormenor do adega destacando-se os toneis com vinho.

Fig. 46: Mulheres no Salão de Exportação do vinho, procedendo à sua rotolagem.

Fonte: Fig. 44: Guedes. 1885-1932. Arquivo Municipal do Porto; Fig. 45 e 46: Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municipal do Porto

Os cardenhos destinados ao descanso nocturno dos trabalhadores são actualmente quase inexistentes. Por norma os edifícios –um para homens e um para mulheres- apresentavam condições bastante precárias e um desenho marcado pelo grande despojamento arquitectónico. A redução de trabalhadores, o domínio da máquina e melhoria das condições de mobilidade entre aldeias e lugares vizinhos contribuíram para que estas construções caíssem em desuso[1].

Já no campo da arquitectura de produção, os lagares e as adegas [Fig.44 e 45] são as estruturas fundamentais da quinta como unidade de exploração agrícola. A associação do espa-ço da adega e do lagar à casa em meio rural, geralmente integrada no rés-do-chão das habita-ções é algo a que se assiste ainda antes do surgimento das grandes explorações vitivinícolas. A partir dos finais do século XVII, foi exigida a construção de estruturas mais cómodas e com maior capacidade de armazenamento[2]. Desta forma, difunde-se a construção em socalco das oficinas de vinificação nas grandes propriedades[3].

> ***A implantação estratégica num local de acentuado declive e o encaixe num degrau do terreno facilita**, numa primeira fase, **a descarga das uvas**, e depois **a saída do vi-nho para venda. A própria casa intervém na produção como uma máquina** pois está estruturada de modo a permitir o transporte dos mostos ao local de armazenamento. O difícil e acidentado terreno duriense significa, neste caso, a solução de vários problemas.*[4]

As construções estariam integradas em terreno inclinado, formando um edifício rec-tangular em duas partes contíguas e com pisos a alturas diferentes, sendo o de cima destinado aos lagares e prensas e o de baixo à adega[5]. Estes pisos comunicariam entre si, permitindo ao mosto descer através de caleiras de pedra construídas ao longo da parede directamente para os tonéis[6].

Dentro das arquitecturas de produção é possível identificar outras construções que in-tegram o normal funcionamento de uma quinta, embora nem sempre directamente ligadas à vi-tivinicultura como por exemplo, armazéns, moinhos, azenhas, fornos, currais, telheiros, pombais, entre outros[7] [Fig. 46].

No âmbito das arquitecturas de paisagem, é possível identificar dois elementos distin-tos. A vinha, e intrinsecamente os socalcos, que tem sido mencionada ao longo deste sub-capí-tulo como o sustentáculo da região do Douro e actividade dominante e geradora de uma cultura monocultural; mas também um conjunto de outros elementos de habitar a paisagem constituídos por espaços e dispositivos de mediação com a Natureza.

[1] Fauvrelle, N. (1999) *Quintas do Douro. As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Dissertação de Mestrado em História de Arte. Porto:-Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp.45-46
[2] Idem. *ibidem*. pp.52
[3] Classificação do visconde de Vilarinho de S. Romão que considera as oficinas vinárias o edifício onde se insere o lagar, o local onde é fabricado o vinho, e a adega, o local onde este é acondicionado.
[4] Idem. *ibidem*. p.53
[5] Idem. *ibidem*. pp. 53-54
[6] Idem. *ibidem*. p.56
[7] Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.A2|14

Fig. 47: Principais quintas no Alto Douro Vinhateiro.

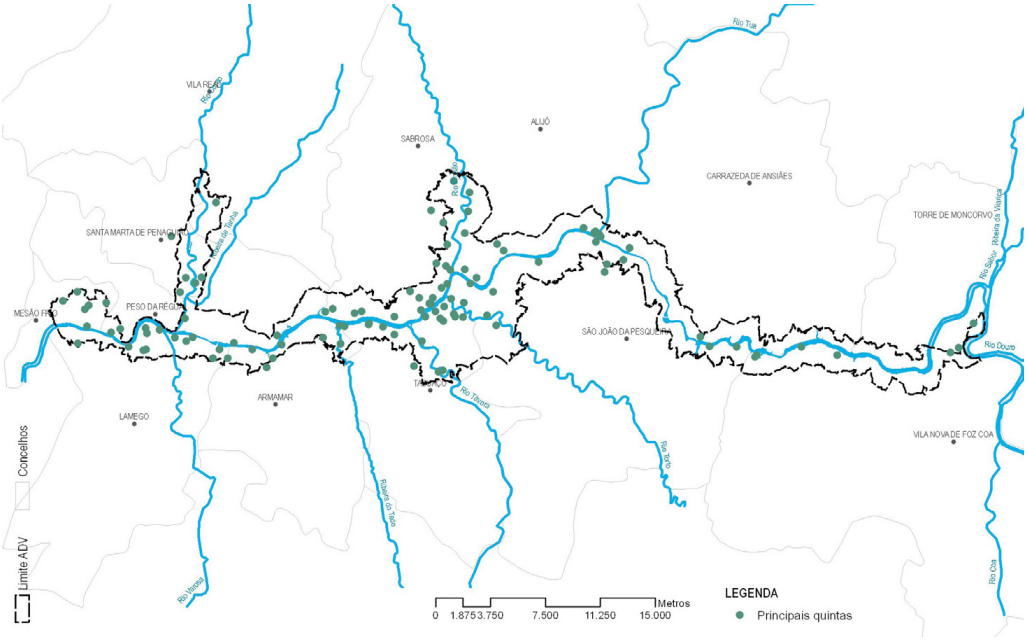


Fig. 48: Classificação das quintas principais próximas de Caldas de Moledo.

	Murças	Régua					
384	Quinta das Quartas	Peso da Régua	Godim	Sem proteção	_	Liddell	
153	Quinta das Sopas de Cima e	Sabrosa	Covas do Douro	Incluído no ADV - RDD (v.	1 - 2002	SIPA	Visitação
399	Quinta do Cruzeiro	Alijó	Vale de Mendiz	Sem proteção	_	Liddell, Dourovalley	Visitação
367	Quinta do Granjão	Mesão Frio	Vila Marim	Sem proteção		PIOT	
407	Quinta do Infantado	Sabrosa	Covas do Douro	Sem proteção	_	Liddell, Dourovalley	Visitação

Fig. 49: Quinta do Vallado, Menos é Mais Arquitectos.

Fonte: Fig. 47: Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A2|13; Fig. 48: Andresen, T.; Rebelo J. 2013, pp.A2|28-30; Fig. 49: quintadovallado.com

> ***A análise da paisagem de uma quinta passa igualmente pelo jardim e pelas estruturas de embelezamento**, como as alamedas, componentes paisagísticas menos imponen-tes mas que não deixam de ter importância no quadro total da quinta (...)* [1]

Assim, importa também analisar estas intervenções. O jardim e as suas unidades –pomares, hortas, etc– têm sido pouco valorizadas face às restantes construções durienses, pois ao contrário das intervenções mencionadas anteriormente –casa do proprietário, casa do caseiro, adega, largar, entre outros–, estas são, grande parte, apenas uma representação estética do gosto dos proprietários da quinta[2]. Por norma, o jardim é construído diante da casa e segue os ideais do jardim barroco, estruturando-se em terraços suportados por muros de pedra, que muitas vezes formam um miradouro sobre a propriedade, e patamares decorados com elementos de granito[3]. Salienta-se ainda, dentro da categoria do jardim, a alameda. Este elemento é composto por árvores de grande porte como as tílias ou os plátanos e permite criar enfiamentos visuais que atribuem uma certa monumentalidade à entrada principal da quinta[4].

A componente de *terroir* no Douro permitiu desenvolver outras actividades secundárias relacionadas com um turismo que tira partido do contexto vitivinicultura da região duriense e aproxima-se do enoturismo. Identificar, reconhecer e compreender a importância das construções da monocultura da vinha como património vernáculo construído e herança cultural e arquitectónica das paisagens vinhateiras é o primeiro passo para garantir a salvaguarda e manutenções destas intervenções. A região do Douro, em particular o ADV, enquanto paisagem cultural evolutiva e viva deve conseguir absorver o impacto de dinâmicas emergentes no território.

> ***A transformação da quinta,** unidade estruturante no Douro, **elucida bem esta realidade. A metamorfose ocorrida neste domínio concreto,com a alteração das dinâmicas que estavam presentes no sector do vinho,** sempre fechado e focado exclusivamente nesta monocultura, **deu resultados elucidativos em projectos de elevada qualidade e interesse.***[5]

Destacam-se alguns projectos inovadores –Quinta do Vallado [Fig. 49], Quinta da Pacheca, Quinta da Romaneira, entre outros– que aliam a introdução da arquitectura contemporânea à qualidade de integração e respeito pela paisagem vinhateira, muitas vezes incorporando novos atributos nas quintas, através da incorporação de construções ligadas à hotelaria como, por exemplo, o hotel. A apropriação das características singulares da cultura vinhateira duriense pelas práticas turísticas resultou numa metamorfose da quinta como unidade agrícola, permitindo que estas adquiram uma nova dimensão e, ao mesmo tempo, sustentabilidade numa cultura que cada vez mais se afasta das relações passadas da vinha e do vinho.

[1] Fauvrelle, N. (1999) Quintas do Douro. As Arquitecturas do Vinho do Porto. Dissertação de Mestrado em História de Arte. Porto:-Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p.65
[2] Idem. *ibidem*. p.75
[3] Idem. *ibidem*. p.77
[4] Idem. *ibidem*. p.79
[5] Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 2 - Estudos de Base. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.B3|42

Fig. 50: Património Classificado no Alto Douro Vinhateiro.

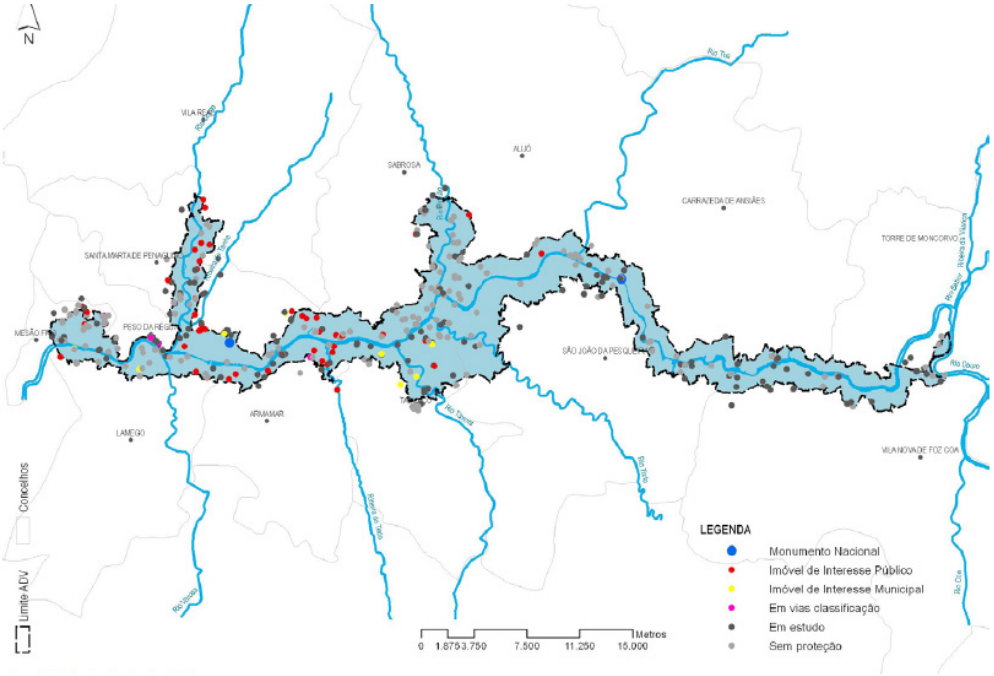


Fig. 51: Classificação de Caldas do Moledo segundo o principal património imóvel e arqueológico existente no ADV.

Cód	Designação	Tipologia	Concelho	Freguesia	Classificação	Data classificação	Fontes de informação	Obs. / Estado
135	Caldas de Moledo / Banhos das Caldas de Moledo	Arquitetura Civil / Termas	Peso da Régua	Fontelas	Em estudo	I - 2007	SIPA	
134	Caldas do Moledo	Património arqueológico / Achado isolado	Peso da Régua	Fontelas	Em estudo (PIOT)	–	PIOT, Portal do Arqueólogo	Depositário Casa Ferreirinha
242	Calvário e Cruzes da Via Sacra em Tabuaço	Arquitetura Religiosa / Outros	Tabuaço	Tabuaço	Sem proteção	I - 2002	SIPA	

Fonte: Fig. 50: Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A2|24; Fig. 51: Andresen, T.; Rebelo J. 2013, pp.A2|40

De Monocultura a Património da Humanidade

A construção de uma região demarcada ao longo de vários séculos advém de um pro-
-cesso contínuo de trabalho e esforço de domínio e engenho que permitiram construir a paisagem do Douro. Tinha como objectivo aliar qualidade, cultura e progresso, o que hoje é reconhecido com o devido valor patrimonial. Em 2001, o Alto Douro Vinhateiro, a faixa contínua mais repre-
-sentativa e preservada da Região Demarcada do Douro, é elevado a Património da Humanidade pela UNESCO, e caracteriza-se por um conjunto que se desenvolve ao longo das duas margens do rio Douro e de alguns dos seus afluentes e compreende apenas cerca de 25 000ha da totali-
-dade do território demarcado[1]**.**

A classificação do Alto Douro Vinhateiro como Paisagem Cultural deve-se a diversos atributos que comprovam a sua autenticidade e integridade. No âmbito dos atributos, identifi-
-cam-se como os mais expressivos: os valores naturais, ligados à adversidade da morfologia e geografia do local, onde o Homem cria uma relação única com os elementos naturais; e os valores culturais que, resumidamente, poderão classificar-se como "todos os elementos essen-
ciais à cultura da vinha, à produção do vinho e à vida quotidiana das populações."[2], tais como os povoados, quintas e casais, terraços e muros de xisto,etc –sem retirar a importância da oliveira e da amendoeira, culturas também essenciais no Douro. Quanto aos componentes de distinção da região que comprovam a sua autenticidade, ressaltam três elementos diferentes: a antiguidade da região; os terraços; e o cruzamento de culturas, temáticas que foram já sendo abordadas ao longo deste trabalho de investigação.

Por fim, os critérios à qual o Alto Douro Vinhateiro respondeu que justificam a sua impor-
-tância patrimonial, para além do critério da autenticidade já mencionado:

> ***(III)*** *O ADV produz vinho desde há cerca de dois mil anos e a sua paisagem foi moldada pelas actividades humanas* - (III) constituir um testemunho único ou pelo menos excepcio-
> -nal de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida (critério original das Orientações Técnicas para a aplicação da Convenção do Património Mundial);
> ***(IV)*** *As componentes de paisagem do ADV são representativas do completo leque de actividades associadas à produção vitivinícola - terraços, quintas, aglomerados, capelas e estradas e caminhos* - (IV) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitectónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana (critério original das Orientações Técnicas para a aplicação da Convenção do Património Mundial);
> **(V)** *A paisagem cultural do ADV constitui um excepcional exemplo de uma região vitivi-
> -nícola tradicional europeia, reflectindo a evolução desta actividade humana através do tempo* - (V) ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas) ou da interacção humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis (critério original das Orientações Téc-
> nicas para a aplicação da Convenção do Património Mundial). [3]

[1] Bianchi-de-Aguiar, F.; Dias, J. M.; Andresen, T.; Curado, M, J.; Marques, P. F.; Pereira, G. M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial.* Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques. p. 7
[2] Fonseca, G. Ramos, C (2014) *Intrepertação do Significado de Paisagem Cultural: O valor da chancela UNESCO no caso do Alto Douro Vinhatero*. Seminário Alto Douro Vinhateiro: Território de Ciência e Cultura - UTAD. p. 4
[3] Idem, *ibidem*. pp.6-7

Fig. 52: Igreja de São Martinho dos Mouros, Resende. Rota do Românico, Vale do Douro.

Fonte: SIPA – IHRU. www.rotadoromânico.com

Por integridade entende-se que todos os valores e atributos mencionados anteriormen-
-te são identificados na totalidade da área demarcada como Alto Douro Vinhateiro, sendo esta considerada a mais representativa e preservada da Região Demarcada do Douro, onde as sua qualidades são amplificadas e o carácter e identidade da região encontra-se conservado.

Importa criar estratégias de gestão e salvaguarda da região do Douro, não só do Alto Douro Vinhateiro mas também de toda a RDD. Programas como o Plano Intermunicipal de Or-
-denamento do Alto Douro Vinhateiro (PIOTAV) de 2003 e o Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro (PDTVD) são essenciais para a implementação de instrumentos de planea-
-mento e gestão que propõem a protecção dos critérios de autenticidade e integridade do Douro. A preservação do território vinhateiro encontra-se num momento decisivo enquanto paisagem cultural evolutiva e viva, sendo necessário uma compatibilização da manutenção e requalificação dos elementos culturais e patrimoniais, historicamente ligados à produção do vinho generoso do Porto e, mais recentemente, o vinho de mesa do Douro, com o crescimento económico da região, cada vez mais direccionada para o turismo[1]. Ainda que a vitivinicultura esteja na génese da paisagem vinhateira, há outros domínios durienses relacionados, como o património histórico, arqueológico, natural e etnográfico de igual importância e que têm vindo a ser exploradas, como por exemplo a Rota do Românico[2] [Fig. 52].

> *Mas porque esta* ***paisagem cultural é evolutiva e viva não podemos ficar reféns de um complexo de "arca de Noé", de tudo querer preservar e arrecadar como se pu-
> -déssemos reter um tempo fugidio e ideal****, no qual se projecta a nossa nostalgia de urbanitas por uma vida rural acádica, em profunda harmonia com a natureza.* [3]

Ligado a um estatuto de Património da Humanidade, importar estudar e "reconhecer a qualidade, a autenticidade e a excelência do que escolhemos preservar"[4]. A região do Douro e, em particular, o Alto Douro Vinhateiro, têm agora a responsabilidade de criar uma paisagem duriense sustentável e capaz de potencializar os seus recursos endogéneos, verdadeiramente representante de uma Paisagem Cultural Evolutiva e Viva.

[1] Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 2 - Estudos de Base. Porto: CIBIO UP/UTAD. p.B3/61
[2] Plano de Desenvolvimento Integrado do Vale do Sousa, em colaboração com o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN). Estabeleceu uma rota turístico-cultural composta por 58 monumentos do estilo românico na região dos rios Tâmega e Sousa.
[3] Bianchi-de-Aguiar, F., Dias, J.M., Andresen, T., Curado, M.J., Marques, P.F., Pereira, G.M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Anexo A1 O Património Vernacular do Alto Douro Vinhateiro Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques.
[4] Idem, *ibidem*. anexo 1

02.

Caldas do Moledo, risonha introdução à mais típica paisagem portuguesa, primeira página da epopeia vinícola do Douro, não devem desmerecer de títulos tão nobres. Devem ser preparadas e asseadas como sala de espera da bacia da Régua - maravilha das maravilhas.

João de Araújo Correia

02. O lugar termal de Caldas do Moledo

Embora na Europa possamos falar da importância da cultura de banhos, com o seu apogeu durante o império romano, um renovado interesse termal apenas ocorreu no século XIX. Com os avanços e descobertas da medicina, e as influências europeias que indicavam as águas minerais como forma de tratamento para variadas doenças, assiste-se ao crescimento da cultura termal, um dos primeiros movimentos turístico de 'massas'.

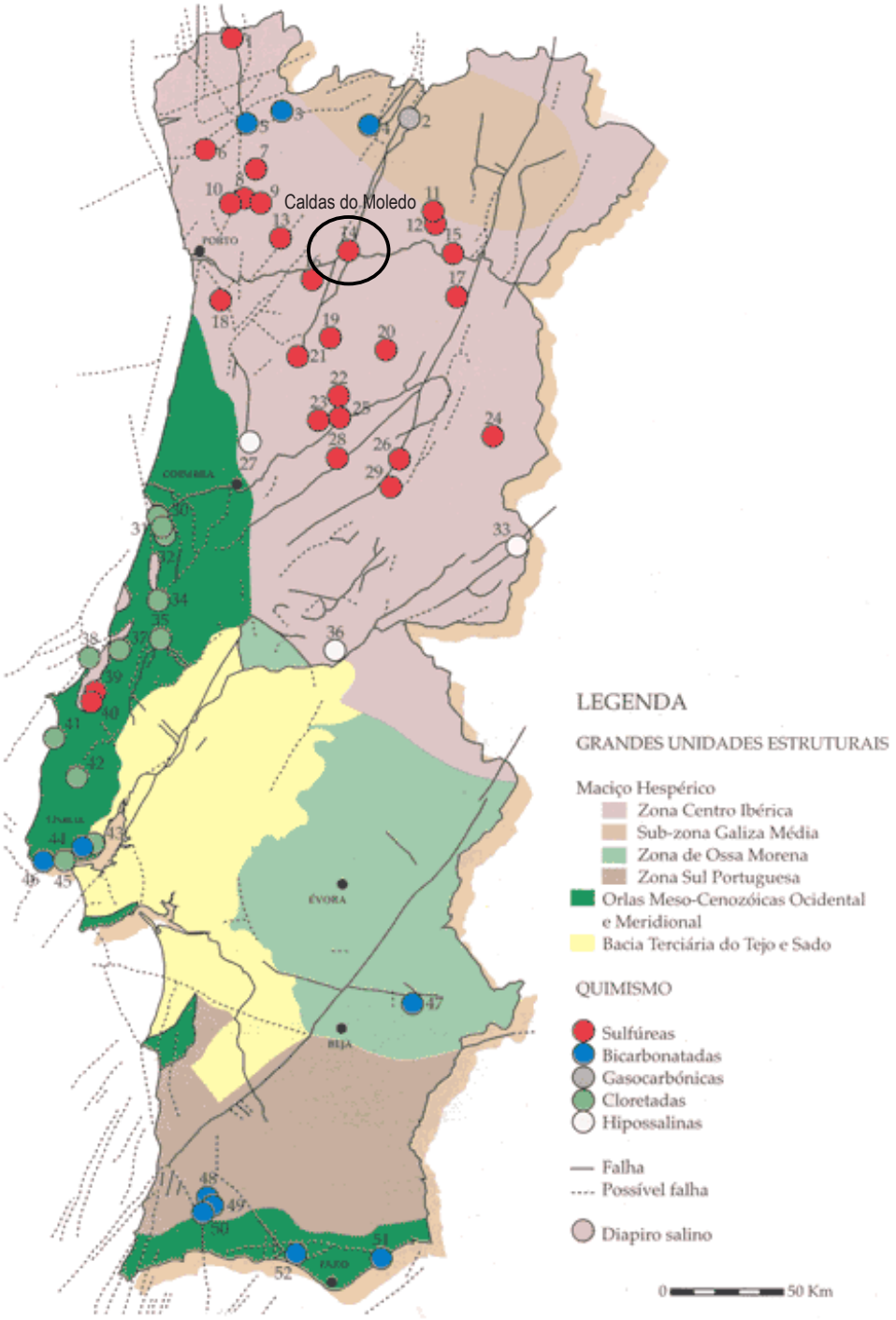
> ***A mudança de alimentos, o exercício, a distracção, são agentes poderosos para auxiliar em muitos casos o tratamento hydrotherapico.*** *Por essa razão em* ***todos os estabelecimentos de banhos se tem em vista distrahir alegremente o doente.*** *Para este fim a primeira coisa que se organiza é um* ***Club para os banhistas***.[1]

"Ir às águas" tornou-se mais do que uma procura de tratamento medicinal, as estâncias termais tornaram-se, sobretudo, o refúgio das classes sociais mais elevadas, com tempo e ca-pacidade financeira capazes de sustentar os custos de deslocações e estadias. A "cura termal" recomendada não é exclusiva às águas minerais, estas estiveram associadas a práticas de lazer e lúdicas existentes nas estâncias termais. Pretendia-se, sobretudo, a deslocação e o contacto com a natureza e a alienação de uma vida rotineira e citadina, onde a viagem tinha um efeito ca-tártico, tão ou mais importante do que os tratamentos praticados nos complexos termais, lugares heterotópicos onde a utopia da libertação física vê-se projectada[2]. Em Portugal, surgem termas de dimensões e desenhos variados, influenciados pelos estilos da época e/ou da região, onde "o repertório de estilos é extenso: imitações e reinterpretações, revivalismo classicista, fantasioso e refinado; arquitectura popular e pseudovernacular e Modernismo austero; contemporaneidade e experimentação"[3], atingindo o seu apogeu no final do século XIX e início do século XX.

Em prol do turismo do bem-estar e do crescimento do turismo costeiro e marítimo ob-servou-se a desvalorização do termalismo medicinal e a progressiva degradação do seu pa-trimónio edificado, assim como a consequente desertificação dos seus espaços, construções e lugares. Actualmente, depois de uma longa época de esquecimento, após o Decreto-lei de 2004 as águas minerais já não são dedicadas exclusivamente a tratamentos medicinais, agora integra-das nas práticas de lazer e bem-estar; dá-se a revisita ao final do XIX, ao termalismo terapêutico, não só físico, mas também espiritual. Caldas do Moledo encontra-se enquadrado neste contexto histórico e social.

[1] Ortigão, R. (1875) *Banhos de Caldas e Águas Minerais.*1ª ed. Lisboa. p.17
[2] Para uma melhor explicação da heterotopia dos complexos termais ver sub-capítulo *02.2 Arquitecturas do Termalismo* (pp.111-137)
[3] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.96

Fig. 53: Mapa geológico e distribuição do quimismo das ocorrências termais em Portugal Continental. Caldas do Moledo corresponde ao número 14 da figura.



Fonte: LNEG - Laboratório Nacional de Energia e Geologia; lneg.pt

02.1 TRANSVERSALIDADE LOCAIS-URBANAS: ENQUADRAMENTO PAISAGÍSTICO E HIS--TÓRICO

O estudo do termalismo e das águas termais presentes em Caldas do Moledo é fun--damental para compreender não só o seu desenvolvimento como lugar termal mas, ao mesmo tempo, a história do termalismo em Portugal. Contudo, não se pretende uma análise exaustiva deste tema, procurar-se-á, antes, elucidar as potencialidades e condicionantes pertinentes para este trabalho.

Ao mesmo tempo, reinterpretando a representação de Patrick Geddes e a *Secção do Vale*[1], com certa simplificação pictórica e expondo a sua longitudinalidade, das montanhas ao mar, neste sub-capítulo será estudado a perspectiva de Peter Hall[2] quanto à secção longitudi--nal. Este autor considera imprescindível efectuar várias secções que lhe sejam transversais, variáveis em escala e proporção consoante as características de cada lugar e problema[3]. Estas múltiplas secções permitem desdobrar a complexidade de um lugar específico, revelando outras dinâmicas que a uma escala mais alargada não são compreensíveis

Desta forma, procura-se não só explorar como se concretiza-observa-demonstra no caso em estudo, os cortes sistemáticos e eclécticos no lugar de Caldas do Moledo, mas também como (re)formular uma matriz que, ao invés de se impor, exporá as especificidades e ordens intrínsecas e potenciais de cada sítio-lugar, contribuindo para a construção de uma estratégia de interpretação-intervenção multidimensional.

Termalismo e Geofísica do Território

Caldas do Moledo localiza-se num lugar de características especiais que permitem a existência de águas termais: a povoação assenta perto de um acidente tectónico, a Falha Verin - Régua - Penacova, responsável pela organização de umas das mais importantes formas de relevo do norte de Portugal [Fig. 53]. Com uma extensão territorial de 250km, a falha inicia-se em Verin, Espanha, e atravessa parte do território norte português até Penacova. Caldas do Moledo encontra-se, ainda, inserida numa outra falha, a de Dossões - Taipas - Amarante - Moledo. Em--bora a actividade sísmica do local seja baixa, trata-se de uma estrutura activa com a capacidade geradora de sismos. Algumas povoações da região, nomeadamente Vila Real em 1875 e 1952, e Caldas do Moledo em 1910, foram afectadas pela actividade sísmica. A ocorrência de sismos demonstra que esta região, estruturalmente controlada pela deformação tectónica, apresenta um potencial risco sísmico, e isto, assume maior relevância quando nos deparamos com uma região que abarca cidades importantes como o Peso da Régua e Vila Real[4].

[1] Sub-capítulo *0.1.1 O Rio e os Vales - um olhar longitudinal sobre o território* (pp.23-33)
[2] Hall, P. (1996) Geddes and the Anarchist Tradition in Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century. pp 137- 148. Ed. original 1988. Massachusetts: Blackwell Publishers
[3] Idem, *ibidem*. p.142
[4]Teixeira, Hugo (2013) *A zona de Falha Verin - Régua - Penacova: estado atual do conhecimento geomorfológico e novos desafios de interpretação*. Artigo de orientações de pesquisa bibliográfica para Dissertação de Doutoramento em Geografia.FLUP. Página 97

Fig. 54: *The Valley Section* de Patrick Geddes.

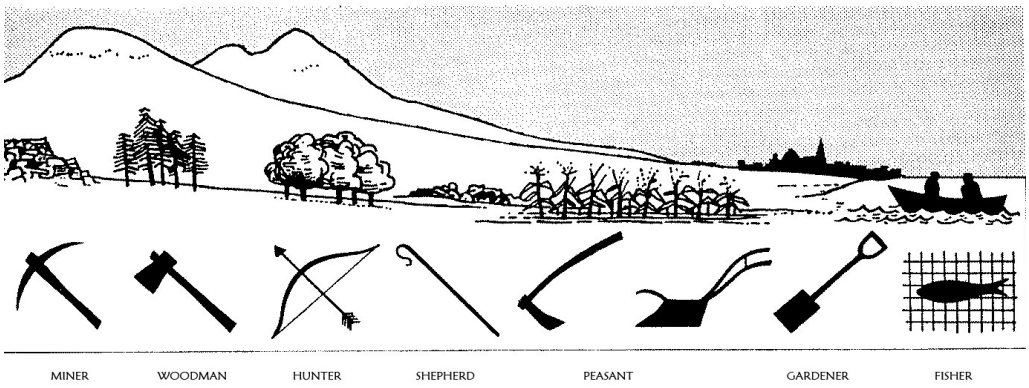
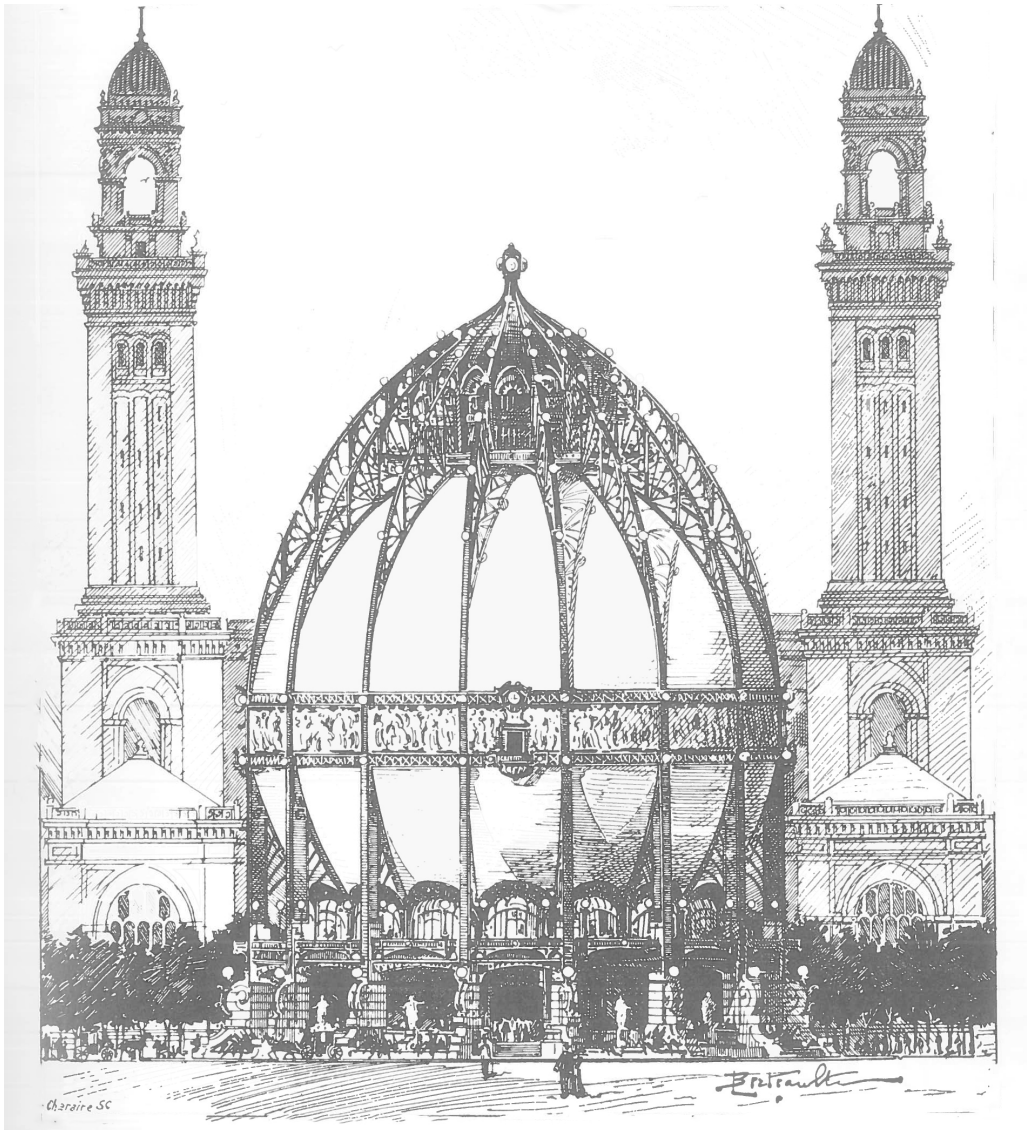


Fig. 55: Projecto de Louis Bonnier de um globo terrestre para a Exposição Universal de 1900, baseado no globo de Élisée Reclus.



Fonte: Fig. 54: Hall 1996 [1988], 143 [orig. Geddes 1905]; Fig. 55: Marrey 1988,p.49

Portas do Lugar - o desdobrar da Secção do Douro

Operacionalizada a 'Secção do Vale' de Patrick Geddes[1] e transpondo a sua visão para o caso do Douro, é agora desenvolvida a interpretação do princípio das *cross-sections* de Peter Hall, igualmente na sua implementação em Caldas do Moledo.

Em 1988, Peter Hall (1930-2017), geógrafo urbano, publica *Cities of Tomorow*[2] onde percorre a história do planeamento urbano desde 1880, destacando os desafios socioeconómicos que determinam as diferentes ideologias e práticas que, por sua vez, caracterizam os distin--tos capítulos desta obra. Analisa, para cada período identificado, os diversos movimentos presentes, caracterizando-os desde a sua concepção, desenvolvimento, apogeu, experimentação, crítica e, por vezes, também fracasso, mas evidenciando sempre que, e como, de uma forma ou outra, contribuíram para a construção da cidade.

Será no capítulo sobre o nascimento do planeamento regional, apresentando uma perspectiva deste através da visão do comunismo anarquista baseado nas confederações livres de regiões autónomas[3] que Peter Hall, retomou as ideias de Patrick Geddes, evidenciando de que modo estas foram construídas a par e transmitidas a outros autores, tais como Ebenezer Howard (1950-1928) ou Lewis Mumford (1895-1990). A 'Secção do Vale', como método de análise, volta a ter um papel dominante no discurso de Hall, dotando-a contudo de autonomia interpretativa face à visão original de Geddes, na formulação de um entendimento que assenta na leitura transversal [Fig. 54] e não longitudinal da secção face ao rio.

> *For this great work, Geddes constantly argued, the planner's ordinary maps were useless: you must* ***ideally start with the great globe which Reclus proposed****, but which never got built; failing that,* ***you must draw cross-sections 'of that general slope from moun--tains to sea*** *which we find everywhere in the world [which] we can adapt to any scale and to any proportions, of our characteristic range, of hills and slopes and plain'.*[4]

Peter Hall observa as influências quanto à ideia de região natural presente em Patrick Geddes por via dos fundadores da geografia e sociologia francesa, tais como Paul Vidal de la Blache (1845-1918), Frederic Le Play (1806-82) e Élisée Reclus (1830-1905)[5]. Este último des--taca-se pela sua ligação à 'geografia anarquista' e, em 1895, inicia o seu estudo sobre a repre--sentação multidimensional do globo terrestre onde coloca "em evidência a unidade do mundo e a solidariedade dos homens"[6]. Apesar do globo nunca ter sido construído, encontram-se vários desenhos baseados no plano de Reclus, de que é exemplo o de Louis Bonnier (1856-1946)[7] [Fig. 55].

[1] Ver *A Secção do Douro* (pp.26-33).
[2] Hall, P. (1996). *Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century*. Versão orginal 1988. Massachusetts: Blackwell Publishers
[3] Hall, P.(1996). Geddes and the Anarchist Tradition. In *Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century.* Versão orginal 1988. Massachusetts: Blackwell Publishers. pp.137-148
[4] Idem. *ibidem.* p.142
[5] Idem. *ibidem*. p.140
[6] Tradução livre da autora. Marrey, B. (1988) *Louis Bonnier: 1856-1946.* Liége: Pierre Mardaga. p.48
[7] Arquitecto e urbanista francês enquadrado nos princípios da *Art Noveau.*

Fig. 56: A curta inicia-se com a imagem de um picnic num parque e, aos poucos a imagem vai sucedendo vários *zoom outs* – segundo factores de 10 – até à visão do Universo. De seguida, um rápido *zoom in* é feito até ao ponto inicial. A segunda curta começa, novamente, na imagem do picnic e aproxima-se até a escala do protão de um átomo.

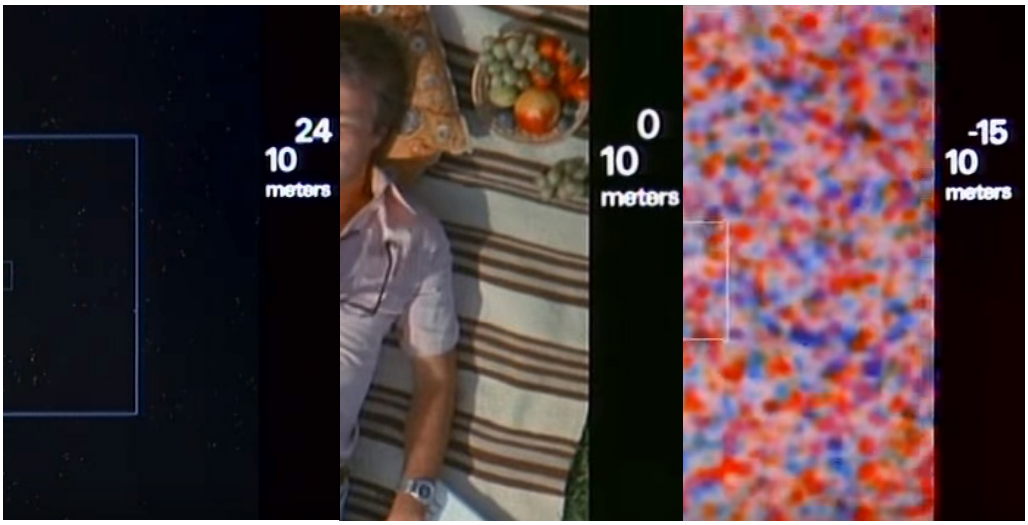


Fig. 57: Hirst realiza uma série de peças de animais preservados em caixas de vidro com o objectivo de recriar um zoo de animais mortos. *Some Comfort Gained from the Acceptance of the Inherent Lies in Everything*, Damien Hirst, 1996.

Fig. 58: *The Prodigial Son*, Damien Hirst, 1994.

Fonte: Fig. 56: Frames das curtas *Powers of Ten* eamesoffice.com; Fig. 57 e 58: damienhirst.com

Contudo, foi através de Paul Reclus, sobrinho de Élissé Reclus que se refugiou na Es-cócia, que Patrick Geddes terá entrado em contacto com os ideais de Élissé. Paul terá apoiado Geddes nas pesquisas cartográficas e na construção de uma maqueta das planícies da Escócia, o que certamente terá sido um passo importante para a formulação da sua ideia de cidade-região e *Valley Section*[1], momento fundamental para desencadear a discussão sobre as formas de analisar e intervir no território e que influenciou diversos autores ao longo do século.

Tal como Patrick Geddes afirmou, face à ineficácia dos mapas convencionais no planea-mento, Hall considera imprescindível efectuar várias secções que sejam transversais, variáveis em escala e proporção consoante as características de cada lugar e problema.

Através de outras dimensões para além da arquitectura, nomeadamente as artes, é pos-sível clarificar a formulação base do pensamento subjacente a uma aproximação multi-escalar, dissecando exaustivamente e em vários sentidos, proposta por Hall em 1988.

Terá certamente contribuído a visão-síntese de Charles e Ray Eames de 1968-1977, *Powers of Ten* [Fig. 56], curtas-metragens onde é explorada a relatividade da escala do Universo com base em ampliações ou reduções sucessivas de factores de 10, desde a escala humana e quotidiana ao infinitamente grande e ao infinitamente pequeno, no mesmo lugar. Já na década de 1990, Damien Hirst cria um dos seus trabalhos mais controversos que se tornou símbolo da "arte moderna inglesa e cultura popular dos anos 90"[2]. Um organismo completo, como o animal, que por si só já apresenta características próprias, ao ser seccionado revela uma nova dimensão que o exterior não consegue transmitir [Fig. 57 e 58].

Esta relatividade é transponível para o campo da arquitectura e do urbanismo, no sen-tido em que todos os elementos, construídos ou manifestantes da acção do homem, integram simultaneamente múltiplos sistemas a diversas escalas, interligados ou sobrepostos, que se ob-servam e compreendem, não apenas na variação do enquadramento e da escala, mas também na abrangência dos temas e estratégias da representação.

Será, portanto, nesta escala de *zoom in* presente nas secções transversais que a di-mensão sistémica da secção longitudinal se desdobra, permitindo clarificar a expressão concre-ta das formas, ou como transversalmente aderem e se materializam, em dado lugar, os princí-pios encadeados longitudinalmente.

Estas secções transversais podem ainda e na verdade revestir-se de um sentido longitudinal, caso correspondam às secções ao longo dos vales dos rios afluentes, o que no

[1] Marrey, B. (1988) *Louis Bonnier: 1856-1946.* Liége: Pierre Mardaga. p.48
[2] Tradução livre da autora. damienhirst.com

Fig. 59: Divisão Administrativa.

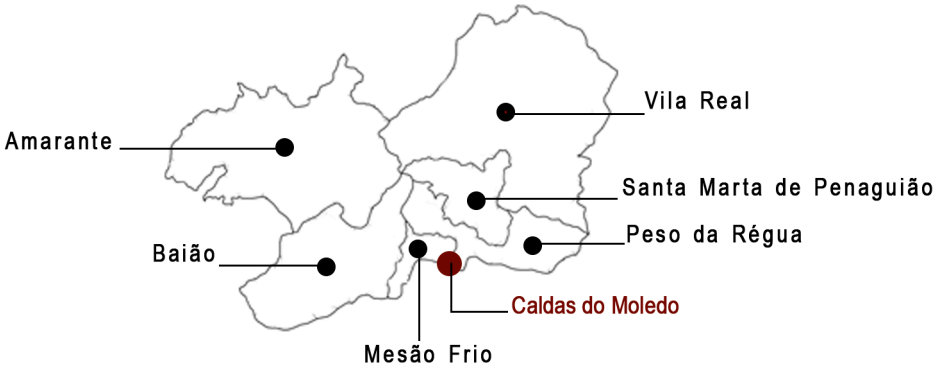
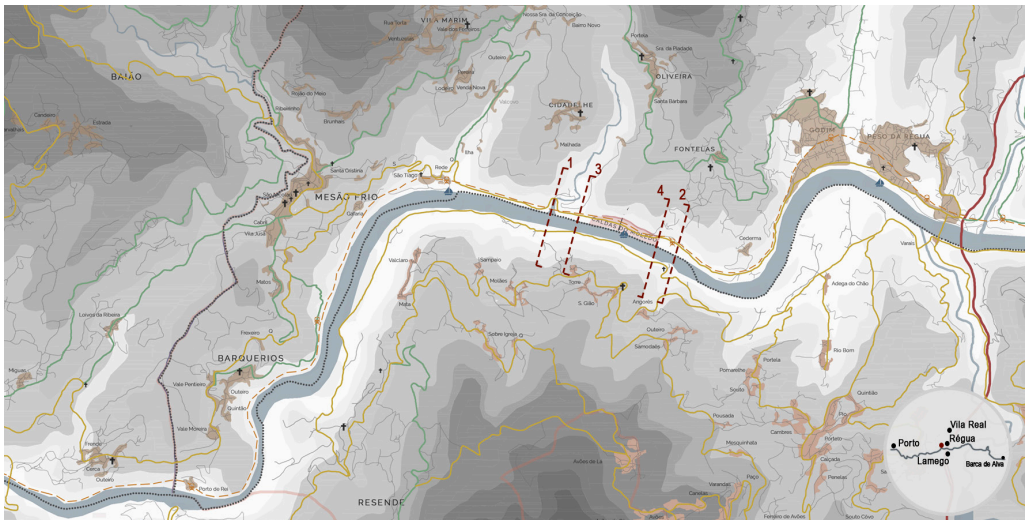


Fig. 60: Aproximação ao lugar de Caldas do Moledo e localização dos cortes.



Fonte: Fig. 59 e 60: Elaborado pela autora.

caso particular do Douro corresponderá a um desdobramento pertinente, dadas as variações geomorfológicas e paisagísticas da sua bacia hidrográfica. Contudo, e neste momento avança-se para a dimensão inequivocamente transversal da secção, perpendicular ao vale onde corre o Douro, e explorando substancialmente a unidade das duas margens em Caldas do Moledo.

> *Tem pouca importância hidrológica o concelho do Peso da Régua. Se lhe pertencessem as fontes do Moledo, como é crença geral, grande importância teria. Mas,* ***as fontes*** *moledenses não lhe pertencem.* ***Pertencem a Mesão Frio****.* ***À Régua****, ou Peso da Régua, como se queira dizer,* ***pertence apenas a povoação das Caldas do Moledo****. Mal comparado,* ***é como se a casa de uma quinta pertencesse a um dono, e o vinho da quinta pertencesse a outro dono.*** [1]

Também na leitura da secção transversal, tal como Geddes defende a partir da longitu--dinal, e tendo em vista uma análise mais coerente do território e da paisagem, as demarcações administrativas não deverão ser consideradas sempre que comprometam a compreensão dos fenómenos e relações de continuidade na unidade determinada pelo vale do Douro –do leito do rio às suas margens e festos das encostas. Desta forma, apesar de Caldas do Moledo abrir sobre a margem esquerda, distrito de Viseu, localizando-se na margem direita, distrito de Vila Real [Fig. 59], observa-se uma continuidade de nexos que, apesar de apresentarem certas semelhanças, não podem ser vistos simplesmente como um reflexo; apresentam características análogas e, ao mesmo tempo, certas variações que permitem compreender a diversidade dos sistemas e redes que atravessam transversalmente as duas margens.

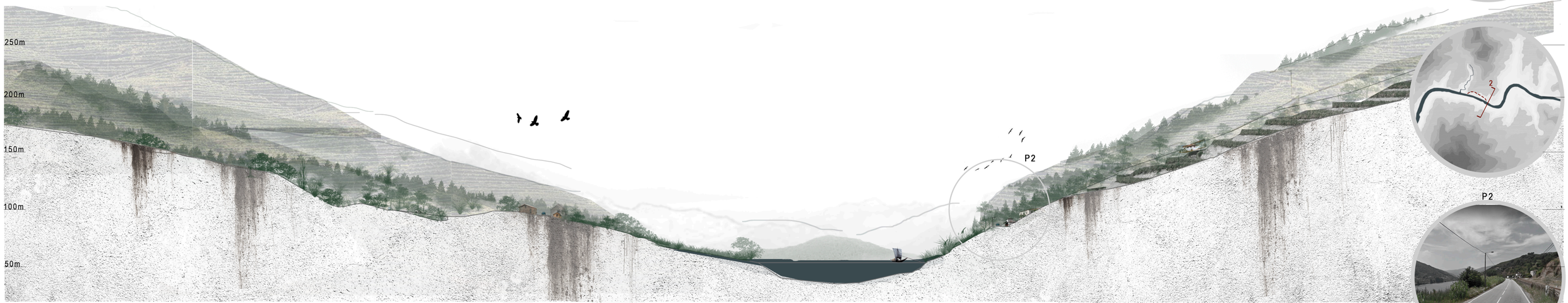
Outro desacerto, entre a unidade paisagística descrita a partir de um lugar e as enti--dades imateriais que lhe são apostas e a condicionam, observa-se nos limites administrativos de Caldas do Moledo que determinam o facto de pertencer, a poente, à freguesia de Oliveira, concelho de Mesão Frio, enquanto a metade nascente fica subordinada ao de Peso da Régua e freguesia de Fontelas. Fortemente ligada às duas margens do Douro, Caldas, enquanto 'fonte termal ou termas', e do Moledo, 'pedra grande ou pedregulho', é expressão literal e simbólica da união de dois lugares: Moledo, de Lamego, na margem esquerda do rio, e Caldas, de Peso da Régua, na margem direita. Desta forma, considera-se fundamental estudar a relação entre as duas margens das áreas escolhidas e não apenas uma delas [Fig. 60].

Se é o termalismo que confere singularidade a este lugar, o discurso através de *cross--sections* a partir de Caldas do Moledo pretende sobretudo reconhecer e colocar em confronto temas e sistemas recorrentes em todo o território do Douro, de modo a testar e comunicar as potencialidades de um método de investigação em que o desenho se constitui simultaneamente como 'instrumento', 'processo' e 'estratégia'.

[1] Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.25

Corte 1

Floresta | CM 1329 | EN 108 | Linha-Férrea | Pesca/Turismo | Agricultura EM 537 | Vinha | Via Secundária



Corte 2

Floresta | EN222 | Aglomerado EM 537 | Agricultura | Pesca/Turismo | Agricultura | Miradouro EN 108 Linha-Férrea | Vinha | Via Secundária | Vinha

0 650m

A estância termal, na margem direita, localiza-se no centro deste tramo do rio, tomando a di--recção sudeste-noroeste, perfeitamente demarcado por duas curvas, entre as tantas que carac--terizam a modelação topográfica e paisagística do Douro. Ambas constituem-se como 'portas do lugar', no modo como determinam as entradas em Caldas do Moledo: uma recebendo o talvegue do rio Sermanha, a noroeste, e outrora ligando ao Moledo, a sul; a outra em festo, a sudeste, distinguindo esta bacia paisagística da do Peso da Régua; na margem esquerda, a grande elevação de Penajóia rege este triângulo.

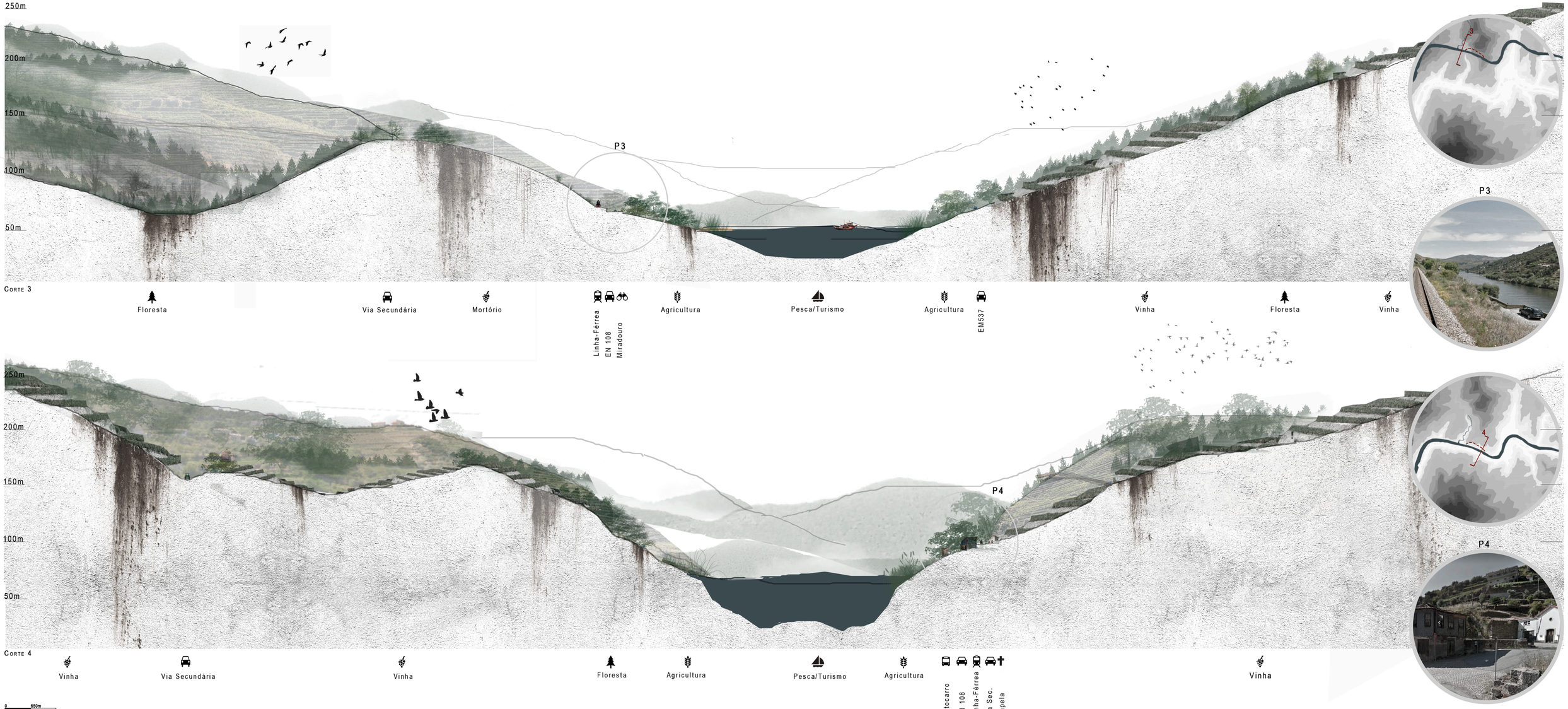
Assim, a localização das secções elaboradas procura compreender os momentos natu--rais de chegada ao lugar de Caldas do Moledo, seja a partir do Porto [Corte 1 e 3] seja da Régua [Corte 3 e 4], progredindo para o centro do problema, reconhecendo quer as variações morfoló--gicas e produtivas ocorridas em profundidade, quer a constância dos elementos construídos e de desenvolvimento longitudinal.

Para evitar repetições, grande parte, se não todos, os elementos que irão ser apresen--tados já foram estudados nos sub-capítulos anteriores e por isso não serão aprofundados nova--mente. O contributo destas *cross-sections* para o estudo está na sua capacidade de colocar em relação num só lugar todos os componentes que têm vindo a ser classificados como elementos identitários da região duriense.

Na paisagem do Alto Douro Vinhateiro, já referida, fortemente marcada pela plantação da vinha, observa-se a existência de outras culturas: a horticultura nas cotas mais baixas, mas também outras espécies arbóreas como o carvalho e o pinheiro nas cotas mais altas. Apesar desta zona se encontrar já sob influência directa da Serra do Marão e estar mais protegida das acções atlânticas, apresenta um clima ameno e chuvoso, se comparada com o Alto Douro, sendo assim propícia para a plantação tanto da vinha como de espécies autóctones adaptadas a este micro-clima.

A esta escala torna-se evidente a forte presença das estruturas de comunicação terri--torial: primeiramente a omnipresença do rio, seguido pelo caminho-de-ferro da Linha do Douro e pelas estradas nacionais, das quais se destacam a que a norte acompanha a margem direita e atravessa o lugar de Caldas do Moledo, e a que na margem oposta acompanha o rio por sul; ainda, a rede dos vários caminhos secundários que permitem ligar as cotas mais altas do vale às mais baixas do mesmo. Aliadas a estas vias, outras construções acabam por surgir como ele--mentos identitários na paisagem, nomeadamente a ponte férrea [Corte 1] e o miradouro [Corte 2 e 3][1].

[1] O tema do miradouro e a importância do mesmo já foi abordado nesta investigação (pp. 49-51)



Corte 3

Corte 4

Além da estância turístico-termal do final de Oitocentos, outras construções singulari-
-zam também a paisagem, como a Quinta do Granjão [Corte 1], importante na produção vitivi-
-nícola, apresentando uma dimensão caracterizadora da região e remetendo para uma memória colectiva que tem a capacidade de compreender todos os nexos e relações daquilo que o Douro é de raiz.

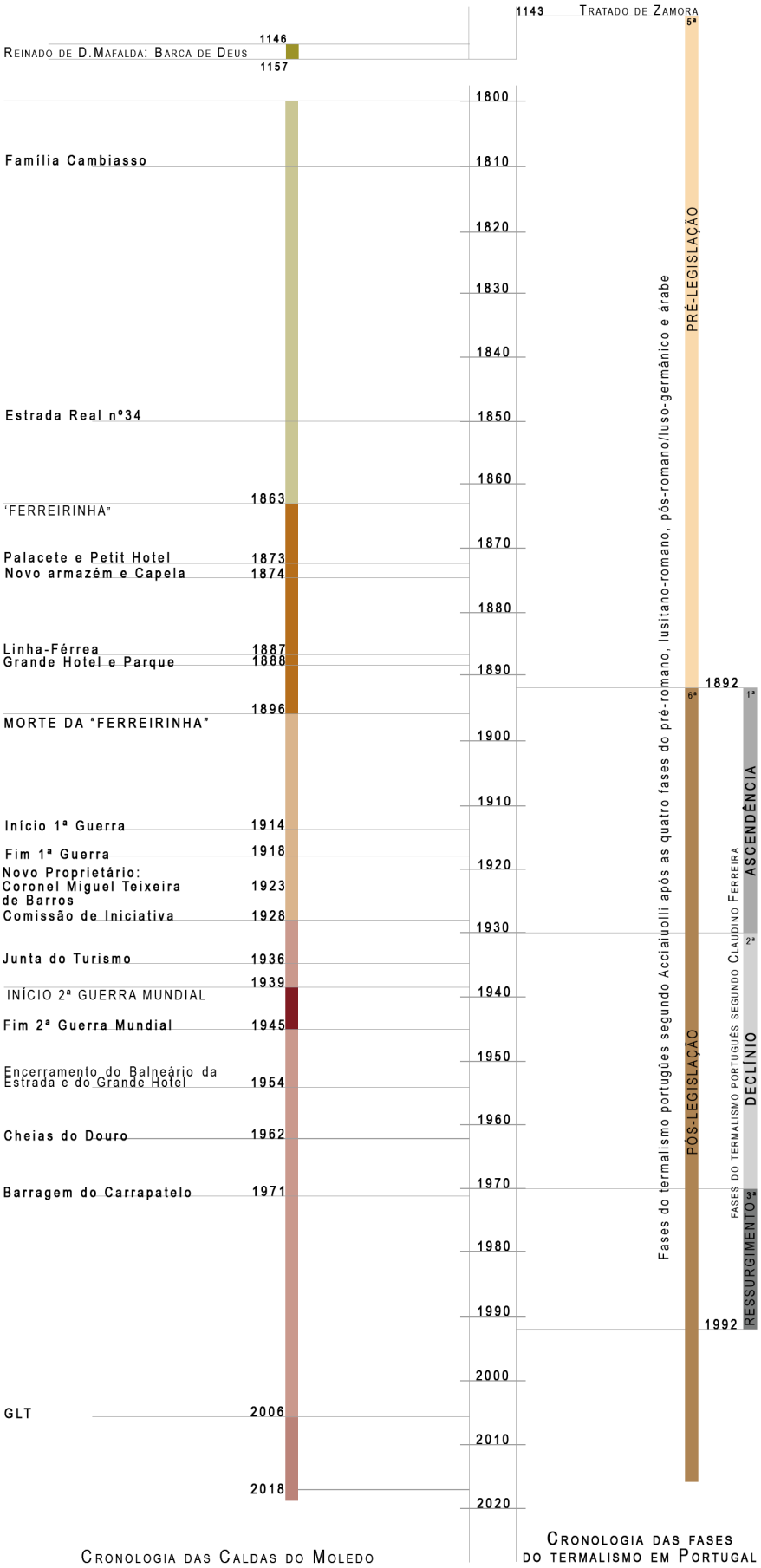
Importa compreender que Caldas do Moledo é um exemplo entre muitos outros que integram as paisagens arquitectónicas do Douro. Enquanto laboratório de ensaio metodológico, é certo que as observações que dele decorrem, na sua formulação mais tangível, não serão exactamente as mesmas em outros lugares deste território; contudo, e precisamente o que se procura com esta matriz tanto sistemática quanto ajustável, será relevar não só as suas constantes mas também as suas singularidades.

Pretende-se, assim, demonstrar a capacidade de análise e interpretação particularizada de um lugar promovida pelas secções transversais, sistemicamente integradas na sua pertença à unidade da secção longitudinal, propondo um método de investigação integrador das qualidades arquitectónicas e urbanas, mas também culturais, sociais e económicas.

Neste sentido, a abordagem extravasa os limites convencionados pelas entidades, antes preferindo observar-compreender as realidades durienses através de secções espaciais que transcendem, por exemplo, as fronteiras administrativas. As secções transversais funcionam como objecto-sensor, e tanto captam as características presentes na primeira secção, a longitu-
-dinal, como acrescentam novas, com desdobramentos específicos em cada lugar.

Trata-se de construir um método de investigação que, procurando ultrapassar instru-
-mentos de observação e análise mais convencionais, apresenta uma narrativa visual informada no Douro e em Caldas do Moledo. Esta interpretação pretende capturar uma imagem do território que, embora o simplifique reduzindo-o a uma representação compreensível, é composta a várias dimensões, permitindo múltiplas leituras e explorando a condição de um 'estar em lento mas constante movimento'.

Até ao momento, a investigação neste capítulo fixou o seu olhar nas relações trans-
-versais do vale do Douro. No entanto e de seguida, através do enquandramento histórico, será feita uma análise das mudanças ocorridas ao longo dos tempos no lugar de Caldas do Moledo. Apesar do primeiro momento focar-se nos nexos observados na paisagem e o segundo introduzir a dimensão do estudo histórico, pode-se considerar que ambos retratam as escalas e dimensões locais-urbanas.


1143 Tratado de Zamora
1146
Reinado de D.Mafalda: Barca de Deus
1157
Família Cambiasso
Estrada Real nº34
1863
"FERREIRINHA"
Palacete e Petit Hotel 1873
Novo armazém e Capela 1874
Linha-Férrea 1887
Grande Hotel e Parque 1888
1896
MORTE DA "FERREIRINHA"
Início 1ª Guerra 1914
Fim 1ª Guerra 1918
Novo Proprietário: Coronel Miguel Teixeira de Barros 1923
Comissão de Iniciativa 1928
Junta do Turismo 1936
1939
INÍCIO 2ª GUERRA MUNDIAL
Fim 2ª Guerra Mundial 1945
Encerramento do Balneário da Estrada e do Grande Hotel 1954
Cheias do Douro 1962
Barragem do Carrapatelo 1971
GLT 2006
2018
1800
1810
1820
1830
1840
1850
1860
1870
1880
1890
1892
1900
1910
1920
1930
1940
1950
1960
1970
1980
1990
1992
2000
2010
2020
Fases do termalismo português segundo Acciaiuolli após as quatro fases do pré-romano, lusitano-romano, pós-romano/luso-germânico e árabe
5ª PRÉ-LEGISLAÇÃO
6ª PÓS-LEGISLAÇÃO
Fases do termalismo português segundo Claudino Ferreira
1ª ASCENDÊNCIA
2ª DECLÍNIO
3ª RESSURGIMENTO
Cronologia das Caldas do Moledo
Cronologia das fases do termalismo em Portugal

De *Cova* a *Pórtico* do Douro - o desenvolvimento das Caldas do Moledo

Não é objectivo desta investigação desenvolver um estudo histórico exaustivo do ter--malismo português e internacional, no entanto, através de Luíz Acciaiuoli e Claudino Ferreira, é possível identificar diversas fases da evolução do termalismo português[1] que, de certa forma, se justapõem ao desenvolvimento do lugar de Caldas do Moledo.

Apesar de terem sido encontrados vestígios romanos no lugar de Caldas do Moledo[2], considera-se que o desenvolvimento desta povoação remonta ao início do território português, celebrado com o Tratado de Zamora em 1143 e, segundo Acciaiuoli, com a quinta fase do ter--malismo português. O Moledo, a partir do século XII, ganha uma certa importância na região do Douro enquanto ponto de passagem[3] obrigatório para quem transitasse entre a Beira e o Norte –através da ligação entre as duas margens por uma barca de passagem gratuita instituída por D.Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, e denominada Barca de Deus ou Barca por Deus[4].

As qualidades termais das águas já eram reconhecidas durante o reinado de D. Mafalda onde eram utilizadas como "primitivas covas abertas no areal"[5]. D. Mafalda como não tinha po--der jurisdicional no actual lugar de Caldas do Moledo –os seus terrenos pertenciam ao Convento de S. João de Tarouca– decidiu construir a Albergaria D.Mafalda no Moledo[6]. A Albergaria e a Barca funcionaram durante muitos séculos como ponto de intercâmbio entre as duas margens, contribuindo para o crescimento deste território. Após o parcelamento e venda dos terrenos do Convento de S. João de Tarouca, associado ao interesse termal, ao longo dos anos pequenas habitações foram surgindo nos terrenos das proximidades das águas termais.

No entanto, é por volta da segunda metade do século XIX que se observa um desenvol-vimento significativo da população graças à construção da Estrada Real nº34, em meados do sé--culo XIX, entre o Peso da Régua e Amarante. Este interesse e afluência foram possíveis graças aos vários proprietários que investiram na região e exploraram as potencialidade de Caldas do Moledo. Dos vários proprietários que passaram por Caldas do Moledo, é possível destacar duas famílias que contribuíram profundamente para o crescimento deste lugar.

[1] De acordo com Luiz Acciaiuolli, Engenheiro Chefe da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicoas, as primeiras quatro fases respeitam ao períodos pré-romano, lusitano-romano, pós-romano/luso-germânico e árabe.O objecto de estudo irá apenas centra-se nas fases seguintes, a quinta, ligada à fundação do Reino (1143) e classificada como o período português pré-lesgislação; e a sexta e última fase, o período pós-legislação, de 1892 até à actualidade. A legislação corresponde ao Decreto de Lei nº16 de 30 de Setembro de 1892 que veio regulamentar a exploração das águas minero-medicinais. Ver Acciaiuoli, L. (1952). *Le Portugal Hydromineral*. Capítulo *L'évolution de la crénotechnie au Portugal*. Volume I.Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.
Já Claudino Ferreira, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigador do Centro de Estudos Sociais, identifica diversas fases no periodo pós-legislação, o de ascensão do termalismo (1892-1930), o declínio (1930-1970) e o de ressur-gimento (1970-1992). Ver Ferreira, C. (1994) *Os Usos Sociais do Termalismo. Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das termas da Curia*. Tese de Mestrado em Sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia de Combra
[2] Sub-capitulo 01.2 *A Humanização do Território* (pp. 35-51)
[3] Ver os dois pontos de passagem do rio Douro antes do século XII.(pp. 51-53)
[4] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.9
[5] Idem. *ibidem*. p.10
[6] Câmara Municipal do Peso da Régua. Não se poderá comprovar a veracidade desta informação pois não foram encontradas referências bibliográficas referentes a este tema.

Fig. 66: Planta geral de implantação, Caldas do Moledo, 1871.

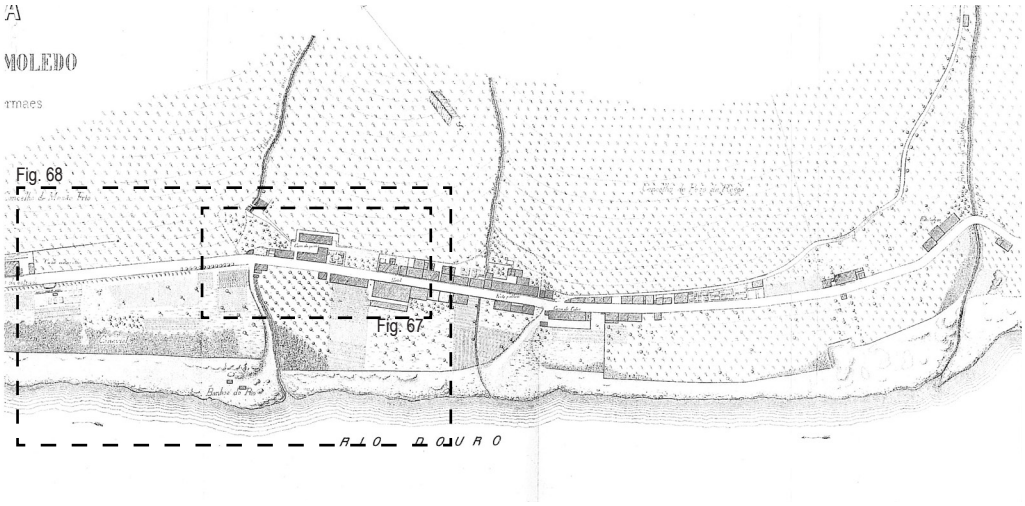


Fig. 67: Pedido de licenciamento pela proprietária D.Antónia Adelaide Ferreira ,1877.

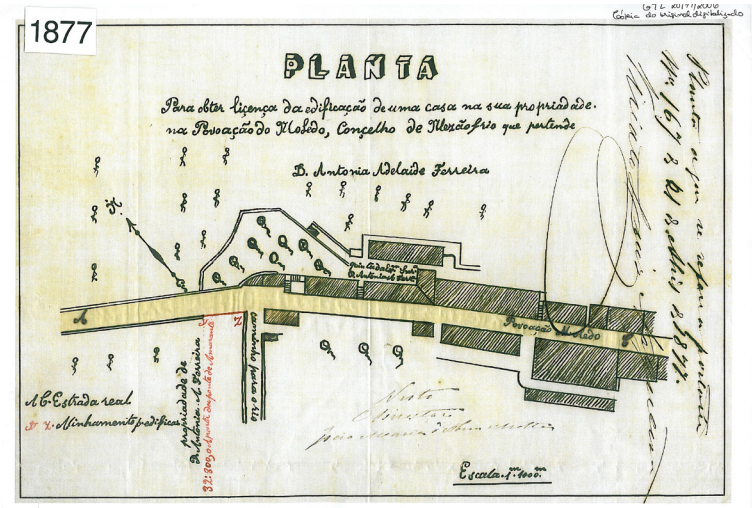
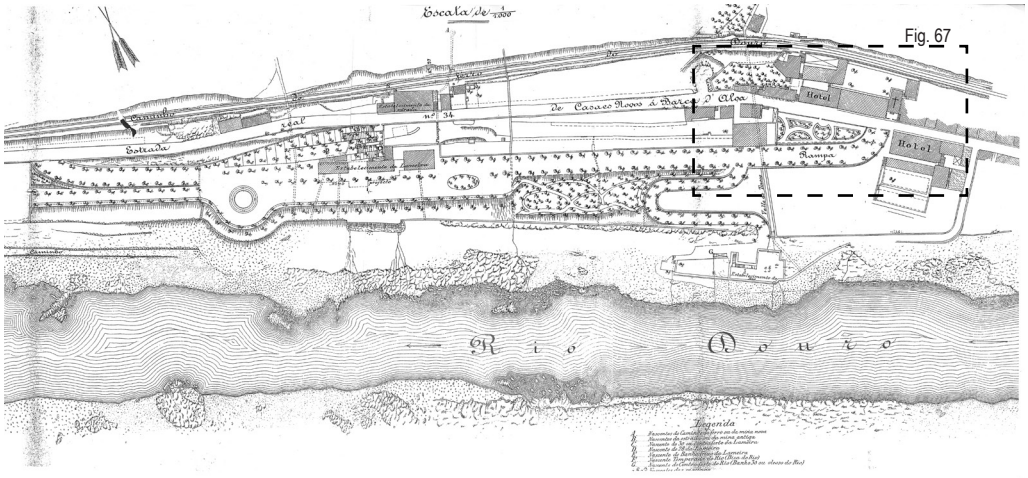


Fig. 68: Planta geral do complexo termal, após as construções da "Ferreirinha", 1896.



Fonte: Fig. 66,67 e 68: Câmara Municipal do Peso da Régua

A família Cambiasso, em 1810, proprietária da Quinta das Caldas, correspondente à primeira fase, inicia o processo de desenvolvimento do aglomerado e impulsiona as qualidades termais de Caldas do Moledo, através de construção de hotéis, lojas de comércio, e capelas, tal como a do edifício do Cidro e a do Sagrado Coração de Maria, actualmente junto à Linha-Fér--rea.[1]

Se D. Mafalda teve um papel fundamental para a importância de Caldas e do Moledo, é contudo cerca de sete séculos mais tarde, com D. Antónia Adelaide Ferreira, a 'Ferreirinha', que Caldas do Moledo explora as potencialidades 'turísticas' deste lugar termal. A segunda fase arranca em 1863 com a compra das propriedades da Quinta das Caldas por uma das persona--lidades mais marcantes na história do Douro, D. Antónia Adelaide Ferreira, conhecida como a "Ferreirinha". Neste momento assistiu-se à alteração de uso neste núcleo, o perímetro inicial da propriedade é alargado com a aquisição de vários terrenos em volta, tendo sido várias as inter--venções e construções desenvolvidas nas Caldas do Moledo: o Palacete, o Petit Hotel, o Grande Hotel, o Parque Termal, a remodelação dos balneários…

> ***A vida social nestas termas era intensíssima no período balnear** –"**comboios espe--ciais saíam da Régua às 9 horas**, parando em todas as confluências dos caminhos, **ex-clusivamente para o transporte de aquistas a desembarcar no cais privativo sobre o Palacete.** Daí o comboio regressava à estação das Caldas donde pelas 11,30 horas voltava ao cais para a recolha e recondução dos mesmos passageiros."*[2]

Com o reconhecimento e comprovação da qualidade da rede hidrotermal de Caldas do Moledo, tal como a crescente facilidade de meios de transporte, a frequência e o interesse aumentaram sucessivamente, atingindo o expoente máximo nos últimos anos do século XIX e a primeira década do século XX. Caldas do Moledo, juntamente com as demais estâncias termais em Portugal conseguiu sobreviver e prosperar durante a 1ª Guerra Mundial, período áureo e de ascendência[3] do termalismo em Portugal.

> ***Os últimos anos do século XIX e a primeira década do século XX são anos de farta concorrência de aquistas e de sólida reputação do valor terapêutico das águas do Moledo** (...) A 1ª Grande Guerra (1914-1918) veio obviamente impor uma diminuição de frequência que mesmo assim rondava o milhar de banhistas, anualmente.*[4]

A morte de D. Antónia em 1896 e a legislação de 1892 foram momentos-chave para o iní--cio do declínio de Caldas do Moledo, mas que apenas se fizeram sentir a partir da década de 30. Com a entrada em vigor do Decreto-de-Lei nº16, o Governo expropriou as nascentes termais e passou-as ao regime de concessão consagrando e legitimando a medicina termal como prá--tica médica oficial, o que constituiu um passo importante na história do termalismo português.

[1] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.10
[2] Idem. *ibidem*. pp.10-11
[3] Classificação atribuída ao termalismo português por Claudino Ferreira entre 1892 e 1930
[4] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.10

Fig. 69: Caldas do Moledo, vista geral.

Fonte: Cedido por Heitor Gama

Apesar do merecido reconhecimento medicinal das águas termais portuguesas, assis--tiu-se a uma autonomização das suas práticas terapêuticas das águas face às suas caracterís--ticas de lazer e bem-estar exploradas. Deu-se início, em 1930, à fase de declínio do termalismo em Portugal que, tal como Claudino Ferreira afirma "foi assim, antes de mais, o declínio da sua vocação turística"[1].

Caldas do Moledo não resistiu a esta fase, com a 2ª Guerra Mundial, a depressão eco--nómica vivida na época, tal como a introdução de novos destinos com o mesmo efeito catártico das termas, como por exemplo a praia, contribuíram para a redução da frequência e utilização das termas. Vários estabelecimentos foram fechados e o complexo termal ficou reduzido ao Grande Hotel e à nova Pensão Borges, antigo Petit Hotel, que também foram fechados, mais tarde, em 1954. A força do rio e a vontade de o controlar foram apogeu de uma época de ruína, com as cheias de Janeiro de 1962[2] e a construção da Barragem do Carrapatelo em 1971, as antigas piscinas de Caldas do Moledo foram engolidas permanentemente pelo rio Douro[3].

> ***Espera-se que suceda novo balneário às inundadas piscinas, às célebres piscinas das Caldas do Moledo**, ao Banho 30 do Rio e à Bica do Rio. Espera-se que **suceda novo balneário** a esse complexo, **que vai recordando**, debaixo de água, **o tempo em que foi rico e beneficente.***[4]

Na década de 1970 assistiu-se ao período do ressurgimento do termalismo em Portugal e de Caldas do Moledo. No complexo termal, já sob o domínio da Junta, inaugurou-se em 1982 o novo edifício das piscinas, também conhecido como balneário Dr. Francisco de Mesquita Mon--tes[5], e o segundo piso sobre o Balneário das Lameiras, dedicado ao alojamento dos aquistas, baptizado como Balneário Dr. João de Araújo Correia, ambos com a autoria do arquitecto Morei--ra da Costa[6] ,

Apesar da tentativa de requalificar o complexo termal e a povoação de Caldas do Mo--ledo, observa-se uma progressiva degradação do património edificado, assim como a deser--tificação dos espaços e construções do lugar das Caldas do Moledo, espaços estes com uma importância histórica reconhecível e comprovada.

Estamos, actualmente, perante uma nova fase de ascensão, potencializado pelo De--creto-Lei de 2004, que incluí as termas como formas do turismo de saúde, do lazer e do bem estar, e que já teve os seus impacto positivos em várias termas do país, como as de Vizela, Vidago e Pedras Salgadas, mas ainda não se fizeram sentir em Caldas do Moledo.

[1] Ferreira, C. (1994) *Os Usos Sociais do Termalismo. Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das termas da Curia.* Tese de Mestrado em Sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia de Combra. p.53
[2] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.11
[3] Idem.*ibidem*. p.12
[4] Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.67
[5] www.aguas.ics.ul.p
[6] Correia, J. A.(2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.83

Fig. 70: Termas do Estoril, Henri Marnet, 1914.

Fonte: Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.33

02.2 AS ARQUITECTURAS DO TERMALISMO

Será essencial, antes de mais, compreender as características que permitem classificar certo tipo de construções como parte de um complexo termal. Sem pretender aprofundar um tema que, de uma forma geral, tem sido analisado por autores como Jorge Mangorrinha e Hele-na Pinto, tornou-se indispensável uma primeira aproximação ao edificado termal que será, mais tarde, aprofundada e focada em Caldas do Moledo.

> [As] ***novas premissas higienistas são adoptadas, e os novos elementos reguladores exigem as condições a que deve obedecer o balneário oitocentista****: redes de distribui-ção de águas protegidas e novas formas de aquecimento; água abundante para banhos e duches; redes de água corrente para as lavagens dos compartimentos; desinfecção dos equipamentos por sistema a vapor; ventilação dos compartimentos de banho, recorrendo a grelhas metálicas, colocadas junto dos tectos ou no chão (….)* ***A especificidade da arquitectura termal passa a incorporar um conjunto de equipamentos e acessórios terapêuticos que existem a partir das necessidades prescritas medicamente e que condicionam a própria concepção do espaços.*** *O desenho procura uma maior ergono-mia em função das diferentes terapias.*[1]

É importante clarificar que as características dos edifícios termais dependem, não só das mudanças e evolução das premissas higienistas e da medicina termal, mas também da influência dos comportamentos e relações dos utilizadores das termas. Desta forma, os esta-belecimentos termais são de carácter colectivo e devem responder às necessidades dos seus utilizadores, sejam eles doentes, acompanhantes ou visitantes. Por norma, entende-se por arqui-tectura termal o conjunto de edifícios singulares que compõem o lugar termal, pelo elo comum que os une[2]. O termo poderá aplicar-se à totalidade do complexo termal, integrando, não só edifícios mais técnicos como os balneários, mas também hotéis, casinos, restaurantes, capelas, etc, impondo "uma diversidade de espaços públicos e privados, de edifícios e paisagens"[3].

Apesar da multiplicidade de realidades que se observam nos complexos termais, resul-tado da necessidade do aquista aliar os tratamentos termais ao lazer e descanso, Jorge Man-gorrinha organiza a pluralidade destas arquitecturas, segundo as seguintes vocações e natureza dos usos específicos: 'balnear', 'hoteleira', 'de recreio', 'paisagística', e 'religiosa'.

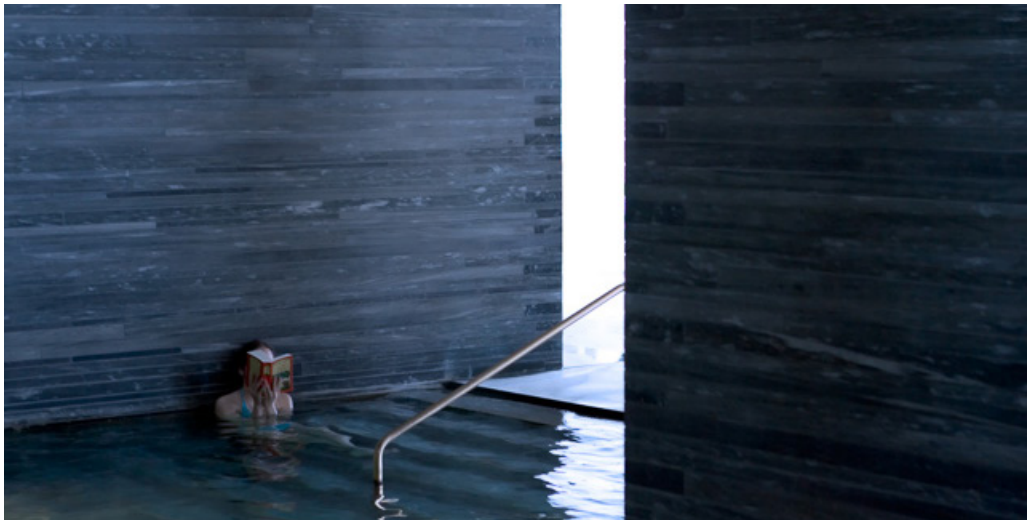
São ainda identificados dois modelos estruturantes nos conjuntos arquitectónicos ter-mais. Em Portugal, é comum o balneário e as unidades de hotelaria e de recreio localizarem-se em edifícios independentes –será este o modelo em Caldas do Moledo. No entanto, existem algumas excepções onde as zonas de tratamentos termais (balneários), as zonas recreativas (restaurantes, sala de espectáculos e exposições, biblioteca, sala de jogos, casinos, ...), as cons-truções hoteleiras, e, por vezes, locais de culto, enquadram-se num só e mesmo edifício.

[1] Mangorrinha, J.; Pinto, H.(2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.50
[2] Navarro, J. (1992) *Arquitectura termal, poetica y practica*. In Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España. pp.13-3
[3] Mangorrinha, J.; Pinto, H.(2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.78

Fig. 71: Balneário requalificado por Álvaro Siza [esquerda] e Eco-houses de Rebelo Andrade e Diogo Aguiar [direita], Pedras Salgadas.

Fig. 72: Intervenção de Álvaro Siza no Vidago Palace Hotel.

Fig. 73: Termas de Vals, Peter Zumthor.



Fonte: Fig. 71, 72, 73: Fernando Guerra

> ***As estâncias termais encerram em si um conjunto de diferentes tipologias arquite-tónicas**, habilmente organizadas e dispostas em espaços naturais privilegiados, em que **cada uma das peças individuais se articula sabiamente** –qual cidade ideal–, **constituindo um conjunto perfeitamente equilibrado** no qual, conceptualmente, será difícil fazer separações. À falta de um modelo estilístico-tipológico regrador, **são os elementos compositivos do microcosmo termal que se repetem e dão a característica formal a estes territórios**.*[1]

Os complexos termais por simularem a cidade, espécie de microcosmos, tornaram-se lugares referenciais e ordenadores no território, representantes da heterotopia e concepção de *outros espaços* de Michel Foucalt[2]. As termas poderão assentar no conceito de utopia, "locais sem lugar real"[3] no sentido que procuram uma fuga temporal e purificação da realidade citadina e uma outra forma de vida libertadora "da escravidão do corpo"[4]; no entanto, são heterotopias pois estas constituíram-se em lugares manifestadas num espaço físico e que, ao mesmo tem-po, negam certas características da realidade de outros espaços, acabando por construir uma relação social própria. Desta forma, as heterotopias, enquanto utopias realizadas e construidas, comportam também, por inerência, heterocronias[5]. Citando Foucault:

> *(…) o que aqui me interessa, são, entre todos os locais, **aqueles que detêm a curiosa propriedade de ser em relação com todos os outros sítios, mas** de um modo tal **que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto das relações que se encontram, por eles, designadas, meditadas e reflectidas**. **Estes espaços** que, em certa medida, **são em ligação com todos os outros, que contradizem portanto os outros locais**,(…).*[6]

As necessidades actuais da actividade termal, apesar da continuidade simbólica ligada 'à cura do corpo e do espírito' presente nos microcosmos termais, provocada pelas mudanças técnicas, higienista, políticas, culturais e sociais, conduziram a uma nova expressão da cultura das águas.

A arquitectura contemporânea possibilitou a adequação dos edifícios oitocentistas à reformulação das funções requeridas. Destacam-se alguns exemplos; na arquitectura portugue-sa, Álvaro Siza Vieira e o balneário de Pedras Salgadas [Fig. 71] e o Vidago Palace Hotel [Fig. 72], ou as *Eco-Houses* [Fig. 71] e *Tree-Houses* de Rebelo Andrade e Diogo Aguiar; já no campo internacional Peter Zumthor e as termas de *Vals* [Fig.73], um dos projectos mais marcantes da expressão termal contemporânea. Estas construções e/ou requalificações permitiram a reestru-turação dos conjuntos arquitectónicos termais, conseguida através da reordenação e construção de infra-estruturas e equipamentos e da reconversão dos espaços desactualizados e/ou desa-proveitados, contribuindo para o aumento e valorização do património do termalismo.

[1] Mangorrinha, J.; Pinto, H.(2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.78
[2] *Des espaces autres. Hétérotopies,* texto de 1967. Michel Foucault apresenta o conceito de heterotopia baseado em seis príncipios: o primeiro aborda a elaboração de heterotopias em todas as sociedades; o segundo princípio admite transformações funcionais baseada nas alterações culturais e temporais; o terceiro retrata a capacidade de justaposição de múltiplos espaços incompatíveis entre si; o quatro princípio associa os cortes de tempo presentes na heterotopia à heterocronia; o quinto princípio impõe as limitações físicas de entrada e saída destes lugares; por fim, o sexto princípio compreende a função da heterotopia face ao espaço circundante e que desenvolvendo-se em duas formas - espaço de ilusão e espaço de compensação.
[3] Thomas More (1478-1535) humanista e filósofo inglês escreve *Utopia*, 1516
[4] Thomas More, *Utopia*, 1516
[5] *"As heterotopias estão ligadas, geralmente, aos cortes de tempo, ou seja, que se abrem ao que poderíamos chamar, por pura simetria, de heterocronias"* Quarto princípio de Michel Foucalt.
[6] Foucalt, Michel, Des Espaces Autres, (1967) 1984

Fig. 74: Localização das nascentes termais e respectivos grupos no lugar de Caldas do Moledo antes da construção dos novos furos.

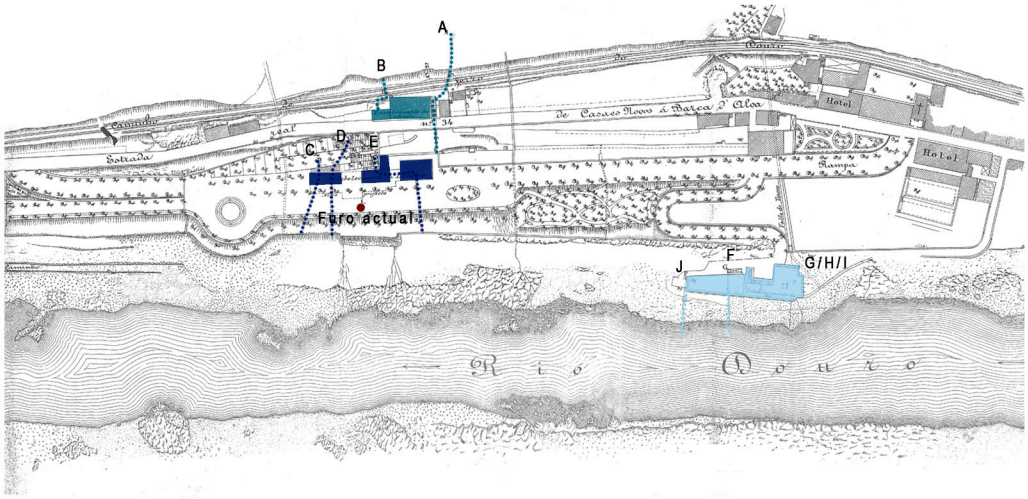


Fig. 75: Furo actual AC1 realizado por A. Cavaco e Simões Cortez.

Fonte: Fig. 74: Elaborado pela autora sobre o plano da estância termal de Caldas do Moledo. Desenho de 1896. Câmara do Peso da Régua; Fig. 75: Elaborado pela autora

As águas de Caldas do Moledo

São vários os estudos e menções às águas termais de Caldas do Moledo, por vezes mencionadas como da Rede, do Granjão, da Penajóia ou de Penaguião. A mais antiga referência escrita sobre estas águas é de 1726, por Francisco da Fonseca Henriques, médico de D. João V, onde a qualidade terapêutica das águas é assegurada.[1]

> ***Estas águas podem considerar-se divididas em tres grupos.*** *Ao primeiro grupo per-tencem* ***as águas da Mina-Nova e da Mina-Antiga****; ao segundo* ***as três nascentes da Lameira****; ao terceiro* ***as cinco fontes thermaes chamadas do Rio****, as quais, apesar de mais juntas do rio, permitem o uso dos banhos sempre que as grandes cheias não impe-dem a navegação do Douro.*[2]

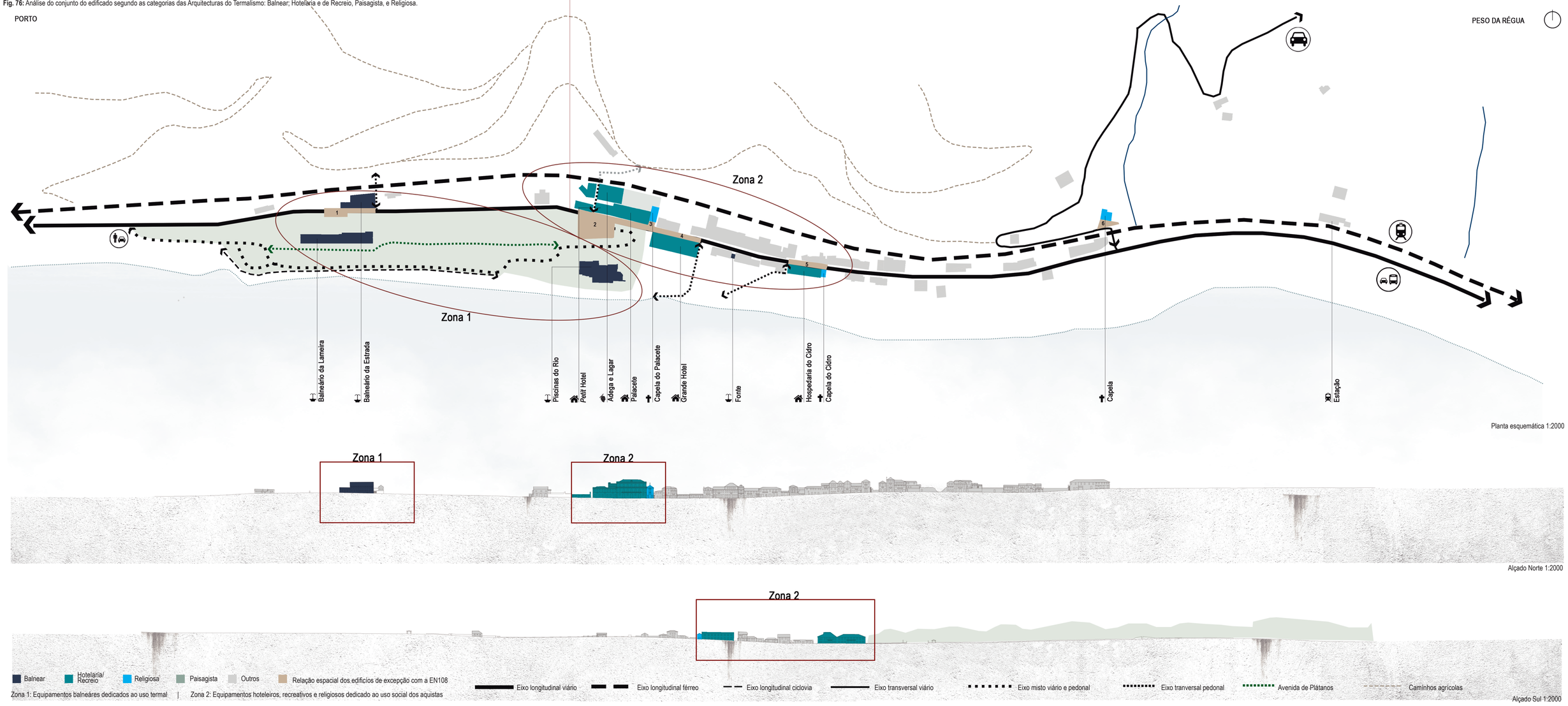
As águas de Caldas do Moledo são classificadas como sulfúras sódicas primitivas, car-bonatadas, fluoretadas[3] e estão devidamente reconhecidas em três grupos [Fig. 74]. O primeiro grupo localiza-se a norte da actual Estrada Nacional 108, enquanto que o segundo, o da Lameira, encontra-se a sul da EN. O último grupo, o do Rio, hoje submerso, situava-se numa cota inferior face às restantes nascentes mencionadas e mais próximo do rio Douro[4] .

Actualmente, as nascente tradicionais mencionadas foram desactivadas, existindo ape-nas dois furos, o AC1 [Fig. 75], localizado em frente ao Balneário da Lameira e o AC2, junto à estrada nacional 108 e ao balneário da Estrada. Apesar dos dois pontos de água, estas estão a ser canalizadas apenas para o Balneário da Lameira devido à falta de aquistas suficientes que justifiquem a abertura dos dois balneários. O Estabelecimento do Rio também se encontra fecha-do, pelos mesmos motivos[5]. No entanto, em 2009, todos os tratamentos termais foram, até ao momento, encerrados, após a auditoria da Administração Regional de Saúde do Norte (ARSN), que encontrou 46 irregularidades no uso das suas águas, nomeadamente a mistura de águas da rede com as águas minerais.[6]

Uma primeira aproximação à localização destas nascentes e dos seus respectivos furos é fundamental para uma melhor compreensão da organização do edificado termal, em particular dos balneários, mas também das várias condicionantes hidrográficas. Um estudo realizado por outras áreas de especialização, nomeadamente a engenharia, permite compreender que intervir num complexo termal passa também por uma reconfiguração das estruturas ligadas aos furos termais, cujas intervenções poderão impor limitações ao projecto de arquitectura.

[1] Machado, R.(1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.13
[2] Ortigão, R. (1875) *Banhos de Caldas e Águas Minerais*.1ª edição. Lisboa. p.63
[3] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.17
[4] Idem. *ibidem*. p.15
[5] www.aguas.ics.ul.p
[6] Entrevista da Rádio Renascença a António Martinho, presidente da Turismo do Douro, 2013.rr.sapo.pt

Fig. 76: Análise do conjunto do edificado segundo as categorias das Arquitecturas do Termalismo: Balnear; Hotelaria e de Recreio, Paisagista, e Religiosa.



Análise do conjunto termal de Caldas do Moledo

A partir da classificação dos tipos de arquitectura termal –balnear, hoteleira, de recreio, paisagística e religiosa– é possível analisar a organização urbana de Caldas do Moledo [Fig. 76]. A importância do edificado termal é clara, correspondendo a ocupação destas construções essencialmente a metade da extensão total de Caldas do Moledo. Já o restante edificado, apesar de receber diferentes usos –habitação, comércio e serviços– considera-se relacionado com as arquitecturas do termalismo, no sentido que também contribuíram para o crescimento deste lugar.

A Estrada Nacional 108, antiga Estrada Real nº34, a linha-férra e o rio Douro dividiram Caldas do Moledo em dois sectores: o primeiro, o sul, entre o rio e a estrada-rua; o segundo, entre a EN108 e a Linha do Douro. Como consequência desta divisão é possível observar variações nos perfis norte e sul.

O alçado norte torna claro a coexistência e o desenho contínuo do edificado, apesar de, naturalmente, ter sofrido modificações ao longo do tempo, seja de uso ou do estado de preservação. Nos edifícios habitacionais observa-se a existência de algum comércio e serviços no rés-do-chão, não sendo possível estabelecer um modelo típico, apresentando uma grande heterogeneidade entre eles, desde a sua forma aos materiais e elementos arquitectónicos utilizados[1].

No que respeita a edifícios de excepção, destacam-se o Balneário da Estrada (a primeira construção de Caldas do Moledo a surgir neste eixo, sentido Porto-Régua), o Petit Hotel, o Palacete e a Capela de S.Francisco, que serve de remate visual a este micro-núcleo termal. Num plano superior, já do outro lado da linha-férrea, surge a Capela do Sagrado Coração de Maria a rematar o conjunto das construções termais. É importante dar nota da Estação Férroviária que, apesar de não ser classificada como arquitectura do termalismo, constitui-se como o edifício que remata a estrutura urbana de Caldas do Moledo.

Será também no sector norte da estrada-rua que se torna visível uma das características que singulariza a rede urbana deste lugar, os pontos de atravessamento pedonais da linha-férrea através de escadas. Estas estruturas foram desenvolvidas tendo em conta a necessidade de criar passagens de uso diário e localizam-se no Balneário da Estrada e no núcleo do Palacete. Observam-se também, ao longo da linha-férrea, várias entradas/saídas e passagens para os edifícios privados.

Já no alçado sul, voltado para o rio Douro, observa-se, no sentido Régua-Porto, uma menor coerência ou inconstância do edificado, destacando-se quatro momentos: a Capela do Cidro; o Hotel do Cidro, adjacente à construção anterior, localiza-se no encontro de dois eixos, a Estrada Nacional 108 e a escadaria Caminho da Quelha Pequena que liga à parte baixa

[1] Ver texto *A fixação no Douro* (pp. 45-47)

Fig. 77: Relação espacial dos edifícios de excepção com a EN108.

Fonte: Elaborado pela autora sobre googlemaps.com

junto ao rio; o Grande Hotel, com entrada à face da rua-estrada mas que se abre para a paisa-gem no alçado sul; a rematar o conjunto urbano localizado a uma cota mais baixa surge a densa vegetação de plátanos do Parque Termal.

Apesar de não se inserir no conjunto dos edifícios termais, releve-se a presença da fon-te[1] e do miradouro, conjunto-sistema recorrente na rede viária duriense, constituíndo-se como espaços colectivos[2].

Para o entendimento da inserção das arquitecturas do termalismo no contexto urbano, é importante realizar uma análise da relação espacial dos equipamentos de excepção com a Estrada Nacional 108. Os espaços colectivos actualmente presentes em Caldas do Moledo en-contram-se desvalorizados, não só pelo fragmentação em dois sectores provocada pela Estrada Nacional 108, mas também pela falta de redesenho e enquadramento destes espaços face à ocupação e vivência espacial que este lugar necessita.

Actualmente, ao percorrer a EN108 é quase imperceptível a ligação existente entre o Balneário da Estrada [nº1] e o Parque Termal feita através de um alargamento e percurso de rampas.

O largo em frente ao Palacete [nº2] anuncia-se como espaço dinamizador da estrutura urbana. No entanto, e ao contrário do antigo desenho[3], que permitia e convidava à permanência e ao desfrute do jardim, a configuração actual favoreceu o uso automóvel sendo utilizado como parque de estacionamento. Por trás do Palacete encontra-se outro espaço associado a este núcleo, permitindo que as suas construções se abram para o interior, criando zonas colectivas e públicas contudo resguardadas da agitação da antiga Estrada Real. Para terminar este comple-xo, através do recuo da fachada da Capela de S. Francisco face à estrada-rua, observa-se um pequeno 'adro' elevado de recepção a edífício religioso [nº3].

O Grande Hotel, face à sua relação directa com a EN108 [nº4], acaba por criar espaços colectivos a uma cota mais baixa junto ao Douro, enquanto que o Hotel e Capela do Cidro são apenas servidos por um estreito passeio [nº5], possibilitando a circulação ao longo da estrada, o que no entanto se torna insuficiente na criação de espaços de transição e de uso público.

Concluindo o estudo das relações espaciais dos equipamentos de excepção, a Capela do Sagrado Coração de Maria [nº 6] é o único elemento que se localiza fora da Estrada Nacional. O 'adro' acaba por surgir, também através do recuo e rotação do edifício face à rua.

Após esta visão geral do conjunto urbano de Caldas do Moledo será realizado um estu-do focado em cada edifício-tipo de arquitectura termal.

[1] A fonte encontrada em Caldas do Moledo, apesar de cariz popular, poderá ser classifica de *Buvette*. Esta estrutura pela relação simbólica com a água tornar-se-ia num lugar de reunião e memória colectiva importante na estrutura urbana termal contemporânea.
[2] Ao percorrer a Estrada Nacional 101 e 108 observa-se a presença constante destes dois elementos. Ver texto *O pontilhado da região duriense* (pp 47-51)
[3] Ver o texto *Arquitectura Paisagista* (p.123)

Fig. 78: Barracas de madeira temporárias, Caldas do Moledo.

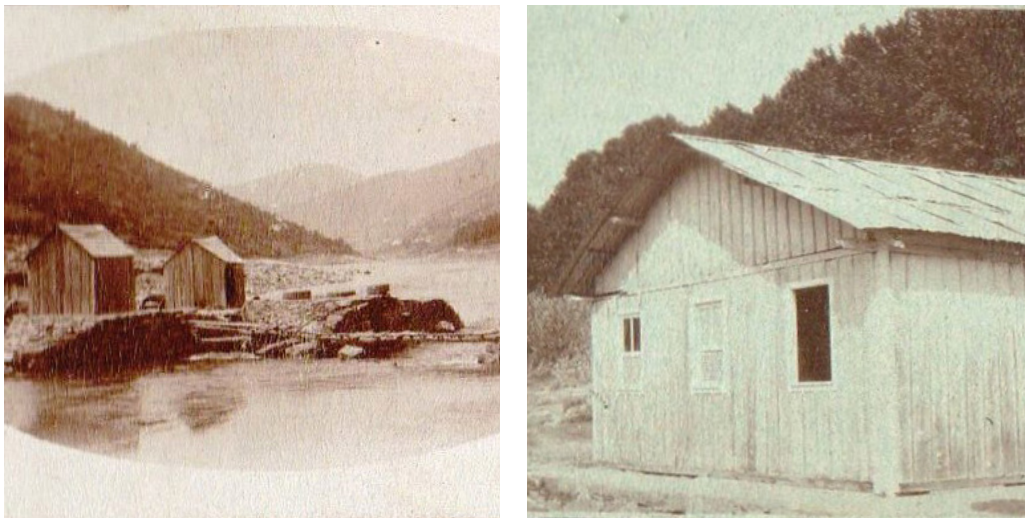


Fig. 79: Alçado, cortes e pormenores do projecto do balneário de Caldas de Vizela, elaborado por Terra Viana, 1888.

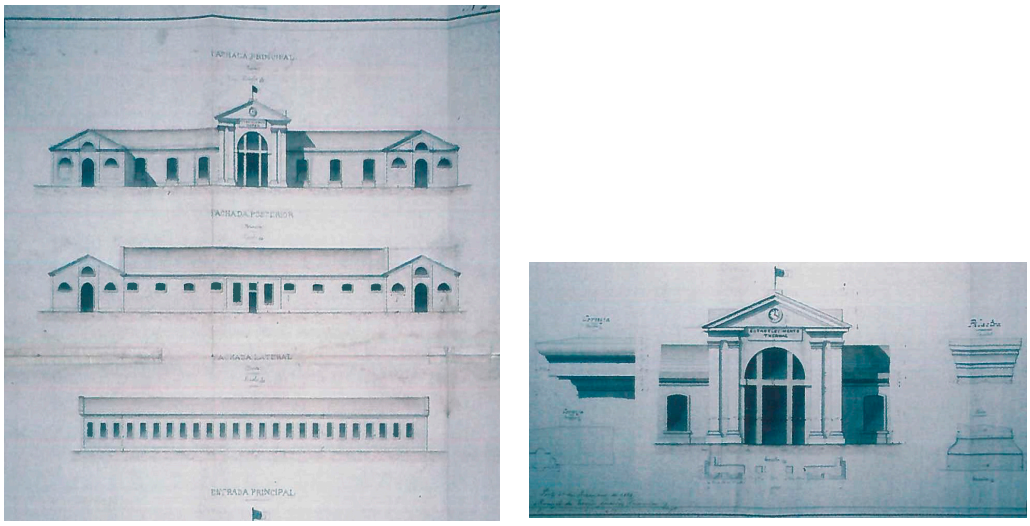
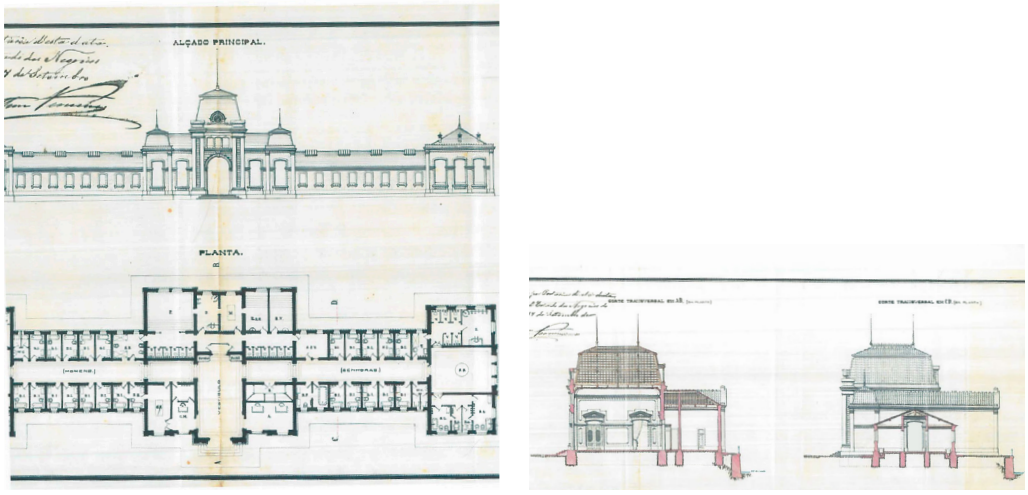


Fig. 80: Alçado, plantas e cortes do projecto do balneário de Caldas do Gerês, elaborado por Terra Viana, 1890.



Fonte: Fig. 78: Cedido por Heitor Gama; Fig. 79: Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.153; Fig. 80: Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.155

Arquitectura Balnear

Como referido, as práticas termais em Caldas do Moledo iniciaram-se com a abertura de "covas primitivas"[1] abertas ao ar livre e substituídas, mais tarde, por "banheiras"[2], apoiadas pela construção de "barracas de madeira que se armam quando começa a estação"[3] [Fig. 78]. No caso de Caldas do Moledo, os três estabelecimentos termais –o Balneário da Lameira, o Balneário da Estrada e o Balneário do Rio– sofreram várias modificações ao longo dos tempos e, através do apoio bibliográfico, será possível compreender algumas alterações formais e fun--cionais realizadas por arquitectos que tiveram impacto não só no desenvolvimento de Caldas do Moledo mas também no âmbito do termalismo nacional.

> *Os **edifícios termais assumem mudanças e modas, renovam aparelhos, modificam distribuições e decorações, incorporam novos e luxuosos materiais** para as classes sociais mais abastadas. **No entanto, a estrutura básica permanece**. **A ordem elementar** (...) **permite transformações sem alterar duas condicionantes** presentes em quase todos os balneários durante o século XIX e parte do seguinte: **o favorecimento da sepa--ração por sexos e a imposição da separação por classes**.*[4]

A organização planimétrica dos balneários é fruto de um processo evolutivo provocado pela necessidade de responder às necessidades técnicas, higienistas, funcionais e estéticas da época[5]. Desta forma, não será possível apontar um sistema comum, este pode ser constituído por edifícios com as mais diferenciadas formas[6]. Contudo, todas as plantas, integram uma or--ganização primária –um elemento de distribuição, seja ele corredor ou pátio, e os quartos para o banho– que garante a separação dos aquistas por género e classe e ainda a distinção entre quatro zonas diferenciadas: a de recepção, a seca, a húmida e a de abastecimento[7].

> ***Na Lameira há três pequenas casas, cada uma com sua tina, alimentada por nascen--te própria.** Estas são destinadas aos doentes menos abastados.*[8]

O primeiro estabelecimento termal a ser estudado será o da Lameira, localizado no plano inferior à Estrada Nacional 108, inicialmente constituído por três casas separadas, tendo o engenheiro Manuel Terra Viana[9], no final do século XIX, organizado num só edifício [Fig. 81]. Antes da intervenção do engenheiro o Balneário estaria organizado de acordo com as três nas-centes,nomeadamente "a nascente 28 com 6 balneários individuais sendo o 5º e o 6º de luxo (...);

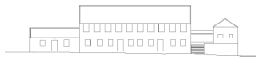
[1] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.10
[2] Idem. *ibidem*. p.10
[3] Idem. *ibidem* p.14
[4] Mangorrinha, J.; Pinto, H.(2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.74
[5] Idem, *ibidem*. p.72
[6] *(...) planta simétrica com entrada central; de planta linear na qual o corredor central distribui as distintas áreas funcionais; de planta com corredor lateralizado e acesso a uma única correnteza de quartos; de planta com dois ou mais corredores laterais e quartos ao centro; de planta central, aberto ou fechado; de planta quadrangular com pátio central desenvolvido em dois ou mais pisos; de planta com eixo predominante central com entrada numa das extremidades; de planta com pátio central aberto e alas confluentes e, ainda, um conjunto grande de formas mais ou menos híbridas* in Idem. *ibidem*. p.72
[7] Mangorrinha, J. (2000) *O Lugar das Termas: Património e Desenvolvimento regional. As estâncias termais da região Oeste*. Lisboa: Livros Horizonte.p.274
[8] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.14
[9] Manuel da Terra Pereira Viana formou-se em Engenharia de Minas e, em 1909, foi nomeado ministro da Marinha e Ultramar, no Governo de Wenceslau de Lima. Realiza várias obras importantantes no âmbito termal no final do século XIX, nomeadamente nas Caldas de Vizela [Fig. 79], Caldas do Gerês [Fig. 80] e, ainda, Caldas de Chaves.

Fig. 81: Balneário da Lameira.

Fig. 82: Balneário da Lameira, Março de 2018.

Fig. 83: Balneário da Estrada, Março de 2018.

Balneário da Estrada



Nota: Dos edifícios balneares, o da Estrada foi o único alçado à qual se teve acesso.

Fonte: Fig. 81: Cedidas por Heitor Gama; Fig. 82 e 83: Elaborado pela autora.

a nascente 30 também com 6 quartos com banheira individual, sendo só o 6º de luxo (...); a terceira nascente denominada Banho Fresco da Lameira nas traseiras do 30, com 4 balneários individuais (...)"[1]. Posteriormente acrescentou-se às três construções uma quarta dedicada "a duches, inalações, pulverizações e irrigações"[2] e, ainda, uma quinta onde se instalou o consul--tório médico.

Não é objectivo desta dissertação analisar as várias obras de Terra Viana e compará-las com a sua intervenção em Caldas do Moledo, no entanto, será natural encontrar semelhanças entre os diferentes projectos realizados pelo engenheiro [Fig.79 e 80] e que poderão ajudar a compreender as decisão projectuais encontradas nos estabelecimentos termais aqui apresenta--dos.

Após uma análise breve tanto a outros edifícios de Terra Viana como às fotografias encontradas do Balneário da Lameira, e tendo em conta a análise planimétrica efectuada por Helena Pinto e Jorge Mangorrinha, poderá afirmar-se que este edifício, ainda que possa admitir certas modificações, será ou de "planta com corredor lateralizado e acesso a uma única correnteza de quartos"[3] ou de "planta linear na qual o corredor central distribui as distintas áreas funcionais"[4], com um piso, perfazendo um total de 24 quartos para banhos, 2 salas para inalações e pulveri--zações e uma sala com duas tinas para banhos mistos[5].

Já no início dos anos 80 o arquitecto Jorge Moreira da Costa[6] realiza a ampliação do Balneário com o acrescento de um piso destinado ao alojamento de aquistas [Fig. 82]. Tal como Helena Pinto e Jorge Mangorrinha afirmam, e da qual partilha-se a opinião, "a intervenção rompe com o preexistente, em termos de ritmo de fachada"[7] com a construção de um novo volume recuado face ao piso existente, cercado por um terraço, não respeitando a métrica formal dos vãos e acentuando ainda mais a sua qualidade alienígena.

Actualmente, apenas o piso superior, dedicado ao alojamento, encontra-se em funcio--namento, estando o piso térreo, ligado aos tratamentos termais, encerrado.

> ***O edifício da Estrada tem dois pavimentos**, o **inferior que contém seis banheiras**, em quartos separados, e o **superior que tem quatro compartimentos** (...)*[8]

O Balneário da Estrada terá sido construído em 1852, antes de D. Antónia, segundo uma inscrição existente no edifício, e teria um total de 6 quartos individuais e 4 colectivos [Fig.83].

[1] Machado, R.(1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.16
[2] Idem. *ibidem*. p.16
[3] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.72
[4] Idem. *ibidem*. p.72
[5] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.17
[6] Consultor da VMPS [Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas] desde 1958, realiza vários projectos, nomeadamente Pedras Salgadas, Palace Hotel Vidago, Caldas de S.Jorge, Longroiva e Caldas de Manteigas.
[7] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.288
[8] Machado, R.(1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.14

Fig. 84: Piscinas do Rio projectadas por Terra Viana.

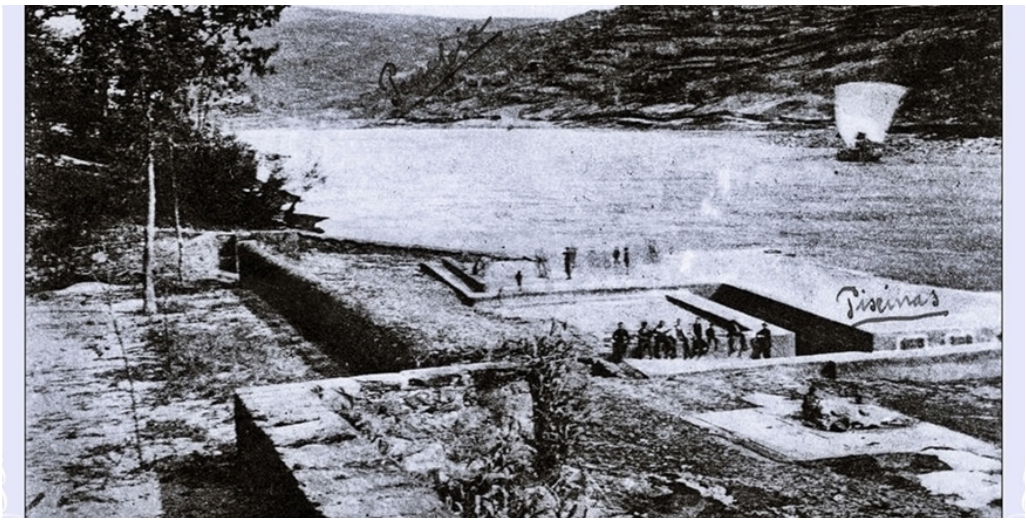


Fig. 85: Plantas, cortes e pormenores do projecto para as Piscinas do Rio de Terra Viana, construído em 1894.

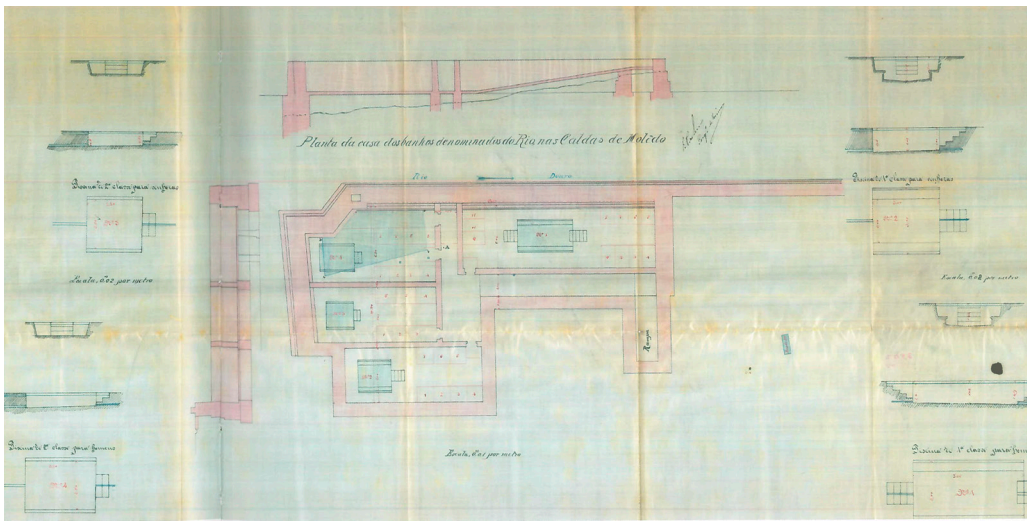


Fig. 86: Piscina das Marés, Álvaro Siza.

Fonte: Fig. 84: escritosdodouro.blogspot.com - fofografia original de J. A. Almeida; Fig. 85: Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, pp.160-161/ Fig. 86: Fernando Guerra

Sofreu também melhorias projectadas pelo Engenheiro Terra Viana, entre 1894-97, e "ficou a dispor de 12 balneários individuais, dos quais o 1º e o 12º de luxo, sendo os quartos nº 1,2,3,4 e 5 alimentados pela Mina Velha e os restantes pela Mina Nova, separados os dois gru--pos por uma sala de espera"[1]. Pela descrição de Rui Machado, o Balneário da Estrada parece apresentar uma planta central, desenvolvida em dois pisos, onde o espaço médio organiza as restantes dependências. Identifica-se uma métrica de vãos regrada onde o espaço central de entrada é marcado através da substituição da janela em guilhotina pela porta de duas folhas.

Em 1954 o Balneário encerra por falta de aquistas, tendo as suas águas sido canaliza--das para o Balneário da Lameira.[2]

Para terminar a análise dos estabelecimentos balneares presentes no lugar de Caldas do Moledo será dado um destaque maior às Piscinas do Rio, não só pelo acesso a mais informa--ção, mas também pelo número e qualidade das alterações que sofreu ao longo do tempo.

Como se observa nas figuras que abrem o tema da Arquitectura Balnear, as primeiras construções à beira-rio seriam bastante primitivas. No entanto, será apenas no final do século XIX com o projecto do engenheiro Terra Viana que se procedeu aos "trabalhos de beneficiação da exploração e captação, vindo as nascentes do Grupo do Rio."[3].

> *As **nascentes do Rio** que são as mais abundantes, fornecem água para uma **grande pis--cina que se acha dividida em 4 quartos, sendo 2 para homens e 3 para as senhoras**. Estes banhos só se utilizam no Estio, depois de terem baixado as águas do rio.*[4]

As Piscinas do Rio eram precedidas de uma ante-câmara comum em rampa que dava acesso às quatro piscinas e estavam suportadas por uma construção granítica que permitia a preservação da construção mesmo nas épocas das cheias do rio Douro [Fig. 84 e 85].

Poderá estabelecer-se um paralelo com as Piscinas das Marés de Álvaro Siza na Praia de Leça [Fig. 86] inauguradas em 1966, mais de 50 anos depois do projecto de Terra Viana. Pela sua qualidade projectual e construtiva de implantação face às condições agrestes deste lugar, as Piscinas do Rio foram consideradas em 1921 uma "obra única de engenharia hidráulica que hon-rou a engenharia da época e que merecia, pela sua concepção, ser preservada"[5] a que Helena Coelho e Jorge Mangorrinha acrescentam a sua classificação atrevida de "quase proto-organicis--ta"[6] comprovando a inovação da obra face às tendências arquitectónicas da época.

[1] Machado, R.(1973) As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade. Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.16
[2] Idem. *ibidem*. p.17
[3] Idem. *ibidem*. p.15
[4] Idem. *ibidem*. p.16
[5] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.162
[6] Idem. *ibidem*. p.160

Fig. 87: Alçados do projecto de ampliação das Piscinas do Rio de Inácio Teixeira da Mota. Não concretizado em obra.

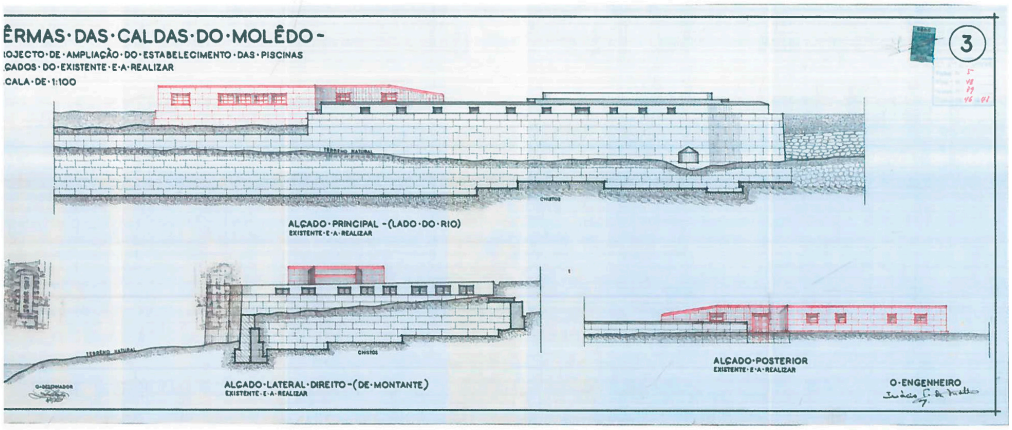


Fig. 88: Corte, alçado e planta do projecto exectuado em obra de Jorge Moreira da Costa, 1970-78.

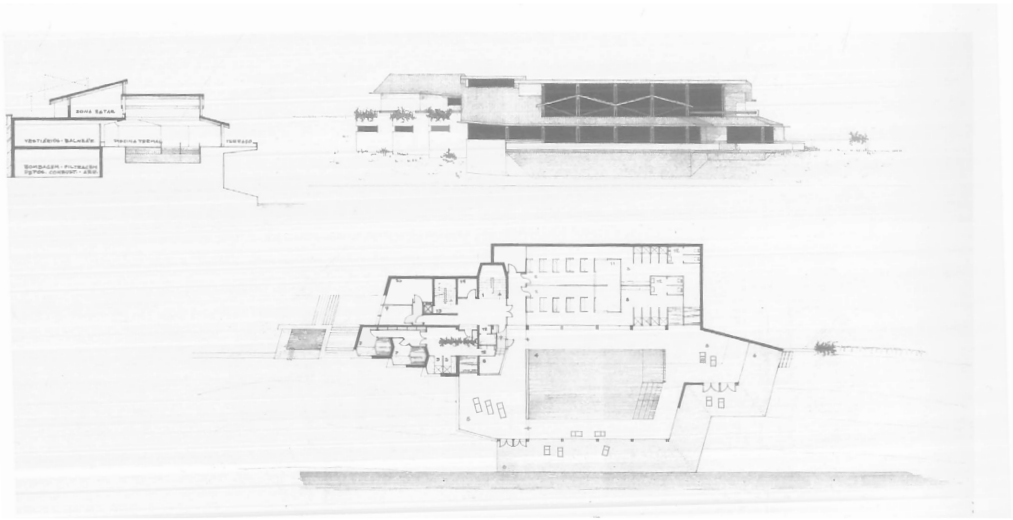


Fig. 89: Piscinas do Rio, Setembro 2018.

Fonte: Fig. 87: Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p. 391; Fig. 88: Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.290; Fig. 89: Elaborado pela autora

Em 1947 o engenheiro Inácio Xavier Teixeira da Mota realiza o projecto de ampliação das piscinas no entanto não foi concretizado em obra [Fig.87]. Pela análise dos desenhos, a in--tervenção propunha a substituição de um anexo de madeira por uma construção permanente em granito, constituído por sala de espera e cabines, e que se fundia com a construção pré-existente das piscinas. Apesar de não ter sido realizado considera-se que a intervenção não é evasiva face ao existente e iria aumentar o conforto dos aquistas.

> *Toda a gente sabe, já aqui se tem dito, que* ***a próxima albufeira do Carrapatelo****, consequência da represa do mesmo nome,* ***no rio Douro, inundará as piscinas das Caldas do Moledo. Inutilizará essa obra de arte suprema no mundo hidrológico.***[1]

Em 1972 a Barragem do Carrapatelo foi inaugurada, submergindo não só as piscinas do Rio mas também outras unidades termais como o banho 30 do Rio e a bica do Rio. Contudo, após a realização de sondagens de reconhecimento geológico e eventual captação das águas, a norte das piscinas agora submersas, verificou-se a presença de águas termais[2]

Desta forma, o arquitecto Jorge Moreira da Costa, que efectou a ampliação do Balneário da Lameira, inicia na mesma década, início dos anos 1980, o projecto das novas piscinas do Rio.

> *Trata-se de um* ***edifício de planta mista, com cobertura de uma água e lajes de betão****, num* ***jogo de planos inclinados acompanhando o declive da encosta***.[3]

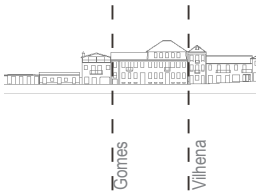
O novo edifício distancia-se bastante das piscinas originais de Terra Viana, tratando-se de uma construção com três pisos: a entrada é feita pelo piso superior, constituída por uma zona de estar e dois terraços que se abrem sobre a paisagem do Douro; no segundo piso localizam-se duas piscinas individuais e uma colectiva; por último, o piso térreo é dedicado a instalações téc--nicas[4] [Fig. 88 e 89].

Apesar de serem mencionadas várias referências internacionais alemãs como Wilbad, Baden, Bad Kreuznach para justificar a concepção arquitectónica das piscinas como um edifício que acompanhou a "evolução evidente deste tipo de equipamento, sublinhando também a inte--gração na paisagem"[5] considera-se que a construção actual rompe com a linguagem arquitec--tónica vernácula da região.

Ainda que não se pretenda a réplica das construções originais será importante desen--volver estratégias que consigam integrar as inovações do século XX e XXI e as exigências técnicas que este tipo de estabelecimento requer com a linguagem vernácula que ainda hoje se verifica e continua a caracterizar a identidade do Douro[6].

[1] Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.51
[2] Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade.* Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.18
[3] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.288
[4] Idem. *ibidem*. p.288
[5] Idem. *ibidem*. p.288
[6] Exemplos de construções termais contemporâneas no início deste sub-cápítulo (pp.100-101)

Fig. 90: Hotel Gomes, Caldas do Moledo.



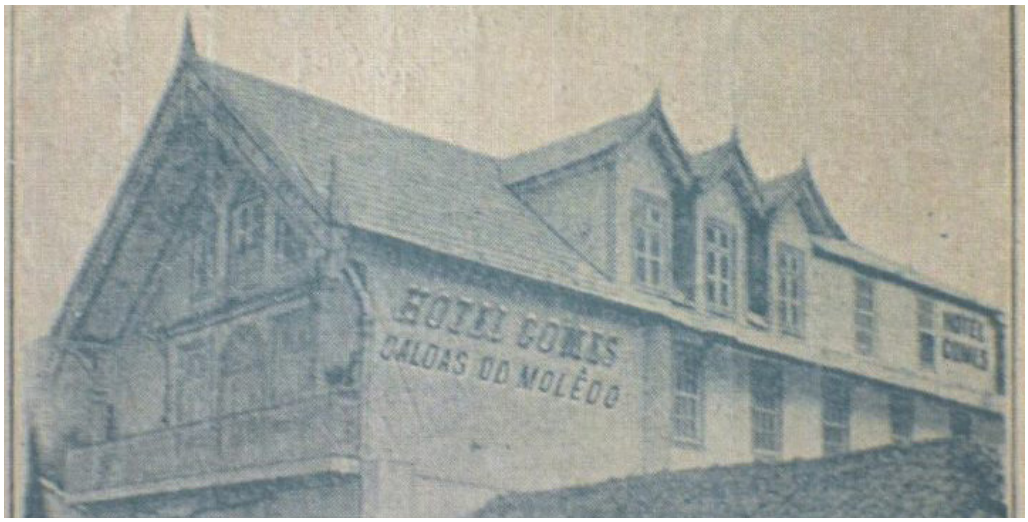
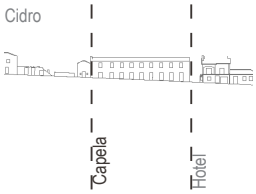


Fig. 91: Hotel Villhena, adjacente ao Hotel Gomes, Caldas do Moledo.

Fig. 92: Hotel do Cidro, Setembro 2018.



Fonte: Fig. 90 e 91: Cedidas por Heitor Gama; Fig. 92: Elaborado pela autora

Arquitectura Hoteleira e de Recreio

Considerando as estâncias termais como um dos primeiros movimentos de turismo em Portugal é evidente como a unidade hoteleira teve um papel fundamental no seu desenvolvi-mento. Visto como verdadeiros conjuntos turísticos, os complexos termais eram "constituídos por equipamentos de lazer, nos quais o hotel tinha um lugar preponderante, quase sempre associado a paisagens de forte cariz cenográfico"[1]. Inicialmente marcado por um "sistema de habitação temporária que ainda apresentavam um carácter habitativo familiar"[2] –este de certa forma, ainda se mantém, através do aluguer de construções privadas por períodos de tempo. No entanto, ao longo do desenvolvimento dos complexos termais, assiste-se a "investimentos mais vultosos, caracterizados pelos 'Palace' ou os 'Grande Hotel', símbolos de uma época"[3].

Por norma fixaram-se ou junto à rede de infra-estruturas, como as estações de cami--nho-de-ferro e estradas principais, ou dos estabelecimentos termais[4] e, ao contrário do rigor e resposta funcional dos balneários, os conjuntos hoteleiros, dependendo da dimensão do investi-mento, permitiram uma maior expressão formal no seu desenho. Na sua maioria, absorveram "as influências ou a formação oitocentistas europeias"[5] acabando por ganhar um papel fundamental no desenho do aglomerado e na leitura da paisagem.

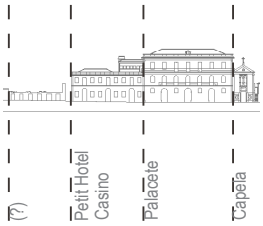
Associado aos hotéis assiste-se ao surgimento e concepção de casinos e clubes cria--dos com o objectivo de entreter o aquista, onde a 'cura espiritual' é vista como uma parte com--plementar do tratamento termal.

No caso de Caldas do Moledo foram várias as alterações sofridas ao longo do tempo no campo da arquitectura hoteleira e de recreio. Não fará sentido fazer uma separação entre estes dois tipos de uso pois, neste caso, encontram-se no mesmo edifício.

Identificam-se três construções anteriores às intervenções efectuadas pela 'Ferreirinha' na segunda metade do século XIX e situados à face da Estrada Nacional 108: o Hotel Gomes [Fig. 90]; no edifício adjacente, o Hotel Vilhena [Fig. 91]; e o Hotel do Cidro [Fig. 92], já no lado oposto da estrada.

Nenhuma destas construções mantém as sua funções originais, sendo que o edifício do Cidro apresenta um avançado estado de degradação e o Hotel Vilhena e o Hotel Gomes foram adquiridos para habitação.

[1] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.92
[2] Idem, *ibidem*. p.90
[3] Idem, *ibidem*. p.90
[4] Idem, *ibidem*. p.92
[5] Idem, *ibidem*. p.92



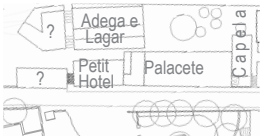


Fig. 93: Casino/Petit Hotel e Palacete.

Fig. 94: Lagar, Julho de 2017.

Fig.95: Pátio exterior.

Fig. 96: Estado actual do edifificado, Julho de 2017.

Fonte: Fig. 93 e 95: Cedidas por Heitor Gama; Fig. 94 e 96: Elaborado pela autora

*Um animado casino, vários hotéis, nomeadamente o **Grande Hotel**, o **Hotel Vilhena** e o **Petit Hotel**, muitas "casas para banhistas",(...)*[1]

Já dentro das reformas realizadas pela 'Ferreirinha' destacam-se algumas construções ligadas à hotelaria e ao entretenimento dos aquistas.[2] O Palacete e o Petit Hotel [Fig.93] foram das primeiras edificações a ser construídas, em 1873[3], dez anos após a chegada de D. Antónia a Caldas do Moledo. Considera-se que, inicialmente, o Palacete fora destinado a funções admi--nistrativas e residência da família Ferreira ou convidados nobres, no entanto, em 1893 o edifício recebeu novas funções através da construção do Grande Hotel nas suas dependências[4]. Já o Petit Hotel sempre teve o objectivo de receber os aquistas, sendo que é neste edifício que está inserido o Casino[5] .

Apesar dos poucos desenhos e informação sobre este edifícios, para além da planta de 1896 [Fig. 68] e do levantamento exterior da Câmara do Peso da Régua, sabe-se que o complexo do Palacete fixou-se na Quintas das Caldas e seria organizado em vários sectores. O edifício principal, de planta rectangular, é composto por três pisos e dispõe-se ao longo da actual Estrada Nacional 108. A entrada principal seria feita à face da rua, no entanto, no alçado oposto a entrada para o edifício já é feita à cota do segundo piso, através de um pátio exterior.

Adjacente ao Palacete encontra-se o Petit Hotel/Casino de planta rectangular mas ape--nas com dois pisos. Apesar da aparente continuidade visual da fachada, pelo que foi possível visitar o edifício, não existe qualquer passagem interior entre o Petit Hotel/Casino e o Palacete, a sua ligação teria de ser efectuada pela rua[6].

Será importante observar como a linguagem da fachada traduz a hierarquia do edi--ficado. O Palacete destaca-se, não só pela sua simetria e vãos de maiores dimensões, mas também por certos pormenores de ornamentação mais trabalhados, como por exemplo na cornija e arquitrave de remate do edifício, ou ainda pela extensão dos varandins, quando comparados com o Petit Hotel. Apesar das várias alterações encontradas entre os alçados dos dois edifícios, considera-se que houve um cuidado formal e arquitectónico que permite ler estas construções como parte de um conjunto hierarquizado.

Desta forma, o complexo do Palacete é composto por dois jardins: um do lado oposto da estrada e fechado por um gradeamento [Fig. 100], e o outro nas traseiras do Palacete acedido por uma escada adjacente ao Petit Hotel [Fig. 95]. Pelas fotografias encontradas, o primeiro jardim apresenta um desenho mais cuidado enquanto o segundo aproxima-se dos jardins românticos,

[1] Machado, R.(1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade.* Peso da Régua: Imprensa do Douro. p.11
[2] Apesar da pouco informação encontrada e por vezes incogrente, nomeadamente ao nome atribuído a determinados edifícios, serão utilizados as nomeações mais frequentes encontradas.
[3] Data cedida pelo Câmara do Peso da Régua. Não foi possível verificar a veracidade desta informação.
[4] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa.*1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.390
[5] Inicialmente o Casino e o Club dos complexos termais foram estabelecidos em edifícios preexistentes, apenas no século XX, com o crescimento da sua importância, é que se observou a individualização destas instalações. Idem, *ibidem.* p.94
[6] Pode-se ainda inserir neste conjunto a igreja do Palacete, no entanto a arquitectura religiosa será estudava posteriormente (p.125)

Fig. 97: Edifício sem uso identicado, Julho de 2017.

Fig. 98: Estado actual do edficado, Grande Hotel das Termas, Julho de 2017.

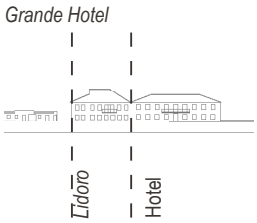


Fig. 99: Estado actual do edificado, Grande Hotel das Termas, Julho de 2017.

Fonte: Fig. 97, 98, 99: Elaboradas pela autora

onde, por exemplo as heras cobrem o edifício e deixa de ser claro o limite entre o que é construção e o que é natural.

Para além da função hoteleira e administrativa do complexo, é possível apontar ainda outra. A presença da adega e do lagar [Fig. 94], no conjunto que se localiza adjacente à linha do comboio, comprova que, ainda que este assentamento urbano seja marcado pelas suas características termais, a presença da vitivinicultura é manifesto de um lugar que sempre esteve e continuou ligado às raízes do Douro.

Identificaram-se dois edifícios [Fig. 97], localizados do lado esquerdo do conjunto e separados por uma escada, cujo uso não se sabe ao certo, mas que, possivelmente, seriam construções de apoio a este complexo, como por exemplo armazéns.

Todos os edifícios apresentam um estado de degradação avançado sendo que, nestes dois últimos apenas é possível reconhecer algumas paredes estruturais.

Para concluir o estudo das arquitecturas de hoteleira e recreio, será analisado o Grande Hotel [Fig. 98 e 99] localizado à face do lado sul da Estrada Nacional 108, antiga Estrada Real 34. Este edifício foi construído em 1888[1] e sofreu uma ampliação face ao edifício original através da sua anexação à Hospedaria do Lidóro. Esta expansão ainda é visível através da leitura do alçado norte, a quebra do ritmo dos vão da fachada e da cobertura apontam a estrutura original do conjunto outrora independente. O edifício é composto por três pisos –os dois últimos pisos apresentam o mesmo pé-direito, contudo o piso ao nível do rés-do-chão já tem uma altura maior, decorrente da vontade de vencer a diferença acentuada entre a cota da estrada e a do terreno próximo à margem do rio. Apesar da falta de informação sobre o seu interior é possível constatar que a entrada do Grande Hotel é realizada à face da estrada e ao nível do segundo piso, enquanto o acesso ao terraço, situado no rés-do-chão e que se abre sobre o Douro, seria efectuado por uma rampa exterior lateral. Esta observação permite estabelecer algumas relações espaciais de organização, como por exemplo, os quartos localizar-se-iam no último piso, com a possibilidade de alguns deles estarem situados no piso da entrada; e o piso do terraço seria dedicado a áreas comuns e de convívio. Estas relações também foram baseadas na observação dos alçados: os dois últimos pisos apresentam vãos rectangulares a 90cm do chão, à excepção do momento de entrada, onde os vãos adquirem a altura total da cércea do piso e um varandim; os vão do rés-do-chão para além da sua altura, são rematados com semicírculos, mostrando maior cuidado e engenho no desenho destes.

Na planta de 1896 [Fig. 68]] observam-se algumas construções complementares, muito provavelmente de apoio ao edifício original. No entanto, actualmente estes edifícios foram demolidos, permitindo uma maior abertura do Grande Hotel sobre o monte da Penajóia e o rio Douro.

[1] Data cedida pelo Câmara do Peso da Régua. Não foi possível verificar a veracidade desta informação.

Fig. 100: Jardim privado, Caldas do Moledo.

Fig. 101: Avenida de Plátanos, Caldas do Moledo.

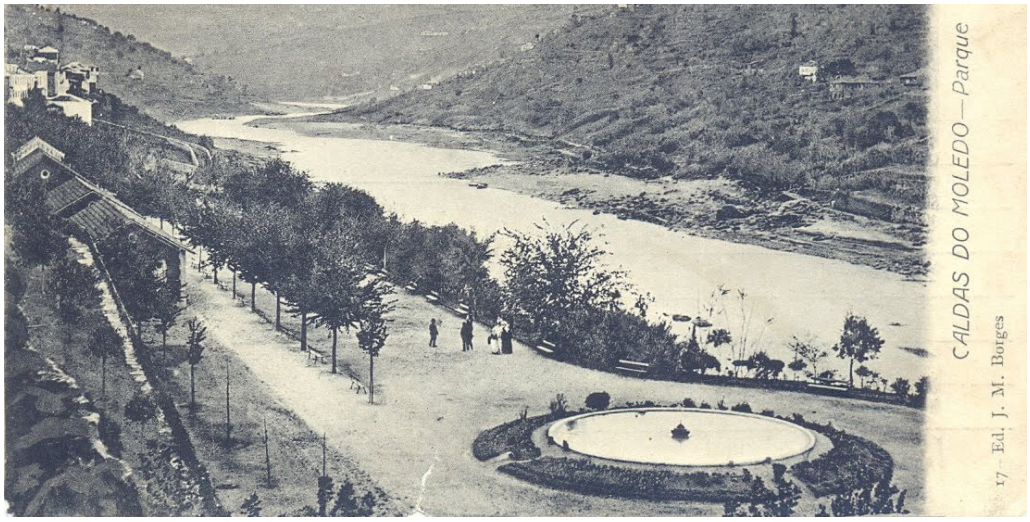


Fig. 102: Parque actual, Julho de 2017.

Fonte: Fig. 100: Florido 1899, p. 14; Fig. 101: Cedida por Heitor Gama; Fig. 102: Elaborado pela autora

Arquitectura Paisagista

Tal como Ramalho Ortigão[1] mencionou, os tratamento termais estavam associados a várias práticas de lazer e lúdicas que procuravam a cura física mas também espiritual do aquista, onde o contacto com a natureza era fundamental para complementar a 'cura termal'. Desta for--ma, no final do século XIX, a vegetação bravia começa a ser transformada em zonas de parque de passeio e recreio inspiradas nas imagens centro-europeias[2], com o objectivo de criar espaços verdes "para o entretenimento de uma população deslocada, com hábitos de convívio e de vida social, obrigada a uma estada fora do seu meio e que aí procura distração e afirmação social, em local 'neutro', (...)"[3].

Se o objectivo destes parques e espaços verdes é similar nas mais variadas estâncias portuguesas, já o seu desenho e concepção diferem significativamente. É possível encontrar tanto composição de figuras com formas rígidas, marcadamamente axiais e que se aproximam do jardim clássico francês, como formas 'orgânicas e serpenteantes'[4], semelhante ao jardim romântico e pitoresco inglês.

> *Lugares de encontro, arte e inspiração, intemporal pela permanência no tempo do seu sentido duplo -a* ***função utilitária e terapêutica*** *e a* ***dimensão estética como suporte das representações sociais****- que acompanha a transformação das sociedades e o gos--to dos tempos.* [5]

Em Caldas do Moledo, o Parque Termal situa-se junto do Balneário da Lameira e do Estabelecimento do Rio e foi construído durante a reforma da 'Ferreirinha'. O Parque era dividido em três tipos de espaços verdes: a avenida de plátanos, onde se insere uma fonte [Fig. 101], o jardim fechado localizado em frente ao Palacete [Fig. 100] e, por último, um relvado, com percur--sos sinuosos descendo até ao rio Douro.

Actualmente, o Parque Termal mantém a fonte e a avenida de plátanos centenários, no entanto esta encontra-se segmentada pela introdução de diferentes pavimentos que vieram privi--legiar o uso automóvel face ao pedonal, acabando por interromper a continuidade visual e formal anteriormente existente [Fig. 102]. Foram ainda construídos, já na requalificação mais recente, um campo de jogos, um parque infantil, e a uma cota mais baixa, junto ao rio, um percurso pe--donal e ciclovia. O jardim fechado e o relvado de percursos sinuosos, deixaram de existir, dando lugar, no primeiro caso, a um alargamento de recepção ao Parque e ao Palacete; e no segundo caso, a um terreno relvado. Já o mobiliário urbano é maioritariamente composto por pontos de iluminação e bancos de madeira. Tal como o edificado da estância termal, o parque também apresenta sinais de abandono e degradação.

[1] Ortigão, R. (1875) *Banhos de Caldas e Águas Minerais.*1ª edição. Lisboa.
[2] Mangorrinha, J.; Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa.*1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.114
[3] Mangorrinha, J. (2000) *O Lugar das Termas: Património e Desenvolvimento regional. As estâncias termais da região Oeste.* Lisboa: Livros Horizonte. p.88
[4] Mangorrinha, J.; Pinto, H (2009). O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia. p.88
[5] Idem, *ibidem.* p.90

Fig. 103: Esquerda: Capela do Cidro; Direita: Capela do Sagrado Coração de Maria.

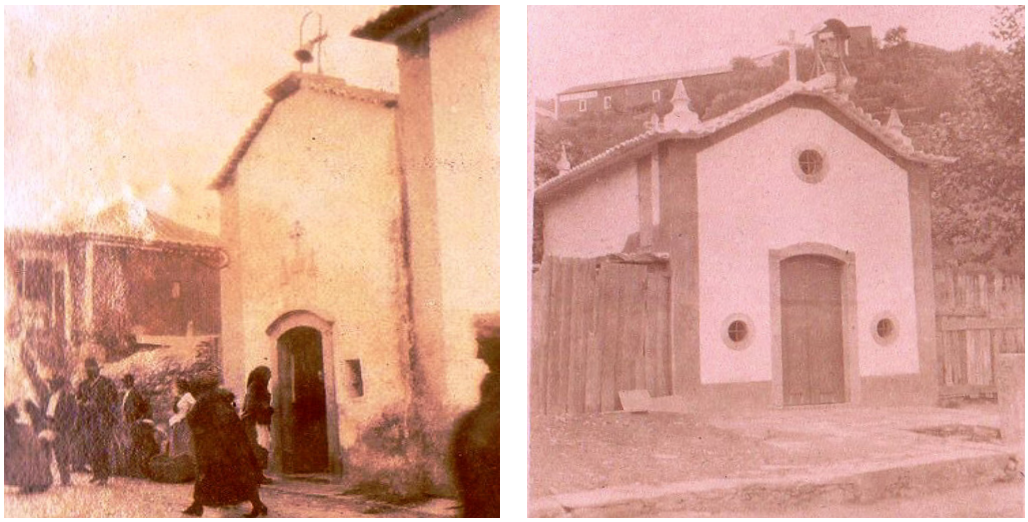


Fig. 104: Da esquerda para a direira: Capela do Palacete, Capela do Cidro, Capela do Sagrado Coração de Maria, Março de 2018.

Fig. 105: Apesar de não integrarem as arquitecturas do termalismo, a edificação destinada à vertente comercial e serviços contribuíram para o crescimento destes lugares termais.
Legenda: *Um aspecto - Farmacia do Senhor Napoleão de Pinho.*

Nota: Não foi possível ter acesso ao alçado da Capela do Sagrado Coração de Maria.

Fonte: Fig. 103 e 105: Cedidas por Heitor Gama; Fig. 104: Elaborada pela autora

Arquitectura Religiosa

> *A **existência de um equipamento religioso** nas estâncias termais vem associada à ideia de **continuidade do culto durante o período de tratamento** ou vilegiatura, e até como **modo de libertação espiritual aliada à purificação física** que os tratamentos permitem, particularmente os banhos quentes.*[1]

Apesar da informação quase inexistente sobre a arquitectura religiosa do lugar de Cal--das do Moledo é possível identificar três capelas que serviram a população e aquistas ao longo dos anos [Fig. 103 e 104].

A Capela do Cidro, contígua ao antigo Hotel do Cidro foi construída no início do século XIX, dedicada à padroeira de Caldas do Moledo, Nossa Senhora da Saúde. Encontra-se em ele--vado estado de degradação e é de propriedade privada, sendo que actualmente tanto a capela como o edifício estão encerrados e para venda.

Por tal motivo, a padroeira da localidade, que aqui pertencia, foi transferida para a Ca--pela de S. Francisco, também conhecida por Capela do Palacete. Esta foi construída em 1863 pela 'Ferreirinha' e apresenta duas entradas: uma de acesso exterior à rua, feita através de um pequeno espaço de recepção exterior; e uma interior, de ligação ao Palacete. Apesar do avan--çado estado de degradação do Palacete, a capela contígua encontra-se actualmente em funcio--namento, e apresenta-se melhor conservada, tendo sido restaurada exteriormente pela Câmara Municipal do Peso da Régua, actuais proprietários dos dois edifícios.

Poucas são as informações encontradas sobre a Capela do Sagrado Coração de Maria, localizada junto à actual passagem férrea: é datada dos meados do século XIX e é de proprieda-de privada. Apesar de não ser possível visitar o seu interior, o exterior da capela encontra-se bem conservado.

Do ponto de vista arquitectónico, estas capelas são constituídas por telhados de duas águas, de pequenas dimensões e, aparentemente, de planta rectangular. Tanto a capela do Cidro como a do Sagrado Coração de Maria são despojadas de ornamentação, enquanto a Capela do Palacete, pela sua associação à estância termal e à sociedade da época, já apresenta materiais mais nobres e um desenho influenciado pelas características do Palacete.

Será de notar como esta última se torna a excepção do conjunto edificado, através do seu recuo face à estrada-rua, interrompendo a continuidade do plano da fachada, destacando-se pela conformação de um pequeno 'adro' elevado, reforçando assim a diferenciação funcional da edifício face as construções imediatas. No entanto, a decisão em manter a mesma materialidade permite que o edifício, ainda que excepcional, se integre no conjunto do Palacete.

[1] Mangorrinha, J. (2000) O lugar das termas:Património e desenvolvimento regional: As estâncias termais da região Oeste. Lisboa: Livros Horizonte. p.197

Fig. 106: Povoação de Caldas do Moledo, 1880-1925.

Fig. 107: Povoação de Caldas do Moledo, Março 2018.

Fonte: Fig. 106: Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municipal do Porto; Fig. 107: Elaborada pela autora

02.3 CALEIDOSCÓPIO DE VISÕES PRESENTES PARA O FUTURO DO *PÓRTICO* ESQUECIDO

O discurso desenvolvido até ao momento é de certa forma intrínseco às dimensões da arquitectura e do território e, apesar da bidimensionalidade do desenho, com base na *Secção do Vale* –inicialmente longitudinal face ao rio Douro mas que mais tarde se (des)dobra num discur-so transversal focado em Caldas do Moledo[1]– , constrói-se na tridimensionalidade da sua real morfologia. A abordagem passou por conferir ao desenho a dimensão sensorial do olhar onde as potencialidades multidimensionais do corte foram exploradas enquanto método de investigação e, simultaneamente, instrumento de observação, processo de interpretação e estratégia de inter-venção inerentes a qualquer caso de estudo.

Ainda que a aproximação proposta tente transmitir as ambiências e atmosferas do caso de estudo, importa mencionar a sua limitação como desenho, dominado pela visão ortogonal e supressor das restantes qualidades sensoriais –como por exemplo o tacto– do lugar. No tempo da 'arte da retina do olho'[2] a "hegemony of vision has been reinforced in our time by a multitude of technological inventions and the endless multiplication and production of images"[3].

Desta forma, a realidade de um território não se esgota na terceira dimensão, esta é construída ao longo do tempo e está em constante metamorfose. Esta quarta dimensão, explo-rada no campo da pintura e em particular pelo Cubismo[4], tem relação decisiva na arquitectura e no urbanismo e, de entre diversos autores que a problematizam, destaca-se André Corboz[5] pela construção de um olhar oblíquo entre as camadas palimpsésticas e Stefano Boeri[6] pela sua observação eclética e caleidoscópica.

Desde os 'olhos da pele' de Pallasmaa às visões oblíquas de Corboz e Boeri, os discur-sos contemporâneos introduzem a dimensão imaterial da arquitectura dos sentidos e do tempo. No entanto face à intangibilidade de representação da morfologia telúrica importa compreender como traduzi-los para as dimensões do desenho arquitectónico.

As alterações do próprio território reclamam outros instrumentos de compreensão e estratégias na transformação das realidades. A partir do entendimento operativo do património, no que lida com tempos, formas e metamorfoses, Aloïs Riegl, aparentemente evocado fora do tempo, tornou-se mediador no que diz respeito às intervenções no legado material simbólico, condição essencial para intervir em lugares como Caldas do Moledo.

[1] Ver *A Secção do Douro* (pp.26-33); *Portas do Lugar - o desdobrar da secção do Douro* (pp.82-91)
[2] Tradução livre da autora. Introduzido por Juhani Pallasmaa, *the retinal art of the eye é visto* como um meio de auto expressão e um jogo artístico-intelectual desvinculado das conexões sociais e mentais essenciais, perdendo a temporalidade quando busca impacto instantâneo. Ver Pallasmaa, J (2007) *The eyes of the skin. Architecture and the Senses.* 1ª ed. 1996. Chichester: John Wiley & Sons Ltd
[3] Pallasmaa, J (2007) *The eyes of the skin. Architecture and the Senses.* 1ª ed. 1996. Chichester: John Wiley & Sons Ltd. p.21
[4] Movimento artístico do século XX protagonizado por artistas como Paul Cézanne, Georges Braque e Pablo Picasso. Através da representação de várias prespectivas do mesmo objecto, permitido pelo deslocamento sucessivo do campo visual, introduziam a quarta dimensão, o tempo.
[5] Corboz, A. (2004). El territorio como palimpsesto. In *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Ed. orig. 1983. Barcelona: UPC (25-34).
[6] Boeri, S. (1998-1999). Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city. *Daidalos*, 69-70.

Fig. 108: "Representar el territorio es comprenderlo. Ahora bien, esta representación no es una copia sino una construcción. Se elabora un mapa, en primer ligar, para conocer, y en segundo lugar, para actuar. El mapa comparte con el territorio el ser un proceso, un producto, un proyecto, y como es también forma y sentido, corremos incluso el riesgo de considerado como un sujeto. (Corboz 2004, p.32)

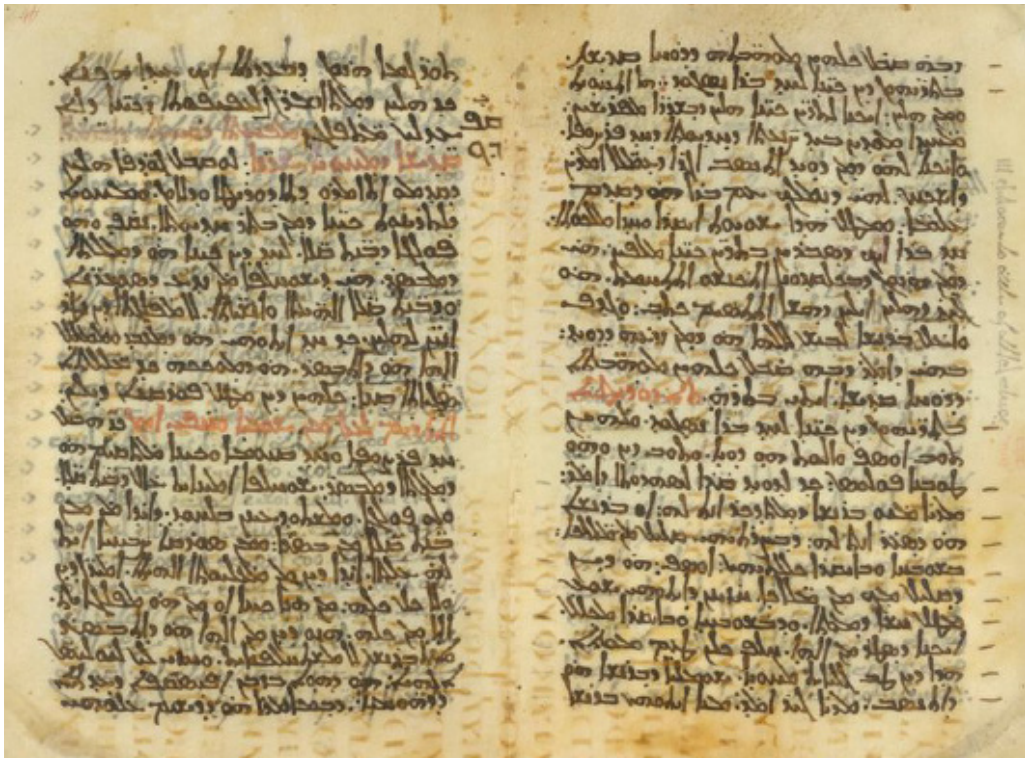
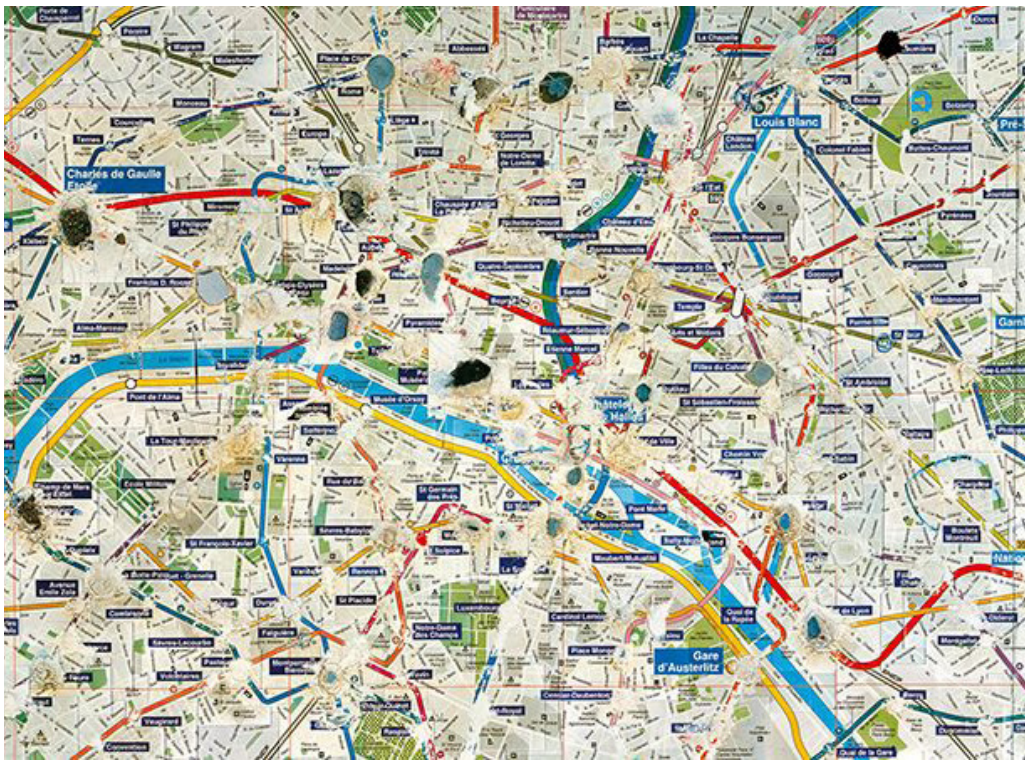


Fig. 109: ´La disparition´. Paola Di Bello,1998. "....represents the map of Paris underground in a montage of points where the users of all the stations place their fingers to indicate their position in the network thinking, "I am here"." (Boeri 2003, p.433)



Fonte: Fig. 108: britishlibrary.typepad.co.uk; Fig. 109: www.paoladibello.com

O olhar oblíquo de Corboz e Boeri

Na década de 1980, André Corboz (1928-2012), historiador e professor suíço de arqui--tectura e urbanismo, em *Le territoire comme palimpseste*[1], reafirma a necessidade de conhecer a entidade física e mental do território, reiterando a falta de fundamento do antagonismo entre cidade e campo. Segundo o autor, se esta concepção dicotómica é sobretudo de origem urbana e unidirecional, pressupondo o domínio e a delimitação clara da primeira relativamente à segunda, a realidade pós-industrialização, tal como Geddes e Hall reconhecem[2], é significativamente mais dinâmica, interactuante e intercambiável.

> *André Corboz, dissertando sobre a "**entidade física e mental que constitui o territó--rio**", declara que este "não é um dado mas **o resultado de vários processos**" que o transformam de acordo com a sua própria lógica, logo, "é objecto de uma construção". A enunciação de uma **perspectiva criadora e evolutiva** subentende que o território "cons--titui igualmente um **produto**" e, portanto, pressupõe **o contínuo aperfeiçoamento** dos resultados e, por essa razão, "é um **projecto**".*[3]

Se o território é para Corboz 'processo, produto e projecto', organismo vivo em cons--tante metamorfose que renasce e adquire novas identidades através de um processo continua--do e transformador, ele é também a relação que se estabelece entre a superfície topográfica e a população que a habita e, por isso, pressupõe um imaginário colectivo.

Esta ideia de metamorfose converge com a crítica de Stefano Boeri (1956-), arquitecto e urbanista italiano, em *Ecletic Atlases*[4], relativa à inaptidão da arquitectura e do urbanismo actual e à sua consequente incapacidade de responder à complexidade dos espaços urbanos. A vista aérea, a planta e os conceitos rígidos como centro-periferia, cidade-campo, interior-exterior, não são suficientes para representar o dinamismo dos fenómenos de produção e os sub-estratos que constroem a identidade do território, sejam estes arquitectónicos, culturais, sociais, econó--micos e históricos.

> *They produce provisional and **inconsequential maps in which the territory is not re--presented as a continuous mineral substrate or as a layering of stable "states of things"**, but as the interweaving of **sinuous and multiple configurations** which are re--versible and which **never share the same time-frame**.*[5]

Boeri considera que o fenómeno do território não deve ser visto como uma soma de várias partes mas antes como um processo evolutivo que se (des)dobra em espaço e tempo, reposiciona a incapacidade do desenho bidimensional responder à quarta dimensão, face à com--plexidade dos espaços urbanos.

[1] Corboz, A. (2004). El territorio como palimpsesto. In *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Ed. orig. 1983. Barcelona: UPC (25-34).
[2] Ver *A Secção do Douro* (pp.26-33); *Portas do Lugar - o desdobrar da secção do Douro* (pp.82-91)
[3] Calix, T. (2013). As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz imperativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto. Porto: FAUP. p.137
[4] Boeri, S. (1998-1999). Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city. *Daidalos*, 69-70.
[5] Idem. *ibibem*. p.105

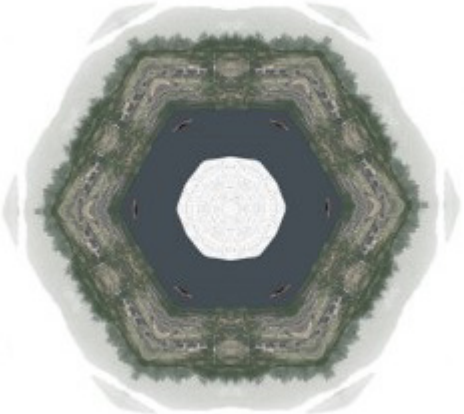
Fig. 110: Experimentaçao da visão caleidoscópica do vale do Douro.

Fig. 110a: Baixo Douro

Fig. 110b: Riba-Douro

Fig. 110c: Douro Vinhateiro

Fig. 110d: Alto Douro



Fonte: Fig. 110: Elaborada pela autora

A abordagem proposta por Boeri aproximar-se-á de uma visão caleidoscópia e de ima--gens ecléticas, uma metáfora que procura representar um lugar formado por uma sociedade organizada através de "microcosmos introvertidos e incomunicantes"[1].

A relevância desta leitura, tanto telúrica quanto oblíqua, na tentativa de compreender o território captando a sua quinta dimensão –observando simultaneamente, através de diferentes sujeitos e em diversas 'frequências', memórias, instantâneos e aspirações–, apresenta-se contudo aparentemente intangível na tentativa de uma representação através dos instrumentos da arquitectura.

Tanto Corboz, propondo o território como produto advindo de diferentes processos em constante metamorfose, traduzidos numa determinada forma a um dado momento, como Boeri, na perspectiva dinâmica e eclética do caleidescópio, compreendem a necessidade operativa da arquitectura lidar com vários processos e formas que não partilham o mesmo enquadramento temporal.

Será a esta dificuldade, presente no campo da arquitectura e do urbanismo, que a ela--boração do conceito de património, e a inerente consciência em torno de uma acção transforma--dora, tem procurado abrir caminhos.

> ***Património**. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, **ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e tempo**.*[2]

Se inicialmente a definição de património baseava-se num "bem de herança, que passa, de acordo com as leis, dos pais e das mães para os filhos"[3], actualmente "não podemos entender o património apenas como os vestígios tangíveis do processo histórico"[4].

O património é "uma construção social"[5] que pressupõe um bem, ou conjunto de bens com um reconhecido interesse cultural, histórico, ambiental, social, arquitectónico, …, de uma determinada comunidade, região, país ou até mesma da humanidade. Evoca, simbólica e ma--terialmente, a memória e a identidade de um dado território[6], e advém do valor reconhecido à acção colectiva diacrónica por via de um sentimento de pertença transtemporal[7].

[1] Boeri, S. (1998-1999). Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city. *Daidalos*, 69-70. p.113
[2] Choay, F. (2010). *A Alegoria do Património* (trad. Teresa Catro). 1ª ed. *L'Allégorie du patrimoine,* 1992. Lisboa: Edições 70.p.11
[3] Dicionário da língua francesa de E. Littré. Citado por Françoise Choay. *A Alegoria do Património* (trad. Teresa Catro). 1ª ed. *L'Allégorie du patrimoine,* 1992. Lisboa: Edições 70. p.11
[4] Silva, E. (2000) Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. In revista Antropológicas#4 pp. 217-224. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. p.218
[5] Lorenç Prats, *Antropologia e Património*,1997. Citado por Elsa Peralta da Silva. *Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. op.cit*. p.218
[6] Silva, E. (2000) Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. In revista *Antropológicas#4* pp. 217-224. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. p.219
[7] Idem. *ibidem*. p.218

Fig. 111: Segundo momento da *Valley Section* de Pactrick Geddes: as manifestação urbanas paralelas às actividades primárias presentes na secção longitudinal do vale, 1915.

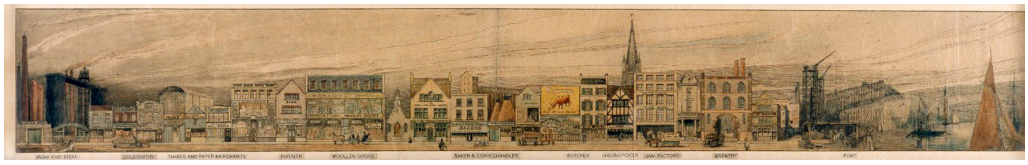


Fig. 112: Representação do estado actual do alçado de Caldas do Moledo.

Fonte: Fig. 111: Catálogo online da Biblioteca da Universidade de Edimburgo; Fig. 112: Elaborada pela autora

O Património de Aloïs Riegl

Dos vários autores que problematizaram a intervenção no legado material simbólico, seja paisagístico, arquitectónico ou relativo aos artefactos do quotidiano –principiando por Viollet-le-Duc e Ruskin[1] –, considera-se que a proposta mediadora de Aloïs Riegl mantém uma condição reflexiva e hierarquizadora essencial para intervir em lugares como Caldas do Moledo, nomeadamente na compreensão de valores patrimoniais construídos e identitários da memória colectiva. Aloïs Riegl (1858-1905), historiador e conservador de arte vienense, contemporâneo de Patrick Geddes, publica em 1903 *Der moderne Denkmalkultus*[2], uma proposta de desdobramento do conceito de monumento segundo uma matriz complexa de valores de memória e de contemporaneidade: o primeiro duplamente desdobrado em monumentos intencionais e não intencionais ou históricos, e em de antiguidade e de historicidade, e o segundo em de uso e em artístico de novidade e relativo. Apesar de este contributo para a construção da noção de património ter já mais de século, a sua própria formulação operativa –na ponderação variável de tais valores em cada circunstância específica– oferece não só uma perspectiva actual teórico-prática no que à intervenção patrimonial diz respeito como, implicando as manifestações de espaço, tempo e cultura em artefactos, edifícios e paisagens patrimoniais, converge, em Caldas do Moledo, para a concretização das visões oblíquas enunciadas por Corboz e Boeri.

> ***Por monumento**, en el sentido más antigo y primigenio, **se entiende una obra realizada por la mano humana** y creada con **el fin específico de mantener hazañas o destinos individuales** (o un conjunto de éstos) **siempre vivos y presentes en la conciencia de las generaciones venideras.*** [3]

Decorrente das distintas formas de concepção, percepção e recepção do monumento em cada momento histórico, bem como dos meios possíveis para a sua preservação, Riegl categoriza primeiramente os valores em de memória e de contemporaneidade. Inserido no primeiro grupo, o monumento no seu sentido original relaciona-se com a manutenção consciente da memória colectiva de um grupo, cingindo-se assim aos monumentos intencionais[4]. No entanto, na visão moderna e contemporânea, o termo monumento refere-se também aos monumentos históricos[5], ou seja, não intencionais, onde a sua vontade original não confere a categoria de monumento mas "somos nós, sujeitos modernos, que a atribuímos"[6].

[1] Eugène Viollet-le-Duc (1814-1874) e John Ruskin (1819-1900), autores contemporâneos, apresentam posições sobre a intervenção nos edifícios-monumentos que, mais do que simplesmente antagónicas, podem ser entendidas como complementares no sentido em que permitem reflectir acerca da intensidade, ou 'extremos', da acção do homem sobre as formas legadas por tempos anteriores. A proposta de Viollet-le-Duc, mais intervencionista e doutrinária, ou passível de assim ser apropriada, defende o restauro do edifício, podendo mesmo 'restituí-lo a um estado completo, que pode nunca ter existido' --o restauro estilístico. Pela consideração do tempo como interveniente no processo, Ruskin defende uma acção não-intervencionista, ou de pequenas e circunstanciais acções de preservação --que não desvirtuem o sentido da acção e passagem do tempo--, traduzidas numa manutenção imperceptível do (processo de) 'envelhecimento' do edifício. Ver Choay, F. (2010). *A Alegoria do Património* (trad. Teresa Catro). 1ª ed. L'Allégorie du patrimoine, 1992. Lisboa: Edições 70

[2] *O Culto Moderno dos Monumentos* para *Comissão Central para a Arte e Monumentos Históricos austríacos.*

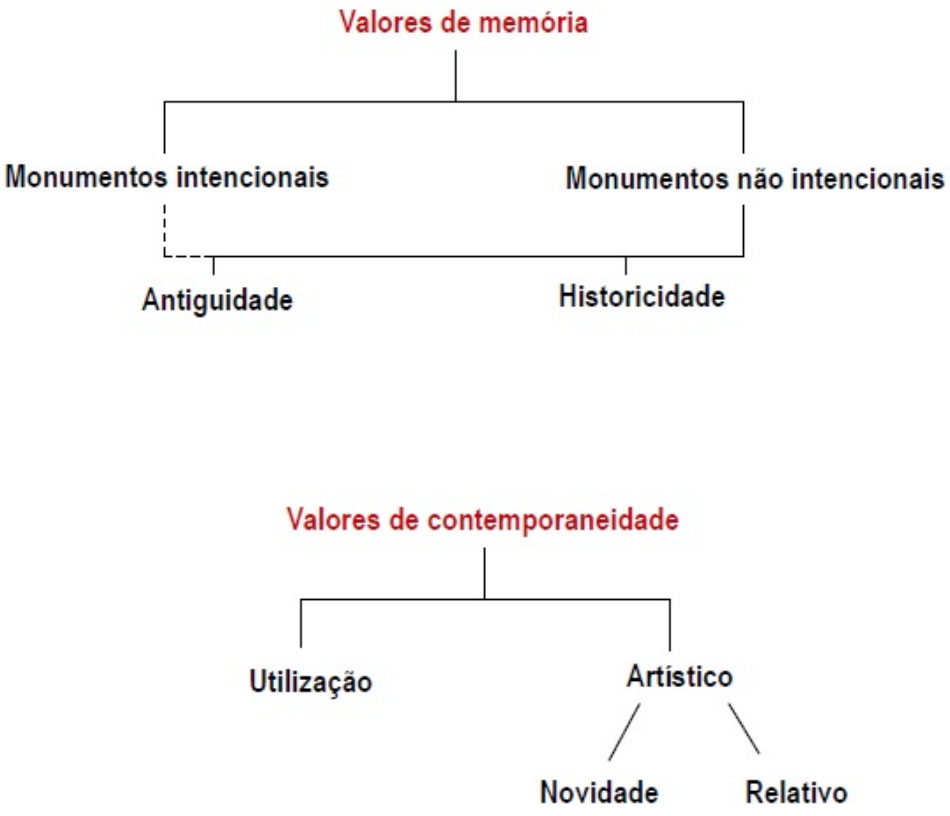
[3] Riegl, A. (1987). *El culto moderno a los monumentos*. 1ª ed. 1903. Madrid: Visor Distribuciones. p.13

[4] "En la categoria de monumentos intencionados se incluye sólo a aquellas obras que por voluntad de sus creadores han de rememorar un determinado momento del passado." Idem. *ibidem.* p.31

[5] Los monumentos históricos son, por oposición a los intencionados, «no intencionados» (...) en general sólo pretendiam satisfacer ciertas necessidades práticas o ideales propias, de sus contemporâneos o, como mucho, de sus sucesores más inmediatos, y que seguramente no pensaban en dejar a las generaciones de siglos posteriores testimonios de la vida y la creación artística y cultura propias (...) Idem. *ibidem*. pp. 28-29

[6] Idem. *ibidem*. pp. 29

Fig. 113: Esquema dos Valores dos Monumento de Alöis Riegl. O autor propõe o desdobramento do conceito de monumento segundo uma matriz complexa de valores –de memória e de contemporaneidade - o primeiro duplamente desdobrado em monumentos intencionais e não intencionais, e em valores de antiguidade e de historicidade, e o segundo em de uso e em artístico de novidade e relativo.



Fonte: Elaborada pela autora

Esta dupla distinção procura traduzir as diferentes expectativas relativas a um determinado monumento, dividindo-se aqui o seu valor entre de antiguidade e histórico. Para Riegl, o valor histórico vem do reconhecimento de que um determinado monumento representa um estado particular e único no desenvolvimento de um domínio da criação humana e está relacionado com um período histórico específico. A diferença entre este e o intencional está no facto do seu reconhecimento ser realizado em épocas diferentes da história do monumento – uma no momento da criação, a outra na contemporaneidade. Já o valor de antiguidade poderá traduzir-se na ideia de ruína[1] enquanto manifestação do ciclo natural e da passagem do tempo, a que inevitavelmente se sujeita toda a obra humana. No sentido do anteriormente proposto por Ruskin, a não-intervenção na ruína permitirá a continuidade e revisita da memória colectiva, sendo que esta posição passiva não significa abandono ou destruição do monumento, antes e apenas protecção de acções humanas e naturais que possam contribuir para uma extinção acelerada do mesmo[2].

> ***Há ruínas poéticas, amáveis, saudosas... Nessas ruínas, não se deve tocar.*** *A hera que as ampare, cheias de caridade, enquanto o mundo for mundo. Podem refrigerar almas secas ou consolar almas tristes. Deixem-nas estar.* ***Outras ruínas há, que nem sequer merecem o nome de ruínas.*** *São falsas como as rugas como que se pintam o actor ainda fresco para fingir de velho. São esquálidas como o cariz de quem não usa sabão.* ***Sem poesia nenhuma, são apenas sinais de desmazelo.***[3]

Em Caldas do Moledo, monumento não intencionado detendo um valor histórico, a condição de ruína não traduz memória tranquila de uma época anterior, antes decorrendo do progressivo abandono da edificação. Não são ruínas no sentido poético, mas sim construções devolutas em avançado estado de degradação. Assim, considerando que neste caso a manutenção da ruína não constitui hipótese de intervenção, os valores de contemporaneidade de Riegl –de uso e artísticos– apresentam plena pertinência para a compreensão dos valores patrimoniais em causa, e em particular no edificado colectivo, concorrendo para a definição de uma estratégia de intervenção.

O valor de uso apontado por Riegl consiste na necessidade e possibilidade de adaptação dos monumentos a novos usos, numa metamorfose atributiva de sustentabilidade e continuidade ao longo dos tempos. Este processo secundarizará o valor de antiguidade fazendo prevalecer o histórico, tendo sempre em conta a habitabilidade contemporânea dos espaços. O valor artístico divide-se em valor de novidade e valor artístico relativo: o primeiro pode ser visto como o oposto do valor de antiguidade[4], onde a valorização do monumento está na sua qualidade de unidade acabada; já o artístico relativo, será o mais próximo das ideias contemporâneas, pela subjectivização da sua feição estética face ao momento presente.

[1] Insere-se no valor de antiguidade. O primeiro contacto com a obra torna claro o seu aspecto não-moderno, e a sua perceção é feita nao só pelas classes mais instruídas mas por todos os grupos sociais. Riegl, A.(1987) *El culto moderno a los monumentos*. 1ª ed. 1903. Madrid: Visor Distribuciones. p.49
[2] Riegl, A. (1987) *El culto moderno a los monumentos*.1ªed. 1903.Madrid: Visor Distribuciones. pp. 67-68
[3] Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.77
[4] Riegl, A. (1987) *El culto moderno a los monumentos*. 1ª ed. 1903.Madrid: Visor Distribuciones. p. 80

Fig. 114: Levantamento do estado do edificado
PORTO

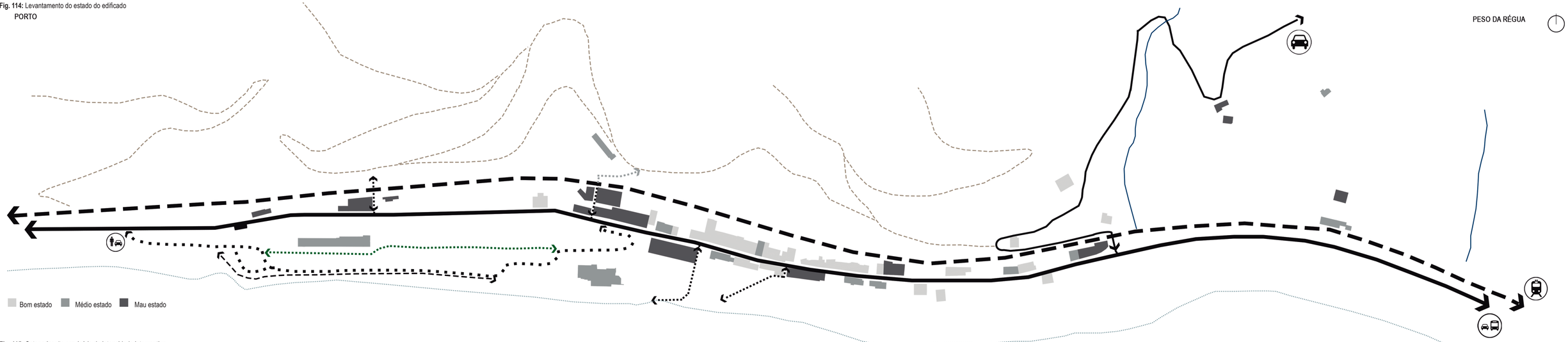
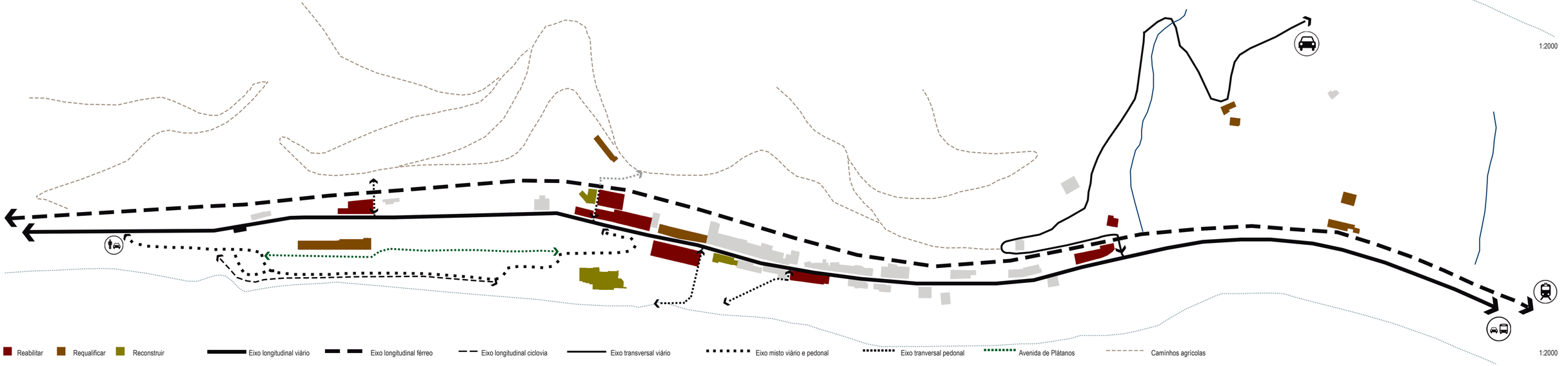


Fig. 115: Categorização provisória da intensidade interventiva



A análise do edificado de Caldas do Moledo revela uma maior concentração de edifícios devolutos e em mau estado no complexo termal do aglomerado [Fig. 114]. Advindo da cessação das actividades colectivas, nomeadamente os tratamentos termais, e consequentemente da hotelaria, e face às restantes construções de carácter privado e habitacional ainda activas, incluindo escassas situações de comércio de proximidade, a estratégia de intervenção assentará primeiramente na dimensão pública e colectiva, propondo intervir directamente no edificado habitacional apenas em situações pontuais em que se afigure relevante não só do ponto de vista urbano como na reconstrução da identidade do lugar –ressalve-se que são obviamente considerados os efeitos sistémicos que a acção no espaço público e colectivo induz no espaço privado e individual.

Neste sentido, mesmo considerando a inerência de todo o edificado de Caldas do Moledo a um lugar termal, observa-se uma grande variação em termos de valor patrimonial, conduzindo assim, na instância estratégica aqui em exposição, a uma categorização provisória da intensidade interventiva: edifícios a reabilitar, a requalificar e a reconstruir[1] [Fig. 115].

No que respeita aos edifícios mais representativos da época termal, ainda preservados na sua conformação inicial, e mesmo considerando novos usos programáticos, a estratégia passará pela reabilitação, se não mesmo restauro: ao Balneário da Estrada, Palacete, Petit Hotel e Grande Hotel caberá, na escala de valores presentes em Caldas do Moledo e mesmo na sua não intencionalidade, a função de memória do lugar.

No segundo grupo inserem-se os edifícios que sofreram alterações ao longo do tempo, mas que mantêm características arquitectónicas originais e identitárias da arquitectura da região: nos Balneários da Lameira, com o piso térreo original, a intervenção passará pela requalificação do piso superior e das áreas adjacentes; nos restantes edifícios, como a antiga Hospedaria e Capela do Cidro, devido ao avançando estado de degradação, será necessário uma análise mais cuidada, ponderando o seu valor artístico relativo, enquanto contributo para o valor histórico do lugar, com a necessária unidade possibilitada pelo valor artístico de novidade da intervenção.

Por fim, no último grupo encontram-se os edifícios que, seja pela debilidade dos valores artísticos, seja pelas grandes modificações entretanto sofridas, subvertem o potencial equilíbrio entre valores de memória e de contemporaneidade presentes em Caldas do Moledo; nomeadamente, as Piscinas do Rio, construídas em 1982, a uma cota mais alta face à das anteriormente existentes, não apresentam, assim considera-se, quaisquer valores de contemporaneidade –sejam de uso ou artísticos, tanto de novidade como relativo–, a que se soma a falta de reconhecimento enquanto memória colectiva por parte da população; assim, coloca-se a opção de demolir a estrutura actual, construindo um novo complexo que melhor responda às características do lugar, procurando valores artístico-formais mais coerentes com toda a envolvente –inclusive revendo certas qualidades da construção primitiva, de 1894, do engenheiro Terra Viana.

[1] 'Reabilitar', 'Requalficar' e 'Reconstruir' são os três conceitos imediatos que surgiram para estabelecer a categorização provisória da intensidade interventiva. No entanto, julga-se que seria necessário compreender melhor o significados destes ou até mesmo procurar outros que se considerassem mais ajustados para esta categorização do edificado.

II

03.

03. O *Pórtico* da Região do Douro

> *O problema com que hoje nos enfrentamos consiste em como* ***pensar a cidade quando temos redes em lugar de vizinhanças****, quando o* ***espaço homogéneo e estável não é mais do que um caso limite no seio de um espaço global de multiplicidades locais conectadas****, quando há já muito tempo que* ***o debate público se realiza em espaços virtuais****, quando* ***as ruas e as praças deixaram de ser o principal lugar de encontro e encenação***.[1]

Se até ao momento foi fundamental construir uma visão sobre o território que vá além da sua espacialidade, assumindo que todos os lugares são complexas construções sociais, interdependentes e temporais, que envolvem questões históricas, culturais, sociais e económicas; nesta segunda parte da investigação procura-se objectivar, materializar e propor uma estratégia, com base num instrumento e método de observação desenvolvido aos problemas desta região-lugar.

A intervenção num território tão complexo, diverso e interdependente como o Douro, obriga a uma visão coesa e transversal sobre vários temas que são próprios do desenho urbano. Através duma proposta multi-escalar, com diferentes cartografias, pretende-se criar estratégias de desenvolvimento urbano que, a longo prazo, venham a dinamizar nas várias vertentes: habi-tacional, cultural, económico e comercial.

Mais uma vez a visão oblíqua, que confronta vários tempos e realidades, tornou-se essencial nesta investigação: como método de observação e naturalmente mais descritivo; ou de intervenção pelo carácter propositivo que apresentam. Desta forma, o desenho procura construir um discurso de aproximação sucessivo capaz de identificar e responder aos problemas do caso de estudo.

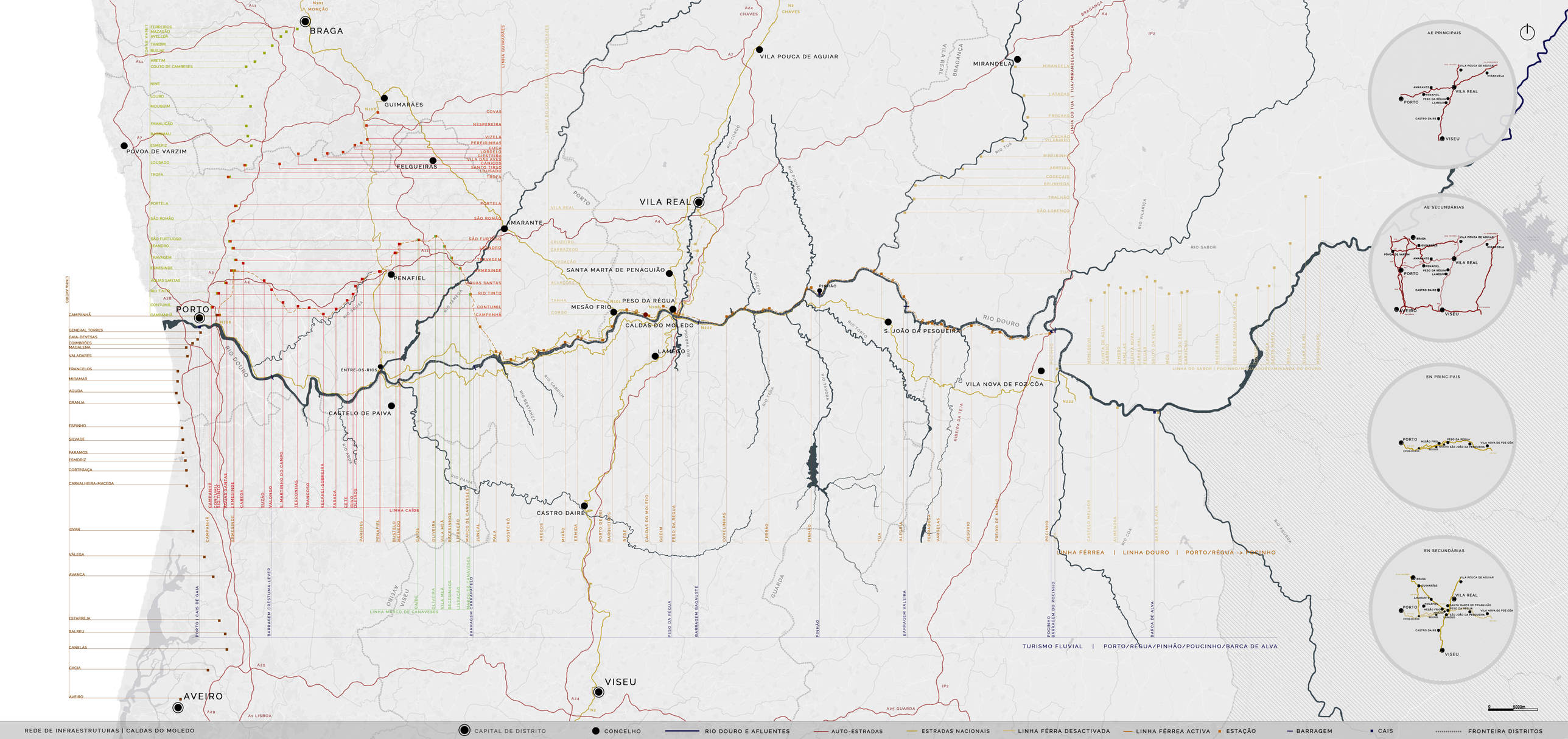
Sujeitos a uma leitura própria e inerente à escala onde se inserem, pretende-se sobre-tudo a reestruturação das unidades urbanas devolvendo aos elementos o seu *core*: a rua como lugar de "movimento e transporte de pessoas, informações e bens"[2]; a estrada como um percur-so que "liga povoações, vilas e cidades"[3] e apresenta, maioritariamente, trânsito de passagem; e a praça como "lugar de desempenho colectivo e de condição pública" e à qual estão ligados conceitos "de permanência, de singularidade e de autonomia formal no tecido urbano"[4]

[1] Domingues, Á. (2009) *A rua da estrada*. Colecção Equações de arquitectura. Porto: Dafne. p.123 citação de Daniel Inneraity, Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadania in XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégi-cos Urbanos y Territoriales, Zaragoza, 2008

[2] Casas-Valle, D. (2018) *Streets & Urbanization. Theory, Case, Tool. reflections on the intermediary scale in the Porto region*. Porto: FAUP. p.17

[3] Domingues, Á. (2009) *A rua da estrada*. Colecção Equações de arquitectura. Porto: Dafne. p.17

[4] Pinto da Silva, M. (2009). *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea. Porto*: FAUP. p.340


BRAGA
GUIMARÃES
POVOA DE VARZIM
FELGUEIRAS
VILA POUCA DE AGUIAR
MIRANDELA
VILA REAL
AMARANTE
PENAFIEL
SANTA MARTA DE PENAGUIÃO
PESO DA RÉGUA
MESÃO FRIO
CALDAS DO MOLEDO
LAMEGO
PINHÃO
S. JOÃO DA PESQUEIRA
VILA NOVA DE FOZ CÔA
PORTO
ENTRE-OS-RIOS
CASTELO DE PAIVA
CASTRO DAIRE
VISEU
AVEIRO
RIO DOURO
RIO SABOR
RIO TUA
RIO PINHÃO
RIO CORGO
RIO CEIRA
RIO TORTO
RIO TÁVORA
RIO TEDA
RIO VARDOSA
RIO CABRUM
RIO BESTANÇA
RIO PAIVA
RIO AGUEDA
RIO COA
RIO VILARIÇA
RIBEIRA DA TEJA
LINHA FÉRREA | LINHA DOURO | PORTO/RÉGUA -> POCINHO
TURISMO FLUVIAL | PORTO/RÉGUA/PINHÃO/POUCINHO/BARCA DE ALVA
AE PRINCIPAIS
AE SECUNDÁRIAS
EN PRINCIPAIS
EN SECUNDÁRIAS
REDE DE INFRAESTRUTURAS | CALDAS DO MOLEDO
CAPITAL DE DISTRITO
CONCELHO
RIO DOURO E AFLUENTES
AUTO-ESTRADAS
ESTRADAS NACIONAIS
LINHA FÉRRA DESACTIVADA
LINHA FÉRREA ACTIVA
ESTAÇÃO
BARRAGEM
CAIS
FRONTEIRA DISTRITOS

03.1 NOVAS DINÂMICAS - ESTRATÉGIA PROSPECTIVA

> *Urbanisation never changed so rapidly and profoundly as in the last centuries. Cities are continuously changing.* ***Natural or social ruptures have a big spatial impact and chan--ge fundamentally how territories and urban areas are organised and function.*** *But more common are small changes in habits, physical transformations or urban develop--ments. At a daily basis, these small changes are normally imperceptible, but with time it is noticeable that urban areas change.* ***Step by step urban areas mutate in another urban stage.***[1]

Potencializada pelas novas dinâmicas das infra-estruturas dos últimos 150 anos –cami--nho-de-ferro, barragens, auto-estradas, …– observou-se uma mudança da hierarquização das redes e vias de comunicação.

Se no litoral verifica-se um interface que responde e interliga vários sistemas e infra-es--truturas, à medida que se avança para o interior esta relação começa a desvanecer. No objecto de estudo desta investigação, observa-se, por exemplo, que Vila Real, Peso da Régua e Lamego são actualmente servidos pela auto-estrada AE24, na direcção norte-sul, entre Chaves/Espanha e Viseu. Contudo, as ligações viárias interiores, traduzidas maioritariamente em estradas nacio--nais, desta região são bastantes deficientes e carecem de uma requalificação urgente.

Posto isto, novas centralidades na região surgem com o domínio da auto-estrada. Luga--res ligados às margens do rio Douro, como o Peso da Régua e até mesmo, a uma escala mais pequena, Caldas do Moledo, que outrora dominavam a região acabam por transferir as suas competências para outras localidades, como por exemplo Vila Real. No entanto e apesar destas novas dinâmicas, o Peso da Régua continua a funcionar como lugar de entrada e intercâmbio de fluxos, sejam estes turísticos, culturais, sociais ou urbanos, com o restante território duriense.

A linha-férrea apesar da sua extensão territorial apresenta vários problemas tanto na ligação do litoral com o interior como dentro da região do Douro. A frequência diária, a velocidade de circulação, o tempo de percurso, o conforto e a qualidade, ou até mesmo a desactivação de algumas linhas-férreas –Linha do Corgo, Linha do Tua, Linha do Sabor e parte da Linha do Dou--ro[2] – são algumas das dificuldades que têm feito esta infra-estrutura perder a competitividade face à rede viária, em particular à auto-estrada.

Focando na Linha do Douro, esta tornou-se numa infra-estrutura que presta maiorita--riamente um serviço turístico e de apreciação de paisagem, e não uma forma de transporte e deslocação dos habitantes locais. Por exemplo, na estação de Caíde é obrigatório a troca de uma ou até mesmo duas linhas para chegar ao seu destino. Existe também uma clara falta de infra-estruturas férreas no eixo entre os pólos Penafiel-Amarante e Guimarães-Braga.

[1] Casas-Valle, D. (2018) *Streets & Urbanization. Theory, Case, Tool. reflections on the intermediary scale in the Porto region*. Porto: FAUP. p. 33
[2] O lanço da Linha do Douro entre o Pocinho e Barca de Alva encerrou em 1985

Fig. 117: Relação distância-tempo Porto - Caldas do Moledo.

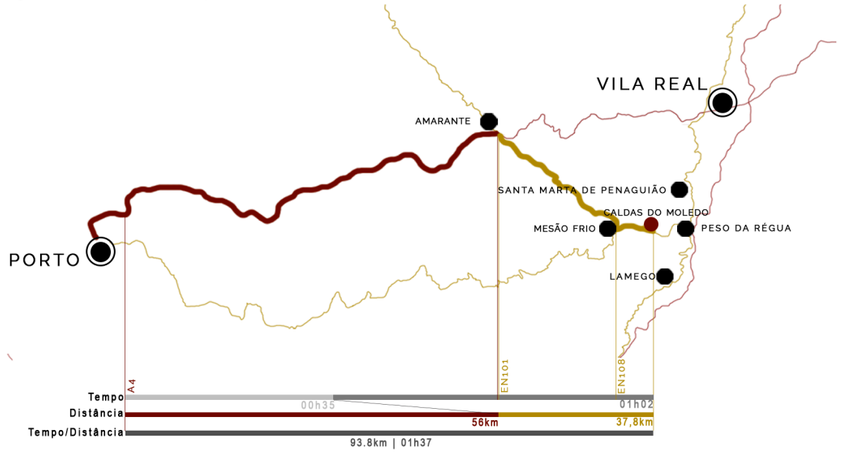
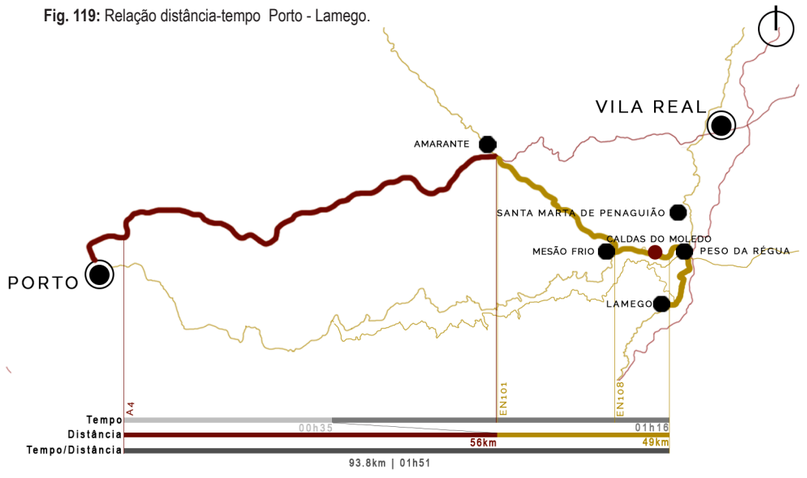
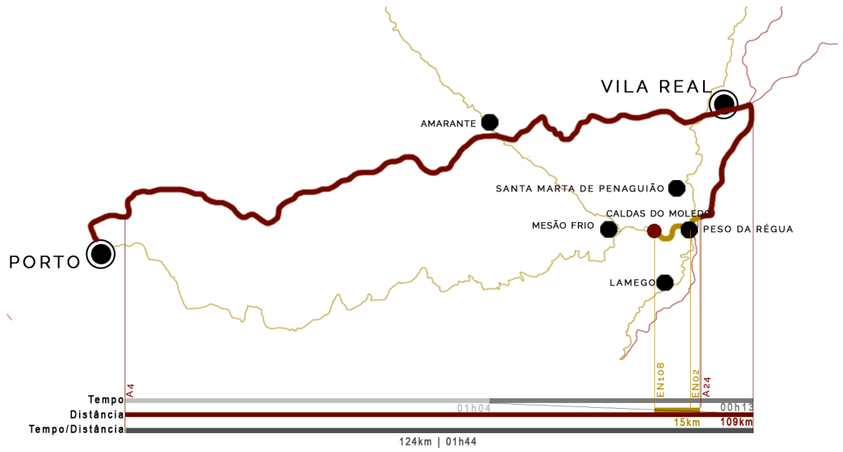


Fig. 118: Relação distância-tempo Vila Real - Caldas do Moledo.

Fig. 119: Relação distância-tempo Porto - Lamego.





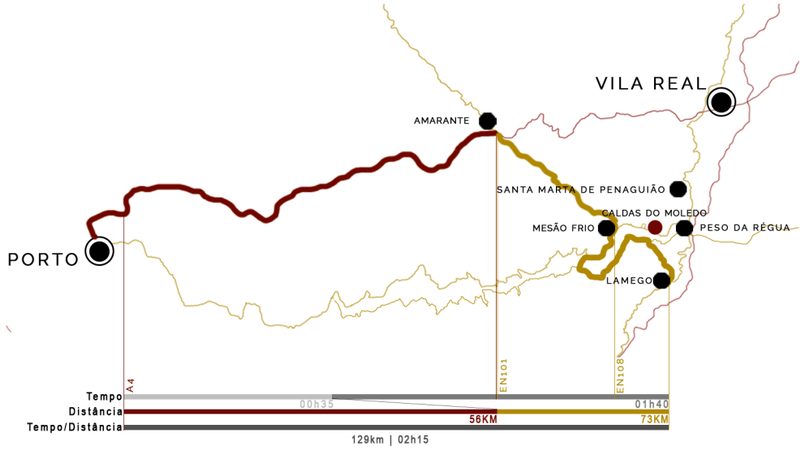
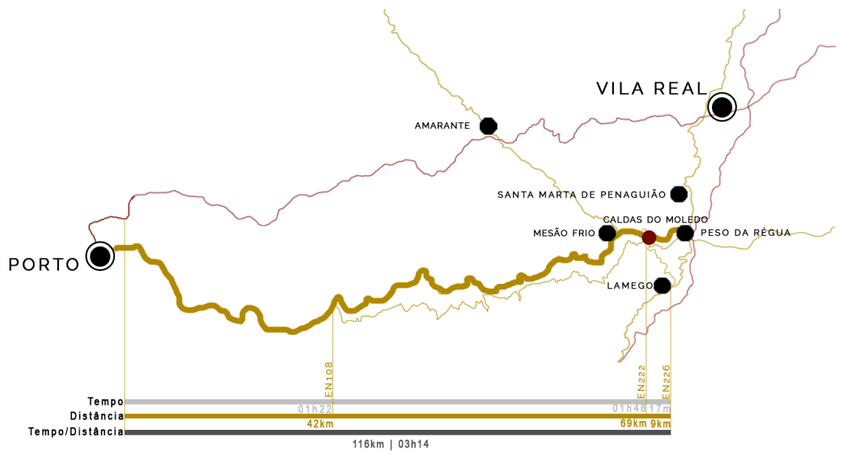
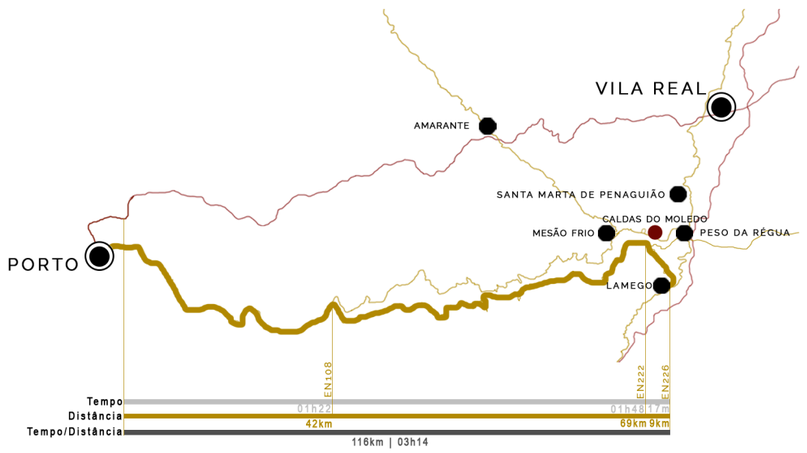


Fig. x: Vila Real - Lamego





Fonte: Elaborada pela autora

A falta de dispositivos de articulação entre os diferentes sistemas contribuem para a inexistência de verdadeiros interfaces. Desta forma, a rede de infra-estruturas apresenta diversos problemas de funcionalidade, relacionados com a articulação, no caso do Peso da Régua, entre a linha-férrea e o transporte colectivo rodoviário: "horários não devidamente coordenados, falta de infraestrutura de acolhimento, informação e distribuição de passageiros e implicando ainda problemas relacionados com o estacionamento das viaturas de passageiros"[1].

O percurso fluvial, o mais antigo e, inicialmente, o mais importante utilizado como rota de comunicação e troca de bens, pessoas e culturas com o resto do país e do mundo, é agora, quase exclusivamente, dedicado ao lazer e ao turismo. Desta forma, o aumento da procura turís--tica e as preocupações em revalorizar espaços históricos e de maior valor ambiental têm vindo a ganhar relevância, o que acarreta a necessidade de uma revisita à sua capacidade de adaptação e, consequentemente, à sua requalificação.

Ainda que nos dias de hoje o turismo seja uma das principais fontes de desenvolvimen--to económico –a par com a vitivinicultura– é fundamental garantir determinadas condições de acessibilidade não apenas para os visitantes mas também, e principalmente, para a qualificação e melhoria das condições de vida e manutenção da população duriense.

A necessidade actual de reduzir a distância-tempo entre os lugares, de chegar 'mais depressa', acabou por ter um impacto significativo nos fluxos de mobilidade. Por um lado com a construção das auto-estradas, a facilidade de deslocação entre regiões auxiliou na 'aproximação' dos lugares e nas trocas comerciais, culturais e sociais, por outro observa-se o 'esquecimento' e o deterioramento das vias locais-urbanas. Este favorecimento das vias rápidas acaba por ter um impacto significativo na população: a constante fuga às taxas das auto-estradas; mais o estado degradado das estradas, acabam por congestionar o trânsito local e por deterior estas vias.

Pode-se ainda acrescentar uma leitura relacionada com os sistemas de mobilidade no interior: a rede viária municipal é, de forma geral, de má qualidade (traçados, perfis, estado de conservação); os sistemas de transportes colectivos rodoviários e ferroviários não permitem atin--gir os padrões de acessibilidade adequados às tendências de concentração de equipamentos e serviços públicos no Peso da Régua e noutros pontos estratégicos do território, como por exem--plo Caldas do Moledo.

Considera-se que todas as infra-estruturas –estradas, vias rápidas, caminhos-de-ferro, canais fluviais– são elementos fundamentais na rede de mobilidade, e como tal, o devido inves--timento e requalificação são fundamentais para criar uma malha articulada entre os diversos elementos.

[1] Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final.* Quaternaire Portugal. p.49

Fig. 120: EN101 Amarante - Mesão Frio, Março de 2018.

Fig. 121: EN108 em Caldas do Moledo, Setembro de 2018.

Fig. 122: A24 Viseu-Vila Real, Março de 2018.

Fonte: Elaborada pela autora

Para além dos problemas de acessibilidade, no Alto Douro Vinhateiro em particular, tratam-se de redes que modificam permanentemente a paisagem e põem em causa os valores patrimoniais que classificam esta região como Património da Humanidade. As vias rodoviárias de grande escala, como as auto-estradas provocam "um forte contraste com a paisagem cultural que a acolhe, aspecto que é potenciado pelo relevo muito acidentado que, nas condições mais desfavoráveis de exposição visual (encostas muito iluminadas e declivosas) a tornam muito in--trusiva"[1]

Desta forma, por um lado encontra-se a auto-estrada, via rápida que rasga a paisagem vinhateira e se torna numa estrutura urbana com destaque significativo na paisagem; por outro a estrada que se molda e adapta à envolvente. Contudo, não significa que uma seja superior à outra, ambas são infra-estruturas fundamentais e estruturantes na rede de mobilidade do territó--rio, e como tal, é fundamental estabelecer e concretizar directrizes que permitam o controlo de qualidade destas duas realidades urbanas.

Segundo o relatório do Plano Estratégico do Município do Peso da Régua se o "Plano Director Municipal ou o Plano de Urbanização estão a ser elaborados/revistos numa perspectiva da sua actualização e com uma filosofia de flexibilidade na concretização do modelo territorial, já os Planos de Pormenor que incidem em toda a faixa ribeirinha são susceptíveis de constituir verdadeiros elementos dinamizadores de um aproveitamento qualificado dos recursos paisagísti--cos e da localização privilegiada da Régua."[2] Apesar da previsão do Plano Estratégico realizado em 2008, considera-se que os Planos Director Municipais (PDM) ainda que se tenham tornado elementos orientadores das intervenções e qualificações de intervenção no território, continuam, seja pelo não cumprimento, seja pelo desajuste destes, a não dar as respostas e a protecção necessária às características singulares de um território como o Douro.

O caso de estudo desta investigação, Caldas do Moledo, é alvo dessa incoerência. Apesar de estar incluído nos Planos de Pormenor e de Salvaguarda, até ao momento, seja por motivos políticos ou económicos, não foram tomadas as medidas necessárias para iniciar a devi--da requalificação deste lugar fundamental não só na história do Douro mas também como porta de chegada à cidade-coração do Douro, o Peso da Régua.

[1] Bianchi-de-Aguiar citado por Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD. p. A4|23
[2] Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final.* Quaternaire Portugal. pp.50-51

Fig. 123: Estratégia territorial prospectiva.

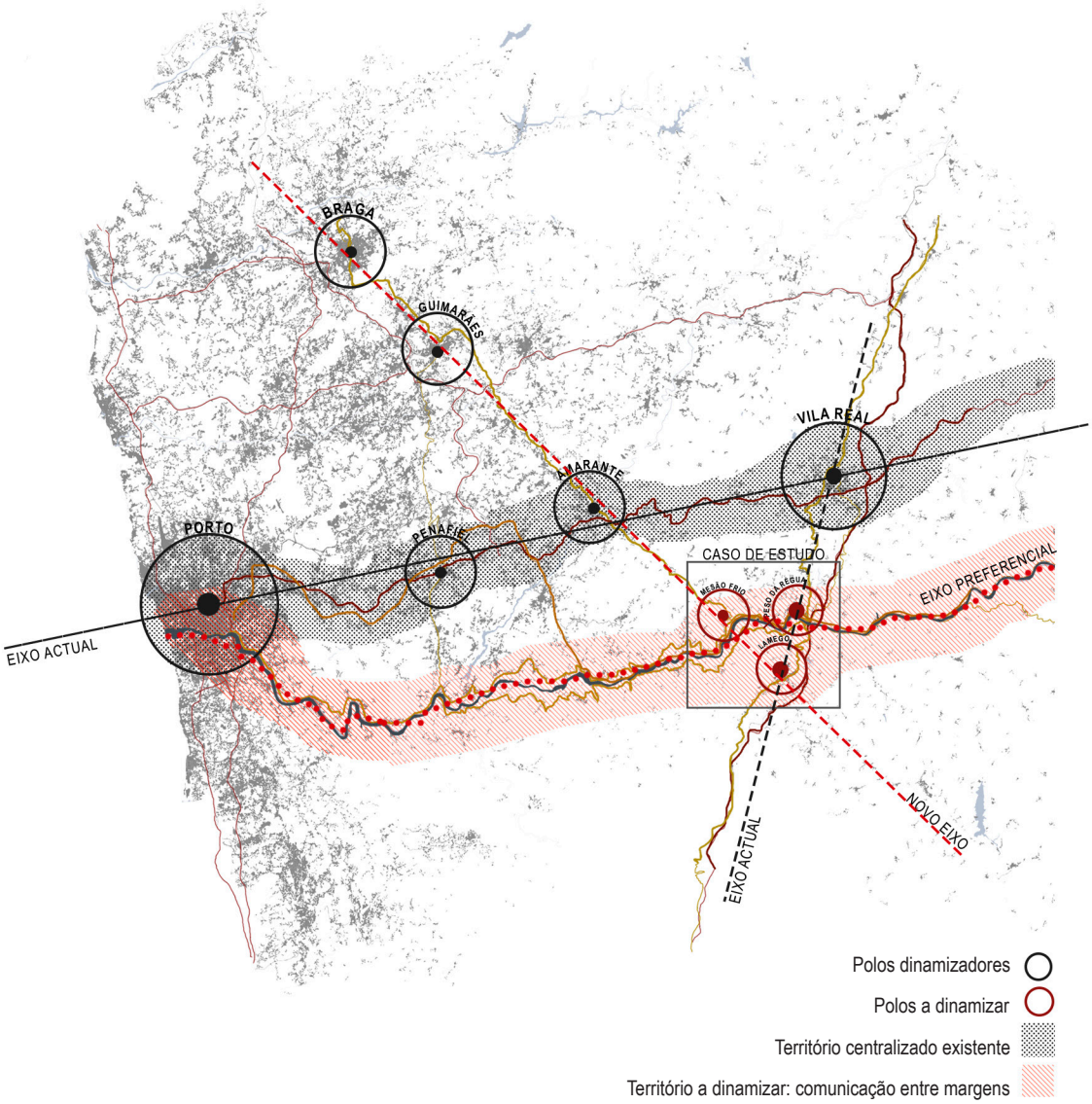
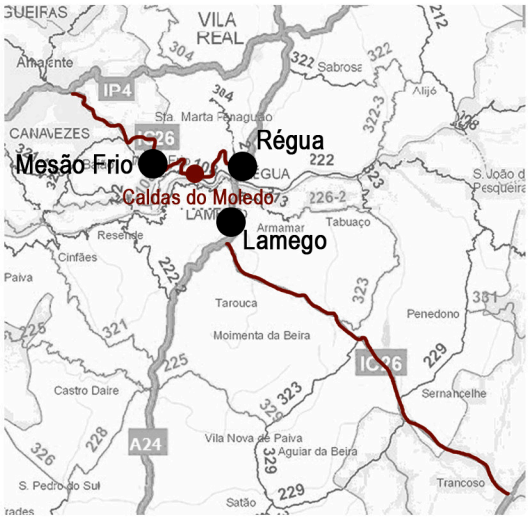


Fig. 124: Percurso proposto do IC26 Amarante-Régua-Lamego-Trancoso.



Fonte: Elaborada pela autora

Estratégia territorial

Face às novas centralidades e dinâmicas que foram abordadas anteriormente importa agora, e entrando na dimensão propositiva, elaborar uma base prospectiva para o desenvolvi-mento da estratégia territorial. Contemplando a macro-escala das estruturas destacam-se determinados pólos e percursos que permitem desenvolver um posicionamento e contributo mul-tiescalar na construção de uma rede e sistema agregador de pontos significantes presentes no território.

Salientam-se dois momentos e eixos preferenciais, o do vale do Douro e as vias entre margens do rio, e o trajecto Braga-Guimarães-Amarante-Mesão Frio-Lamego, actualmente servi-do por estradas nacionais [Fig. 123].

Neste contexto, já em 1998, foi publicado no Diário da República a criação do Itinerário Complementar (IC)26, Amarante-Trancoso, com pontos intermédios na Régua, Lamego, Tarou-ca, Moimenta da Beira e Sernancelhe[1] [Fig.124]. Acessibilidade é um dos grandes problemas tanto do Peso da Régua como dos concelhos inerentes como Mesão Frio e Lamego. A proposta aponta para um faseamento em cinco etapas: o [i] sector, entre Amarante e Mesão Frio, centra-se principalmente na requalificação da EN101, com as devidas rectificações de curvaturas e declives, tal como a construção de túneis e viadutos quando necessários; o [ii] encontra-se compreen-dido entre Mesão Frio e o Peso da Régua, e pretende não só requalificar parte da EN108, entre a Rede e as Caldas do Moledo, mas também algumas alterações e desvios face à actual Estrada Nacional; o [iii] insere-se na A24 entre o Peso da Régua e Lamego; os restantes dois [iv][v], já a sudoeste de Lamego até Trancoso.

Até ao momento foi realizado um estudo pelo Instituto de Infraestruturas Rodoviárias (INIR), em Dezembro de 2011, para avaliar os impactos ambientais desta intervenção rodoviária no Douro Sul, entre Lamego e Trancoso mas sem previsão de que o proposto IC26 seja realiza-do[2].

Apesar de não se saber as características e implicações que o IC26 iria ter no tramo entre Amarante e o Peso da Régua, e naturalmente a sua intersecção com Caldas do Moledo, torna-se evidente a necessidade de resolver os problemas de mobilidade e acessibilidades deste sector. A devida reformulação da rede de infra-estruturas, consequentemente e a prazo alargado, irá promover a qualificação de diversos patrimónios materiais e imateriais, capaz de criar oportu-nidades de reabilitação e requalificação do património local.

[1] Diário da República I - Série A nº163 17-07-1998, pág. 5
[2] A Março de 2018 foi lançada um petição pública a reclamar a construção do Itinerário Complementar 26, em particular entre Lamego e Trancoso. Ver Petição

Fig. 125: Dinâmica actual no sector em estudo

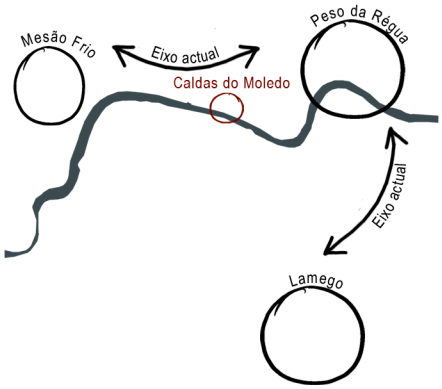


Fig. 125a: Criação de um novo eixo dinamizador entre polos Mesão Frio - Régua - Lamego

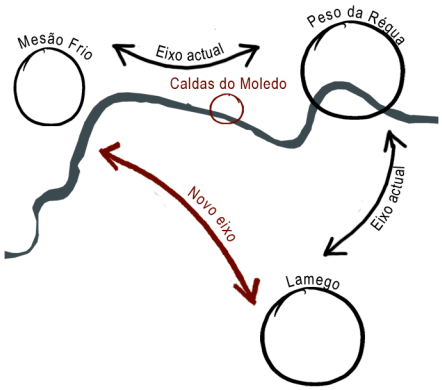


Fig. 125b: Dinâmica comunicativa entre as margens do rio provocada pelo o novo eixo dinamizador do sector.

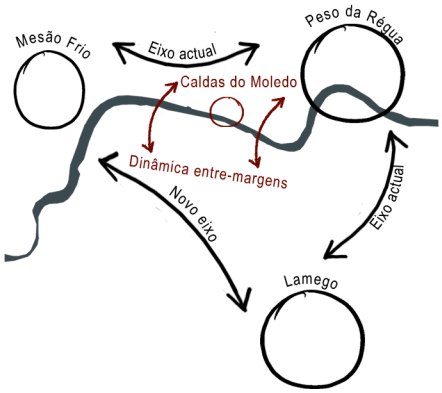
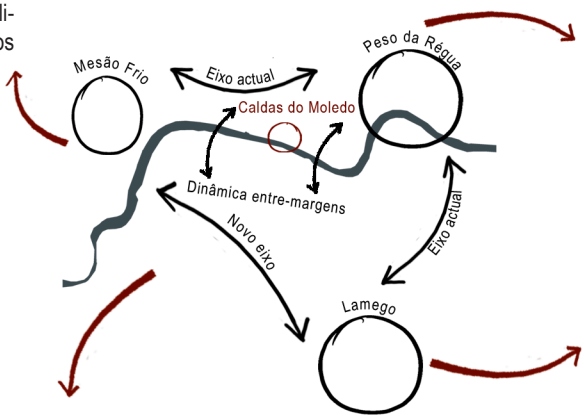


Fig. 125c: A estratégia territoial com a possibilidade de expansão a médio/longo prazo de outros sectores na margem do Douro.



Fonte: Elaborada pela autora

Entre pontes, entre vias: Ermida - Rede - Peso da Régua

A primeira proposta de acção local-urbana centra-se no sector Mesão Frio - Peso da Régua - Lamego. Como já foi estudado existem vários problemas de desconexão urbanística: preferência automóvel face a outros meios de transporte; percursos pedonais e ciclovias quase inexistentes; vias em mau estado, ... Desta forma, pretende-se restabelecer centralidades que com o tempo ficaram suspensas, criando uma estrutura ecológica urbana capaz de resolver as dificuldades enunciadas.

A primeira fase [Fig. 125a] do esboço-proposta passa, em grande parte, pela vontade de restabelecer o núcleo Mesão Frio - Peso da Régua - Lamego. A requalificação da rede viária entre a margem direita do Douro e Lamego permitirá restabelecer a dinâmica de outrora, já presente no reinado de D. Mafalda através da Barca de Deus. A criação deste ciclo inter-cidades permitirá não só uma melhor distribuição da rede de infra-estruturas mas também voltar a dar destaque à cidade originária da região do Douro, Lamego, que actualmente se encontra desvalorizada face ao Peso da Régua e Vila Real. Desta forma, a antiguidade de Lamego poderá aliar o valor cultural e histórico do Douro a um percurso actualmente protagonizado pela vinha e vinho.

De seguida, numa segunda fase [Fig. 125b], será feita uma aproximação ao lugar das Caldas do Moledo, focando na comunicação entre margens desde Mesão Frio até ao Peso da Régua. Verifica-se que o lado direito do Douro encontra-se, neste sector, mais desenvolvido que a margem esquerda, portanto é fundamental esboçar algumas estratégias que poderão unificar a área de intervenção ribeirinha, nomeadamente a introdução de uma ponte viária e pedonal. Não obstante, é importante mencionar que todas as estratégias que serão exploradas terão de ser avaliadas segundos vários factores de viabilização do projecto, sendo o económico um deles.

A terceira e última fase [Fig. 125c] é relativa à possibilidade de expansão do percurso circular e a continuação dos vários eixos concêntricos. Esta mais valia é favorecida pelas idênti-
-cas características do território circundante e ainda de outros núcleos, provocadas pela fixação característica em aglomerado nesta região, que se podem constituir como novos sectores inte-
-grados. A expansão do projecto estratégico fora do circuito proposto traduzir-se-ia num contri-
-buto importante para o ordenamento do território, consolidador do rio Douro enquanto elemento aglutinador.

Com requalificação deste eixo e dos seus espaços urbanos prever-se-ia o interesse e atracção "dos agentes privados na construção da cidade, revitalizando o mercado da habitação e da oferta de edificado adequado à fixação de novas funções urbanas"[1], criando um ciclo con-
-tínuo de renovação dos lugares.

[1] Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final*. Quaternaire Portugal. p.51

Amarante

Vila Real

Pontes

Vila Real

Porto

Mesão Frio

Régua

Lamego

Barca de Alva

MESÃO FRIO

REDE

GRANJÃO

CALDAS DO MOLEDO

PESO DA RÉGUA

1

2

3

Porto

Porto

LAMEGO

Lamego

0 700m

ESTRATÉGIA ENTRE PONTES, ENTRE VIAS

Igreja

Capela

Principais Quintas ADV

Estação de Combio

Cais

Auto-Estradas

Estradas Nacionais

Estradas Municipais

Vias Secundárias

Fronteira Distritos

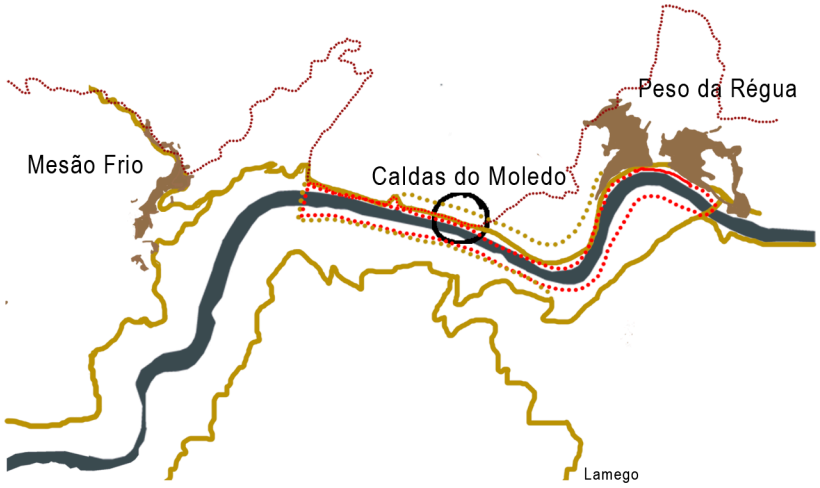
Área de Requalificação entre EN108 e EN222

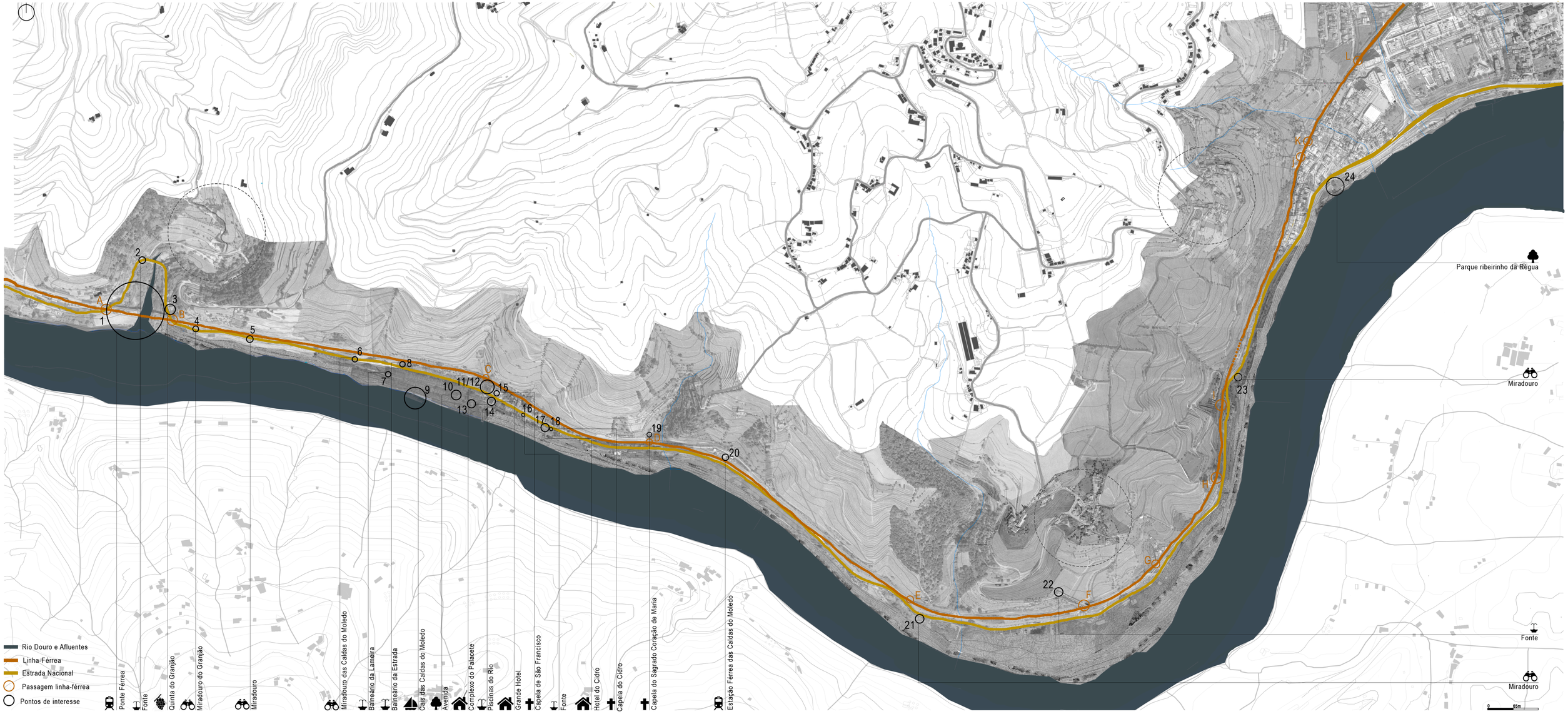
IC26

Fig. 126a: A primeira fase passa pelo desdobramento da EN108, entre o Granjão, antes das Caldas do Moledo, e o Peso da Régua. Esta decisão é essencial para permitir que o lugar de Caldas do Moledo, não continue fragmentado entre as várias infra-estruturas -a linha-férrea e a EN- mas que permita libertar a área mais perto da margem do Douro.

Fig. 126b: A proposta entre pontes -actualmente Ermida e Peso da Régua- iria ganhar com a implementação de um ponto de atraves-samento na Rede. Este momento permite criar uma melhor distribuição da rede das infra-estruturas: vindo pela EN101 deixa de ser necessário ir até à Régua para prosseguir para Lamego. Esta estratégia para além de conseguir uma melhor distribuição viária neste sector, também aproximará simbolicamente três cidades importantes na Região do Douro, tendo Caldas do Moledo como elemento central na composição. A ponte proposta na Rede aproveita a actual EM537 para continuar a Estrada Nacional de ligação a Lamego.

Fig. 126c: Propõe-se o prolongamento e criação de um circuito ribeirinho, entre pontes, da ciclovia existente no Peso da Régua junto à margem do Douro. Desta forma, as margens tornar-se-iam o espelho uma da outra. Uma Estrada Nacional, por norma, a uma cota mais elevada, que potencie uma deslocação mais rápida e una as diversas cidades e localidades; uma estrada, já secundária, com um ritmo mais lento, de passeio e pausa, junto às margens e acompanhada por um ciclovia.




A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11/12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
Parque ribeirinho da Régua
Miradouro
Fonte
Miradouro
Rio Douro e Afluentes
Linha-Férrea
Estrada Nacional
Passagem linha-férrea
Pontos de interesse
Ponte Férrea
Fonte
Quinta do Granjão
Miradouro do Granjão
Miradouro
Miradouro das Caldas do Moledo
Balneário da Lameira
Balneário da Estrada
Cais das Caldas do Moledo
Avenida
Complexo do Palacete
Piscinas do Rio
Grande Hotel
Capela de São Francisco
Fonte
Hotel do Cidro
Capela do Cidro
Capela do Sagrado Coração de Maria
Estação Férrea das Caldas do Moledo
0
65m

Percuso ribeirinho: do Granjão ao Peso da Régua

> *Quando as estradas eram apenas estradas, não havia os problemas que há hoje.* ***Estra--das eram estradas****, boas ou más,* ***e ligavam povoações, vilas e cidades****. À beira da estrada havia* ***fontes*** *para matar a sede de animais e pessoas; havia* ***miradouros****, valetas e* ***sombras para descanso e merendas****.*[1]

Actualmente, ao percorrer a Estrada Nacional 108 entre o Granjão e o Peso da Régua, qualquer que seja a direcção, observa-se um multiplicidade de momentos urbanos que acabaram por desvirtuar a hierarquização das redes de mobilidade.

Na visão da 'Rua da Estrada' de Álvaro Domingues, torna-se clara a saturação ou, por oposição, a inexistência de determinados elementos que contribuem para a ambiguidade que se faz sentir neste trajecto: valetas, passeios, estacionamento, rampas de acesso, edifícios-montra, sinalética, passadeiras, semáforos,...

> ***Rápida de mais para quem lá vive, lenta e congestionada para quem lá passa****.*[2]

Esta incerteza –se é rua ou estrada– acaba por contribuir não só para instabilidade e inconsistência dos fluxos e do edificado mas também para a produção de padrões urbanos distintos; e vice versa, a construções sustentam a identidade híbrida das redes de comunicação. A rua-estrada acaba por adquirir componentes inerentes a cada tipo, lugares onde tráfego é con--jugado com a actividades sociais e colectivas; onde o peão convive com o automóvel e veículos pesados,...

Noutra dimensão da mobilidade, a linha-férrea acaba também por apresentar uma cer--ta ambiguidade, particularmente nos pontos de atravessamento e cruzamento com outros per--cursos. Caminhos sedimentados e pré-existentes que permitiam ligar diversos lugares viram-se interrompidos com construção dos caminhos-de-ferro, com isto observa-se à implementação de soluções variadas que permitem a continuidade e mobilidade da população local: passagens de nível marcadas apenas pela sinalética e colocação de pavimento em madeira; escadas que ven-cem a diferença de cotas entre os dois pontos da linha; entradas directas para o edificado, onde a única forma de lá chegar é atravessar a linha; pontes e viadutos.

Enfim, uma multiplicidade de elementos que visam o mesmo objectivo, permitir a conti-nuidade entre lugares e, consequentemente, das relações e nexos que se viram suspensos com a implantação da linha do Douro.

[1] Domingues, Á. (2009) *A rua da estrada*. Colecção Equações de arquitectura. Porto: Dafne. p.17
[2] Idem, *ibidem*, p.16

Fig. 128: Da esquerda para a direita, cima para baixo, respectivamente os números 1-24 da planta anterior.

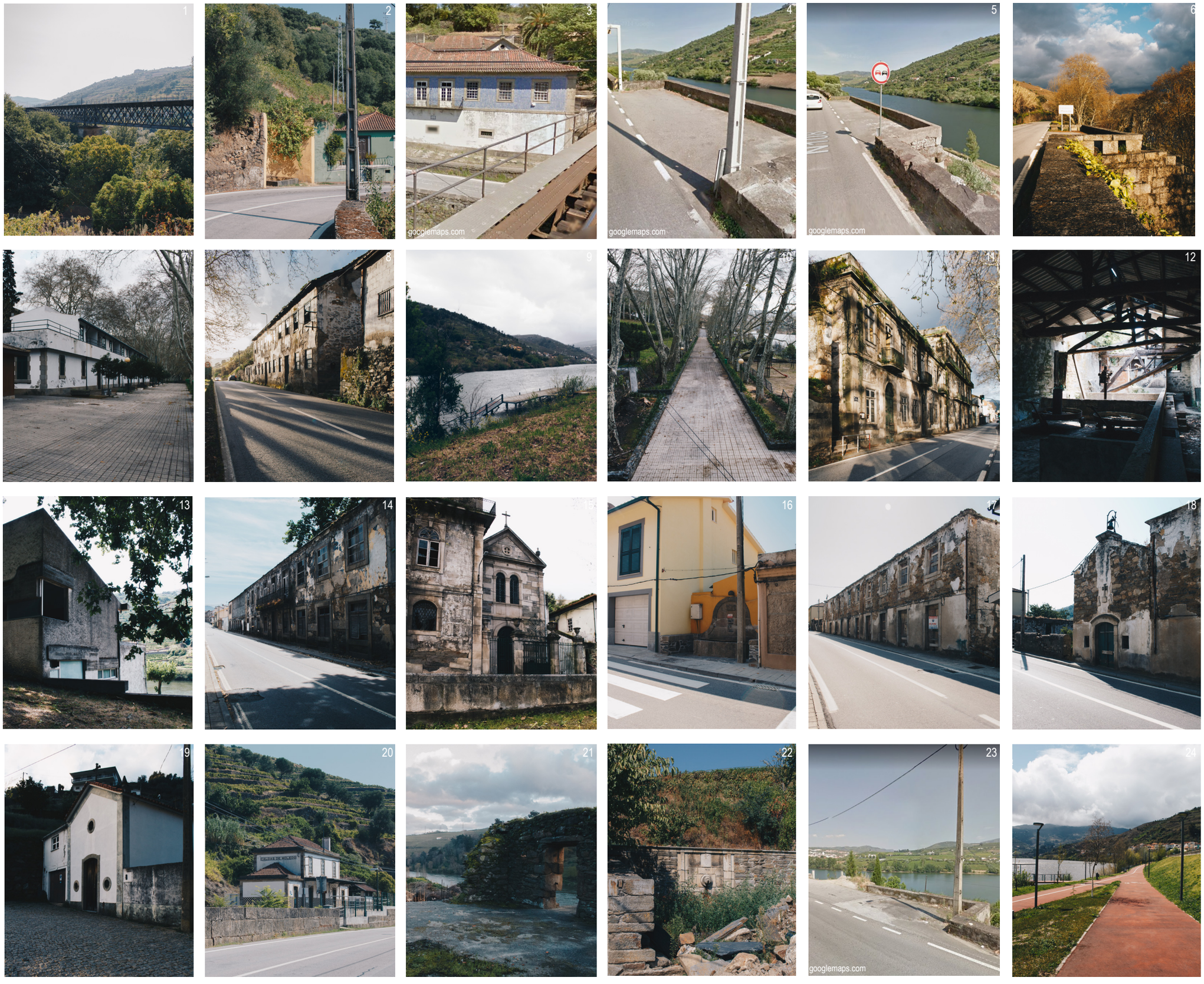
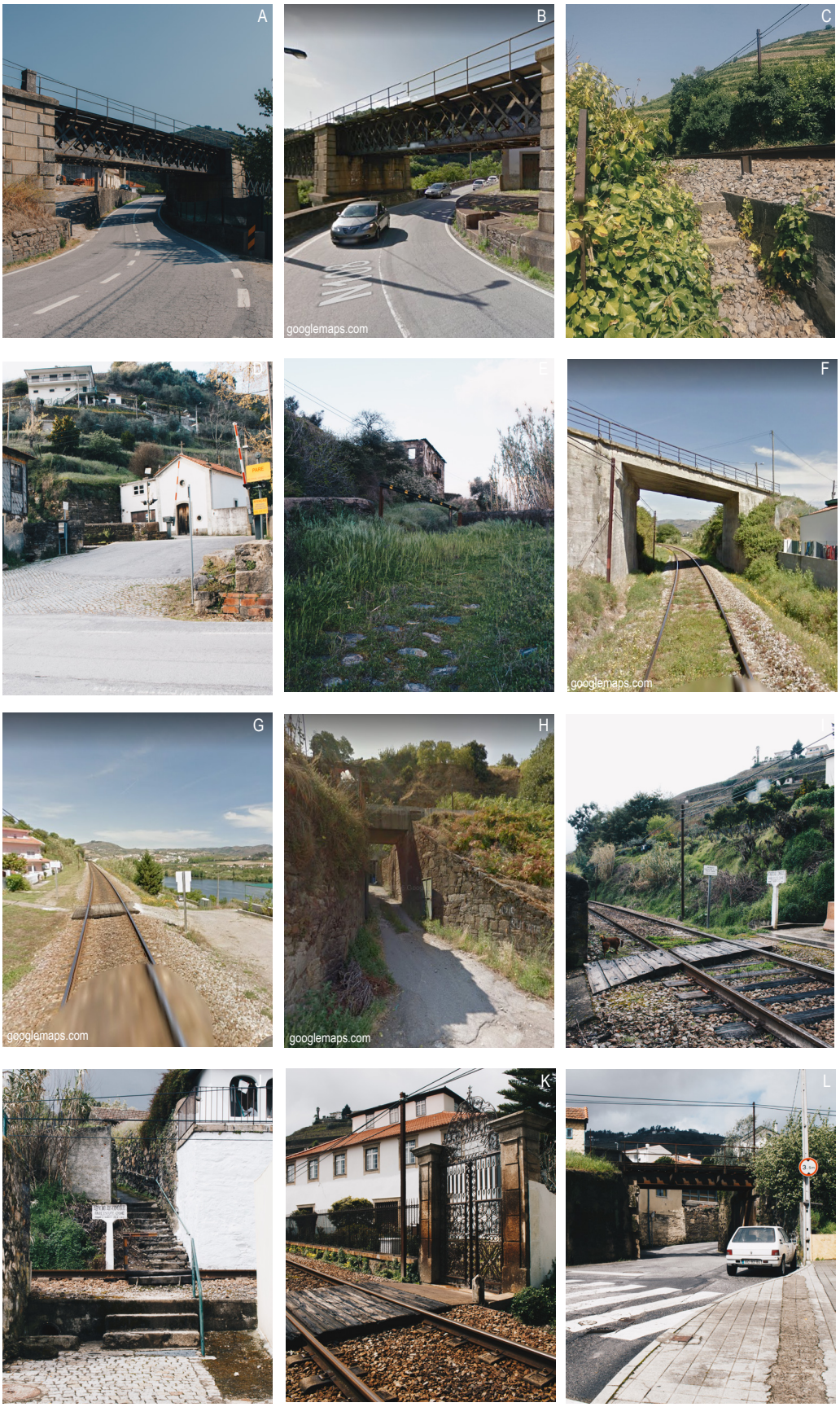
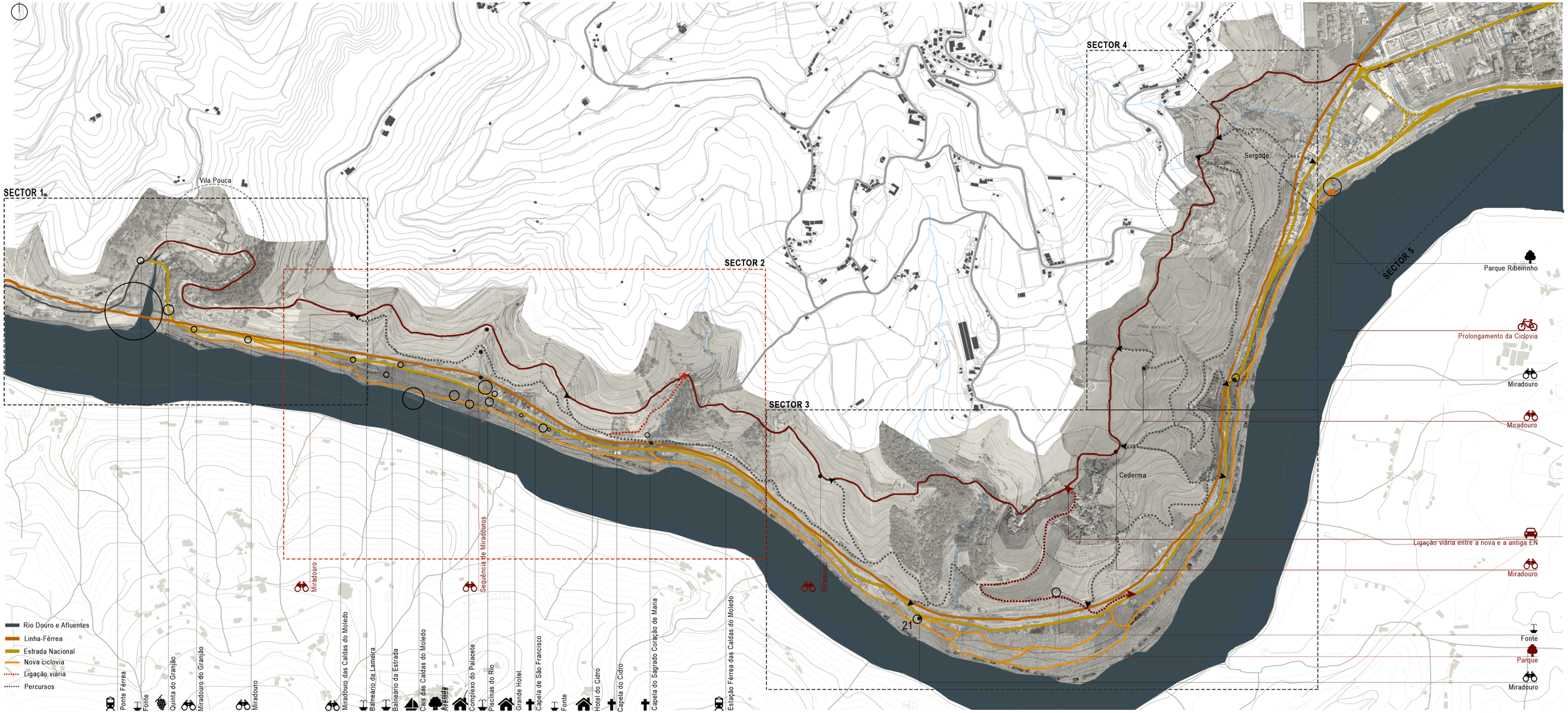


Fig. 129: Da esquerda para a direita, cima para baixo, respectivamente as letras A-L da planta anterior.




SECTOR 1
SECTOR 2
SECTOR 3
SECTOR 4
SECTOR 5
Vila Pouca
Sergude
Cederma
21
Parque Ribeirinho
Prolongamento da Ciclovia
Miradouro
Miradouro
Ligação viária entre a nova e a antiga EN
Miradouro
Fonte
Parque
Miradouro
Rio Douro e Afluentes
Linha-Férrea
Estrada Nacional
Nova ciclovia
Ligação viária
Percursos
Ponte Férrea
Fonte
Quinta do Granjão
Miradouro do Granjão
Miradouro
Miradouro das Caldas do Moledo
Balneário da Lameira
Balneário da Estrada
Cais das Caldas do Moledo
Avenida
Complexo do Palacete
Piscinas do Rio
Grande Hotel
Capela de São Francisco
Fonte
Hotel do Cidro
Capela do Cidro
Capela do Sagrado Coração de Maria
Estação Férrea das Caldas do Moledo
Miradouro
Sequência de Miradouros
Miradouro
0
85m

O objectivo deste percurso[1] passa pela conjugação dos pontos de interesse [Fig. 128] considerados com a reorganização das vias de comunicação e, consequentemente, a requalifica-ção das estruturas urbanas presentes nas mesmas. Como se pretende uma estratégia faseada e coerente com o ritmo de crescimento e desenvolvimento dos espaços urbanos, estas acções são pensadas individualmente.

> *Já **não é o traço de asfalto que se acomoda à morfologia da paisagem, as subidas gloriosas, os altos com vistas de perder a respiração, o serpentear ao longo do vale** ou um traço que se funde no horizonte de uma planície. Parece já nem haver essa dispo-nibilidade sensorial por parte de quem viaja.*[2]

A primeira acção centra-se no desdobrar da EN108 a meia-cota [Fig. 130a]. Esta deci-são, como já foi exposta anteriormente, permitirá a libertação da frente ribeirinha entre o Granjão e o Peso da Régua. Trata-se de devolver à estrada a sua essência, percurso de ligação entre localidades como Vila Pouca, Cederma, Sergude, que se adapta à forma do vale, projecta-se em caminhos já anunciados e faz uso de pontos de paragem que contemplam a paisagem do Douro.

Desta forma, o miradouro [Fig. 130c] é integrado na rede viária através de diferentes processos: como novos pontos de referência na paisagem, que permitem potenciar um cresci-mento urbano articulado e estão associados ao desvio da EN108; requalificação de miradouros existentes na frente ribeirinha; e por último, aproveitamento de vazios de estruturas abandona-das, existentes nas duas cotas que se observaram como pontos de interesse [Fig. 128: nº21].

Com a criação de uma estrada a cota mais alta surgem outros temas que precisam de ser estudados, nomeadamente: as ligações pedonais e viárias entre a nova estrada e a frente ribeirinha; e os pontos de atravessamento da linha-férrea que podem ser resolvidos de duas formas distintas como será demonstrado no sub-capítulo seguinte[3].

Para terminar, relativamente à frente ribeirinha importa estabelecer continuidades entre Caldas do Moledo e o Peso da Régua para além da rua e da estrada. Para tal, sugere-se o prolongamento da ciclovia existente [Fig. 130e] na Régua ao longo da marginal, criando uma percurso de lazer que explora as actividades lúdicas ribeirinhas.

[1] O Plano de Pormenor de Salvaguarda de Caldas do Moledo desenvolvido pela Autarquia do Peso da Régua "visa a requalificação da área ribeirinha entre a Régua e Moledo, criando melhores condições de uso de toda esta área e localizando aí alguns equipamen-tos de lazer, e simultaneamente a recuperação das antigas termas, contribuindo para dotar o Douro de uma oferta de qualidade ao nível do Turismo Termal." O projecto desenvolvido pela Câmara da Régua não foi cedido no entanto, é possível retirar determinados critérios que permitem auxiliar o discurso das acções aqui propostas. Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final.* Quaternaire Portugal. p.27
[2] Domingues, Á. (2009) *A rua da estrada*. Colecção Equações de arquitectura. Porto: Dafne. p.18
[3] *03.2 Caldas do Moledo: visões longitudinais, transversais e oblíquas (pp.165-173)*

Fig. 130a: Desvio da EN108 a meia-cota.

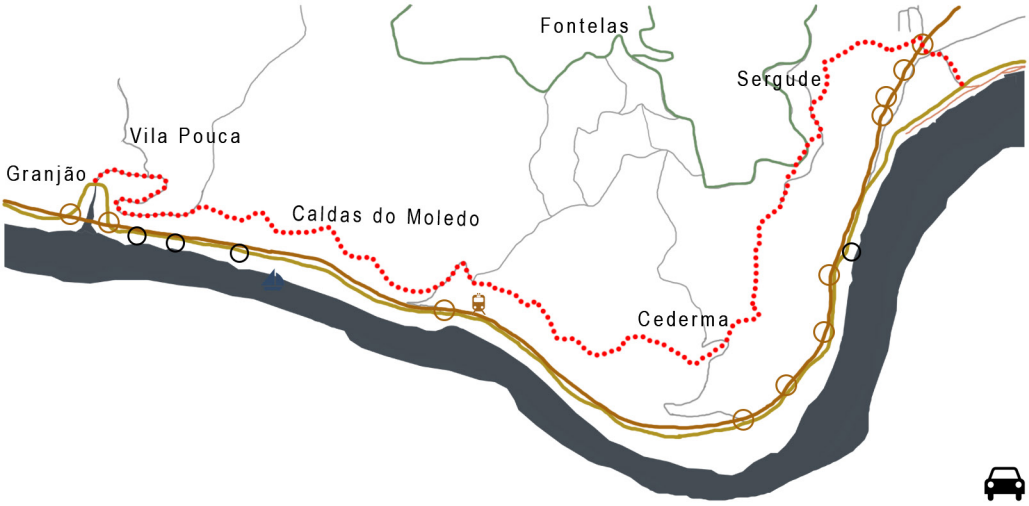


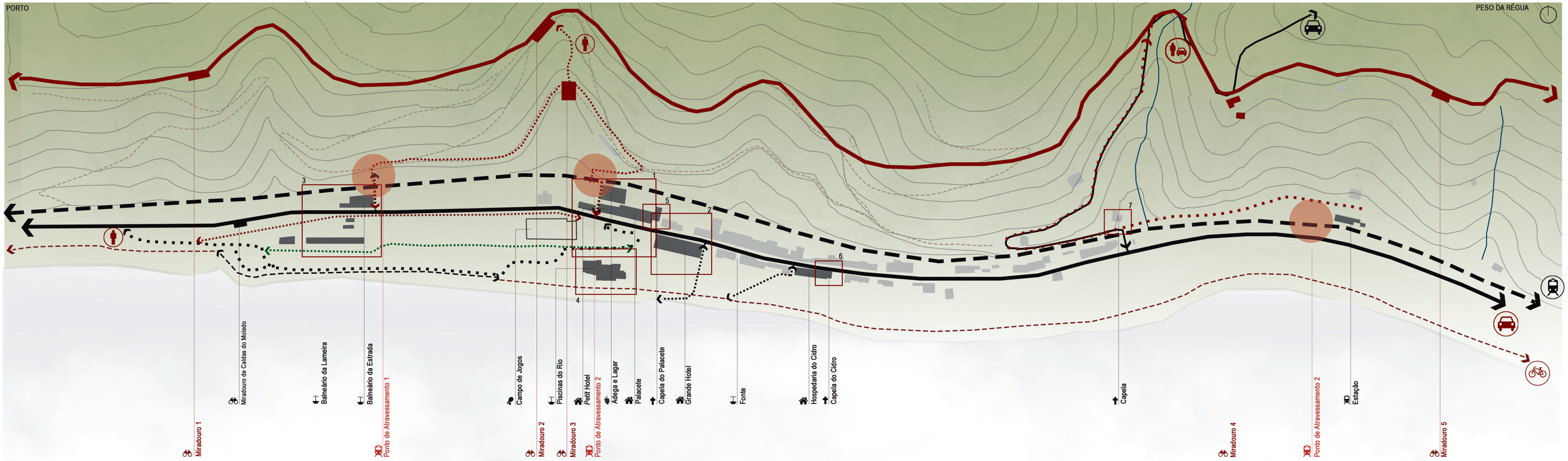
Fig. 130b: Momento de ligação viário entre o percurso ribeirinho e a o novo tramo da EN108.

Fig. 130c: Possíveis miradouros potencializados pela criação do novo tramo da EN108.

Fig. 130d: Requalificação das fontes identificadas ao longo do percurso.

Fig. 130e: Proposta de pronlongamento da ciclovia do Peso da Régua.

Cais
Estação Férrea
Linha férra do Douro
EN108
EM600
Caminhos e estradas secundárias
Passagem Férrea
Miradouros existentes
Fontes
Novos miradouros
Desvio proposto para a EN108
Ligação viária entre a nova e a antiga EN108
Prolongamento da ciclovia



Planta esquemática 1:2000

Alçado Norte 1:2000

Alçado Sul 1:2000

Eixo longitudinal viário
Eixo longitudinal férreo
Eixo longitudinal ciclovia
Eixo transversal viário
Eixo misto viário e pedonal
Eixo tranversal pedonal
Avenida de Plátanos
Caminhos agrícolas
Pontos de atravessamento da linha-férrea

Nota: a preto eixos e relações préexistentes; a vermelho/laranja novos eixos e relações propostas. Este sistema de cores acontece nos esquemas das páginas seguintes.

Fig. 131: Proposta de intervenção para Caldas do Moledo: longitudinais, transversais e oblíquas

03.2 Caldas do Moledo: visões longitudinais, transversais e oblíquas

Estabelecendo um paralelo entre o método desenvolvido ao longo da primeira parte, com momentos longitudinais, transversais e oblíquos, nesta escala, ainda que com formas de desenho distintas, procurou-se explorar a mesma perspectiva de olhares.

Caldas do Moledo face à complexidade de relações, antigas e novas, mais perenes ou assumidamente não permanentes, e atendendo à sua inserção numa região classificada como Património da Humanidade, beneficiará de uma estratégia ajustada que atenda tanto às suas qualidades física e formais como culturais, sociais e económicas. Através da análise deste lugar de configuração marcadamente longitudinal e linear, no sentido mais abrangente da sua exten--são, e que acompanha a margem direita do rio Douro, observam-se momentos e leituras trans--versais que estabelecem novas dinâmicas urbanas e arquitectónicas características de Caldas do Moledo. Por último, a leitura oblíqua, onde os acontecimentos longitudinais e transversais transcendem as suas direcções e perspectivam as quatro dimensões.

Promovendo os novos pontos de interesse urbano e determinadas acções que tiram proveito dos edifícios excepcionais e dos espaços pouco aproveitados, procura-se potenciar uma dinamização linear que unifique o eixo de Caldas do Moledo. Neste caso em concreto, torna-se claro o poder catalisador que a actividade termal foi adquirindo ao longo dos tempos, não só pela sustentabilidade económica dos locais mas também pelo crescimento urbano associado a estas actividades. Dada a extensão e complexidade da área de acção, a estratégia foca-se somente nos edifícios que integram as Arquitecturas do Termalismo compreendidas na primeira parte da dissertação[1], atendendo quer à sua singularidade, quer ao potencial transformador e dinamiza--dor, pelo que também a habitação e o comércio local seriam naturalmente influenciados pelas acções preconizadas neste programa-projecto.

Nesta escala da estratégia apenas alguns dos temas urbanos irão ser analisados: ei--xos transversais e longitudinais, pontos de atravessamento da linha-férrea, miradouros, espaços públicos associados a edifícios de excepção, pólos dinamizadores. No entanto será importante registar tantos outros que poderiam igualmente ser estudados, nomeadamente: fluxos pedonais em contrapartida a fluxos viários; lugares de estacionamento; espaços verdes e introdução de es--pécies arbóreas; relações entre a continuidade exterior-interior do piso térreo e o desenvolvimen--to vertical dos pisos edificados; e outros mais que certamente contribuiriam para a maturação e a consolidação do projecto.

[1] Ver *Arquitecturas do Termalismo (pp.99-125)*

Fig. 132: Eixos longitudinais principais existentes [em cima]; Novos eixos longitudinais propostos: desvio EN108 e prolongamneto da ciclovia [em baixo]

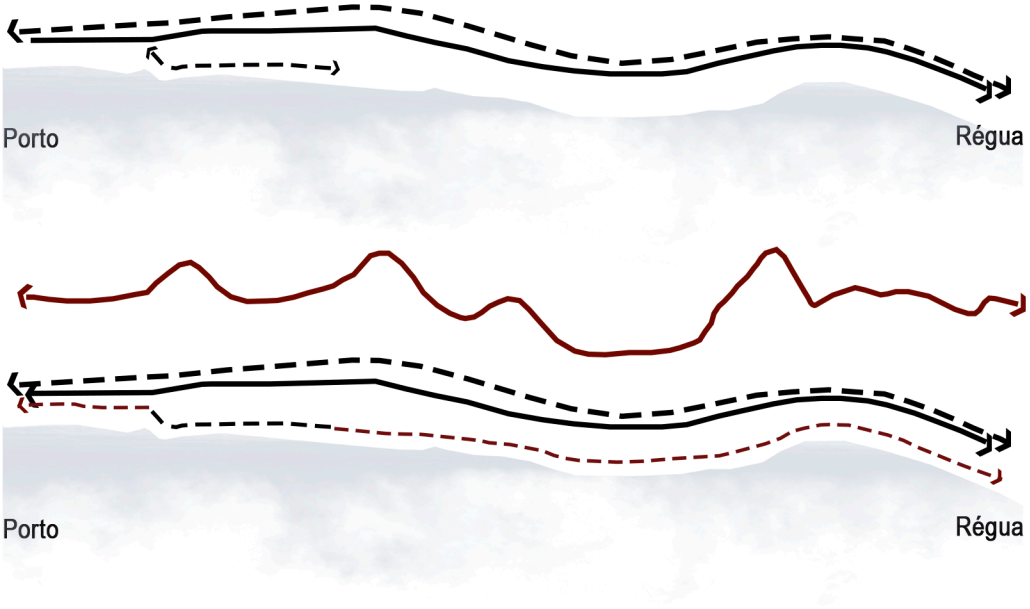
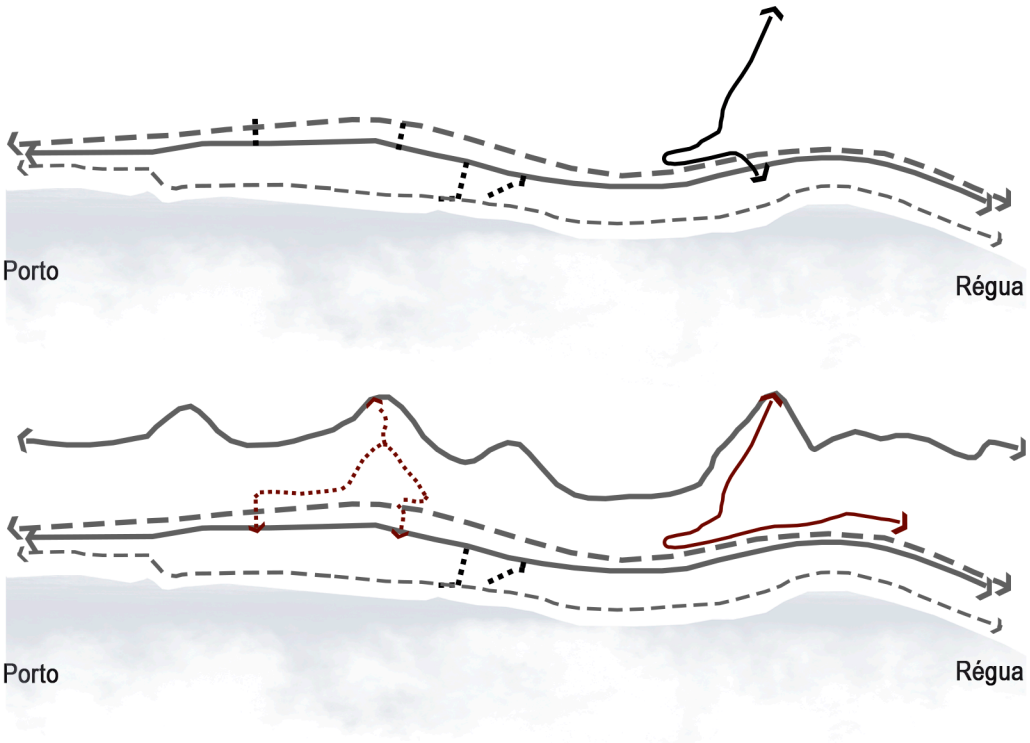
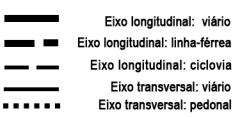


Fig. 133: Eixos transversais principais existentes [em cima]. Novos eixos tranversais propostos que advêm de caminhos já anunciados [em baixo].





Fonte: Elaborada pela autora

Eixos longitudinais e transversais

A primeira fase do projecto estratégico refere-se, como tem vindo a ser estudado, à reor-ganização do sistema rodoviário, considerando duas grandes acções longitudinais: o desdobrar da EN108 a uma cota intermédia; e o requalificar da rua ribeirinha através da estabilização de cotas e muros, introdução ou alargamento de passeios, repavimentação, limpeza e plantação selectiva de vegetação autóctone da região, que contribuiriam para a homogeneização do percurso marginal até ao Peso da Régua [Fig.132].

De entre os eixos longitudinais será importante ter em conta a linha-férrea; no entanto, como esta não sofre quaisquer modificações neste plano estratégico, não é considerada como parte das acções transformadoras.

A estratégia estabelece, consequentemente, uma linha de acção considerando os usos praticados e desenvolvida a duas cotas, uma via activa e outra via passiva. Sugere-se estabelecer as condições para uma especialização dos espaços urbanos de acordo com as circunstâncias e características de cada via: na cota inferior, junto à margem do rio desenrolar-se-iam as actividades termais e comerciais, os serviços e a habitação; já a meia-cota, o novo tramo proposto iria ser quase exclusivamente dedicado ao trânsito de passagem e de ligação entre povoações. Se nas actividades praticadas, a cota média apresenta-se como via passiva e a cota inferior como via activa, nos fluxo de tráfego a classificação inverter-se-ia. A via ribeirinha, actual EN108, é utilizada para a mobilidade de veículos residentes e/ou turistas/visitantes, transporte de passageiros e mercadorias; no entanto, e de acordo com a estratégia proposta, pretende-se que este percurso fosse lento, dedicado apenas ao trânsito local pedonal e automóvel e, por isso mesmo, passivo. Por sua vez, a nova variante da EN108 passaria a ser activa pois iria comportar maior afluência de tráfego, seja este de passageiros ou de mercadorias.

A proposta foca-se ainda noutro eixo longitudinal secundário face aos restantes, associado à criação de sistemas de mobilidade e integrado numa rede de espaços de lazer ribeirinho e actividades lúdicas[1]. Para tal propõe-se o prolongamento ininterrupto da ciclovia e circuitos pedonais junto à margem do rio Douro [Fig.132]. Como grande parte deste percurso seria inserido em propriedade privada e a sua viabilização é apenas possível a longo prazo, sugere-se um faseamento desta intervenção: inicialmente recomenda-se a requalificação da ciclovia preexistente no Parque Termal com a devida extensão até ao Granjão, com o percurso Caldas do Moledo-Peso da Régua a ser integrada na nova proposta de rua ribeirinha, actual EN108; e mais tarde, o prolongamento integral do eixo, desde o Granjão até ao Peso da Régua à cota baixa.

[1] Este eixo longitudinal já foi proposto nos Planos de Pormenor do Peso da Régua que prevê a criação de um "extenso cordão marginal que liga Caldas do Moledo, Régua e Covelinhas". Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final.* Quaternaire Portugal. p. 67

Fig. 134: Pontos de atravessamento pedonal da linha-férrea, com as respectivas tipologias.

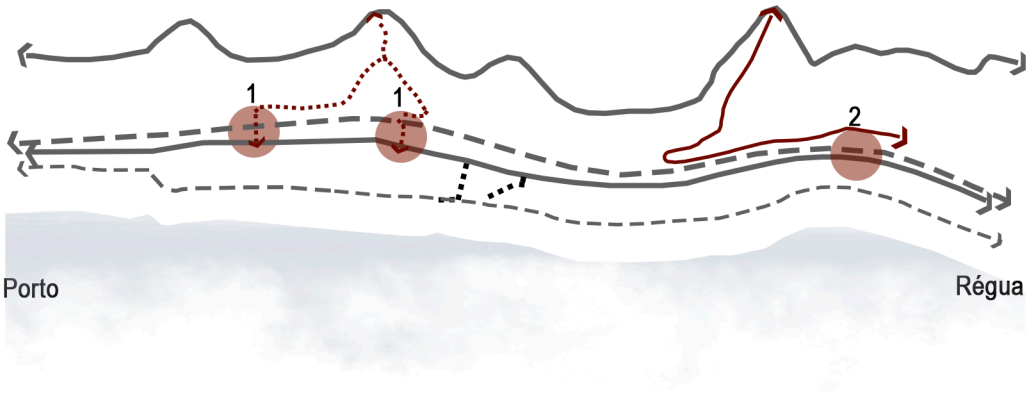
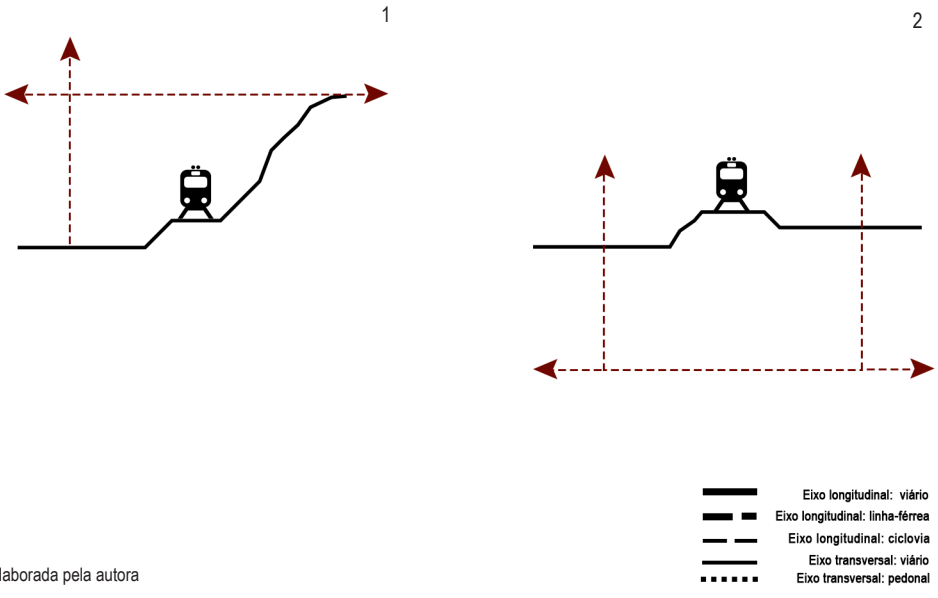


Fig. 134a: Dois perfis-tipo dos pontos de atravessamento da linha-férrea: [1] passagem vertical; [2] passagem a cota baixa.



Fonte: Elaborada pela autora

Com a criação dos dois momentos longitudinais principais –novo tramo da EN108 e rua ribeirinha– e um secundário –ciclovia e circuitos pedonais– surgirá a necessidade de restabelecer percursos transversais com o objectivo de determinar a ligação entre as três cotas [Fig. 133]. Para tal, e com base em caminhos pré-existentes, a estratégia prevê a requalificação de vários eixos organizados em dois grupos: os que determinariam as conexões entre as margens do rio Douro e a nova via, antiga estrada nacional; e os que ligariam o novo tramo da EN108 à nova rua ribeirinha cruzando a linha-férrea.

Inseridas no primeiro grupo, as ligações transversais com a margem do rio encontram-se na sua maioria no Parque Termal. Este equipamento, pelo seu carácter de excepção, apresenta as suas próprias relações longitudinais e transversais, mas que são, ao mesmo tempo paralelas e interligadas com o conjunto de Caldas do Moledo.

O conjunto é constituído por dois eixos longitudinais: a avenida de Plátanos à cota média; um outro à cota baixa, junto à margem do rio e paralelo à ciclovia existente. Propõe-se a implementação de um terceiro eixo pedonal à cota superior e junto à rua ribeirinha, actual EN108, e a requalificação dos restantes percursos tornando-os exclusivamente pedonais. A decisão de criar este terceiro caminho à cota mais alta deve-se à largura limitada da actual estrada neste tramo –de um lado pelo o muro de contenção do parque termal, do outro pelos limites da Quinta das Caldas– para a construção de passeios. Desta forma, através da integração de um percurso inserido dentro do Parque Termal mas que acompanha a rua, seria possível conectar o Balneário da Estrada com os restantes equipamentos termais, nomeadamente o Balneário da Lameira, as Piscinas e o complexo do Palacete.

Destacam-se ainda duas ligações fora deste complexo: o Caminho da Quelha Grande adjacente e perpendicular ao Grande Hotel; e a escadas Caminho da Quelha Pequena anexada ao Hotel do Cidro.

Já no segundo sector propõe-se três eixos transversais: dois pedonais associados ao complexo termal; e um de trânsito condicionado combinado com um percurso pedonal de acesso à Estação de Caldas do Moledo.

Pelo cruzamento destes caminhos com a linha-férrea procura-se a criação de pontos de atravessamento [Fig. 134] que podem ser resolvidos através de duas soluções-tipo: na primeira, a passagem é realizada através da construção de elementos verticais que permitem a ligação entre as duas cotas; enquanto na segunda, como a diferença de cotas entre os dois lados da linha-férrea não é tão acentuada, sugere-se que a comunicação seja efectuada num plano inferior à linha férrea e à rua [Fig. 134a].

Fig. 135: Novos e antigos miradouros integrados na rede de infraestruturas prooosta para Caldas do Moledo.

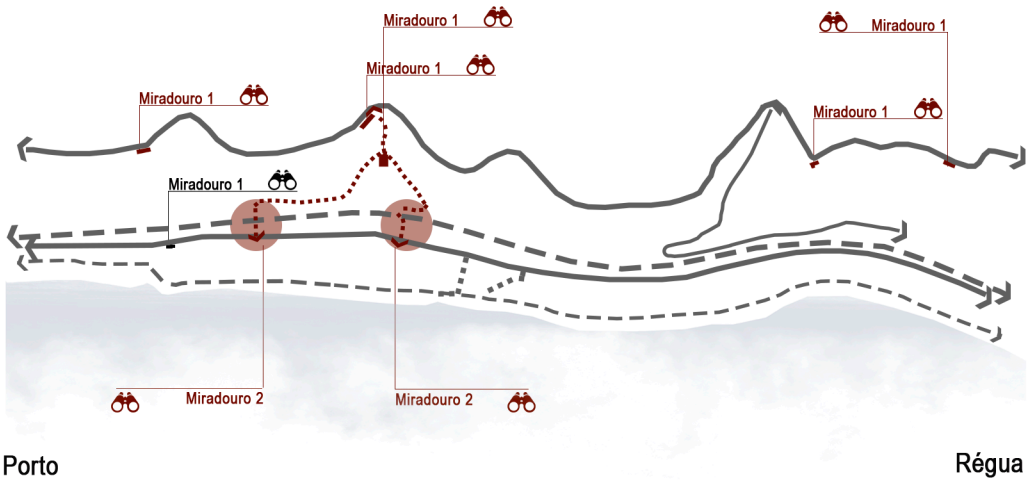


Fig. 135a: Duas soluções topográficas tipo para o tema do miradouro: [1] miradouro; [2] Torre-miradouro.

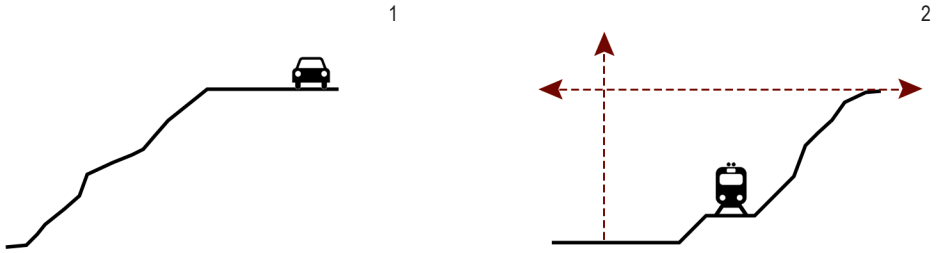
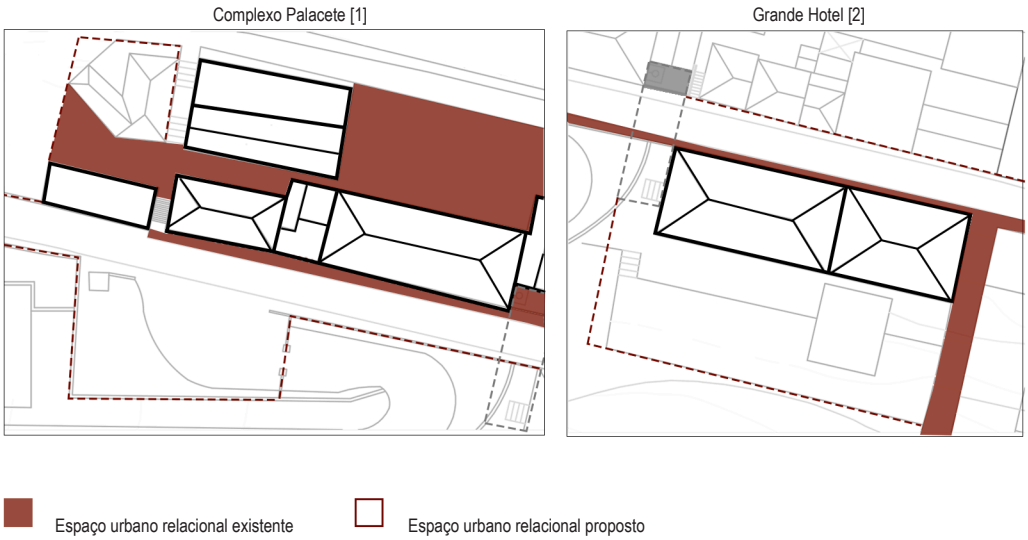


Fig. 136: Relação espacial dos equipamentos de excepção: núcleo Polarizador.



Fonte: Elaborada pela autora

Pólos dinamizadores - Espaços urbanos de excepção

Na rede de infraestruturas proposta, conjugando eixos longitudinais e transversais, principais e secundários, observam-se pontos de referência na paisagem "cujas características morfológicas serão factores determinantes"[1] no desenho destes espaços, designados como mi--radouros [Fig. 135].

Conforme os limites e as características físicas do lugar propõe-se integrar na estratégia dois tipos de miradouro: o miradouro mais recorrente, que está integrado no sistema viário e na rede de pequenos pontos de paragem e contemplação panorâmica do Douro; e a torre-miradou--ro, associado à primeira solução-tipo dos pontos de passagem da linha-férrea que surgiria como uma "clara identificação à topologia do terreno"[2], assumindo-se como um elemento de destaque e excepção na paisagem [Fig. 135a].

Para além do miradouro, a proposta centra-se também na reorganização dos espaços urbanos associados a equipamentos termais. Estes lugares estariam relacionados "com os seus edifícios de excepção, de modo a que sejam garantidas, tanto a articulação entre estrutura urba--na e solução arquitectónica, como efectiva concretização dos lugares públicos de excelência"[3] Devido à grande marcação e imposição dos actuais eixos longitudinais –EN108 e linha-férrea– a requalificação destes espaços tornar-se-ia fundamental para a reestruturação urbana, criando momentos não só de transição mas também de permanência entre os edifícios de excepção.

Neste sentido, foram determinadas três acções que procuram a valorização do rede--senho urbano associado a um novo programa e que visam a dinamização distribuída pelo eixo longitudinal.

Partindo do centro, e pelas potencialidades polarizadoras do complexo do Palacete – que além deste integra ainda a actual capela[4], o Petit Hotel, uma adega e um lagar [Fig.136]–, propõe-se a inter-relação entre três espaços: o actual largo em frente ao Palacete, antigo jardim, utilizado actualmente para estacionamento, seria transformado no momento central de perma--nência deste conjunto; já os dois espaços interiores nas traseiras dos edifícios, um a cota está--vel e de comunicação entre a adega e o lagar com os restantes edifícios, e outro redesenhado através de plataformas, com o objectivo de resolver a diferença de cotas e onde sugere-se a introdução do elemento vertical da torre-miradouro.

No caso do Grande Hotel [2] os espaços de relação surgem através de uma plataforma a cota baixa e com vista para o douro e pelo resedenho do pavimento da

[1] Pinto da Silva, M. (2009). *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea. Porto*: FAUP. p.346
[2] Idem, *ibidem*. p.344
[3] Idem, *ibidem*. p.354
[4] Apesar de se inserir no conjunto do Palacete optou-se por a abordar a relação da Capela no grupo dedicado aos equipamentos religiosos. [Fig. 138]

Fig. 137: Relação espacial dos equipamentos de excepção: Balneários

Fig. 138: Relação espacial dos equipamentos de excepção: Capelas.

Fonte: Elaborada pela autora

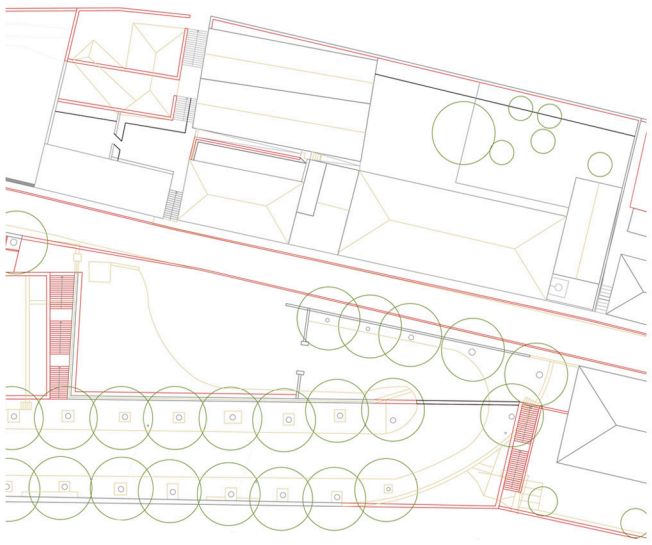
actual EN108, sem esquecer a ligação lateral, o Caminho da Quelha Grande que per--mite estabelecer uma alternativa de percuso da plataforma com a rua à cota mais alta.

Quanto ao terceiro grupo [Fig. 137], constituído pelo Balneário da Lameira, o Balneário da Estrada [3] e as Piscinas do Rio [4] através dos eixos longitudinais mencionados anterior--mente –avenida de platános, percurso interior a cota alta e nova rua ribeirinha– será possível estabelecer uma relação mais directa entre sectores. Estes eixos, junto ao edifícios de excepção, dariam lugar a espaços urbanos singulares de apoio ao edificado: no caso da Lameira [3], a actual avenida já sofre um avanço sobre o terreno para permitir aumentar o espaço de permanência e recepção neste equipamento; já na Estrada [3], observou-se a pré-existência de um espaço de transição, com acesso a rampas que vencem a diferença de cotas entre as duas construções, pelo que a proposta passa pelo resedenho deste espaço, evidenciando o seu carácter enquanto espaço colectivo; as Piscinas do Rio [4], localizadas a Este dos Balneários anteriores, apresen--tam actualmente um espaço de recepção nas traseiras, e por tal apenas considera-se necessá--rio realizar um redesenho do pavimento.

Por último, o grupo, dedicado a equipamentos religiosos [Fig. 138]: o espaço relacional da Capela de São Francisco [5] prolonga-se para lá da estrada 108, dando maior destaque a este elemento na composição do conjunto do Palacete; para a Capela da Nossa Senhora da Saúde [6] sugere-se a criação de uma plataforma à cota baixa, tal como acontece no Hotel do Cidro, e o redesenho do pavimento da actual EN108, permitindo alargar o espaço de receção da capela; por último, para Capela do Sagrado Coração de Maria [7], propõe-se a requalificação do percurso já sedimentado, marcado por plátanos entre a capela e a Estação Ferroviária, o recuo existente da capela face à rua proporciona-lhe já um espaço de recepção, pelo que a intervenção passaria apenas pelo desenho e introdução de materiais que permitam zonear e/ou hierarquizar os seus usos.

A Estação Férrea para se tornar no centro da rede de interface necessitaria de criar es--paços colectivos –o espaço não pavimentado nas traseiras do edifício já anuncia essa vontade; no entanto a falta de pavimentação ou de outros elementos urbanos acabam por não concretizar esta necessidade.

Assim, a comunicabilidade destes equipamentos estrategicamente unidos por eixos lon-gitudinais e transversais, estabelecerá pólos dinamizadores capazes de interligar diferentes usos –comércio, serviços, habitação, cultural, termal– que visam a possibilidade os efeitos sistémicos do projecto, seja a curto, médio ou longo prazo.



Planta - vermelhos e amarelos

1 Lajetas de granito

2 Lancil em granito

3 Cubo de granito

4 Terra batida

5 Muros de xisto

6 Lajetas de xisto

Materiais

Fig. 139: Planta axonométrica 1

1:500

03.3 O NÚCLEO TERMAL-MUSEOLÓGICO DE CALDAS DO MOLEDO

> *Se um dia **o Moledo, como termas, regressa ao paraíso** em que foi Moledo, é crível que **todas aquelas casas, hoje tão denegridas, vistam camisa lavada**. Não será preciso forçá-las à postura que manda pintar as frontarias. **Se o Moledo ressuscita, ressuscitam as casas,** fogem os fantasmas... Janelas e varandas adquirem as cores da mocidade*[1]

Localizado no centro de Caldas do Moledo, o núcleo do complexo do Palacete foi es--colhido como foco-operatico devido à sua implantação estratégica e capacidade polarizadora. Desta forma, considera-se que uma intervenção urbanística com carácter público fará surgir re--percussões significativas nos espaços privados circundantes. A investigação realizada até ao momento contribuiu para o fortalecimento da escolha e para a verificação do seu inquestionável interesse não só cultural mas também urbano, morfológico, arquitectónico.

Para além da requalificação dos espaços colectivos surge a possibilidade de criação de uma nova realidade urbana, com um novo programa decorrente do reconhecimento dos espaços interiores do quarteirão e que liga a actual Estrada Nacional à linha-férrea. Neste foco-exemplo concretizador pretende-se encontrar algumas soluções do tratamento destas duas infra-estrutu--ras e que, eventualmente, tornar-se-iam exemplos para a requalificação de outros pontos em Caldas do Moledo. A criação de novos espaços urbanos permitirá estruturar não só um novo programa como incitará a reabilitação e o reaproveitamento dos espaços adjacentes.

Será importante mencionar –e como acontece ao longo da dissertação– o projecto cen--tra-se em traçar directrizes estratégicas para a requalificação de Caldas do Moledo. A concreti--zação em projecto de arquitectura obrigaria ao levantamento de outros temas e problemas que não são o objectivo da presente investigação. O desenho, naturalmente, também traduz esta decisão de criar um projecto que se centra no estudo e compreensão das ambiências e atmosfe--ras do lugar.

Estratégia programática

A reflexão sobre a estratégia programática iniciou-se com o reconhecimento das ne--cessidades do lugar. Se por um lado o termalismo e todas as actividades associadas foram fundamentais para o crescimento económico, trabalho e fonte de sustento de várias gerações remontando mesmo aos primórdios do país; por outro, com uma visão contemporânea e actual, importa repensar as arquitecturas do termalismo do ponto de vista da sua preservação e susten--tabilidade económicas, culturais e sociais.

[1] Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.47

Localização

Alçado Norte - vermelhos e amarelos

Pormenor - vermelhos e amarelos

Alçado Sul - vermelhos e amarelos

Fig. 140: Alçado Norte

1:200

Fig. 141: Alçado Sul

1:200

Posto isto, é desenvolvido um programa dinamizador, associado a motores estratégi--cos, sendo eles baseados em acções culturais, turísticas e comerciais. Duas vivências urbanas surgem: uma comercial ligada à rua, presente não só neste núcleo mas ao longo de Caldas do Moledo; e uma cultural associada à reformulação programática do edificado deste foco.

A proposta consideraria a transformação do actual 'Palacete e Petit Hotel' num núcleo museológico propício à inserção de actividades culturais, que garantam os seus diversos usos públicos, tanto 'locais' como visitantes. Pretende-se a integração não só de uma exposição per--manente da história de Caldas do Moledo e D. Antónia, mas também a possibilidade de receber e albergar peças ilustrativas, objectos e/ou mobiliário que se considerem representativos e signi--ficativos, de sensibilização ao tema e valorização do património duriense.

Apesar do termalismo estar enraizado neste lugar, considera-se fundamental também dar destaque à cultura da vinha e do vinho. Assim, a 'adega e o lagar' são reformulados com vista à sua reabilitação como centro interpretativo da vitivinicultura duriense, lugar apoiado pelas exposições do novo museu e com o intuito de dar a conhecer os processo e os modos de produzir vinho.

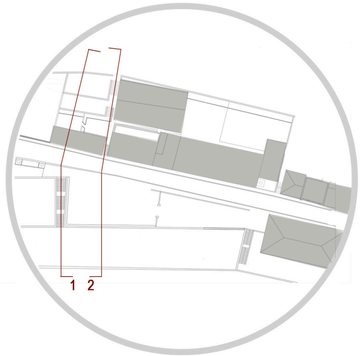
Já o 'Grande Hotel' retomaria o seu uso como estrutura de alojamento, sendo necessá--rio as devidas apropriações às necessidades actuais, tomando em consideração e como um dos objectivos as características morfológicas do existente.

Por último, a 'loja-café' desenvolve-se numa construção actualmente em ruína, com a existência somente das paredes-mestres do piso térreo. Este edifício distingue-se como elemen--to de excepção e, face as intervenções necessárias, pode comportar o valor artístico de novida--de referido por Riegl, pela introdução de um elemento contemporâneo a este núcleo. O edifício é servido de dois acessos: um à cota da rua e da loja; e outro pelo café, a uma cota superior e acessível pela escadaria adjacente ao edifício.[1]

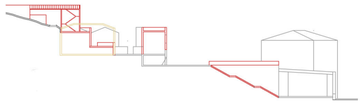
Reformulação do espaço público e colectivo

A proposta pretende dinamizar o uso dos espaços colectivos públicos, forma de incenti--vo para à ocupação e reaproveitamento dos edifícios devolutos presentes em Caldas do Moledo, através da valorização do lugar e da sua envolvente.

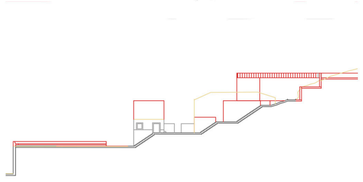
[1] Pelas características pré-existentes deste núcleo não é possível aceder pela rua aos espaços de cota superior através de rampas e planos inclinados. Desta forma, apesar da estratégia não passar pelo desenho dos espaços interiores é importante mencionar a necessidade de introduzir elevadores nestes edifícios.



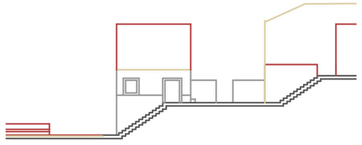
Localização



Corte 1 - vermelhos e amarelos



Corte 2 - vermelhos e amarelos



Pormenor - vermelhos e amarelos

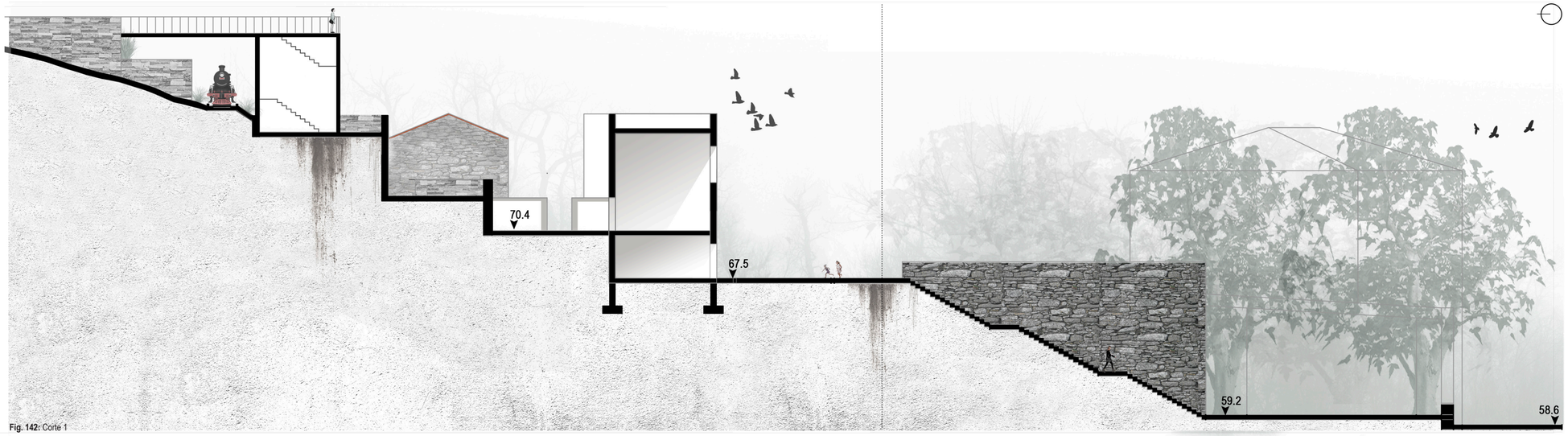


Fig. 142: Corte 1

1:200

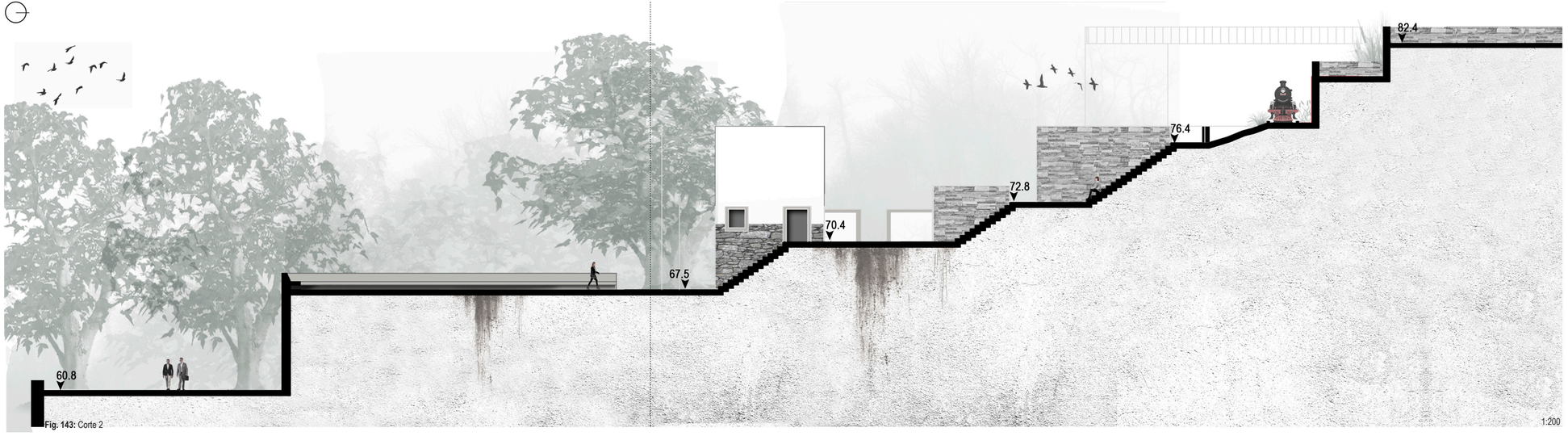


Fig. 143: Corte 2

1:200

Visando tal objectivo, a acção prioritária foca-se na regularização dos acessos e dos espaços colectivos. Actualmente, e como tem vindo a ser referido, existe uma valorização do uso automóvel, acabando por interromper a relação directa entre espaços. Para contrair esta ideia, estabiliza-se a cota ao nível do antigo passeio, permitindo um prolongamento do espaço público com o objectivo de restaurar um lugar físico de "encontro e interacção entre grupos e indivíduos"[1]

Ainda que o objectivo seja diminuir o trânsito automóvel, e apesar da estabilização de cotas do largo e continuidade espacial, a marcação da rua continuará presente através da intro--dução do lancil em granito. Através da introdução de certos elementos neste largo, como a guia ou o banco, é possível gerar espaços multifaceados e hierarquizadores, que tornem claro os usos dos mesmos, sejam estes de estar ou de circulação.

Outras das intervenções neste núcleo foca-se na avenida do 'Parque Termal'. Apesar do enfiamento visual a terminar no 'Grande Hotel', a ligação física entre estas duas estruturas não é tão evidente. Para tal, insere-se uma escada que permita aceder à plataforma à cota baixa do hotel e com vista para o Douro.

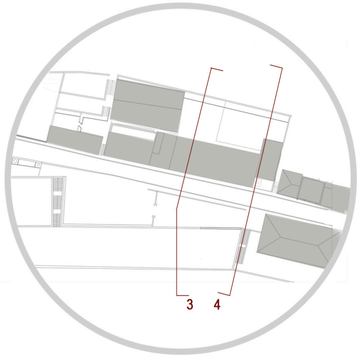
A igreja como elemento de excepção deste conjunto já apresenta um pequeno 'adro' que marca a sua presença espacialmente. No entanto, prolonga-se a relação espacial deste equipamento de excepção através da abertura do muro em frente; esta decisão permitirá dar um maior destaque a esta construção não só pelo eixo da rua mas também pelo eixo da avenida de plátanos e escadaria de acesso ao hotel.

A intervenção procura respeitar as principais características do pré-existente, mantendo percursos já sedimentados, propondo contudo novas relações espaciais através de temas recor--rente ao longo do Douro, como por exemplo o miradouro.

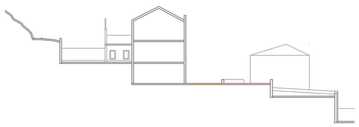
Optou-se por estabelecer um novo elemento vertical que pretende não só criar um ponto de interesse territorial, associado a uma rede de miradouros, mas também como local de pas--sagem e atravessamento da linha-férrea[2]. Esta estrutura, ainda que excepcional, insere-se no tema do tratamento de cotas recorrente no Douro: vários socalcos são criados para conseguir vencer a diferença de altura entre os dois momentos; estes desenham-se através das cotas pré--existentes da escadaria: a primeira no patamar intermédio, a segunda no final das escadas.

[1] Álvaro Domingues sobre os atributos do espaço público. Ver Domingues, Á. (2009) *A rua da estrada*. Colecção Equações de arquitectura. Porto: Dafne. p.124

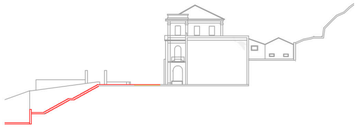
[2] Nos desenhos é apenas feita uma referência esquemática da torre-miradouro para anunciar o seu princpio de estrutura excepcional e assertiva na paisagem. Contudo, considera-se que este tema necessitará de um estudo mais elaborado que permita compreender a sua imposição na paisagem e os impactos que esta teria na mesma. Naturalmente a sua forma e escolha de materiais iriam influenciar directamente a linguagem da torre-miradouro.



Localização



Corte 3 - vermelhos e amarelos



Corte 4 - vermelhos e amarelos

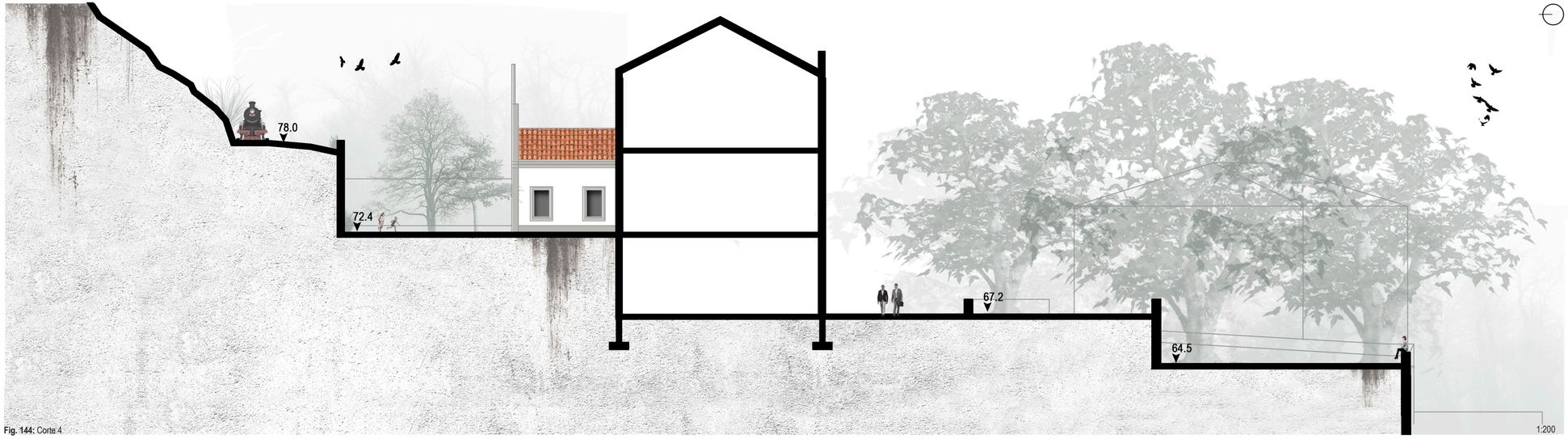


Fig. 144: Corte 4

1:200

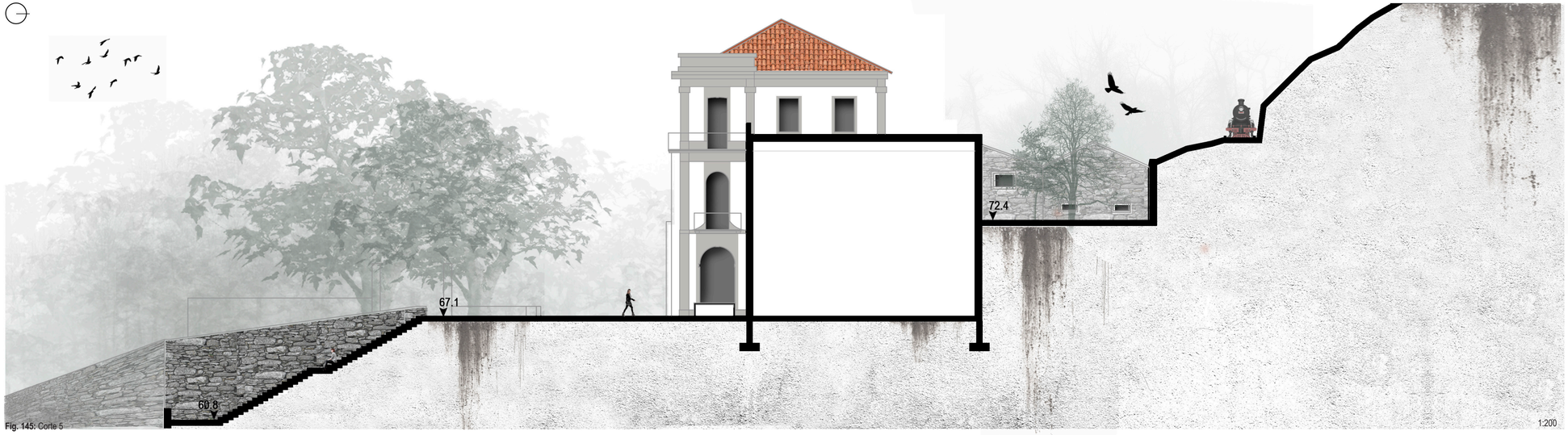


Fig. 145: Corte 5

1:200

Materialidade

> *Sem pintar o rosto com tintas de palhaço.* ***O Moledo, no Verão, é cálido insuportável. Não deve perder o culto da brancura que dá frescura.*** *Se quiser cores, peça-as às flores...*[1]

As fachadas deste núcleo pela importância patrimonial e memória colectiva seriam rea-
-bilitadas segundo as técnicas construtivas tradicionais e o sistema construtivo de base de cada elemento, conjugados com as possibilidades técnicas presentes: paredes rebocadas e caiadas de branco, com a ornamentação em pedra, e cobertura em telha.[2]

Sobre o edifício da loja-café mantêm-se as paredes estruturais do piso térreo e com-
-plementa-se a restante construção com uma estrutura em betão branco. Apesar de não haver informação sobre o desenho de alçado do segundo piso, a intervenção não pretende interromper a leitura geral do alçado da rua. Desta forma, a construção cresce até à altura do antigo Petit Hotel. Ainda que a intervenção não seja evasiva procura-se marcar a pré-existência através do uso da pedra original à vista, fazendo uma ponte com a sua expressão passada e identitária.

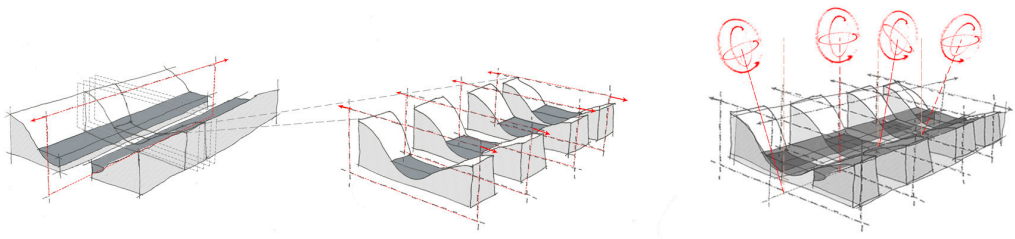
Já no pavimento do jardim interior opta-se pelo xisto. Esta preferência passa pela deci-
-são de manter expostas as paredes em xisto pré-existentes da adega e do lagar. Este é também o material escolhido para o pavimento do piso interior desta construção, inexistente até ao mo-
-mento, criando uma relação e continuidade visual entre o interior e o exterior. A escolha baseia-
-se na vontade de criar um contraste entre as paredes caiadas de branco do museu e as de xisto do centro vitivinícola. Ao longo do Douro, nas unidades de exploração agrícola observa-se esta dualidade de materiais que acaba por criar uma hierarquização entre as construções.

A pedra presente nos muros de contenção que limitam o espaço influencia a materia-
-lidade dos novos muros, que surgem na definição das ambiências criadas, e resultariam num contraponto entre o xisto pré-existente e o novo. O mesmo material manifesta-se em 'materiali-
-dades' ou expressões variantes, determinadas não só pelas técnicas construtivas mas também pelas formas de processamento da matéria prima. O lajeado de granito preenche o largo e seria rematado por guias do mesmo material. A utilização dos lancis permite não só, como referido, indicar a mudança do uso espacial, mas também serve de remate para a inserção de novos ma-
-teriais.

De uma forma geral, as novas materialidades distinguem-se da preexistência, afirman-
-do a sua contemporaneidade, contudo pretende-se ao mesmo tempo seguir os princípios e for-
mas do pré-existente, equilibrando a tradição e os valores identitários da região com a inovação do presente.

[1] Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem. p.100
[2] Foram desenvolvidos alguns ensaios de pormenores construtivos que poderiam ajudar na consolidação da estratégia. No entanto, pela visão e escala de conjunto que a proposta detém, considerou-se que esses desenhos não iram adquiri a 'maturidade' necessária e excederiam as 'dimensões' da presente dissertação.

Fig. 146: Esquema dos três momentos: as secções longitudinal e transversal ; e a análise focal, que absorve as relações observadas das secções anteriores; a análise deixa de ser linear e passa a oblíqua.



Análise Longitudinal | Análise Transversal | Análise Focal-Oblíqua

Fonte: Fig. 146: Elaborada pela autora.

Considerações Finais

> *Todas as tentativas de fazer* ***do projecto um processo essencialmente dedutivo falha--ram****. Mesmo o computador não conseguiu, até hoje, mudar esse estado das coisas. Isso não se deve apenas à dimensão cultural da arquitectura, mas também* ***à impossibilidade de definir antecipadamente todas as nuances*** *importantes do problema* ***da arquitectu--ra e do urbanismo****.* ***Na realidade o projecto, é por si só, um instrumento de procura do problema a colocar e não simplesmente a procura de uma solução!*** [1]

Ao longo de cinco anos foram várias as vezes em que me questionei sobre o que é 'fa--zer' projecto. Se no início deste percurso e com uma visão, de certa forma, ingénua, vi o projecto como um processo que compreendia um início e um fim e estava limitado a um determinado tempo –na qualidade de aluna correspondia a um ano lectivo– agora sei que este é incessante. A natureza do projecto está na sua qualidade volátil, de não apresentar soluções absolutas, de questionar e de evidenciar os problemas, da procura incansável e insaciável, não por respostas, mas por soluções variadas que não admitem verdades universais.

Sem nunca esquecer as palavras que ouvi no primeiro ano de projecto, mas cujo significado somente agora consigo compreender verdadeira e intrinsecamente, precisamos sempre de "errar, errar outra vez, para errarmos cada vez melhor".

•

A discussão sobre os modos de olhar, compreender e intervir na arquitectura do terri--tório tem estado presente ao longo dos tempos a partir de diversos autores, alguns dos quais abordados na primeira parte da dissertação: Patrick Geddes e a *Secção do Vale*; Peter Hall pela formulação das *cross-sections* baseadas na secção longitudinal proposta pelo autor anterior; e, por último, André Corboz, Stefano Boeri e, em salto temporal, Aloïs Riegl com perspectivas oblíquas e caleidoscópicas da arquitectura e urbanismo. Complementadas por uma bibliografia direccionada para o caso de estudo, foram apresentadas leituras diversas que se fizeram con--vergir no Douro e em Caldas do Moledo, procurando contribuir para a exploração de um método de análise que atenda tanto às qualidades físicas e formais como culturais, económicas e de mobilidade, tanto material como temporal.

Desta forma, considera-se que os modos de investigação, e sobretudo aqueles que es--tabelecem 'olhares' operativos sobre a realidade contemporânea, devem recorrer a instrumentos

[1] Tradução livre da autora. Ver Meiss, P. (1986) *De la forme au lieu : une introduction à l'etude de l'architecture.* Lausanne: Presses Polytechniques Romandes. p.214

que permitam compreender e integrar simultaneamente múltiplas escalas, tempos e problemas coexistentes. O recurso a perspectivas diversas –temporal, espacial e disciplinarmente oblíquas e ecléticas–, afastando-se de enquadramentos mais estanques, abrirá caminhos de acção mais conscientes e ajustados face à complexidade de relações, antigas e novas, mais perenes ou assumidamente não-permanentes, que constroem o território em 'contemporaneidades sobre--postas'.

No Douro e em Caldas do Moledo explorou-se portanto um método de investigação, fundamento de acção transformadora numa paisagem cultural evolutiva e viva. Esta qualifica--ção, atribuída pela Unesco a um território patrimonial dos mais representativos e preservados da região do Douro, reconhece assim uma condição de constante mudança, aliás transversal a todos os territórios e paisagens, encontrando-se as suas formas em constante evolução e meta--morfose. Identificar a complexidade de problemas e valores intrínsecos a uma dada região-lugar contribuirá para a construção de uma estratégia multidimensional melhor ajustada aos proble--mas que hoje enfrentamos.

Neste sentido e procurando estabelecer uma passagem consequente entre uma com--preensão estratégica –histórica, contextual e instrumental– e o desenho de uma acção transfor--madora –assim enraizada no tempo, na região e no lugar–, foi desenvolvida na segunda parte da investigação uma proposta de intervenção urbana e arquitectónica para Caldas do Moledo, procurando concretizar as potencialidades e dinâmicas latentes, projectando no futuro metamor--foses presentes de tempos esquecidos.

Neste sentido, e aliado ao desenvolvimento de um método inter-escalar e multi-direc--cional defendido ao longo da dissertação, a proposta surge dividida em vários momentos que vão desde a territorial-regional à local-urbana: [i] a estratégia territorial numa dimensão mais alargada; [ii] o eixo circular Mesão Frio-Peso da Régua-Lamego; [iii] o percurso ribeirinho entre o Granjão e o Peso da Régua; [iv] o sector que compreende a extensão total de Caldas do Mole--do; e por último [v] o Núcleo Termal-Museológico enquanto concretização mais aprofundada do esboço projectual.

Contrariando as lógicas contemporâneas dos fluxos rápidos de mobilidade, a estratégia territorial procurou restabelecer percursos preferenciais que divergem da necessidade actual de reduzir a distância-tempo entre espaços. Esses eixos fixam-se de duas formas: o primeiro pre-tende voltar a afirmar as dinâmicas entre e ao longo das margens do rio Douro, visto antigamente como a principal forma de intercâmbio; o segundo explora a possibilidade de aproximar a região duriense do Minho, através da requalificação de ligações já sedimentadas.

No eixo circular Mesão Frio-Peso da Régua-Lamego, os espaços entre-lugares são dedicados quase exclusivamente a actividades agrícolas, fazendo com que o uso recreativo das margens seja inexistente, Desta forma, a intervenção procurou criar uma linha de continuidade entre as práticas ribeirinhas tradicionais, sejam estas de trabalho ou de lazer. A partir do centro do circuito –Caldas do Moledo– a proposta pretendeu explorar e alargar a experiência histórica-pre--sente-futura destas três cidades, com o intuito de gerar nexos culturais, sociais e urbanos que com o tempo perderam a sua força. A proposta do percurso ribeirinho que advém do eixo anterior surgiu com o intuito de estender o passeio marginal existente, valorizando a relação dos espaços urbanos com o rio Douro.

Já em Caldas do Moledo a intervenção surge com o intuito de gerar valor no lugar da intervenção e na sua envolvente, estimulando o aproveitamento e ocupação dos edifícios devo--lutos. Valorizando o papel da intervenção arquitectónica, seja pelo valor de novidade seja pelo de historicidade, surge um novo programa urbano com o objectivo de requalificar este lugar, tiran--do partido, desta forma, de uma intervenção física para uma dinamização económica e cultural. Como elemento chave de ligação da estratégia lançada para Caldas do Moledo e a idealizada para um dos pólos dinamizadores, surge o Núcleo Termal-Museológico, apresentando-se como escala exemplificativa das acções locais para este lugar.

Para o futuro, acreditando que a arquitectura tem a capacidade de transformar e con--tribuir para a evolução da sociedade e assumindo os espaços urbanos como os lugares dessa mesma construção social, procurou-se sobretudo uma visão que vá além da sua morfologia mas que relacione nexos materiais e imateriais, que interligue presente e memória, corpo e identida--de.

Se os contextos estão em permanente mudança e se transformam sistematicamente em função de factores, internos ou externos, incluindo a(s) forma(s) como reagimos à própria transformação, então é necessário elaborar para cada território uma representação tanto dinâmi--ca quanto específica, possibilitada por uma matriz multidireccional –ou simultaneamente global--regional e local–, que releve e confira legibilidade à pertença simultânea de um lugar a ordens e escalas diversas. A construção de um método de investigação, com base na observação, inter--pretação e intervenção, pretende contribuir para a contínua evolução e consciência dos proces--sos de transformação do território, transcendendo o caso em estudo e abrangendo processos de compreensão que podem incidir sobre diversas, se não todas, as paisagens e territórios.

Referências

Livros

Acciaiuoli, L. (1939). *Águas de Portugal*. Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa. Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Acciaiuoli, L. (1952). *Le Portugal Hydromineral*. Volume I;II.Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 1 - Relatório de Avaliação. Porto: CIBIO UP/UTAD.

Andresen, T.; Rebelo J. (2013). *Avaliação do Estado de Conservação do Bem Alto Douro Vinhateiro - Paisagem Cultural Evolutiva Viva*. Volume 2 - Estudos de Base. Porto: CIBIO UP/UTAD.

Associação dos Arquitectos Portugueses (1988) *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. 1. 3ª ed. (1ª ed. 1961) Lisboa

Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Relatório Final.* Quaternaire Portugal

Azevedo, R.; Costa A (2008) *Plano Estratégico do Município do Peso da Régua - Anexos.* Quaternaire Portugal

Barreto, A. (1993) *Douro*. Lisboa: INAPA

Bianchi-de-Aguiar, F., Dias, J.M., Andresen, T., Curado, M.J., Marques, P.F., Pereira, G.M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques.

Choay, F. (2010). *A Alegoria do Património* (trad. Teresa Catro). 1ª ed. *L'Allégorie du patrimoine,* 1992. Lisboa: Edições 70

Correia, J. A. (2017) *O Meu Moledo - Crónicas de João de Araújo Correia*. Lema d'Origem

Cancela d'Abreu, A.; Pinto Correia, T.; Oliveira, R. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal*. Vol. I e II. Lisboa: DGOT.

Daveau, S., & Mattosos, J. (2013). *Portugal : o sabor da terra : um retrato histórico e geográfico por regiões.* 4ª edição. Maia: Círculo de Leitores.

Domingues, Á. (2009) *A rua da estrada*. Colecção Equações de arquitectura. Porto: Dafne

Florido, A. J. C. (1899) *O estabelecimento balnear e hydrotherapico das Caldas do Moledo.* Porto: Comércio do Porto

Geddes, P. (1905). *Civics as applied sociology. Sociological Papers*. p.106 (versão online)

Geddes, P. (1949 [1915]). The Valley Section. In Cities in Evolution. Londres: Williams and Norgate (164-167)

Hall, P. (1996 [1988]). Geddes and the Anarchist Tradition. In Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century. Massachusetts: Blackwell Publishers (137-148).

Machado, R. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua: Imprensa do Douro

Mangorrinha, J. (2000) *O lugar das termas. Património e desenvolvimento regional: as estancias termais da região oeste.* Livros Horizonte. Lisboa.

Mangorrinha, J., Pinto, H. (2009). *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*.1ª edição. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação: Direcção Geral de Energia e Geologia

Marrey, B. (1988) *Louis Bonnier: 1856-1946.* Liége: Pierre Mardaga

Meiss, P. (1986) *De la forme au lieu : une introduction à l'etude de l'architecture.* Lausanne: Presses Polytechniques Romandes.

Moutinho, M. C. (1979). *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa

Navarro, J. (1992) Arquitectura termal, poetica y practica. In Jornadas de aguas minerales y minero medicinales en España.

Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius-Loci: towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. New York: Rizzoli

Ortigão, R. (1875) *Banhos de Caldas e Águas Minerais*.1ª edição. Lisboa

Pallasmaa, J (2007) *The eyes of the skin. Architecture and the Senses.* 1ª ed. 1996. Chichester: John Wiley & Sons Ltd

Ribeiro, O. (1991). *Portugal: o mediterrâneo e o atlântico*. 6ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa

Riegl, A. (1987 [1903]). El culto moderno a los monumentos. Madrid: Visor Distribuciones.

Welter, V. M. (2002) *Biopolis. Patrick Geddes and the City of Life.* Cambridge: MIT

Artigos/Revistas/Publicações

Bianchi-de-Aguiar, F. (2002) *O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural evolutiva e viva. Douro* - estudos e documentos; vol. VII (13) p.143-152

Boeri, S. (1998-1999). *Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city*. Daidalos, 69-70.

Corboz, A. (2004 [1983]). *El territorio como palimpsesto*. In Lo urbano en 20 autores contemporáneos. Barcelona: UPC (25-34).

Domingues, Á.(2007) *O Porto e rio Douro: a construção de uma nova relação* in *Actas do I Encontro de Museus do Douro*, 24 e 25 de Setembro de 2007

Fonseca, G.; Ramos, C (2014) I*nterpretação do Significado de Paisagem Cultural: O valor da chancela UNESCO no caso do Alto Douro Vinhateiro*. Seminário Alto Douro Vinhateiro: Território de Ciência e Cultura - UTAD

Foucalt, Michel, Des Espaces Autres, (1967) 1984

Oliveira, M. (1998) *O Mosteiro do Salvador: Um Projecto do Século XVI*. Monumentos, 9.

Silva, E. (2000) Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. In revista Antropológicas#4 pp. 217-224. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Teixeira, Hugo (2013) *A zona de Falha Verin - Régua - Penacova: estado atual do conhecimento geomorfológico e novos desafios de interpretação*. Artigo de orientações de pesquisa bibliográfica para Dissertação de Doutoramento em Geografia. Porto:FLUP

Thompson, C. W. (2006) *Geddes, Zoos and the Valley Section*. Landscape Journal Vol.25 (1&2). Edimburgo.

Dissertações

Almeida, M.T. (2013). *Espaços do vinho: proposta para uma adega em Cambres, Lamego*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Porto: FAUP

Calix, T. (2013). *As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz imperativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto*. Porto: FAUP

Casas-Valle, D. (2018) *Streets & Urbanization. Theory, Case, Tool. reflections on the intermediary scale in the Porto region.* Porto: FAUP

Ferreira, C. (1994) Os Usos Sociais do Termalismo. Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das termas da Curia. Tese de Mestrado em Sociologia. Coimbra: FEC

Mariz, S. M. (2015) *Estância Termais Contemporâneas. Os casos de Vidago e Pedras Salgadas.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Coimbra: FCTUC

Pinto da Silva, M. (2009). *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea. Porto*: FAUP

Taveira, J. P. (2017). *Entre os Morleiros e a Feitoria projecto estratégico para as margens e azenhas históricas do Tâmega de Amarante*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Porto: FAUP

Webgrafia

Águas de Portugal aguas.ics.ul.p
Arquivo Municipal do Porto gisaweb.cm-porto.pt
Comissão Nacional da Unesco unescoportugal.mne.pt
Damien Hirst damienhirst.com
Instituto dos Vinhos do Douro e Porto ivdp.pt
Património Cultural patrimoniocultural.gov.pt
Vias Romanas Portuguesas viasromanas.pt
UNESCO whc.unesco.org.

Índice de Figuras

00. Introdução
Fig. 1: Relação de Caldas do Moledo com o vale do Douro, Setembro de 2018. [da autora]
Fig. 2: Caldas do Moledo vista do lado de Lamego, Setembro de 2018. [da autora]

I. CALDAS DO MOLEDO: AS SECÇÕES DO VALE

01. A construção da Identidade do Douro
Fig. 3: Homem e mulher a sulfatar uma vinha no Alto Douro. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925, Arquivo Municipal do Porto]

01.1 O Rio e os Vales - o olhar longitudinal sobre o território
Fig. 4: Divisão geográfica tripartida de Orlando Ribeiro. [Ribeiro 1991, p.247]
Fig. 5: Zona 2 - Trás-os-Montes e Alto Douro, AAP. [AAP 1988 [1961], p.123]
Fig. 6: Zona 1, AAP. [AAP 1988 [1961], p.11]
Fig. 7: Mapa do relevo em Portugal continental. [Moutinho 1979, p.17]
Fig. 8: Esboço Litológico em Portugal continental. [Moutinho 1979, p.15]
Fig. 9: Mapa da isotérmica em Portugal continental. [Moutinho 1979 p.21]
Fig. 10: Mapa da pluviosidade em Portugal continental. [Moutinho 1979, p.19]
Fig. 11a: Análise da localização das paisagens utilizadas na Secção do Vale de Patrick Geddes segundo Catharine Thompson. [da autora]
Fig. 11: The Valley Section de Patrick Geddes, 1915. [Catálogo online da Biblioteca da Universidade de Edimburgo]
Fig. 12: Proposta da secção do Douro segundo a análise em *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal.* [da autora]
Fig. 12a: Baixo Douro e cidade do Porto [da autora/pontosdevista.pt]
Fig. 12b: Ribadouro e Entre-os-Rios [da autora]
Fig. 12c: Douro Vinhateiro, classificado como Património da Humanidade em 2001 [da autora/ patrimoniocultural.gov.pt]
Fig. 12d: Alto Douro [da autora/decanter.com]

01.2 A Humanização do Lugar
Fig. 13: Vista panorâmica da zona demarcada da Região do Alto Douro e o rio Douro antes da construção das barragens. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925, Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 14: Hotel Six Senses Douro Valley, Samodães, Lamego. [da autora]
Fig. 15: AE24, Peso da Régua. [da autora]
Fig. 16: Barragem da Valeira, São João da Pesqueira. [Barreto 1993, p.66]
Fig. 17: Rio Douro e principais afluentes no território português. [da autora]
Fig. 18: Cais de carregamento da Companhia, na Régua. Aspecto geral do embarque de pipas de vinho nos barcos rabelo, com destino ao Porto. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925, Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 19: Vias romanas e Estradas Reais sobre a carta corográfica de 1895. [da autora]
Fig. 20: Rio Douro e principais afluentes no território português. [da autora]
Fig. 21: Estação do caminho- de-ferro de Caldas do Moledo inserida na linha do Douro durante a época balnear. [Escrito do Douro - escritosdodouro.blogspot.pt]
Fig. 22: Localização e enquandramento de Caldas do Moledo. [da autora]

Fig. 23: Pequeno aglomerado no Douro. [AAP 1988, p.190]
Fig. 24: São Mamede de Riba, Tua. [AAP 1988, p.191]
Fig. 25: Aglomerado no Douro. [Barreto 1993, p.27]
Fig. 26: São Salvador do Mundo e Cachão da Valeira. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municpal do Porto]
Fig. 27: Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia. [Guedes 1885-1932. Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 28: Localização das Quintas em Caldas do Moledo e envolvente. [da autora sobre mapa googlemaps.com]

01.3 O predomínio da Monocultura

Fig. 29: Ilustração publicada no jornal "O Comércio do Porto", por Cruz Caldas, 1971. ["O Comércio do Porto", 1972-1972, Arquivo Municipal do Porto]
Fig.30: Cronologia das Demarcações da Região do Douro. [da autora]
Fig. 31: Mortórios na Região Demarcado do Douro. [museudodouro.pt]
Fig. 32: Socalcos pré-filoxéricos. [da autora/Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A1|07]
Fig. 33: Socalcos pós-filoxéricos. [da autora/Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A1|07]
Fig. 34 Região Demarcada do Douro e Caldas do Moledo. [da autora]
Fig. 35: Estrutura geológica do solo, RDD.[da autora sobre desenhos museudodouro.pt]
Fig. 36: Temperatura média diária Cº, RDD.[da autora sobre desenhos museudodouro.pt]
Fig. 37: Pluviosidade média anual mm, RDD.[da autora sobre desenhos museudodouro.pt]
Fig. 38: Culturas mediterrânicas, RDD. [da autora sobre desenhos museudodouro.pt]
Fig. 39: Mortórios. [Barreto 1993, p.53]
Fig. 40: À direita mortórios. Na outra margem, socalcos e patamares de outras épocas. Vale do Douro. [Barreto 1993, p.43]
Fig. 41: Casa da Quinta do Granjão, Mesão Frio. Elemento marcante na chegada a Caldas do Moledo. Data de construção século XVIII. [mesãofrio.pt]
Fig. 42: Quinta de Vale Jusã, Mesão Frio. [Barreto 1993, p.61]
Fig. 43: Quinta da Rede, Mesão Frio. [Barreto 1993, p.75]
Fig. 44: Casa Graham : lagar da Quinta dos Malvedos. [Guedes. 1885-1932. Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 45: Quinta do Roncão. Pormenor do adega destacando-se os toneis com vinho. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 46: Mulheres no Salão de Exportação do vinho, procedendo à sua rotolagem. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 47: Principais quintas no Alto Douro Vinhateiro. [Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A2|13]
Fig. 48: Classificação das quintas principais próximas de Caldas de Moledo. [Andresen, T.; Rebelo J. 2013, pp.A2|28-30]
Fig. 49: Quinta do Vallado, Menos é Mais Arquitectos. [quintadovallado.com]
Fig. 50: Património Classificado no Alto Douro Vinhateiro. [Andresen, T.; Rebelo J. 2013, p. A2|24]
Fig. 51: Classificação de Caldas do Moledo segundo o principal património imóvel e arqueológico existente no ADV. [Andresen, T.; Rebelo J. 2013, pp.A2|40]
Fig. 52: Igreja de São Martinho dos Mouros, Resende. Rota do Românico, Vale do Douro. [SIPA – IHRU. www.rotadoromânico.com]

02. O lugar termal de Caldas do Moledo

02.1 Transversalidade locais-urbanas: enquadramento paisagístico e histórico

Fig. 53: Mapa geológico e distribuição do quimismo das ocorrências termais em Portugal Continental. [LNEG - Laboratório Nacional de Energia e Geologia; lneg.pt]
Fig. 54: The Valley Section de Patrick Geddes. [Hall 1996 [1988], 143 [orig. Geddes 1905]]
Fig. 55: Projecto de Louis Bonnier de um globo terrestre para a Exposição Universal de 1900, baseado no globo de Élisée Reclus. [Marrey 1988,p.49]
Fig. 56: Frames da curta Powers of Ten. [eamesoffice.com]
Fig. 57: Some Comfort Gained from the Acceptance of the Inherent Lies in Everything, Damien Hirst, 1996. [damienhirst.com]
Fig. 58: The Prodigial Son, Damien Hirst, 1994. [damienhirst.com]
Fig. 59: Divisão Administrativa. [da autora]
Fig. 60: Aproximação ao lugar de Caldas do Moledo e localização dos cortes. [da autora]
Fig. 61: Portas do Lugar 1, sentido Porto-Peso da Régua. [da autora]
Fig. 62: Portas do Lugar 2, sentido Peso da Régua-Porto. [da autora]
Fig. 63: Portas do Lugar 3, sentido Porto-Peso da Régua. [da autora]
Fig. 64: Portas do Lugar 4, sentido Peso da Régua-Porto. [da autora]
Fig. 65: Cronologia de Caldas do Moledo e das fases do Termalismo. [da autora]
Fig. 66: Planta geral de implantação, Caldas do Moledo, 1871. [Câmara Municipal do Peso da Régua]
Fig. 67: Pedido de licenciamento pela proprietária D.Antónia Adelaide Ferreira ,1877. [Câmara Municipal do Peso da Régua]
Fig. 68: Planta geral do complexo termal, após as construções da "Ferreirinha", 1896. [Câmara Municipal do Peso da Régua]
Fig. 69: Caldas do Moledo, vista geral. [cedido por Heitor Gama]

02.2 Arquitecturas do Termalismo

Fig. 70: Termas do Estoril, Henri Marnet, 1914. [Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.33]
Fig. 71: Balneário requalificado por Álvaro Siza [esquerda] e Eco-houses de Rebelo Andrade e Diogo Aguiar [direita], Pedras Salgadas. [Fernando Guerra; ultimasreportagens.com]
Fig. 72: Intervenção de Álvaro Siza no Vidago Palace Hotel. [Fernando Guerra; ultimasreportagens.com]
Fig. 73: Termas de Vals, Peter Zumthor. [Fernando Guerra; ultimasreportagens.com]
Fig. 74: Localização das nascentes termais e respectivos grupos no lugar de Caldas do Moledo antes da construção dos novos furos. [da autora sobre o plano da estância termal de Caldas do Moledo. Desenho de 1896. Câmara do Peso da Régua]
Fig. 75: Furo actual AC1 realizado por A. Cavaco e Simões Cortez. [da autora]
Fig. 76: Análise do conjunto do edificado segundo as categorias das Arquitecturas do Termalismo: Balnear; Hotelaria e de Recreio, Paisagista, e Religiosa. [da autora]
Fig. 77: Relação espacial dos edifícios de excepção com a EN108. [da autora sobre googlemaps.com]
Fig. 78: Barracas de madeira temporárias, Caldas do Moledo. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 79: Alçado, cortes e pormenores do projecto do balneário de Caldas de Vizela, elaborado por Terra Viana, 1888. [Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.153]
Fig. 80: Alçado, plantas e cortes do projecto do balneário de Caldas do Gerês, elaborado por Terra Viana, 1890. [Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.155]
Fig. 81: Balneário da Lameira. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 82: Balneário da Lameira, Março de 2018. [da autora]
Fig. 83: Balneário da Estrada, Março de 2018. [da autora]
Fig. 84: Piscinas do Rio projectadas por Terra Viana. [escritosdodouro.blogspot.com - J. A. Almeida]

Fig. 85: Plantas, cortes e pormenores do projecto para as Piscinas do Rio de Terra Viana, construído em 1894. [Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, pp.160-161]
Fig. 86: Piscina das Marés, Álvaro Siza. [Fernando Guerra; ultimasreportagens.com]
Fig. 87: Alçados do projecto de ampliação das Piscinas do Rio de Inácio Teixeira da Mota. Não concretizado em obra. [Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p. 391]
Fig. 88: Corte, alçado e planta do projecto exectuado em obra de Jorge Moreira da Costa, 1970-78. [Mangorrinha, J.; Pinto, H. 2009, p.290]
Fig. 89: Piscinas do Rio, Setembro 2018. [da autora]
Fig. 90: Hotel Gomes, Caldas do Moledo. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 91: Hotel Villhena, adjacente ao Hotel Gomes, Caldas do Moledo. [cedido por Heitor Gama]
Fig .92: Hotel do Cidro, Setembro 2018. [da autora]
Fig. 93: Casino e Palacete. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 94: Lagar, Julho de 2017. [da autora]
Fig. 95: Pátio exterior. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 96: Estado actual do edifificado, Julho de 2017. [da autora]
Fig. 97: Edifício sem uso identicado, Julho de 2017. [da autora]
Fig. 98: Estado actual do edficado, Grande Hotel das Termas, Julho de 2017. [da autora]
Fig. 99: Estado actual do edificado, Grande Hotel das Termas, Julho de 2017. [da autora]
Fig. 100: Jardim privado, Caldas do Moledo. [Florido 1899, p. 14]
Fig. 101: Avenida de Plátanos, Caldas do Moledo. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 102: Parque actual, Julho de 2017. [da autora]
Fig. 103: Esquerda: Capela do Cidro; Direita: Capela do Sagrado Coração de Maria. [cedido por Heitor Gama]
Fig. 104: Da esquerda para a direira: Capela do Palacete, Capela do Cidro, Capela do Sagrado Coração de Maria, Março de 2018. [da autora]
Fig. 105: Apesar de não integrarem as arquitecturas do termalismo, a edificação destinada à vertente comercial e serviços contribuíram para o crescimento destes lugares termais. [cedido por Heitor Gama]

02.3 Caleidoscópio de visões presentes para o Pórtico esquecido

Fig. 106: Povoação de Caldas do Moledo, 1880-1925. [Emílio Biel e Companhia. 1880-1925. Arquivo Municipal do Porto]
Fig. 107: Povoação de Caldas do Moledo, Março 2018. [da autora]
Fig. 108: Palimpsesto. [britishlibrary.typepad.co.uk]
Fig. 109: ´La disparition´, Paola Di Bello,1998. [paoladibello.com]
Fig. 110: Experimentaçao da visão caleidoscópica do vale do Douro. [da autora]
Fig. 110a: Baixo Douro [da autora]
Fig. 110b: Riba-Douro [da autora]
Fig. 110c: Douro Vinhateiro [da autora]
Fig. 110d: Alto Douro [da autora]
Fig. 111: Segundo momento da Valley Section de Pactrick Geddes: as manifestação urbanas paralelas às actividades primárias presentes na secção longitudinal do vale, 1915. [Catálogo online da Biblioteca da Universidade de Edimburgo]
Fig. 112: Representação do estado actual do alçado de Caldas do Moledo. [da autora]
Fig. 113: Esquema dos Valores dos Monumento de Aloïs Riegl. [da autora]
Fig. 114: Levantamento do estado do edificado. [da autora]
Fig. 115: Categorização provisória da intensidade interventiva. [da autora]

II. (RE)CONTRUIR O PATRIMÓNIO DAS PAISAGENS ARQUITECTÓNICAS DO DOURO

03. O *Pórtico* da Região do Douro

03.1 Novas dinânimas - estratégia prospectiva

Fig. 116: Rede de infraestruturas e Caldas do Moledo. [da autora]
Fig. 117: Relação distância-tempo Porto - Caldas do Moledo. [da autora]
Fig. 118: Relação distância-tempo Vila Real - Caldas. [da autora]
Fig. 119: Relação distência-tempo Porto - Lamego. [da autora]
Fig. 120: EN101 Amarante - Mesão Frio, Março de 2018. [da autora]
Fig. 121: EN108 em Caldas do Moledo, Setembro de 2018. [da autora]
Fig. 122: A24 Viseu-Vila Real, Março de 2018. [da autora]
Fig. 123: Estratégia territorial prospectiva. [da autora]
Fig. 124: Percurso proposto do IC26 Amarante-Régua-Lamego-Trancoso. [da autora]
Fig. 125: Dinâmica actual no sector em estudo. [da autora]
Fig. 125a: Criação de um novo eixo dinamizador entre polos Mesão Frio - Régua - Lamego. [da autora]
Fig. 125b: Dinâmica comunicativa entre as margens do rio provocada pelo o novo eixo dinamizador do sector. [da autora]
Fig. 125c: A estratégia territoial com a possibilidade de expansão a médio/longo prazo de outros sectores na margem do Douro. [da autora]
Fig. 126: Estratégia entre pontes, entre vias. [da autora]
Fig. 126a: Desvio EN108. [da autora]
Fig. 126b: Proposta de ponte, ponto de atravessamento na Rede. [da autora]
Fig. 126c: Propõe-se o prolongamento e criação de um circuito ribeirinho, entre pontes. [da autora]
Fig. 127: Percuso ribeirinho: entre o Granjão e o Peso da Régua. Pontos de interesse. [da autora]
Fig. 128: Da esquerda para a direita, cima para baixo, respectivamente os números 1-24 da planta anterior. Pontos de interesse. [da autora]
Fig. 129: Da esquerda para a direita, cima para baixo, respectivamente as letras A-L da planta anterior. Pontos de atravessamento da linha-férra. [da autora]
Fig. 130: Proposta estratégica para o percuso ribeirinho. [da autora]
Fig. 130a: Desvio da EN108 a meia-cota. [da autora]
Fig. 130b: Momento de ligação viário entre o percurso ribeirinho e a o novo tramo da EN108. [da autora]
Fig. 130c: Possíveis miradouros potencializados pela criação do novo tramo da EN108. [da autora]
Fig. 130d: Requalificação das fontes identificadas ao longo do percurso. [da autora]
Fig. 130e: Proposta de pronlongamento da ciclovia do Peso da Régua. [da autora]

03.2 Caldas do Moledo: visões longitudinais, transversais e oblíquas

Fig. 131: Proposta de intervenção para Caldas do Moledo: longitudinais, transversais e oblíquas. [da autora]
Fig. 132: Eixos longitudinais existentes [em cima]; Novos eixos longitudinais propostos: desvio EN108 e prolongamneto da ciclovia [em baixo]. [da autora]
Fig. 133: Eixos transversais existentes [em cima]. Novos eixos tranversais propostos que advêm de caminhos já anunciados. [da autora]
Fig. 134: Pontos de atravessamento pedonal da linha-férrea, com as respectivas tipologias. [da autora]

Fig. 134a: Dois perfis-tipo dos pontos de atravessamento da linha-férrea: [1] passagem vertical; [2] passagem a cota baixa. [da autora]
Fig. 135: Novos e antigos miradouros integrados na rede de infraestruturas prooosta para Caldas do Moledo. [da autora]
Fig. 135a: Duas soluções topográficas tipo para o tema do miradouro: [1] miradouro; [2] torre-miradouro. [da autora]
Fig. 136: Relação espacial dos equipamentos de excepção: Balnerários. [da autora]
Fig. 137: Relação espacial dos equipamentos de excepção: Hotéis. [da autora]
Fig. 138: Relação espacial dos equipamentos de excepção: Capelas. [da autora]

03.3 O Núcleo Termal-Museológico de Caldas do Moledo
Fig. 139: Planta axonométrica, 1:500. [da autora]
Fig. 140: Alçado Norte, 1:200. [da autora]
Fig. 141: Alçado Sul, 1:200. [da autora]
Fig. 142: Corte 1, 1:200. [da autora]
Fig. 143: Corte 2, 1:200. [da autora]
Fig. 144: Corte 4, 1:200. [da autora]
Fig. 145: Corte 5, 1:200.[da autora]

CONSIDERAÇÕES FINAIS
Fig. 146: Esquema dos três momentos: as secções longitudinal e transversal ; e a análise focal, que absorve as relações observadas das secções anteriores, deixa de ser linear e passa a oblíqua. [da autora]

Anexos

1. PNUM 2018 - A Produção do Território: Formas, Processos, Desígnios.

Artigo “As *Secções do Vale* em Caldas do Moledo. A metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro”

2. IJPUP - Encontro de Investigação Jovem

Apresentação oral “(Re)Building the Heritage of Douro’s architecture landscapes. The case study of Caldas do Moledo.

Nota: distinguida como melhor comunicação no área da arquitectua.

PNUM

A Produção do Território: Formas, Processos, Desígnios

As Secções do Vale em Caldas do Moledo

A metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro

Ana Filipa Dias [1 *], Carla Garrido de Oliveira [2 **], Teresa Calix [3 **]

[1] anafilipamoreiradias@gmail.com, [2] carla.garrido@arq.up.pt, [3] teresa.calix@arq.up.pt
** Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, FAUP;*
*** Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, CEAU-FAUP*

A região do Douro sempre impressionou pelos seus rios que rasgam as montanhas e dão lugar aos vales, os Invernos frios e Verões abrasadores, o verde da vegetação na Primavera e os vermelhos e laranjas no Outono, as vinhas e os terraços, as aldeias que pontilham a paisagem vinhateira unidas pela herança do xisto, mas também pelos homens e mulheres que lutaram ao longo dos séculos e que continuadamente participam na construção desta região. Às 'novas' dinâmicas dos últimos 150 anos –o caminho-de-ferro, as auto-estradas, as barragens, entre a mecanização, novas técnicas e lógicas produtivas, e as transformações sociais, laborais e construtivas na relação com o território– soma-se hoje a pressão do turismo, em última instância ameaçando a coesão e os nexos entre os valores identitários do território vinhateiro.
Caldas do Moledo, conhecida como Pórtico de entrada do coração do Douro graças à sua posição estratégica na margem direita do Rio, sempre foi de grande importância no âmbito do intercâmbio económico, cultural e social desta região. Apesar do marcado predomínio da monocultura da vinha, Caldas do Moledo apresenta pluralidades e diversidades ao longo da sua extensão, constituindo um conjunto urbano em muito devedor da acção de uma das personalidades mais marcantes do Douro, a 'Ferreirinha'. Novas centralidades e sistemas emergem na região e lugares como Caldas do Moledo, outrora protagonizando na paisagem, hoje memória de outras épocas, encontram-se suspensos no tempo, numa decadência expectante de uma nova vida, ainda que sob o risco dos interesses imediatos do 'progresso' e dos 'públicos' que os 'consumam'. A construção de uma estratégia de revalorização para Caldas do Moledo, aqui apresentada e enquadrada na dissertação de MIArq em curso, procura compreender e articular as possibilidades de recuperação de um lugar pleno de carácter, história e valores patrimoniais que, ainda que comprometido pelo abandono e pela acção do tempo, detém potencialidades enquadráveis nas dinâmicas contemporâneas, tanto local como regionalmente. Será apresentada uma visão, não só territorial e arquitectónica, mas também social, económica e cultural, que não se revê nas relações e imagens superficiais do Douro turístico, procurando, antes, valorizar distintas qualidades e atmosferas, ou o *Genius Loci*, deste como de diferentes lugares.
As potencialidades multidimensionais do corte são exploradas enquanto método de investigação e, simultaneamente, instrumento de observação, processo de interpretação e estratégia de intervenção. O argumento central procura compreender como, em pouco mais de um século, desde a *Secção do Vale* de Patrick Geddes, passando pelas *cross-sections* de Peter Hall, até à construção de um *olhar oblíquo* entre as camadas palimpsésticas de André Corboz e a observação dinâmica e *eclética* de Stefano Boeri –olhando ainda Aloïs Riegl pelo retrovisor–, as transformações do próprio território reclamam outros instrumentos de compreensão e estratégias na transformação das realidades. Torna-se essencial compreender para criteriosamente preservar e transformar o património material e imaterial da Região do Douro, aqui focado em Caldas do Moledo, tanto quanto é imperativo reconstruir um discurso que una tradição e progresso, verdadeiramente representante de uma *Paisagem Cultural Evolutiva e Viva*.

(Re)Building the Heritage of Douro's architectural landscapes. The case study of Caldas do Moledo.

Douro always impressed by its vineyards and terraces climbing up the valleys, the river that cut through mountains, the cold winters and warm summers, the villages unified by the schist heritage but also the men and women that fought for the evolution of this Region. The present investigation thrives from a need of a review concerning ways of seeing and thinking about the Douro's architectural landscapes, finding within the Architecture and Urbanism a work method based on the analysis of social, cultural and economic dynamics. *Domestic and international tourism continues to be among the foremost vehicle for cultural exchange* [1]. However the ever-growing tourism in Portugal has created situations that put the patrimony and cultural heritage of the Douro Region at risk. An urgent reflection and intervention is required, one that is past beyond superficial relations and image recreation of what Douro means produced by the "fast-tourism".

The starting point will be an extensive working method that brings together rigorous and schematics drawings complemented by theoretical research. The case study, Caldas do Moledo became a natural choice to exemplify the premises of this research due to its geographic position and relationship with one of the most iconic personas of the Douro, a "Ferreirinha". Caldas do Moledo, compromised by time is now only a memory of what was once the entrance gate to the heart of the Wine Region. It's an example to historical, architectural, urbanism and landscape analysis. Identifying issues and intrinsic values of the region in study will help define a strategy that hopefully will inspire the requalification of other forgotten architectures and places that were once the reflection of what truly is Douro.

In summary, rebuilding Douro's architecture landscapes is to comprehend and preserve the cultural heritage of the Douro Region but most important to take advantage of its present qualities to truly create a Continuing Cultural Landscape[2]

[1] International Cultural Tourism Charter; *Managing Tourism at Places of Heritage Significance;* México; 1999; p.1
[2] Classification given to Alto Douro Vinhateiro as World Heritage by UNESCO.